OBRAS INEDITAS

DOS NOSSOS INSIGNES POETAS
PEDRO DA COSTA PERESTRELLO
Coévo do grande
LUIS DE CAMÕES,
E
FRANCISCO GALVAÕ
Estribeiro do Duque D. Theodozio, e de
muitos Anonimos dos mais esclarecidos
Seculos da Literatura Portugueza,

Dadas á luz fielmente trasladadas dos seus antigos Originaes,

E DEDICADAS
AO
MUITO ALTO, E PODEROZO SENHOR

D. JOAÕ

PRINCIPE DO BRASIL.
&c. &c. &c.

TOMO I.

POR.

ANTONIO LOURENÇO CAMINHA
Professor Regio de Rhetorica, e Poetica, &c.

LISBOA
NA OFFIC. DE ANTONIO GOMES.
ANNO M. DCC. XCI.
Com licença da R. Meza da Com. Ger. sobre o Exame, e Cens. dos Liv.

Que exemplos a futuros Efcriptores,
Para efpertar engenhos curiozos,
Para porem as couzas em memoria,
Que merecerem ter eterna gloria.

Camões Luziadas Canto 7.° 8.ª 82.

PRIVILEGIO.

DONA MARIA POR Graça de Deos Rainha de Portugal, e dos Algarves dáquém, e dalém mar, em África Senhora de Guiné &c. Faço saber que Antonio Lourenço Caminha Professor Regio de Rhetoririca, e Poetica me reprezentou; que elle dezejando enrequecer o Publico com alguns Monumentos dos nossos bons Antigos, deu principio a este projecto, fazendo huma Coleçaõ das obras ineditas dos nossos illustres Poetas dos mais esclarecidos Seculos da literatura portugueza, principiando por Pedro da Costa Perestrello, Coevo de Luiz de Camões, e Francisco Galvaõ, e tendo outros muitos para a referida Colecçaõ, elle supplicante temendo que algumas pessoas utilizando-se do grande trabalho que tem tido com a dita Colecçaõ, pertendaõ fazer imprimir das mencionadas algumas obras,

* me

me pedio fosse servida conceder-lhe hum Privilegio privativo para ajuntar ao primeiro tomo da sobredita Colecçaõ ; que se acha impresso, bem como se concedera á Viuva de Pedro Antonio Correa Garçaõ. E visto o seu Requerimento, e informaçaõ que se ouve do Corregedor do Civel da Corte Luiz Ribeiro Gudinho, resposta do Procurador da Coroa, e o que me foi reprezentado em consulta da minha Real Meza da Cõmissaõ Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros : Hei por bem fazer mercê ao supplicante de que por tempo de dez annos ninguem possa imprimir, nem reimprimir nestes Reynos, ou introduzir de fóra delles a obra de que se trata, ainda com o pretexto de nóvas correcções, ou adições debaixo das penas de cem mil reis pela primeira vez, e da perda de todos os Exemplares que lhe forem achados, e de duzentos mil reis pela segunda vez, sendo ametade da condenaçaõ, e do vallor dos livros, para quem os denunciar, e a outra

tra ametade para o Hofpital Real de S. Jozé. E efta Provizaõ fe cumprirá inteiramente, como nella fe contem, e valerá, pofto que o feu effeito haja de durar mais de hum anno, fem embargo da Ordenaçaõ livro fegundo, Titulo quarenta em contrario. E pagou de novos Direitos quinhentos, e quarenta reis, que fe carregáraõ ao Thezoureiro delles a folhas duzentas e ceffenta, e quatro do livro treze da fua Receita, e fe regiftou o conhecimento em fórma no livro quarenta, e oito do Regifto geral a folhas cento, e ceffenta, e fete. A Rainha Noffa Senhora o mandou por feu efpecial mandado pelos Deputados da Real Meza do Commiffaõ Geral fobre o Exame, e Cenfura dos Livros abaixo afignados. Jozé Thomaz de Aquino Berradas o fez em Lisboa aos dezanove de Outubro de mil, e fetecentos, e noventa, e hum.

Felis Jozé Arnau o fez efcrever

Paſcoal Jozé de Mello.

Fr. Luiz de Santa Clara Povoa
Reg. a ſ. 8.

Por conſulta da Real Maſa da Commiſſaõ Geral de 17. Setembro de 1791.

Jozé Ricaldes Pereira de Caſtro.

Pg. 540. réis e aos Officiaes 528. réis Lisboa 25. de Outubro de 1791.

Jeronymo Jozé Correa de Moura.

Regiſtada na Chancelaria Mór da Corte, e Reyno no liv. de Offic. e Mercês, a f. 328. Lisboa 27 de Outubro de 1791.

Manoel Antonio Pereira da Silva.

SENHOR.

EM todos os Seculos da Literatura Portugueza acharaõ ſempre as Muzas benigno acolhimento nos ſeus mais illuſtres, e reſpeitaveis Monarchas. No Cancioneiro do noſſo ſabio Reizende, que os ſabios conſiderão pelo mais antigo monumento da noſſa Poezia, encontramos provas deſta verdade. Todos ſabem que o Senhor Infante Dom Pedro, o Senhor Rei Dom Diniz, e outros muitos Senhores que foraõ naõ ſó grandes Proteſtores deſta amavel, e eſtimavel Arte, como até que poetaraõ no patrio Edioma. Finalmente que o Auguſto Avo de Voſſa Alteza, que Deos tem na Gloria, que ſendo Reſtaurador de todas as mais Artes, e Sciencias; de tal ſorte, protegera eſta, que alcançou nos ſeus dias, nos ſeus ditozos, e memoraveis dias, ver alcançarem as Muzas a frente não com menos mageſ-

tade que a levantaraõ nos tempos que floreceraõ os Homeros, os Pinderos entre os Gregos, e entre os Romanos, os Vergilios, e os Horacios.

Naõ parecerá pois novo, e extranho que eu consagre a Vossa Alteza, hum dos mais Sabios Princepes nos nossos dias, producções de huma Arte que os seus Maiores honraraõ, e prezaraõ. Vossa Alteza perdoará a tenuidade da minha offerta.

De Vossa Alteza

O mais humilde, e reverente Vassalo.

Antonio Lourenço Caminha.

PROLOGO.

NAõ foraõ menos illuſtres os noſtos antigos Portuguezes nos belicos feitos das Armas, que no exercicio das letras, e por eſta cauſa aſſás digna eſta Naçaõ de ſe conſiderar como objecto da Hiſtoria. A rapidez das ſuas Conquiſtas, expelindo, e repulſando os antigos Mauritanos da poſſe de ſeus Dominios, o continuo perſeguimento dos noſſos nos ſeus proprios lares, tomando-lhe Praças, já em Marrocos, já na Arabia, he tudo iſto hum ſucceſſivo argumento do que referimos.

O meſmo encontramos na ſua hiſtoria literaria de todos os Seculos; porque ſe conſiderarmos a primeira Idade da Literatura Portugueza, des da glorioſa fundaçaõ deſtes Reinos, feita pelo Senhor Rei D. Affonſo Henriques, até aos tempos do Se-

nhor

nhor Affonso V. de que sabias producções naõ abundou este Seculo? Que magestosos naõ saõ os Escriptos d'um Fernaõ Lopes? d'um Gomes Eanes de Azurara? e de oûtros esclarecidos engenhos destes tempos?

Na segunda idade da referida Literatura (que eu considero, desdo o feliz Reinado do Senhor Rei D. Joaõ II. até á lamentavel perda do Senhor Rei D. Sebastiaõ em Affrica) que sabias producções naõ encontraõ todos? Esta foi a feliz Idade em que floreceo o nosso Barros, Escritor taõ venerado, ainda das Nações estrangeiras, quanto digno de estima dos Nacionaes. A terceira Idade que eu considero des destes tempos até ao Illustre Reinado da nossa Augusta Soberana, que homens abelizados em todo o genero de Literatura naõ floreceraõ? Em que justo apreço naõ estaõ em todo o Orbe Literario as Obras do nosso Mestre da Lingua Portugueza Fr. Luis de Souza? Em que reputaçaõ as de hum Fr. Bernardo de Brito, já o consideremos na sua Monar-

chia Luzitana, já na ſua Chronica de Siſter? Que diremos de hum Lucena, de hum Arraes, de hum Heitor Pinto, e de outros de igual eſtófa?

E ſe tanta mageſtade ſe encontra nas Hiſtorias, a meſma ſe acha nas compoſições poeticas daquelles tempos. Que tranſporte de alma naõ ſente todo o que ſe dá á liçaõ do noſſo grande Luis de Camões, Ferreira, Bernardes, e á de outros muitos? Naõ ſomos nós, he o publico, e authentico teſtemunho das extranhas Nações que lhe perpetuaõ hum nome eterno.

O interno dezejo pois de ver enrequecida a noſſa lingua Portugueza, antes que o tempo com o ſeu deſmedido poder ſoterraſſe os preciozos Eſcriptos dos noſſos antigos Meſtres da Poezia, me moveo a dar á luz eſta colleçaõ de Obras inedictas dos noſſos mais illuſtres Poetas, des do Seculo, vulgarmente chamado de quinhentos até 1620 a qual hirá ſahindo em diverſos,

e

e ſeguidos volumes com a melhor ordem, e methodo, que couber no poſſivel. Eſperamos que o Publico peze, e preze eſta laborioſa fadiga.

Valle.

VIDA DESTE AUTHOR,

Extrahida da Biblioteca Luzitana

D E

DIOGO BARBOZA MACHADO.

PEdro da Coſta Pereſtrello, Eſcrivão de ElRei, inſigne Poeta vulgar, e contémporaneo do grande Luis de Camões. Aſſiſtio com o poſto de Capitão na celebre batalha naval, que ſe deo no golfo de Lepanto no anno de 1571 contra a Potencia Ottomana. Compos deſcobrimento de Vaſco de Gama, em oitava Rima. Conſta o Poema de 16 cantos. Naõ publicou eſta obra, por ter ſahido o grande Camões com a ſua Luſiada, cujo argumento era o meſmo, que elle emprehendeo. Viendo la Luſiada (ſaõ palavras de Manoel de Faria, e Souza no Index dos Authores Portuguezes cujo original vimos) cayeronle ſus oſadias y ſue Poema por el ſuelo, fue toda via ventaja grande el reconocer la ven-

ventaja agena, hizo outras cosas y buenas. Batalha Ausonia. Poema de D. Joaõ de Austria, consta de 6. cantos em oitava Rima. No ultimo Canto tras pintada a forma do Estendarte Real que os Christãos ganharaõ ao Graõ Turco. Começa o Poema.

La santa liga de Cristianos canto
De Austria las armas, y el varon potente &c. *Acaba.*

Unida destes Princepes la mano
Los Septros partiram del Ottomano.

Satyra á Corte de Madid começa. Madrid escuro inferno.

F I M.

DISCURSO PRELIMINAR

Do Collector, e Editor destas Obras.

PArece ser dina couza, e boa (dizia o grande Fernaõ Lopes falando com o Senhor Rey D. Joaõ primeiro) que tenhaõ quinhaõ de alguma relembrança que somente ficasse em escripto, os homens que honraraõ a patria com seus gloriozos trabalhos., ca se o escorregamento dos grandes tempos gasta a fama dos excellentes Princepes muito mais a alongada idade soterra os nomes das outras pessoas dentro do moimento com elles. Estas as formaes palavras deste sabio Escriptor. E com effeito quem duvidará, que em todos os tempos foraõ dignos de eterna memoria os que enobreceraõ a Patria tirando das trevas da antiguidade, já os Escritos dos bons antigos, já a relembrança dos apagados marmores? Esta a razaõ por que ainda repetimos com respeito os

mes dos Reezendes, dos Eſtaços, dos Marinhos, dum Fr. Nicolao de Oliveira, e doutros, os quaes naõ contentes com o que acharaõ eſcripto de ſeus antepaſſados, conſumiraõ muitos dias, e noites na laborioza indagaçaõ das nobres antigualhas do Reyno.

De que juſta cenſura pois naõ ſeriamos tachados em todos os tempos dos noſſos vindoros, ſe tendo junto com improba e quaze dizaſizada canceira baſtantes monumentos da antiguidade, negaſſemos á Naçaõ o preciozo Thezoiro de taõ ſabios eſcriptos? Se eſtes dous grandes homens naõ tiveſſem ſido mais do que huns bons cidadaos, e amantes da patria, talvez que ainda nos aprogueſſe a ſua vida; porém a gloria de Eſcriptores originaes, e a de ſerem famozos Poetas, eſta deve-os acompanhar á immortalidade a pàr dos Teives, dos Ferreiras, e dos Comoens, dos quaes todos Pereſtrello foi, naõ ſó coevo, e amigo, porém ſocio literario. Elle foi hum dos maiores homens

mens do seu tempo jà, na Philozofia, Rhetorica, e Poetica, o que se deixa ver dos seus escriptos, como na Politica, e Sciencia da guerra.

Aquella imitaçaõ da natureza, e aquelle falar dezafetado, a que os Gregos chamaraõ *Aphlea*, o qual Quintiliano cõpara ao simplices adornos das donzellas, que tanto o sabio Lusan admira nas Obras de Homero, comparandoas aos dezertos dilatados, aos montes, e valles, e a outros objectos naturaes todos os quaes sendo rudes. e informes, saõ ao mesmo tempo toscamente grandes, e admiraveis, tudo isto se admira nas magistraes peças deste grande homem. Com que admiraçaõ naõ tem sido lida dos sabios aversaõ que fez em lingoagem das Liçõcs de Job? He quaze impossivel o lerse esta Obra, unica no seu genero, sem que a nossa alma naõ sinta aquella doce comoçaõ que sentem os que se daõ á meditaçoõ das verdades eternas. Sem que se arda em dezejos

de se conhecer ocaracter, e a vida de seu Author, da qual soppofto tenhamos o pôco que Barboza, ou os que lhe antenraõ, poderaõ descubir de quem fora, com tudo pelo carater grave, e serio das suas Obras (fiel retrato, de quem as traça, segundo disse Ovidio) alcançamos que o seu genio era nataralmente sublime, e grande, o que bem deixou ver, assim nos seus Epygramas como nas sua ellevadas Odes, e naquella famoza, e erudita Carta que escreveo ao Senhor Rey D. Sabastiaõ, dissuadindoo da empreza de passar a Africa, a qual soppofto que para como Rey naõ teve effeito, foi para com o Vassalo argumento de hum grande, e leal zelo.

Todas estas distinctas qualidades que assas caracterizaõ o caracter de Prestrello, a verdadeira moral que sabiamente esparze nos seus versos, fazendo brilhar mil verdades eternas da nossa Religiaõ, o zelo, e lingoagem tocante com que as repete, tudo faz hum indosolu-

vel

vel argumento da sua probidade, e religiaõ. Naõ ha finalmente pensamento, imagem, ou amplificaçaõ, que naõ seja digna da posteridade, de sorte que podemos dizer deste Escriptor quaze o mesmo o que o Padre Vieira dizia do nosso Fr. Luis de Souza, isto he, que o seu es-
» tilo era claro com brevidade
» discrepto sem affetaçaõ, cupiozo
» sem redundancia, e taõ corrente
» facil, e notavel, que enreque-
» cendo a memoria, e affeiçoan-
» do a vontade, naõ cansa o enten-
» dimento que ainda que faltaõ
» aquelles cazos, e nomes estran-
» dozos que per si mesmos levantaõ
» a pena, e daõ grandeza, e pom-
» pa á narraçaõ, he admiravel o jui-
» zo, descripçaõ, e eloquencia do
» Author, referindo todos as cozas
» com termos taõ iguaes, e decen-
» tes, que nem nas mais avulta-
» das se remonta, nem nas meudas
» se abate, dizendo o commum
» com singularidade, o semelhante
» sem repetiçaõ, o sabido, e vul-
» gar com novidade, e mostrando

» as

» as côzas, como faz a luz, cada
» huma como he, e todas com luſ-
» tre. A lingoagem tanto nas pala-
» vras, como na fraze, he pura-
» mente da lingua, em que profeſ-
» ſou eſcrever, ſem miſtura, ou cor-
» rupçaõ de vocabulos eſtrangeiros
» os quaes ſó mendigaõ de outras
» lingoas os que ſaõ pobres de ca-
» bedaes da noſſa taõ rica, e bem
» dotada, como filha primcgenita
» da latina, ſendo tanto mais de
» lovar *em Preſtrello* eſta pureza,
» quanto a ſua liçaõ em diverſos
» Idiomas, e as ſuas largas peres
» grinações *por diverſas partes do-*
» *mundo* o naõ poderaõ apartar das
» fontes naturaes da lingua mater-
» na, como acontece aos rios que
» ſempre tomaõ a côr, e ſabor das
» terras, por onde paſſaõ. A pro-
» priedade com que falla em to-
» das as materias he como de quem
» as aprendeo na eſcola dos olhos.
» Nas do mar, e Navegaçaõ, fal-
» la como quem as paſſou muitas
» vezes, nas da Guerra, como quem
» exercitou as armas, nas das Cor-
» tes,

„ tes, e Paço, como Cortezaõ, e
„ dezenganado, e nas da perfei-
„ çaõ, e virtudes religiozas, co-
„ mo de regiozo perfeito.

Até aqui o nosso Jezuita Vieira o qual se fosse Coevo de Prestrello, naõ poderia mais fielmente traçar o quadro de seu merecimento. Qualidades estas que nem sempre encontramos em os nossos moderros, pois sendo alias sabios, e judiciozos, algumas vezes escrevem com sabor de huma Filozofia muncional, e profana, parecendo deste geito os seus escriptos mais traça de Gentios, que de Filozofos Christios.

Que diremos finalmente daquelles ternissimos versos que a sua devoçaõ consagrou á Mãy de Deos? Infelizes os que naõ sentem a cellestial doçura desta Poezia! O sabio a naõ as lê, sem que sua alma naõ sinta differentemente agitada, já de Pathos, já do Ethos, fallo das paixões fortes, e insinuantes que os Gregos denominaraõ por este modo: he a sua lingoagem de tal sorte nova,

que

que parece mais lingoagem do Ceo; que humana.

A' vista pois desta breve Analese das Obras de Prestrello, poderá existir critico por estupido, e dizasizado que seja, o qual lhe conceda unicamente as simples luzes de hum talento natural destituido inteiramente das regras da arte? Que a severe que unicamente pela imitaçaõ, sem mais nada, se póde alcançar chegar aonde elle chegou? Que estravagante propoziçaõ seria està! Pode acazo a continuada sere de acazos, produzir hum todo regular, e perfeito? Ou Phideas que trace huma sublime Estatua, carecendo dos preceitos? A todo o genero de erros (dis o Padre Lami) se a balança aquelle Escriptor, que escreve sem principios solidos, dos mesmos sentimentos estaõ Horacio, Boileau, e outros.

Perestrello além de possuir mil talentos naturaes, de que o Ceo o enriqueceo, elle viveo no gloriozo Reynado do Senhor Rey D. Sebastiaõ, quando o Parnozo portuguez de

de tal sorte reverdecia com as preciozas agoas de Epocrene, que naõ lhe faziaõ enveja as flores do Pyndo, e do Emo, taõ decantadas da antiguidade, de sorte que podemos dizer desta idade, o que disse Lourenço Craesbeeck falando das Obras de George de Monte Mayor a D. Joaõ de Almeida, que pois o Ceo tinha destinado para os Portuguezes huma das mayores emprezas do esforço humano, qual foi a do descubrimento da India por Vasco da Gama, quis igualmente fosse esta idade a que produzisse hum genio superior a todos que a decantasse concedẽdo esta dita a Luis de Camoens hum dos mayores Poetas que entaõ existia no Orbe literario.

Por esta sesaõ de tempo naõ existia occiozo o nosso Poeta, pois como consta de sua vida, elle tinha escripto o mesmo descobrimento da India em huma Epopea que traçara, da qual Barboza apenas faz huquaze apagada memoria, naõ lhe sendo possivel saber em que parte existisse esta preciozo thezouro, o

qual

qual ſe o Ceo premetir que o deſcubramos,aſſim como eſte que publicamos deſconhecido, naõ ſó de Barboza, como dos que lhe antecederaõ, cuidaremos de o dàr ao publico.

O meſmo conſequentemente devemos ſupôr da ſua Batalha Auzonia, e de outro Poema de D. Joaõ de Auſtria, o qual parece que o refferido Barboza vira, por nos dizer que no ultimo canto trazia pintada a forma, e modello do Eſtendarte Real que os Chriſtaos ganharaõ ao Graõ Turco, e que eſte era o ſeu começo.

La ſanta liga de Chreſtianos canto
De Auſtria las armas, e y el varon
potente.

Acabando.

Unida deſtes Principes la mano
Los Ceptros partiran del Otomano.

O que nos reſta pois, ſe naõ rogarmos ao publico que vos enrequeçaõ com os Eſcriptos deſte grande homem, no caſo que a revoluçaõ dos tempos os conduzaõ ao ſeu poder-

der, ou que sabendo aonde existaõ nos avizem, a fim de que applicadas as diligencias humanas, as possamos ter a maõ, assim fazermos mais copioza, e magestoza aprezente collecçaõ da Obras ineditas dos nossos mais illustres portuguezes, com que pertendemos enrequecer a republica das letras esteados da poderoza proteçaõ dos sabios deste Reyno, que taõ generozamente concorreraõ para a Impressaõ desta Obra.

IN-

INDEX ALFABETICO.

Dos Senhores Suscriptores que generozamente concorreraõ para a impressaõ desta Colleçaõ das Obras ineditas dos nossos mais illustres Poetas dos illuminados seculos da literatura portugueza.

A

D. ANtonio de Almeida Marquez de Lavradio.
Antonio de Almeida Rangel.
Antonio Avelino Serraõ Diniz.
Alvaro Antonio Thomazino.
Antonio Caetano Ferreira.
Antonio Campos Limpo Figueiredo, e Mello.
Antonio Jozé de Vasconcellos Souza Camera, Caminha Faro, e Veiga Marques de Castello Melhor.
D. Antonio Jozé de Castro Conde de Rezende.

An-

Anſelmo Jozé da Cruz Sobral.
Agoſtinho Jancen Moler Brigadeiro dos Exercitos de S. Mageſtade.
Antonio Joze Ferreira.
Antonio Luiz Ignacio Quitella Emauz.
Antonio Joze Vieira de Azevedo.
Alvoro Jozé Xavier Botelho Conde de S. Miguel.
D. Antonio Manoel de Mello Caſtro, e Mendonça.
Antonio Maria Furtado de Mendonça.
Antonio Martins Baſtos.
D. Affonſo Miguel de Portugal, e Caſtro Marquez de Valença.
Os Anonimos.
O Ananimo.
Antonio Pinto Bom.
Antonio Ribeiro dos Santos.
Antonio Raimundo de Pina Coutinho.
Antonio Roiz da Fonceca.
Alberto Roiz Lages.
Aires de Saldenha, e Albuquerque Conde da Ega.
Antonio de S.Payo Mello, e Caſtro,

Torres Luſignano Code de S. Lourenço.
Antonio de Souza Portella.
Antonio Xavier de Miranda Principal da Santa Igreja Patriarcal.

B

Bento Jozé Pacheco.

C

Conde de Ainauzen.
D. Catharina de Souza.
Conſtantino Antonio Alvares do Valle.
D.Carlos da Cunha Principal da Santa Igraja Patriarcal.
Coſtodio Gomes Villas Boas.
D. Caetano de Noronha, e Albuquerque Monis, e Souza.

D

DAniel Gildemeſter Senior.
Diogo Ignacio de Meſquita.
Diogo Jozé de Oliveira, e Cunha.
Domingos Baſtos Viana.
Domingos da Coſta Fortunato.
D. Diogo Jozé Victo de Menezes Cotinho Marquez de Marialva.
D. Domingos de Lima Marques de Niza.
Domingos Monteiros de Albuquerque, e Amaral.
Duarte de Souza Coutinho.
Domingos Vandelli.
D. Duarte Manoel de Noronha Conde de Atalaia.

E

EUzebio Moreira Gorces Palha.

F

D. FErnando Antonio de Almeida
D. Fernando de Lima.

Fel-

Fellis Jozé Perreira Quintella.
Fernando Telles da Sirva, e Menezes Marques de Penalva.
Fellipe Rosac.
Fernando de Larre.
D. Fernando de Naronha.
Francisco de Abreu Perreira, e Menezes.
Francisco Antonio Ciera.
Francisco Candido Vieira da Cruz.
Francisco Carneiro de Soto Mayor.
Francisco de S. Payo.
Francisco Jozé Brandaõ
Francisco Manoel Calvete.
Francisco Jozé de Oliveira.
Francisco Maria de Andrade.
Francisco Manoel Pinto.
Francisco Roiz de Oliveira.
Francisco de Sôza Pinto, e Mançuelos.
Francisco Victo.

G.

Gomes Freire de Andrade.
Guilherme Luis Antonio Valaré.

H

I

JAcinto Jozé de Castro.
Jacome Ratom.
Ignacio Antonio Ribeiro.
Jozé Alexandre Cardozo Soeiro.
Joaõ Antonio Damazio.
Joaõ Antonio da Silva.
Joaõ Antonio Vieira Caldas.
Joaõ Affonso Viana.
Joaõ Francisco da Costa.
Joaõ Guilherme Cristovaõ Muler.
Joaõ Cezar de Menezes.
O Padre Joaquim de Foyos.
Joaõ Joaquim Pereira Quintella
O Padre Joaõ Loureiro.
Joaõ Lourenço Peres.
D. Ignacio Maria de Ataide, e Cunha.
Joaõ Mendes da Costa.
Joaõ Pedro de Carvalho.
Joaõ Pedro Mariz.
Joaõ Prestrello.
Joaõ Pereira Ramos.
Ignacio Jozé Xavier da Rocha Cabral.
Joaõ Pedro Monteiro de Albuquerque.

Joaõ Pereira Caldas.
Joaõ Rodrigues Vilar.
Joaõ Rodrigues de Sá Mello Soto Mayor Visconde de Anadia.
Joaõ de Souza Carvalho.
Joaõ da Silveira Pinto Nogueira.
Izidoro Suares de Ataide.
Joaquim Jozé de Aguiar, e Sá.
Fr. Joaquim Forjaz.
Joapuim Jozé de Souza Leitaõ.
Joaquim Pereira Quintella.
Joaquim Pereira de Souza Peres.
D. Joaquim Mascarenhas da Silva Conde de Cocolim.
D. Jozé Antonio de Menezes.
Jozé Bazilio da Gama.
Jozé Caetano Sergio de Andrade.
Jozé Antonio dos Santos Bastos.
Jozé de Carvalho, e Araujo.
Jozé Coelho Guimarães.
Jozé Ghrisostimo Ribeiro.
Jozé de Seabra da Silva.
Jozé de Moraes.
Jozé de Santa Anna.
Jozé de Mattos Giraõ.
Jozé Antonio Marçalino Queiroga.
D. Jozé de Neronha Camões Albuquerque Menezes, e Souza

Mar-

Marquez de Anjeja.
Jozé Francisco de Carvalho Daun
Conde da Redinha.
Jozé Falcaõ de Gamboa Fragozo
Vanceler.
Jozé Jenuario de Carvalho.
Jozé Ignacio de Mendonça.
Jozé Izidorio Oliviari.
Jozé Joaquim Vieira Godinho.
Jozé Leutegelo.
Jozé Joaquim de Castro.
Jozé Mauricio da Gama.
Jozé Peixoto.
Jozé Felles da Silva.
D. Jozé Lobo.

L

LIno Antonio de Abreu.
Leonardo Antonio
D. Lourenço Jozé de Alecastre Marques das Minas.
D. Lourenço de Alencastre.
D. Leanor . . . Condeça de Ainauzen
Luis de Albuquerque Mendonça Furtado.
Luis Gonçalves da Camera Coutinho.

Luis Lebultern.
Luis Pinto de Soza Balſemaõ.
Lucas da Silva Azevedo Coutinho.
Luis Rafael Soye.

M

MANoel Antonio Cabral.
Manoel Antonio de S. Payo.
Manoel Caetano de Souza.
Manoel de Matos Pinto de Carvalho.
Manoel de Miranda Correa.
Manoel da Silva Franco.
Manoel Jozé Eſteves Pinheiro.
D. Manoel Jozé Lobo.
Manoel Jozé Machado de S. Payo.
Manoel Jozé Guedes de Miranda Senhor de Murça.
Manoel Guedes Pereira.
Manoel Franciſco da Silva Veiga Magro, e Mora.
Manoel Pedrozo de Lima.
Manoel Pereira Viana de Lima.
Manoel Theofilo de Meſquita, e Môra.
Mateus Potier.
D. Miguel Antonio Barreto de Mene-

ne-

nezes Bispo de Miranda.
Migel Carlos Caldeira.
Miguel Lourenço Peres.
Manoel de Souza Freire.
Monteiro Mór.

N

NIcolao Tolentino.

P

PAulo Jazé Soares.
D. Pedro de Alcantra de Menezes Coutinho Marques Estrebeiro Mór.
Pedro Correa de Almeida, Menezes.
Pedro Duarte da Silva.
D. Pedro Furtado de Menezes Principal primario da Santa Igreja Patriarcal.
Pedro de Mariz Souza Sarmento.
Pedro de Mello Breiner.
Pedro Nolasco Gaspar.

R

Rodrigo Coelho Machado Torres
D. Rodrigo de Alencaſtre
D. Rodrigo Jozé Menezes.

S

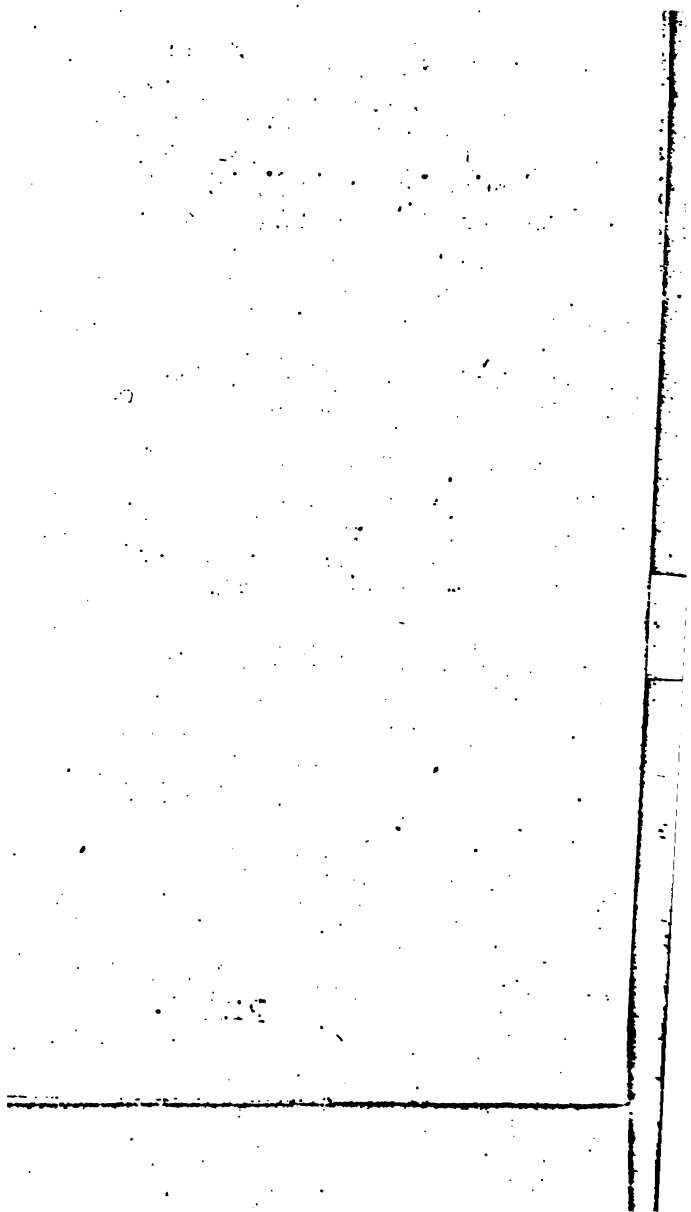
Salvador Correa de Sá Benavides
Viſconde de Aſeca.
Sebaſtiaõ Franciſco Betamio.
Senhor de Pancas.

T

D. Thereza de Mello Breiner
Condeſſa de Vimieiro.
Thetonio Gomes de Carvalho.
Thomas Jozé Ferreira da Veiga.
Thomaz Jozé da Silveira.
D. Thomas Xavier de Lima Brito
Nogueira Telles da Silva
Marques Mordomo Mór.

V

VAlentim Lopes de Faria.
Vicente Roiz Ganhado.

PRIN-

PRINCIPIAÕ AS OBRAS

Do nosso illustre Poeta Pedro da Costa Perestrelo Coévo de Luis de Camões.

Lições de Job.

LIÇAÕ I.

Erdoame, Senhor, pois naõ saõ nada
Os breves dias meus nesta peleja,
Da vida, consumida, e acabada;
Que meditas Senhor, que o homem seja?
Teu alto coraçaõ porque o levanta?
E sendo peccador porque o dezeja?
Visitalo na luz, na luz o espanta,
E provàlo depressa; está confuso;
Mas

Mas té quando premites ira tanta?
Da boca me tiraste o docil uso,
E por mais que me sejas adversario
Meus males reconheço, ati me acuso.
O' Protetor dos homens necessario;
Que te farei bom Deos; pois que
me sento
Ami mesmo inimigo, ati contrario!
Porque mostras Senhor esquecimento,
Dum servo que em peccados, e agonia,
Abreve vida passa num tormento?
Aqui Senhor no chaõ durmo este dia
Se noutro me chamares, já no leyto
Lançado me acharás na terra fria,
De bichos consumido, em pó desfeito.

LIÇAÕ II.

TEm do meu coraçaõ de minha vida,
E minha voz do peito já cansada
Sê contra meus dezejos convertida.
De dores he minha alma atormentada?
A Deos clama dizendo, porque assi
A tanto mal, e pena he condemnada?

Por-

Porque Senhor lhe diz, hes contra mi?
E queres oprimir á força pura
A' obra das tuas mãos feita por ti?
Parecete justiça por ventura,
Os máos serem de ti favorecidos,
Condenados os bons tua feitura?
Teus olhos por ventura esclarecidos
Saõ de carne Senhor, e corporaes,
Quaes vemos os dos homens cá nascidos?
Ou saõ Senhor teus dias naturaes;
Quaes nossos dias saõ, e os teus annos,
C'os tempos vaõ correndo desiguaes?
Porque Senhor por termos inhumanos;
Meus peccados inquires, e maldade,
E sem culpa padeço tantos damnos?
Justiça peço ati Deos de verdade
Livre de vicios, e dezejos vãos;
Pois ninguem com peccados ou maldade;
Póde Senhor fugir de tuas mãos.

LIÇÃO III.

TUas mãos que de nada me fizeraõ
De graças mil, e dotes rodeado
Com tigo contra mi se converteraõ.
Pois lembrate Senhor que sou formado
Do lodo, e pó, que em carne converteste,
E depressa serei nelles tornado.
Qual leite me mugiste, e compozeste,
Como massa de queijo me ajuntaste,
De carne, nervo, e ossos me fizeste.
De piedade, e vida me dotaste
Com teu soccorro, e bem favorecido
Visitaste minha alma, e me amparaste,
Espirito me deste engrandecido.

LIÇÃO IV.

COm lagrimas, te peço, me responde,
Quantos saõ meus peccados, e maldades,
E porque tua face se me esconde!

Por-

Porque cuidas bom Deos que saõ, verdades
Sospeitas contra mi sem fundamento,
E me vens perseguir por liviandades?
Porque empregas teu alto entendimento,
Contra secas arestas, tua potensia,
E folhas pelo ar que leva o vento?
Agravas contra mi, minha inocencia,
E consumir-me queres por delictos
De minha juventude, e adelencia.
Meus pés, e nervos levas per destrictos,
Que tu mesmo lhe deste, e as pegadas
Notas, em que por ti vou dando gritos.
Sou podridaõ Senhor, e sou nonadas,
Que por mais que me canse, e me desfaça
Commigo consumidos, e acabados,
Vestidos saõ Senhor que come a traça.

LIÇAÕ V.

HOmem nascido de mulher, e
enfermo,
De pouca vida, e mizerias chea,
Que passa como flor seu breve termo,
E quaze ao vento como solta area
Fugindo em sop'lo a nós desaparece,
Oú como sombra que do sol s'alhea.
Que no mal, e mudanças que
padece
Naõ teve, nem terá alegre hum dia,
Nem nunca num estado permanece,
A este pois Senhor nesta agonia.
Com sanha abres teus olhos, e o des-
tinas
A juizo severo em tal porsia?
Quem poderá bom Deos (obras
indignas)
Do sujo peccador fazer limpeza!
Se naõ só tuas mãos que saõ divinas?
Do Homem breves saõ per natureza
Os dias, e os mezes, mas consiste,
Em ti delles o termo e a certeza.
O quanto haõ de durar constituiste,
Que traspassar naõ póde a humana
gente;

Que

Que queres pois Senhor ao homem
triste!
Delle te aparta piedosamente.
E deixa hum pouco de lhe ser contrario,
Porque goze de ti suavemente,
E seja de seus dias mercenario.

LIÇAÕ VI.

Dita fôra mui grande em que me vira
Se dentro dos infernos me amparasses,
E me escondeces té passar tua ira;
E tempo certo algum me limitasses
Em que depois daquella pena esquiva
De dar fim a meus malles te lembraces.
Qual homem morto cuidas tu que
viva!
Meus dias cessem, e do corpo austero
Dezejo dezatar alma cativa.
E se me chamas, responder-te quero;
Sou obra de tuas mãos, dame a direita
Em que salvarme do naufragio espero.
De meus passos tomaste a conta estreita

Vistos os teus, Senhor, enumerados,
A conta que fizeste ey por bem feita
Mas tu, bom Deos, perdoa meus peccados.

LIÇAÕ VII.

O Meu espirito perderá seu brio,
Acabando-se hiraõ meus poucos dias,
E ficame o sepulcro escuro, e frio:
Em amarguras, e malanconias
Meus olhos se detem, e eu sem peccado
Em ancias me desfaço, e agonias.
Mas se de ti, bom Deos, sou amparado,
Naõ poderei temer as legiões
Do mundo todo contra mim armado.
Atras os dias, as maginações
Dissipadas desta alma, e divertidas
Me daõ nella mortais persiguições:
As noutes passo em dias convertidas
Despois das trevas luz, e Sol espero,
As nevoas de meus olhos consumidas:
No que posso durar bem considero
Ter minha caza no profundo inferno,
Meu leyto nelle tenebrozo, e fero.

Cor-

Corrupta podridaõ c'o pranto eterno
Por pai quero chamar, por mãi e irmã,
Os bichos do abiſmo ſempiterno.
A paciencia com virtude ſaã
Promptas, meu Deos, para ſerviço teu
Livres as tenho d'eſperança vaã
Em ti poſtas Senhor juſto Deos meu.

LIÇAÕ. VIII.

PEgou-ſe minha pelle á minha boca
A carne já taõ fraca, e conſumida
Que ſó c'os beiços a meus dentes tòca.
A gente por mim chore entreſticida
E pelo menos meus amigos ſintaõ
A dôr de minha trabalhoza vida.
E nunca disfavores teus conſintaõ
Debaixo de tua mão ſer perſeguido
Daquelles, que meus malles ſolicitaõ.
Que quer dizer o peito endurecido
Dos homens como Deos ſerme inimigo
Farto de carne que me tem comido!
O' quem podéra neſte grave p'rigo
Ver, que ſe eſcrevaõ declaradamente
Minha vóz, e palavras como as digo!

Ou quem me dera que distintamente
Em chumbo as escrevesse o ferro duro
Ou pedreneira mais de fogo ardente!
Que vive meu bom Deos estou seguro,
E que da terra no dia derradeiro
Em carne, e pelle, corpo vivo, e puro,
Homem resurgirei, qual fui primeiro
Com olhos proprios meus, e naõ alheios
Verei entaõ a ti Deos verdadeiro
Cos dalma em tanto de esperança cheios.

LIÇAÕ IX.

Porque Senhor das corporaes entranhas
De mulher me tiraste, e fui trazido
A ver mizerias tantas, e tamanhas!
Melhor me fora entaõ ser consumido
E naõ me vira em tanta desventura
Se quasi sem nascer fora nascido;
E do ventre levado á sepultura
Assim se anticipara de meus dias
Que sei saõ breves, e de pouca dura:

Dei-

Deixa-me pois, Senhor; as agonias
E dores lamentar desta alma tua
Antes d'entrar nas tenebrozas vias;
E assi contigo de tornar me exclua
A ver terra taõ seca, e tenebroza
De mizerias cuberta, e morte crua;
E da sombra me guardes espantoza,
Onde só trevas, e clamor do inferno
Em confuzaõ habitaõ lastimoza
Dezordês, dôr, temor, e pranto eterno.

ODE A NOSSA SENHORA.

Virgem formoza, que do sol vestida
Ó summo sol de Estrellas coroada
Assi agradaste que dentro se escondeo
Em tua Virginal arca sagrada;
A voz vai de minha alma a ti movida
Graça te pede, e a que ta concedeo
A elle a pede, que sempre respondeo
A quem por elle chamou;
Virgem se ati chegou
A voz de algum que ati se socorreo,
Ouve será benignamente a minha
Socorre-me nesta guerra,
Bem que sou terra, e tu dos Ceos Rainha.

Vir-

Virgem mais ſabia, docil, e opportu-
na
A rogo dos mortaes, e a mais pru-
dente
Entre todas as Virgens glorioza
Eſcudo forte de afligida gente
Contra golpes da morte, e da fortuna
A tua ſombra vai vitorioza
Triunfando dos pecados venturoza
A triſte gente humana,
Pois Virgem Soberana
Que aquella morte viſte laſtimoſa
Fim, e remate do peccado velho
Vos peço em qual eſtado
Deſconſolado te vou pedir conſelho
Virgem que em tudo és inteira, e pura
De teu parto gentil a Filha, e Madre
Luz deſta vida, e na outra amplia,
Por ti teu Filho, e do Summo Padre,
Porta dos Ceos, e entrada mais ſegura,
Vem-me a ſalvar do derradeiro dia;
Porque dos mortaes és a luz, e a guia,
Tu ſó por noſſa dita
Tornas Virgem Bemdita
O pranto de Eva em graça, e alegria
O amor de teu Filho, meu bom Deos
Me doa Virgem Sagrada
Que coroada eſtás nos altos Ceos.

Vir-

Virgem ſublime que de graças chêa
Com as azas de ſantiſſima humildade
Sobiſte ao Ceo, e me ouves delle
agora;
Tu a fonte pariſte de piedade,
E de juſtiça o Sol, com que alumea
O mundo eſcuro, e ſeu error melhora:
Tres doces nomes pôs em ti Senhora
De Mãi, Filha, e Eſpoza,
Virgem és glorioza
Ancila do Senhor que nos tem fóra
Dos laços da cruel gente malina,
Com as Chagas Bemditas
Que n'alma eſcritas me dá Virgem be-
nigna.
Virgem huma no mundo ſem exemplo
Que namoraſte o Ceo com tua belleza
Sem na terra ſe achar teu ſemelhante,
Os actos de Virtudes, e a pureza:
De Virgindade ſacro, e vivo Templo,
Se vem em ti co'Deos participante,
Eſſa vida me dem no bem conſtante
Para que ache ó Maria,
Virgem ditoza, e pia
O que em mim falta, em ti ſempre
abundante
Com joelhos por terra vivo, e morto
Peço naõ te me eſcondas,

E

E livre de ondas me dês seguro porto.
Virgem que posta no assento eterno
Do mar tempestuozo és clara Estrella
Que em noite escura guias quem navega
Na tempestade, vou vendo-me nella
Só sem remedio, leme, nem governo;
Em gritos com que se alma desapega
Na esperança toda em ti se emprega,
Virgem favor te peço
Contra o mal que mereço,
Naõ o goste de ver a gente cega,
E peço te, Senhora, que me lembre
De Deos Mãi Soberana
A carne humana que lhe deu teu ventre.
Virgem com quantas lagrimas me vejo
Derramadas em vaõ, confuzo, e cego
Com dôr, e pena, com trabalho, e damno,
Depois que vim dos campos do Mondego
A os derredores do dourado Tejo
Mar de tormentos, de afflições, e engano:
Oh quantos males soffre hum corpo humano!
Se tu em pena tanta

Vir-

Virgem Sagrada, e Santa
Naõ dás ao fim teu premio soberano,
Meus dias vaõ correndo em curto ferro
E por varios peccados
Já saõ passados, e só a morte espero.
Virgem que assi cercado de mil dores
Vive meu coraçaõ em pranto eterno
Em mil males amim mesmo escondidos
Em vida vou dentre elles ao inferno;
E passo cá na terra outros maiores,
Que a morte em roda traz a meus sentidos:
Porem será do Ceo, pois saõ perdidos
De tal modo meus bens,
Dame tu dos que tens
Pois hes remedio a tristes, e affligidos.
A tantos males valha tua virtude
Que curar esta dôr
A ti louvor, e a mim será saude.
Virgem minha firmissima esperança
Que quer, e póde lá dos altos Ceos,
Soccorreme na mor necessidade,
Miseravel sou eu, mas fez-me Deos
E quiz que fosse á sua semilhança:
Al-

Alto por elle ſou, mas na verdade
Naõ mereço por mim achar piedade.
Mas tu dos Ceos Rainha
Desfaze eſta alma minha
Em lagrimas de amor, e de humil-
dade;
Acuda-lhe no fim tua virtude
Com que paſſe a jornada
Pois taõ errada foi na juventude.
Virgem humilde, da ſoberba imiga
A teus pés humilhado com porfia
Perdaõ te pede o coraçaõ contrito,
Pouca terra mortal, caduca, e fria;
Mas qual he te ama ſua doce amiga
Que te dirá de ſi meu peito afflicto,
Que de teu bem ſupremo, infinito
Meu baixo eſtylo, e canto
Por ti ao Ceo levanto,
E em teu favor eſpero que o conſiga;
E por elle do fim em que me vejo
Me dá ſeguro vao
Com que de máo ſe livre meu dezejo.
Correm depreſſa os dias por tal or-
dem
Unica, e Santa Virgem,
E tanto eſta alma affligem
Que a morte, e conſciencia ma re-
mordem;

Sem

Sem teu favor de bens está incapaz,
Teu Filho Homem, e Deos
A leve aos altos Ceos em firme paz.

ODE I.

LEva por ondas a cubiça humana
Num pobre lenho, roto, e
mal vedado
Milhares d'homens donde o sol se põe,
Aonde elle nace.

Per Scilas, e Caribdes vaõ rompendo
Ignotos mares, bravas tempestades,
Perigos e bulcões que a morte fera
Lhe põe diante.

As riquezas que vaõ buscar taõ longe
Alijaõ pelo mar com pena grave,
Puxaõ, e afloxaõ, e em roda viga
Todos trabalhaõ.

As floxas calmarias vaõ soffrendo
Quando nas ondas falta o solto vento
As furias que depois o tormentozo
Cabo levanta.

Sugeitos a naufragios, e a tormentas
Huns ficaõ por manjar aos simples
peixes,
Outros varando em asperos dezertos
Morrem nas praias.

Ou-

Outros que eſcapaõ, procurando à
vida
Nas montanhas de cafres habitadas
A vaõ perdendo laſtimozamente
Ao dezamparo.
E quando com bonança tem chegado
A ſeu porto querido a ſalvamento
Falta-lhe o goſto, falta-lhe a ſaude
Falta-lhe a vida.
Pois homens miſeraveis até quando
Durareis neſta ſede de riquezas
Que vos deixaõ ſugeitos a infortunios,
Ou os deixaes.
Ditoza, e branda mediocridade
Santa pobreza manſa, e amigavel
Que ſatisfaz, contenta, e enrequece
Os que tem pouco.
Animoza virtude, em que ſobeja
O muito que nos falta c'o pobreza!
Rica ſenhora ſingular de tudo
Naõ tendo nada.
Grande vergonha de homens ignorantes
Que buſcaõ por extremos doudamente
Couſas taõ leves arriſcando a vida
Caduca, e breve.
Gaſtouſe o muito, e ſempre o pouco abaſta

Nin-

Ninguem leva comsigo o interece,
Pois quem tanto trabalha, e se desvela
Nu nasce, e morre.
Temperece o dezejo, e van cubiça
Que a mór riqueza está no mais contente,
E quem menos a tem se a naõ dezeja
Esse he mais rico.

ODE II.

PEr asperos extremos a velhice
D'achaques consumida, e acurvada
Com graves accidentes nos promete
O fim da vida.
A douda mocidade mal regida
Com raivas de furor, e de sandice
Com que faz as desordens, e as comete
A todos fere.
Sem nos homens haver quem considere
Que atras os vicios c'o tormento e dores
A morte que tememos rigurosa
Se antecipa.
A virtude conserva, e fortifica
As forças naturaes interiores

Com

Com profpera laude a mui fermofa
Alma deleita.
Sua idade gozará perfeita
A quem nas virtudes for inteiro, e
puro,
E quem a ellas fe moftrar contrario
Vivendo morre.
E menos andará, quanto mais corre
Nunca eftará quieto, nem feguro,
A fi mefmo ferá fempre adverfario
Duro inimigo.
Fraqueza grande de que tras contigo
Contra fi mefmo a defeza, e muro
Sem que do bem fugindo neceffario,
Ao mal fe rende.
O temerario que taes fumos vendo
Nos ares edifica, e folto vento
A vinte procurando fua ruina
Sem prudencia.
Tarda com feus remedios a evidencia
Do tempo meftre do entendimento,
Que enfina devagar fua doutrina
Ao que he perdido.
Avivem pois os homens o fentido
Para que o tempo naõ lhe leve a
gloria

Que

Que a sua propria descripçaõ se deve
E em si lha mude.
Com pausas dilatando a san virtude
De seu claro juizo e a san vitoria
Que assi lhes quer ganhar na vida
breve,
E só lhe lembre (pre.
Empregar na eterna seu cuidado sem-

ODE III.

TRabalha quanto póde a natureza
Na fabrica Real dum homem
grande
E tira de mil annos, a outros mil
Hum Julio Cesar;
Hum Alexandre magno noutra
idade
Nos mostra valeroso e invensivel,
Sem lhe dar adiante em largo tempo
Outro segundo.
Hum Anibal terror de toda a Italia,
E dos Romanos vencedor famoso
No cume pôz da fama esclarecida,
Vivo, e morto.
Hum Pirro, Scipiaõ, e o grande
Fabio
E outros que no mundo insignes foraõ
Em tantos annos, quantos saõ passados
Pou-

Poucos ſe moſtraõ.
E como de ſubir ao alto cume
A grandes peitos falte ocaſiaõ,
Huns deſprezados, outros eſquecidos
Morrem ſem nome.
Mas naõ ſe deſconſolem os que vivem
Co animo quieto em ſeu remanſo
Preſtes e dignos das emprezas altas
Sem entrar nellas.
Que pois os que lhe atalhaõ a fortuna
Podendo eſcolher bons, aos máos eſcolhem
Dos Princepes he culpa manifeſta
Naõ dos Vaſſallos.

ODE IV.

QUem nas virtudes for inteiro, e puro
As laminas eſcuſe, e arnes trançado,
Os arcabuzes, jezerina malha
Setas hervadas.
Agora vá por aſperos dezertos
Dos eſteriles campos de Ludaya,
Ou pelos boſques vá da féra Hircana
Ama de Tigres.
Ago-

Agora pelos montes vá de Libia
Por eſtreitas varedas em que aos roncos
Dos Abides, e ligeiras Onças
Salta o coraçaõ.
Ou pela Serra altiſſima da Eſtrella
Os Lobos, Javalis, Urſos horrendos
Encontre na eſpeſſura do arvoredo
Sempre famintos.
Na pureza da vida hirá ſeguro
Do Baſeliſco, e Aſpide nocivo,
Das feras mais ardidas, e Leões,
Que a terra cria.
Na regiaõ ſe ponha mais ardente
De arvores nua, e Serpentes chea
Ao ar, e Sol de Cafres na queimada
Torrida Zona.
Ponha-ſe alegre na praia mais re-
mota
De barbara, cruel gente pagana
Onde com furia féros Crocodilos
Saltaõ do Nilo.
Sem armas paſſará ſeguro, e livre
Das furias, e cruezas ſerpentinas
Que todas as quebranta, e domeſtica
Simples virtude.

ODE V.

AQuelle vive bemaventurado
Que auzente está da Corte, e
dos negocios
Com seu suor lavrando co' bois seus
Em terras suas.
Quaes noutes repousando em brando sono
Nos dias a contenda tem cos campos,
Que dos bens recebidos nunca ingratos
Daõ má resposta.
As soberbas naõ ve, e as arrogancias
Dos grandes impinados na ousania
De lisonjas, enganos, e outras negras
Honras do mundo.
Do bravo mar naõ teme a tempestade
Nem, lá das Indias a riqueza espera,
Nem as delicias da famoza China
Lhe daõ cuidado.
Colhendo vai do prado as varias
flores,
As uvas das parreiras levantadas,
Os frutos que das arvores sem dono
Caem de maduras.

Nas

Nas frescas manhãs muge o manso
gado
Numerando sem arte o vil rebanho,
Nos Horizontes outra vez da tarde
Alegre o conta.

Naõ teme as legiões de gente ar-
mada
Nem esquadras de hereges repar-
tidas
Pelo mar Oceano que a pobreza
O tem seguro.

A' sombra estando do Carvalho an-
tigo
Ao som do susurro das abelhas,
Na sesta procurando mais ardente
O leve sono.

Agora na espeçura da floresta
A doce fonte busca de agoa fria
Com que no Tarro mate achando nella
A viva sede.

O carro já do Sol no mar metido
Convocando as estrellas aos mortaes
A seu repouzo, e dando a luz serena
A noite escura.

Na caza humilde ledo se recolhe
Com animo quieto, e socegado,
E nella da familia he recebido
Com cêa facil.

Naõ pede o que naõ tem, nem o
dezeja
Com ſua pobre ſorte ſe contenta,
E com ella ſaber que naõ tem nada,
Nella tem tudo.
De muitos das aldêas conhecido
Converſado de poucos, no ſeu lar
Tem para ſeus iguaes veraõ, e Inver-
no
Fogo perenne.
Naõ ſabe o que foi Roma, nem
Cartago,
Athenas, Troia, Tebas, nem Co-
rintho,
Os Scipiões, Camilos, Cincinatos,
Nem ſua gloria.
Naõ cuida no por vir, nem lhe dá
pena
No que hoje fôr, ou ha de ſer adi-
ante
Que baſta para dôr de cada hum dia
Sua malicia.

ODE VI.

QUem do mundo notar os vaõs
extremos
As diſſonancias, e deſigualdades
As

As cousas achará que mais estima
Ser vaidade
  As perolas, rubis, e os diamantes
Por formozos verá, que lhe tem dado
Sem ordem da razaõ alta valia
A opiniaõ.
  Ao ouro, e prata, que com graõ cuidado
Se busca, se dezeja, e se possue,
O preço sobre tudo quem lho deu?
Os homens vãos.
  Quem fez a fama couza esclarecida?
E quem fez a deshonra nota infame?
E quem fraqueza fez a paciencia?
A incauta gente.
  Quem fez valor tomar altas emprezas!
E honra conquistar Reinos alheios!
E quem fez a soberba authoridade!
Culpa dos homens.
  Quem á malicia achou sabedoria?
E deu aos vicios premios de virtude
Das affeições fazendo confiança?
Nossa ignorancia.
  Quem nas mizerias pôs da vida humana
Aspera, fragil, e caduca, e breve
E

E nas couſas mortaes ſua eſperança?
A culpa humana.
Quem fez no mundo tantas varie-
dades
Quem fez Hidras, e Rotheos tras as
ſiguras,
Em males rematados, e em tragedias!
A mi fortuna.
Quem faz do mundo cazo, e dos
bens delle?
E quem pelas riquezas ſe deſvella
Que ou nos deixaő logo, ou as dei-
xamos!
Peitos avaros.
Quem deve de ſeguir o entendi-
mento!
De quem ſe ha de valer na frenezia
De tantas diſſonancias, ſe naő for
Da boa razaő.
O bom Varaő regule, veja, e to-
me
Dos livres paſſos a direita via
Fuja dos montes, e deſpenhadeiros
Com a prudencia.
Os navegantes deixe que engolfa-
dos
Vaő pelas ondas, e de hum porto
em outro

As

As tormentas rompendo que os anima
Seu intereſſe.
Agora vaõ de hum Pólo a outro Pólo
E donde o Sol ſe poem aonde elle naſce
E lhe moſtre no mar Torrida Zona,
Vida he beata.
Das altas torres rompa o fundamento
As arvores arranque mais antigas
O furiozo Boreas, e o mais forte
Em fim ſe acaba.
Que nas mudanças rico, e moderado
O ſabio Varaõ ſempre eſtá ſeguro,
Animoſo no mal, ſe o tem prezente
E igual no bem.
Pois homens, que dizeis, que couza he eſta!
Que tanto nos aflige, e nos transforma
De noſſa natureza eſtudioza
Em taõ má parte.
Grande deſcuido, e geral vergonha
He eſta de ſeguir ao appetite,
Sem

Sem ordem, sem razaõ, e sem dis-
 curso,
A tanta infamia.
 A' virtude chamando encolhimento
E á murmuraçaõ cortezania
Fazendo por igual sizo, e doudice,
Opinioens.
 O alvedrio he livre, e a vontade
As obras da virtude saõ suaves,
Seu jugo docil, seu trabalho facil
E a carga leve.
 As opiniões vãns pelo contrario
Passadas, desabridas, e insolentes
Corcoma saõ dos homens rigorosa
Em vida, e morte
 O mundo reformar-se he obra im-
 mensa
Bem como a velho o tempo lho des-
 fende,
Mas justo he conhecelo, e moderalo
Com a virtude.

EPIS-

EPISTOLA

Ao Marquez de Castello Rodrigo estando em Madrid, e o Secretario em Cintra com sua Alteza o Archiduque Cardeal.

ARtabro Promontorio sempre grande,
E que grande será sempre chamado
Agora ande a fortuna, ora desande;
Metropoli do Reino, cujo estado
Das praias do Occidente outro Emispherio,
Nas ricas do Oriente tem ganhado.
Donde correndo o Sol ao ministerio
Em que nasce, ou se põe, pelo profundo
Caminho sempre cursa deste Imperio,
Agora vá sereno, ou robicundo
Nos ares delle toma nascimento
Nos mares cobra sua luz ao mundo,
Este de Ulisses brando acolhimento
Nos tempos foi de Troia, e que a memoria
Co nome lhe ficou do fundamento.

O

O forte Achiles cauſa da victoria
Dos Gregos deſcobrio aqui eſcondido,
Se cremos delles a paſſada hiſtoria:
Mas eſte naſcimento eſclarecido
Que a Lisboa tem dado os eſcriptores
Em outra maior gloria he convertido;
Deixemos as finezas, e os primores
Que nas partes famozas do habitado
Nem nunca ouve tamanhos, nem maiores;
Seus brandos ares, clima temperado
Influencia benina, e juntamente
Numa Cidade o mundo abreviado.
Deixemos os Imperios, e a corrente,
Que de varias Nações nella ſe encerra
Tantas cazas, moſteiros, tanta gente;
As Armas, Monições, a Paz, e a Guerra,
A miſtura do Tejo em Oceano,
Frutos eternos de ſeu mar, e terra;
Deixemos as entradas de cada anno
De perlas, e riquezas Orientaes,
Tributos mil do Ceptro Soberano.
As

As Armadas que lança, e as outras
taes
Das Estrangeiras Náos que cento a
cento
Em muitos dias lh' entraõ naturaes.
As quintas do redor, seu rico assento
Deixemos para ver pomares, fontes
Suaves digressões no apartamento;
Vamos buscar a Lua nos seus mon-
tes
Em Çintra gozaremos mui prezada
Frescos ares, formozos Orizontes.
Maravilha por certo mui notada
O podera ser na mais ditoza idade
Aquella que nos move pouco, ou
nada.
Que nos limites de taõ gran Cidade
De tres legoas a dentro se conheça
De frio a quente tanta variedade.
ElRei nosso Senhor, em quem florece
A gloria destes bens com larga vida
A Deos a deve, a Deos a reconheça;
E inda que este seja mui possuida
De seu Throno Real, antes de tudo
Lhe estava preservada, e promettida.
Em molde estava dantes tosco, e
rudo
Mas agora será dalta ventura
Obra

Obra polida com perfeito estudo.
Destes montes se vê na mór altura
Huma serra sahindo sempre bella,
Mudando cos logares a figura.
Que baixa nesta parte, ora naquella
Mais alta; fende pelo meio Espa-
nha,
Na outra levantando-se da Estrella.
E correndo esta machina tamanha
Riquissima de tratos, e meneos
Livre nas faltas do que a neve apa-
nha.
No fim se faz dos passos, e rodeos
Propugnaculo forte contra França
Nos montes reforçada Perineos
A provida natura brande a lança
Repairos dando contra os adversa-
rios
De que tem natural desconfiança:
Montes ditozos, que nos campos
varios
Firmes, e fortes foraõ de maneira,
Que saõ mais que os prezidios ne-
cessarios;
Destes se diz por cauza verdadeira
(Se a fama do geral nisso naõ erra)
Que os Perineos saõ Ilha da Madeira;
E que vai pelo mar feita huma Serra
Que

Que ſondando daqui ſabios Pilotos
Na meſma Ilha ſahe do mar em terra.
Eſtranhas couzas ſaõ, cazos ignotos
Que os vizinhos affirmaõ com certeza
Dificiles de crer aos mais remotos.
Aqui neſtes rochedos, e aſpereza
Na branda ſaudade, e apartamento
Buſca ſeus paſſatempos Sua Alteza.
Mas com tal temperança, e ſanto in-
tento
Que naõ deſpreza nelles os cuidados,
Nem os negocios do contentamento
Bens ſaõ dos altos Ceos comunicados.
Indino de fallar nelles me ſinto
Deixemo-los ás Muzas rezervados.
Largo vou mais que incerto no que
pinto
Mas quero por naõ hir de pouco a
tanto
Pelo fio ſahir do laberintho
Tornando a proza coſtumado canto.

EPI-

EPIGRAMA I.

NEnhum mortal na vida humana crea
Della se vale, que caduca, e breve
Sempre he de malles, e mizeria chêa.
Seu pezo nunca nos parеça leve
Seus perigos temamos sempre certos
Agora pela terra, ou mar nos leve.
Se demandas nos dá temos apertos
Outros na caza, outros na fazenda,
E na cobiça graves desconcertos.
Se gozamos riquezas, mandos, e renda
Na confuzaõ nos dá de pensamentos
Mais dores, mais trabalhos, mais contenda.
Se de perlas, rubins, ou de talentos
Temos tezouros, temos mais cuidado
Temor dos ares, e do som dos ventos.
Se bens promete o campo semeado
Sem falta os acharemos sempre cheos
De trabalhos, suor, e mal dobrado:
Na vida do viuvo ha mil enleos
Entregue se consume de ordinario
A estremos desiguaes, tristes, e feos.

O

O casado de si mesmo adversario
Na cova que se fez está cahido
Sofrendo na mulher mal necessario.
Se filhos tem de todos he sabido
O trabalho que daõ, e se os naõ tem
Em outro mor trabalho está metido:
Se goza juventude, naõ convem
Guiar-se do furor daquella idade
Nem da triste velhice quando vem,
A saude, poder, prosperidade
Do mesmo modo passaõ adqueridas
Que o gosto dellas passa, e a vontade
As cousas desta vida por perdidas
As deve de esquecer nossa memoria,
Pois o menos viver val muitas vidas,
E em bem viver está nossa vitoria.

EPIGRAMA II.

PErdidos tempos foraõ os passa-
dos,
E os presentes tanto mais perdidos,
Quanto os primeiros foraõ mal fada-
dos:
Tempos crueis, que sendo fenecidos
Outros lançaõ de si sempre peores
Mais incuraveis, mais avorrecidos:
Asperos tempos cheos de temores

E

E que he forçado tomar-se por mezinha
Aquelle que acrescenta mais as dores.
A velha de Sesilia causa tinha
De rogar pela vida do Tyrano,
Que a todos por cruel morrer convinha.
He esta prevençaõ de menor damno
Viver hum mao, por quanto naõ suceda.
Mais fero, mais cruel, mais dezumano.
Com trabalho s'alcanca o que se veda
Quem quedo sabe estar muito mais corre,
Quem muito quer subir dá maior queda.
O bom pai de familia em vaõ soccorre
Os maos filhos que tem, que acinte o mataõ
E quando bons os tem, por elles morre.
As dores crescem, os remedios faltaõ
As couzas dezejadas chegaõ tarde
Lastimaõ esperando, e sobresaltaõ.
O forte a tempos vence de covarde
No fogo esfria o que mais o acende

Na

Na neve o outro, como em chama
arde,
Os erros passaõ, sem haver emenda.
Ostentase do mundo a formosura
Discorre tudo amodo de contenda.
O pecar, e o prazer mui poco dura
E só na morte tem descanso a vida
Estancia dos mortaes a mais segura.
Por elle goza sua alma esclarecida
Os premios da virtude, em que vi-
veo,
Depois da morte em gloria merecida.
Ditozo aquelle que mortal nasceo
Buscando boa morte na virtude
Para nella gozar os bens do Ceo!
Remate dos trabalhos o ataude
Aquem bem morre caza de alegria
De eternas perfeições bens, e saude.
A vida se nos vai de dia em dia
Por termos breves de horas, e mo-
mentos
O corpo vai parar na terra fria.
O sizo vai correndo ao som dos ventos
Por descuidos nos leva taõ contrarios
Que só se cura com esquecimentos
Em muita multidaõ de casos varios
Os homens mortaes, fracos, e in-
constantes

Asi mesmo rebeldes, e adversarios
Vaõ como cegos dodos, e ingnorantes.

EPIGRAMA III.

QUem ponderar da vida os accidentes
As mudanças, trabalhos, e aflições,
Os abuzos, e casos differentes,
A confuzaõ geral de opiniões,
As guerras, os incendios, e a crueza
Com que seguem Nações outras Nações,
Com cauza culpará nossa fraqueza
Que contra os bons, e justos fundamentos
Encontra os bens da sabia natureza.
Crasamente levando ao som dos ventos
Contra nós mesmos nosso desvario
Livre nos males de arrependimentos.
E como Deos nos deu livre alvedrio
Obstinada no mal nossa vontade
Da vida se nos rompe o debil fio.
O sizo foge, as honras da verdade

A

A doudice governa, e executa
Dos homens captivando a liberdade.
A razaõ ſe deſpreza, e ſe confuta,
A juſtiça nas armas ſe converte,
A virtude por vicio ſe reputa.
E como tal rendida ſe ſomete,
E per varios extremos c'o violencia
A ordem toda em tudo ſe preverte.
Acabaſſe de todo a paciencia
Ha quem fizer dos brutos animaes
C'os homens huma breve conferen-
cia.
Porque eſtes que naſcemos racio-
naes
Semilhantes a Deos, e per ſua traça
De todos bens dotados naturaes.
A graça que nos deu tanto de graça
Reprovada por nós, e perſeguida
Contra nós ſe transforma, e ſe dis-
farça.
He culpa porém noſſa conhecida
Contrarios ſermos da divina ordem
Tanto ſem cauſa deſagradecida.
E que os brutos ſendo taes ſe acor-
dem
A ſeguir ſeu deſtino, e naõ ſe of-
fendem
Com tanta perdiçaõ, tanta deſordem.

Mas antes os domeſticos aprendem
O que lhe enſina a vos de quem os toma
E o conſervaõ aſſi co o que comprendem;
Exemplos, e milagres grande ſoma
Os caens leaes nos daõ cos ſeus ſenhores,
E o leaõ de Cartago poſto em Roma.
Tantos cazos tamanhos, e maiores
Dos cautos Elefantes la do Norte
Contaõ por maravilha os eſcriptores.
Das Abadas, os Tigres juntamente
Da furia mui cruel, branda com arte
A vimos pelos homens facilmente.
Mas elles eſcolhendo a peor parte
De tantos bens ingratos, e eſquecidos
Naõ ſabem de ſeu Deos, nem de ſi parte.
Oh brava confuzaõ de homens naſcidos,
Eſpantoza cruel e eſquiva ſorte
Confuzos coraçőes, cegos ſentidos.
Remedio vagaroſo em mal taõ forte
Males pode buſcar no fim da vida,
Tormemonos pois atraz antes da morte

Por

Por nos gainhar em vida taõ perdida.

EPIGRAMA IV.

PAſſaõ os dias com ligeiro curſo
As horas velociſſimas do dia
Sem pauza vaõ correndo, e ſem recurſo.
Tomaõ-ſe atalhos por direita via
A vida he ſoplo, em que leva o vento
Dos breves dias cada dia hum dia.
Fugindo da razaõ o entendimento
Edefica no ar, e num reſpiro
Lança por terra o fraco fundamento.
Mas ah triſte de mi de que me admiro!
De que me queixo miſeravelmente?
A quem clamo, aquem gemo, a quem ſuſpiro?
A Deos ſó digo, que divinamente
Me fez de nada, que ouça eſte queixume
Da barbara mortal, e ingrata gente.
Que perdendo da luz o claro lume
Por hum vaõ appetito do alvedrio
O ſanto zelo rende ao máo coſtume

Dos

Dos homens a doudice, e o desvario
Corrupto tras o mundo em vaidades
Cheo de malles, e de bens vazio.
A culpa destes vicios, e maldades
Naõ he do tempo, nem da natureza,
Mas de vãos appetitos, e vontades:
Em nosso poder temos a riqueza,
Os premios, honras, e os bens da vida
Que torna em malles nossa vil fraqueza.
A ditoza razaõ naõ he ouvida,
A esperança de melhor estado,
De todo para tudo está perdida.
O' grão vergonha, baixo, e vil cuidado!
Dos homens, que podendo ser divinos
Vaõ dum abito em outro á mor pecado.
Com furia vaõ de espiritos malinos
As santas leis deixando da escritura,
Per infames, e crassos desatinos
Acuda Deos a tanta desventura.

EPI-

EPIGRAMA V.

A ElRei D. Felippe.

CAtholico Monarca, cujo Imperio
Dum Polo a outro terra e mar proffundo
Dos Himisferios reges o Himisferio.
Grão Monarca primeiro, e sem segundo,
Que donde nace o Sol, aonde se pôem
O Ceptro, e formozura tens do mundo,
Que tudo quanto nelle presupõe
As barbaras Nações mais apartadas
A teu querer, e aceno se dispõe;
Que as tres partes das terras habitadas
Europa, Africa, Assia mais remota
A só teu nome estão domesticadas;
Que a nova Região grão tempo ignota
Rica de perlas, e fonte douro, e prata

Go-

Gozas cada anno na ligeira flota.
Teu grão valor quebranta, e desbarata
As armas e vigias peregrinas
As rodas prendes da fortuna ingrata.
Dos montes Pirineos, as Cisalpinas
Fragas rompendo, as Aguias c'o victoria
De novo exaltaõ tuas santas Quinas.
Dino por ellas d'immortal memoria
De Julio Cesar transcendendo a Era
Novos Homeros cantaraõ tua gloria.
Dos hereges domaste a serpe fera
Da ley de Christo encheste c'o a verdade
Teus novos Mundos, tua nova Esphera,
Com santo zelo, e grão severidade
Prezides teus juizos aprovados
Nos termos da justiça, e igualdade.
Com bons costumes ornas teus Estados
Aos bons, e justos fazes soberanos,
Com justas leys, castigas os culpados
Deos te guarde bom Rey por muitos annos.

EPI-

EPIGRAMA VI.

Em louvor de animos desprezadores de bens da fortuna, ornados de prudencia, e virtude.

D'Alcibiades, dizem que os Sylenos
Baixas, e vis imagens na pintura,
Eraõ mais, quando pareciaõ menos.
Simples, e torpes eraõ na figura
De fora pareciaõ monstruozas,
Sublimes por de dentro em formozura.
De varios disbarates copiosas
Procuravaõ a riso os assistentes
Com fantasmas enormes, e espantosas.
Mas nestas descrepancias apparentes
C'o capa se cobriaõ de simpresa
Grandes virtudes, raras, e excelentes.
Desprezavaõ do mundo a van riqueza
Cobriaõ com seu gesto turbulento
Os altos bens da sabia natureza.
Seu desprezivel trajo, e ornamento
Nas cousas que mostravaõ miseraveis
Cobriaõ seu divino entendimento.

E

E ſendo triſtes, feras, e admiraveis,
Para ſi meſmas c'o remedio forte
Sem dór curavaõ chagas incuraveis.
Contentes cada hum com ſua ſorte
Vida paſſavaõ branda, e deſcanſada
Livres das ancias, e temor da mor-
te.
A mudavel fortuna deſprezada
Lançavaõ de ſeus animos quietos
Naõ tendo della, nem querendo na-
da.
Seus craſſos termos, doudos, e in-
diſcretos
A parecer dos homens abatidos
Em gloria convertiaõ bens ſecretos.
Da cobiça geral aborrecidos
Da terra, e mar ſolicitas viages
Alegres apartavaõ dos ſentidos.
Naõ pendiaõ de Eſtados, nem li-
nages,
E tinhaõ por franqueza, e vaõ re-
ceo
Os enganos do mundo, e os ul-
trages.
E quanto mais o roſto tinhaõ feo,
Tanto mais por de dentro parecia
De Angelico favor, e graças cheo,
As Gorgias ſeguiaõ, que dizia
Quan-

Quanto mais douto, e ſabio ſe moſ-
trava
Que nada ſaber era o que ſabia,
Diogenes na pipa em que morava
Por Silleno famozo eſtava nella,
Pois tudo tinha, e nada dezejava.
Longe dos tratos da fortuna bella
Sem mudar os dezejos, nem o eſtado
Teve dos ſabios a mais clara eſtrella,
Que ſendo de Alexandre viſitado,
E como ſeu favor lhe prometece,
Ao Sol eſtando diſſo deſcuidado,
Outras graças naõ teve que lhe deſſe
Mais que com livre voz altiva, e
rara
Que ſe apartaſſe, e o Sol lhe naõ
tolhece,
Reſpoſta que o tanto edeficára
Que s' Alexandre naõ fora lhe diſſera
Que ſer outro Diagenes tomara.
Reſoluçaõ bem dina de quem era
Dum Princepe taõ grande, e taõ ſa-
moſo
Poſto no mundo na mais alta esfera.
Que ſe naõ fora hum Rey taõ pode-
rozo
Naõ tinha que era ſer em nada menos
Se pobre foſſe, douto, e virtuoſo.

Deſ-

Destes ouve no mundo alguns Sy-
lenos
Antistenes por tal foi conhecido
Admirando a grandes, e a pequenos.
O Epitecto servo exclarecido
Manco, e pobre tido por ludibrio
Syleno foi de bens enrequecido.
E inda que o Cafaro, e vil gentio
Os Sylenos por monstros reputasse
C'o natural doudice, e desvario,
E sem ponderaçaõ os desprezasse
Na ley da graça temos aprovados
Outros Sylenos de mais alta classe.
Nos hermos para Deos Santificados
Fugindo dos humanos desconcertos
Ricos de Deos, dos homens des-
prezados.
Em gloria se tornavaõ seus apertos,
A dura paciencia, e aspereza
Doce manjar lhe davaõ nos dezertos.
Alta sciencia tinhaõ na simpreza,
No dezamparo a vida mais segura,
E em ser pobres a maior riqueza.
Nos trabalhos, e dores a saude
E em ser justos a maior ventura
C'o parecer agreste, crasso, e rude,
Cobriaõ com severa suavidade
As altas excellencias da virtude.

S A-

SATIRA.

Mui antiga que o Secretario fez a Madrid, e sua Corte estando elle nella.

O Madrid escuro infierno
Emulo del bien humano
Que amontonas con tu mano
Muladares en invierno
Para comer de verano.
Tus aparencias serenas
Por mi mal las conocï,
Porque otro bien nos le vì
Si no tus salidas buenas
Porque son salir de ti.
Desterraste al niño ciego
Y del mundo el bien mayor,
Donde con poco valor
Harden tus damas sin fuego
Que aman todas sin amor.
Ala voz dulce sonante
Que en la Citera se apura
Diste nombre de locura
Y al mas grosero amante
Das por dinero hermosura.
Las discretas y las nescias,

De

De todas no quitando una
Tratas con igual fortuna
Tienes corruptas Lucrecias,
Mas no se mata ninguna.
El Traquino es el dinero
Que quita fuerça, e dolor
El interes, el amor
Y de bravo es ya cordero
Qualquer bruto vengador.
En las tierras do yo moro
Cen galinas toma un gallo,
Al carnero tantas allo
Ovejas, vacas al toro,
Tantas yeguas a un cavallo.
Ytus hembras infernales,
Que ansi quiero que las nombres
(Indinas de outros renombres)
Mas que brutos animales
Cada qual tiene cien hombres.
Prado tienes de plazer
Cercado de bosque ameno
fuera de ti como ageno,
Porque ansi fue menester
Para ser el prado bueno.
Secas de verano el rio,
Llevas de invierno la puente
Eres seco indifferente
Eres mas que el hielo frio,

Mas

Mas que la fragua caliente.
Quien te buſca no te alabe,
Sino deſpues que te viere
Que dirá ſi ſabio fuere
Quien te quiere, no te ſabe,
Quien te ſabe, no te quiere.

ELO-

ELOGA PASTORIL.

Entrelocutores, Alcino, e Salicio.

ALcino da fortuna deſcontente
No fertil ribatejo andava hum
dia
Em trajos de paſtor fugindo á gente,
Por dano tem cruel ver alegria,
Crecia no prazer o ſeu tormento,
Dobrava-lhe ſeu mal o bem que via.
Na dura ſequidaõ, e apartamento
O menos do que tem tinha conſigo
Sua alma ſe lhe vai co penſamento.
Salicio que de muito tempo amigo
De Alcino ſe chamava exprimentado
Em obras dum ſincero amor antigo,
Por montes, e por vales apreſſado
Solicito em dezejo achar procura
Aquelle bom paſtor amigo amado.
E inda que ſeu mal dificil cura
Naõ queira, nem remedio neceſſario
Amor, que lho dezeja lho a ſegura.
E ſem outro deſvio haver contrario
Achava neſta dôr ao triſte Alcino
Num boſque reclinado ſolitario.
Salicio que bem ve que o deſatino
Com

Com força do maior tormento dana
No peito que do mal ſe julga indino.
A cauſa conhecendo donde mana,
A que lhe desfaz, e deſordena
Com pratica de branda vós humana
Dizendo-lhe, Paſtor, pois te condena
O odio baixo, e vil, a ley te manda
Que quem culpa naõ tem, naõ tenha pena.
Nem te ponha temor, ver deſta banda
A roda que ſem cauza outros levanta
Que ainda correrá por que deſanda.

Alcino

Naõ m'eſpanta Salicio; ver com quanta
Mudança, ſe nos perde o bem prezente,
Quem vive quem s'alegra, ſó me eſpanta,
He prompta, como ſabes, facilmente
A juſto parecer eſta alma minha
A carne, como fraca, os malles ſente.
Da perda que me vem culpa naõ tinha

E Naõ

Naõ pedirei perdaõ, pois naõ fiz erro,
Aquem me fez o mal isso convinha.

Salicio.

No mais duro metal, no aço, e ferro
O tempo se gastar toda a dureza
Que cuidas que será no teu desterro?
Vestigio pedregozo a fortaleza
Se mestra de mil auzencias num só dia
Pois dize Alcino, em que pões firmeza?

Alcino.

Agradame, Salicio, a fonte fria
As arvores, os montes, e o dezerto,
As feras escolhi por companhia.
Hum gesto vejo só no desconcerto
Dos outros para mi, mas os pastores
Hum rosto tem de longe, outro de perto.
A porta principal de meus favores
Culpas acuza que chamou virtude
Fazendo vicios o que fez louvores.
Curarme deste mal, nem quiz, nem pude
Pois mais provoca dór á Medecina
Cos meios que acrecentaõ a saude.
Assi que nesta chaga serpentina
Naõ

Naõ curo do remedio que lhe vejo
Pois delle naſce o mal, e a dôr ſe a-
fina.
Nem tu caro Salicio, tenhas pejo
De minha ſolitaria vida triſte,
Que ſe eſta me durar, eſta dezejo.
Daquelle grave ſer, em que me viſte
Os fados me mudaraõ porque he
vento
Querer-ſe melhorar, quem lhe re-
ziſte.

Salicio.

Ouvi ſempre dizer, que o ſofri-
mento
Faz facil o trabalho, e diſſo creo
Que naſce moderar-ſe o meu tor-
mento.
Prudencia ſingular foi niſſo mêo,
Teu duro mal atalha, e ſó por ella
Igual remedio dos tormentos vêo.

Alcino.

Prudencia, bom Solicio, chamo
aquella
Que ſempre eſtá num ſer, e na
mudança
Naõ teme os cazos de contraria eſ-
trella.
Mas eſte grande cabo de eſperança

Aquem o quer dobrar neſte Occeano
Vem taes perigos que ſe naõ alcança.
Salicio
He breve a vida para tantos danos,
Mas nunca tanto mal a hum triſ-
te venha
Quanto pode ſofrer hum corpo hu-
mano.
Alcino.
Aſſi te afirmo que por mais que
tenha
Eſta alma no cruel fogo afligida
Que nunca lançarei d'agoa na le-
nha
Salicio.
O Ceo nos enche a natutal medida
Até preciſo fim, porque de cima
E naõ da terra tém lemite a vida,
Mais perde Alcino, quem ſe mais
laſtima.
Aquelle coraçaõ ſerá contente
A donde perabens o mal s'eſtima;
Firmeza ſiga no bom zello ar-
dente
O animo ſeguro, ainda que ande
Por triſte mote no rumor da gente.
Alcino.
Infamia toda via coza grande
Sem

Sem pena merecer de mi ſe eſtende,
A falça durará te que Deos mande.

Salicio.

Aquem a conciencia naõ reprende
He livre de peccado, e daqui digo
A tua livre ſer, pois naõ te aſſende.

Alcino.

Eſſa cauſa que dás Salicio amigo
Naõ livra de tormento a meu ſen-
tido,
Se algum paſſo diſſer que eſtá comigo.
O raro ſer do ſeu nome eſquecido
De eſteriles bens he o principal
Amor dos males quando eſtá per-
dido.

Salicio.

Ao odio dos imigos capital
Naõ ſeu credito dar a maõ ſevera
De dous, nem tres, a vos naõ he
geral,
E neſta que de ti qual dantes era
Ainda que de todos tire algum
Naõ faz huma Andurinha primavera.
Que ora por amigo te naõ ame
E ora para bens do bem commum;
Se a gente naõ clamar, eu fico clame
O mar, e a terra te que o ſeu paſtor
Com novas honras para ti te chame.

Al-

Alcino.

Teus Dezejos Salicio ſaõ de amor
Que cuida ſer o bem o que magina;
E o que quer ás vezes he peor.

Salicio.

He poderoſo amor couſa taõ fina,
Que aquillo que em mil annos naõ s'aprende
Num ſó momento dum favor enſina;
E poſto que parece que trancende
Os lemites o meu, aſſi o dezeja
No caſo de teu mal, aſſi o entende.

Alcino.

Quem averá Salicio que ſe reja
Por ordem de condado pois a vida
He furia breve de cruel peleja!
Quem a cura que queira reſtituida
A gloria do que pouco permanece
Pois outra que mais val lhe he offendida.
O remedio ſerá que ſe enderece
Aquelle que bens quer ao bem que dura
Pois eſte ha de gozar quem o merece.

Salicio.

Ingrato a Deos ſeria por ventura
Dos homens có a grão cauſa condenado

Por

Por fraco de razaõ, e de natura,
Aquelle que nos bens calificado
Se moſtra ſingular, fugindo izento
Aquella vocaçaõ porque he chamado
Se te chama Paſtor merecimento
Que he porta ſingular dos Ceos, e
terra;
Se culpa deſpreſar ſeu caro aſſento.

Alcino.

Quem tem menos negocios me-
nos erra
O vedado deixei pelo repouſo
Que quando naõ quer hum, dous
naõ tem guerra;
Aqui Salicio neſte verde pouſo,
Taõ ledo ſempre do acontecido,
Que no que póde vir, cudar naõ
ouſo;
Nas ondas que me viſte engrande-
cido
Por cima do mais alto puz a reya
Já tudo ſe mudou, tudo he perdi-
do.
Mas eſte coraçaõ que naõ deſmaia
Se ao porto naõ chegar difficultoſo
Contente ficara na ſolta praia.

Salicio.

Grão tavoa no naufragio trabalhoſo
He

He jugo achar ſuave, o pezo leve
Nos hombros ſoportar o virtuoſo;
E como tal amoſtres naõ s'atreve
Nimguem a te dar culpa, nem tua gloria
A outrem ſe dará, pois ſe te deve.
E poſto que te leve a maõ notoria
Aquelle que ganhaſtes com verdadê
A virtude no pé tem a victoria
Naõ t'apode tirar a falſidade.

Nota.

Eſte Alcino foi hum perſonagẽ deſte Reyno, que agravado das ſem razões, ſe retirou da Corte: aquem o Secretario em nome de Salicio perſuadio a que ſe tornaſſe.

Carta.

Em que por exemplos, e rasões mui ajuſtadas, diſſuadia a ElRey Dom Sabaſtiaõ daquella empreza de Africa em que ſe perdeo; a qual lhe foi dada pelo Padre Meſtre Ignacio da companhia de Jeſu, e poſto que naõ foi de effeito para o Rey, foi para o vaſſalo moſtra de ſeu grande, e leal amor.

Ain-

Ainda que Senhor aqui governas
As vezes lemitadas do alto Deos:
Que nelle gozarás depois eter-
nas (1)
E inda que por graça tens dos Ceos
A ordem do discurso ; e finalmente
Teu proprio coraçaõ no mesmo Deos,
Lançado pela terra humildemente
O servo naõ desprezes c'o talento
C'o que pode servir naturalmente.
Nem chames seu amor atrevimento
Que Imperios, Monarchias s'astivera
Te dera quem te dá seu pensamen-
to.
Quanto a nós util , necessario te
era
Aver quem désse os premios a ver-
dade
Que a vil adulaçaõ levar poderá!
E

(1) Esta carta a pezar de vir impres-
sa nas Miscelaneas de Miguel Leitaõ de
Andrade , o que sobemos por exame
nosso,a rariedade das referidas, e o ser obra
deste A. fez que se naõ omitisse nes-
ta parte.

E que nos annos da primeira idade
Fosse a razaõ de ti favorecida
Por unica Senhora da vontade.
Com lagrimas do povo foi pedida
A Deos esta merce que sem tardança
Lhe foi delle outorgada, e concedida.
Em passo extremo dando c'o bonança
Teu nacimento havido, alcançado
C'o lagrimas d'amor, e de esperança.
E dellas em nacendo, logo entrado
Em teu Ceptro Real, já vas cada ora
Do povo mais querido, e mais amado.
Este bem que na paz gozas agora
Sem delle te apartar, nem divertir
Prospèra teus estados, e os melhora.
E nelles creceràs c'o sempre ouvir
Aos bons, e máos co animo quieto
Seus casos, e juizos prezidir;
Em publico severo, e no secreto
De proprios motos, e sciencia certa
Fujas o termo crasso, e indiscreto;
Que a pócos val, e a muitos desconcerta
C'o pressa, de vagar tintas prudencia,
Que

Que he meo singular que tudo acerta.
A guerra he doce vista a apparencia,
Terrivel, fêa, fera, e espantosa
Aquem della tem mais experiencia;
Em apparato e resplandor famosa
Nos effeitos cruel serpe maligna,
Sobre todas as pestes perniciosa.
Quem nella vio de furia serpentina
Corpos nos campos feitos natumia
Ter nos Abides sepultura indigna.
E quem as nuves de arcabusaria
Estrepito, furor, grita, e espanto
De horrendos tons de grossa artelharia;
E quem sangue de vivos correr tanto
Que delle tintos vio passar os rios,
E dos feridos o clamor, e espanto.
Perde da mocidade os altos brios
E teme com razaõ (delles izento)
Tornar a tantos, e crueis martirios.
Em contra disto corre o pensamento
Com furia juvenil ao que naõ vio
Em que busca prazer, e acha tormento.
E como naõ passou, vio, nem sentio
O mal da guerra, antes de entrar nella
Naõ

Naõ póde ver quam mal se persua-
dio;
Mas como cauto bem pudèra della
Ter em casos alheos advertencia
Para nos proprios ter fortuna bella.
Mas para se acabar a competencia
De propostas em si taõ differentes
De alguns farei mui breve confe-
rencia.
O grande Xerxes c'o, milhões de
gentes
Gozando em paz a grande Monarquia
De seus Reinos quietos, e florentes,
Quiz conquistar a Grecia c'o porfia
De tomar para si o que era alheo
Tocado de soberba, e frenezia.
Chegado a ella, conheceo o enlêo
E de poucos dalli roto, e vencido,
Desbaratado a seus Reynos vêo.
O outro Cyro fero, e taõ temido,
Se o peito moderàra denodado
E fora satisfeito c'o adquerido;
Naõ fora por Tomiris degolado,
Nem seu peito que em sangue se
mantinha
No vaso de seu proprio mergulhado.
Casos saõ da cruel vida mesquinha,
Em

Em que por culpa d'homens temerarios
Por graves deſventuras ſe caminha.
Nimguem ſe livra de ſucceſſos varios
Se naõ ſe conſervar c'o a paz amada,
Em ſeus termos ſuaves, e ordinarios.
Couſa foi dos antigos bem notada
Nos Alexandres, Pirros, e outros taes,
Reprovando de guerras ſua jornada.
Haverem que nos Paços ſeus reaes
Puderaõ ſer ſupremos, e excellentes
Gozando fama, e nome de immortaes.
E ſendo dano cruel de tantas gentes
Podéraõ com viver menos famozos
Mais quietos viver, e mais contentes.
Sentença foi de ſabios curioſos
Dizerem que mais val aos Reis da terra
Ser juſtos do que val ſer poderoſos.
Charles o diga que movendo a güerra
De Borgonha pacifico Senhor
A França c'o ajudas de Inglaterra,
Com ira pertinaz, e vaõ furor

Mor-

Morto ficou na empreza, em que
perdido
As esperanças cortou de seu valor.
O mesmo se dirá do mui temido,
E podoroso Rey graõ Carlo Octavo
Que em seus Reynos quieto e bem
servido
Lançou na roda da Fortuna hum
cravo,
Com que cuidando que a tinha presa
Sahio de França poderoso, e bra-
vo,
E por Italia sem achar defeza
Com só fama das armas pode tan-
to,
Que de todo se fez Senhor da em-
presa;
Dando, partindo, e dispondo quan-
to
Quiz ordenar na prospera ventura
Sem nas voltas cuidar de dôr, e es-
panto.
Seus mimos da fortuna mal segura
Qual maravilha foraõ, que num dia
Abrindo a flor, a sêca, e trans-
figura.
E tal foi deste Carlo a Monarquia,
Que vendo-se famoso, e prepotente
Se

Se quiz perder por fumos, e ou-
 sania.
Voltando-se o que fez prosperamen-
 te
Em tantas perdas; e adversidades
Que escapou dellas milagrosamente.
E cheo de ancias, e necessidades
Véo de Italia roto e perseguido
A seus Reynos por mil difficulda-
 des.
As quaes vivas trazendo no sentido
Cuidando em sua miseravel sorte
Do Ceo foi c'o remedio socorrido.
Que a Rey taõ triste naõ pareceo
 forte,
Mas antes amigavel, brando, e le-
 ve
C'o que de angustias o livrou sua
 morte.
De Filippe seu pay tambem se deve
Lembrar na vinda para Rey de Es-
 panha
Quantos contrastes da fortuna teve.
E como sem seguir cousa tamanha
A França vêo com perseguições
De armada, e forças que a direito
 acanha.
Fora dos Reynos as expedições
 Sem-

Sempre deraõ trabalhos neste mundo
Incendios, mortes, roubos, e afli-
 ções.
Qual no filho de Hanrique Rey se-
 gundo
Dom Joaõ primeiro contra Portugal
O juizo de Deos se vio proffundo.
E depois disso noutra empreza tal
Tornou perdido Dom Affonço quin-
 to
A estes Reynos com successo igual.
ElRey Francisco entre os mais que
 pinto
Vimos de Italia com trabalho, e
 pena
Humas vezes lançado, outros ex-
 tincto.
E inda que venceo na de Ravena,
As mortes foraõ tantas, que a vi-
 ctoria
Foi mais adversa, do que foi se-
 rena.
E inda que deixou de si memoria
Nas partes a que foi sempre famosa
Em França fora muito mor sua glo-
 ria.
E sem contendas, e tençaõ danosa
Tivera livre das expedições

Em

Em seus Reynos a mansa paz di-
toza.
E sem querer domar outras Naçoens
De todas as do Mundo respeitado
Fôra sempre nas grañs ocaziões.
Naõ se vira depois desbaratado
Sustendo na de Pavia o grave pezo
Da batalha, te ser nella cercado,
E do bravo Espanhol com peito
acezo
Mais que com força da espada, ou
lança
Delle, nem doutros fora entrado, e
prezo.
Caso a pôs este da cruel mudança
Vir preso a Espanha Rey taõ podo-
so,
A' vista dos Estados seus de França.
E inda que tinha vencedor piadozo,
Hia com tudo taõ Real, e insinto,
Que nada lhe faltou de desditoso.
Mas já quero sahir do labirintho
Destas Tragedias, pois por mais
que as siga,
Em muitas outras ficarei sucinto.
De Princepes a paz felice amiga,
Seus Estados conserva, e engrandece

Ande, ou desande a fortuna imiga.
E bem ganhado na concordia crece,
E na discordia tanto se consume,
Quanto na doce paz, e amor flo-
rece.
O Rey que da razaõ c'o claro lu-
me
Seguir as ordens da Philosofia
Vencido tem das cozas o alto cu-
me.
Esta quis Salomaõ quando podia
A ver de Deos os bens que lhe pe-
dice
Que só quis delles a sabedoria,
E inda que de Deos a conseguice
Em só esta lhe dár tudo o da terra,
Quis que nella gozasse, e o posui-
se,
E de seu pay David que a paz des-
terra
Naõ quiz fosse seu Templo edeficado
Por homicida, e famoso em guerra.
D'Egypcios simulacro foi lova-
do
Mostrár seus Reys hum ponto cer-
to, e novo,
Que hum olho foi cũ Ceptro só pin-
tado.

Por-

Porque o olho ſeu (ſe bem o provo)
Aviza, que veja o Rey cõ a prudencia
Qual deva o Cetro governar ſeu pôvo.
Os de Tebas tambem por excellencia
Da juſtiça, quizeraõ que ſem mãos
Tiveſem della os ſeus a preſidencia.
E cegos juntamente os peitos ſaos
Com pureſa julgaſſem as acções
Livres de rogos, e reſpeitos vaos.
Imagens ſaõ de ſantas prevenções,
Que os Princepes, os Reys, e Emperadores
Eſcritas devem ter nos corações.
E como ſombra, a terra ſaõ maiores,
Ou ſejaõ nas virtudes, e inteireza;
E de todos os bons ſempre os melhores.
E com Real favor, e candideza
Defendaõ ſeus vaſſalos, e enrriqueçaõ.
Officio proprio da Real grandeza.
E das falças lizonjas ſe avorreçaõ
Verdade amem com ſeveridade

Seguros das merces os que as mereçaõ.
Carneadas sentindo esta maldade
Vêo a dizer que tudo aos Reys mentia,
E que o cavalo só lhe diz verdade.
Que se domar seu brio naõ podia
Dava com elle em terra forioso
Ensinando a saber quem naõ sabia.
Estado he o dos Reys sublime, e honrozo,
Se com Filosofia sempre unido
O Rey for sabio, por quanto he poderoso.
E assi na paz por santas leys regido
Os bens consiguirá perfeitamente
Dos bons amado, e dos maos timido.
Aqui lembro, Senhor, humildemente
Exemplos de Conquistas já passadas,
Que bem podem servir no que he prezente
Que

Que ſendo c'o reſguardo pondera-
das,
E antes de as provar bem entendi-
das,
Quanto forem dos ſabios aprova-
das,
Tanto ſeraõ de Deos favorecidas.

OITAVAS

A S. Pedro, quando Christo pôs os olhos nelle em Caza de Caifaz, que sahio fóra chorando.

I.

NA noite que quis Deos Omnipotente
Ser avexado, prezo, e perseguido,
Que em caza de Caifaz vio entre a gente
Saõ Pedro estar confuzo, e afligido;
E vendo que o negára ingratamente,
Lembrado ali de quem fora esquecido
Nũ passo taõ estreito como aquelle,
Pôs com grande podêr os olhos nelle

II.

Qual setta velocissima sahida
Do arco que voando a despedio,
Que antes de se ver está metida
Nas entranhas daquelle que a sentio:
Assim de Christo a vista esclarecida
A Saõ Pedro de novo amor ferio,
Que logo saluçando no accidente
Sahio fóra chorando amargamente

Di-

III.

Dizendo-lhe, Senhor, onde me hirei,
Pois me viste no trance em que me vi?
Que posso confessar pois te neguei?
Que poderei ganhar pois te perdi?
Que poderei fazer, ou que direi,
Pois pude prometter, e naõ compri?
Tu vez, e sabes se te quero, e amo
Por mim choro, Senhor, e por ti clamo.

IV.

Onde me esconderei que te naõ veja?
Ou onde posso estar que me naõ vejas,
Da carne livra esta alma que o dezeja
Levando-a para ti pois a dezejas;
Que a vida naõ ha já para que seja,
Nem eu te peço que por ella sejas:
Ovelha sou das tuas já perdida
Naõ me deixes Senhor sem ti com
vida.

V.

V.

Fui pobre pescador, cuja simpreza
Em altos bens por ti se converteo,
E se por te seguir deixei pobreza.
Minha alma em te seguir s'enrequeceo.
Mas hoje recodindo a natureza
De ingrato, deslial, a terra, e Ceo
Por te negar Senhor Deos de verdade
Em lugar de castigo achei piedade.

VI.

Bem pago estou de quanto esta alma sente
O immenso trabalho em que te vejo,
Pois com nelle te ver, vi claramente
Tirar-se-me da morte o medo, e pejo:
E inda que vou tarde, irei contente
Buscando aquella que por ti desejo;
Mas pouco faço, pois em tal discordia
Em teus olhos achei misericordia.

VII.

Ha! cordeiro de Deos manſo, e benino
Que te querẽ judeus falſos, e increos ?
E porque poderá ſeu deſatino
Deſconhecer na terra o Rey dos Ceos;
Com elles fui atras Judas malino,
Elle vendendo, e eu negando a Deos;
Lagrimas ſejaõ meu amargo fruto
Sem nunca dellas ſer meu roſto enxuto.

SO-

SONETO.

A' conta que devemos dar a Deos.

DOs annos mal gaſtados pede a conta
Aos mortaes o graõ Senhor do tempo,
A conta he larga, e taõ breve o tempo,
Que naõ ouſaõ chegar a lhe dar conta!

A deſpeſa naõ tem ordem de conta
Perdenſe as oras, e perdeuſe o tempo,
E para ſe ganhar naõ he já tempo ,
Que apreſſa naõ lhe deixa dar boa conta :

Culpa he dos homens, mas naõ he do tempo,
Em deixar quando podem de dar conta
Guardandoa por deſcuido a pior tempo ;
A vida corre e naõ diſcorre a conta
Mas no fim correrá fora do tempo,
Com nome de caſtigo, e naõ de conta.

SONETO.

A' Pobreza.

MAnſa pobreza juſtamente ama-
da,
Segura, fuerte, dulce y ſaboroſa,
No triſte, no pezada, mas dichoſa,
Sierva de Dios querida y regalada;

Da diva ſanta bien aventurada,
Rica, blanda, quieta y amoroſa,
Señora univerſal de toda coſa
Que tienes todo no teniendo nada;

Gracia, de muchos deſagraciada
De Cielo y tierra, un grave funda-
miento
De gloria, de valor, y de grandeſa;

Por ti la vida dexa enrriquecida
Cobdicias de levar el penſamiento
Que no querer riquezas, es riqueza.

SONETO.

A' Ingratidaõ dos homens a Deos.

AS cousas se dispoem com maõ severa
Por ordem singular da Natureza,
O verde prado, as flores na beleza
Renovaõ na suave primavera:

As Onças, os Leões, e a Tigres fera
Por desertos se apartaõ d'aspereza,
E todas as mais cousas com pureza
Em seu destino a razaõ tempera:

As Estrelas, o Ceo, o Mar, e a Terra
Seguem humildes sua temperança
Em seu termo preciso e limitado:

O homem só a Deos faz crua guerra,
Que sendo de Deos feito á semelhança
Rebelde lhe he soberbo, e levantado.

SO-

SONETO.

A' Temperança.

GUardar a ſanta mediocridade,
Euitar os eſtremos vicioſos
Com freos apertando riguroſos
As furias eſpantoſas da vontade:

Os erros temperar da pouca ydade
Seus leves appetitos trabalhoſos;
O pouco, e muito, termos ſaõ ditoſos,
E bem regidos ſaõ felicidade;

O muito ſe conſume com violencia;
O pouco creſſe com ajuda expreſa
Da ordem dos prudentes moderada:

Pelo que cumpre que noſſa deligencia
Siga em tudo com vagar ſua preſa,
Que o pouco he muito, e ho muito he nada.

SO-

SONETO.

O que val Mentira, o Interece, e Favor.

PRaguejasse no mundo por costume,
Porém naõ com razaõ de amor perfeito,
Os rogos, e afeições saõ por respeito,
A chegas do favor, ou do queixume:

O virtuoso que medrar presume
Naõ ponha nas virtudes seu direito,
Mas busce noutros meos o proveito
Com que tudo se ganha, ou se consume:

Alcancasse o melhor com deligencia,
Com graça, com favor, e com valia,
Que saõ no mundo a parte mais segura!

Mas isto a par de Deos he ignorancia,
Elle premita vermos algum dia
Que quem tem a razaõ, tenha ventura.

SO-

SONETO.

A' Fantesia.

EM varias formas corre a fantasia
Por leves accidentes da vontade,
Magina, e anda com velocidade
Do mundo as partes todas num só dia;

Vontade a leva pela solta via
De pensamentos em que a liberdade,
Sem deleytes lhe dár na variedade,
Torna os cuidados em malenconia:

Assi se vai de hum mal a outros mayores,
Porque seguimos o que naõ devemos,
A desejos sugeitos, e accidentes;

Largo caminho de tormento, e dores
Que em roda viva d'asperos estremos
Nos deixaõ como em sonhos de doentes.

SONETO.

A' Amisade.

AMor que tudo vence entre os nacidos
Em termos poem perfeitos de amisade
Dous corações iguaes numa vontade,
Promptos conformes num querer unidos;

Da natureza vaõ favorecidos
Aquelles que em amor, e caridade,
Se amaõ, e se querem com verdade
Dos odios, e contendas esquecidos;

Mas inda que sabemos que os amigos
Saõ muitos, (dos bens sempre adversarios)
De que devemos ter graõ pena, e magoa;

Devemos procurar ter bons amigos;
Pois estes muito mais saõ necessarios,
Que para bem viver, o fogo, e agua.

SO-

SONETO.

A Memoria.

FUente de bienes y dulce desen-
gano
Contra fortuna y fuerças de tormi-
ento,
Bibo retrato de contentamiento,
Es la memoria del passado damno;

Acordarce del mal es bien estrano.
Al que libre se vee del sentimiento,
Y de los bienes el entendimiento
Estee libre de recelos del engano:

Tu dichosa memoria al bien segura
Destierras el olvido tu inimigo
No le dexando desear remedio:

Bibos y muertos en la sepultura
Todos se allan en plazer contigo,
Que a los estremos sueles dar el medio.

SONETO

A' Humà dama.

SI gran gloria me viene de mirarte
Es pena disigual dexar de verte,
Si presunio com obras merecerte,
Gran obra del engano es descarte:

Si quiero por quien eres alabarte,
Es cierto de quien soi el ofenderte,
Si mal me quiero a mi por bien querter,
Que premio quieres mas que solo a marte!

Si un amor tan raro se perfiere
Al humano thezoro y dulce gloria
Que quieres mas del alma q̃ te quiere?

Siempre firme estaras en mi memoria
Y el alma vivirá que por ti muere,
Que al fin de la batalla es la vitoria.

SO-

SONETO.

A' hum Retrato.

DO paraizo mostra esta figura,
Mais que mortal angelica belleza,
Em que a arte se esmerou, e a natureza
Para nella chegar a mor altura;

Dignissima de imperio em fermosura,
E nos dotes igual da gentileza,
Piquena estampa de maior grandeza
Aquem se deve a mais alta ventura;

Retrato singular, raro, excellente
Que com seu resplandor claro, escurece
As estrellas, o Sol, o Ceo, e a Lũa;

Maravilha do tempo, honra da gente,
Que so consigo mesma se parece,
E he so das grandes sobre todas huã.

Mote, e Volte sua.

FEsvos Senhora a ventura
Muito dura, e rigurosa,
Porém fesvos mais fermosa
Que rigurosa, e que dura.

Volta.

Fez vossa figura bella,
E depois de a fazer
Arrependeo-se de ver
Que ereis mais fermosa qu'ella,
E entaõ de enveja pura
Deu vos dura, e rigrosa,
Porem fez vos mais fermosa
Que rigurosa, e que dura.

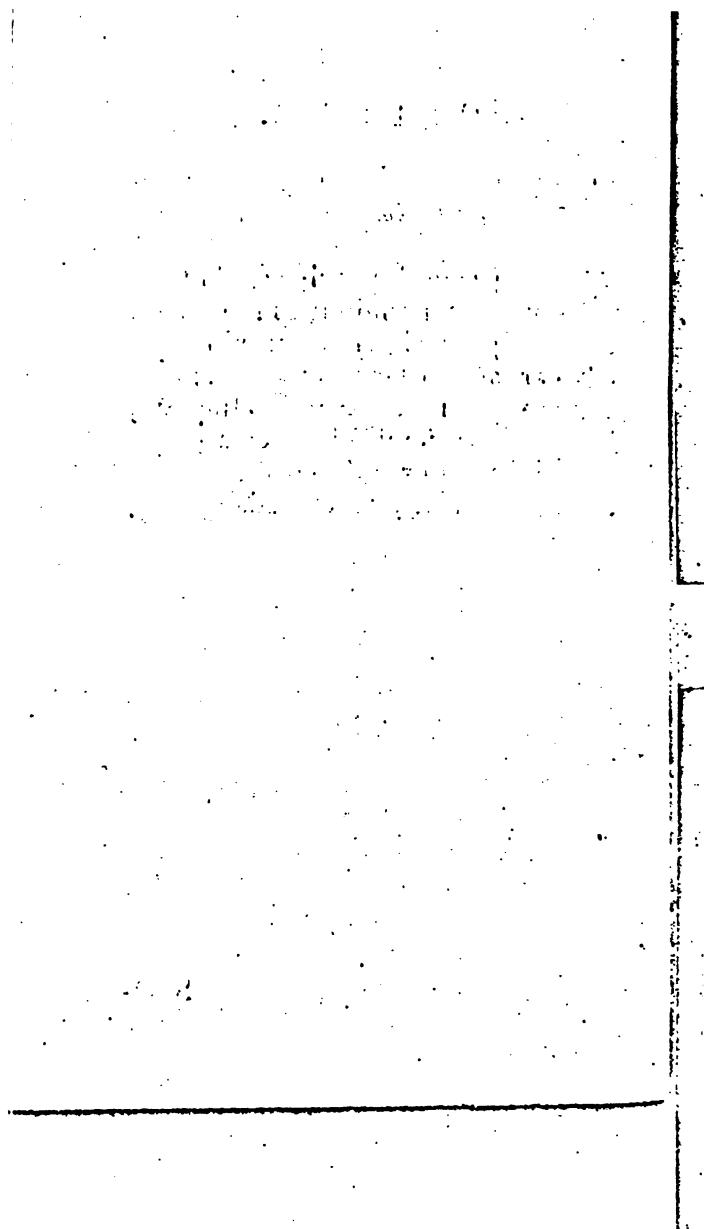
De taõ rara, e peregrina
Perfeiçaõ, só se espera,
Por natural naõ ser fera,
E ser branda por divina;
Furtai a volta a ventura,
Que se vos fez taõ fermosa
Como adultera envejosa
Vos quis rigurosa, e dura.

Ou-

OITAVA.

De Openioens sobre a morte de Lucresia Romana &c.

SE culpa tens Lucrecia no adulterio
Foi justo premio tua morte fea,
E se culpa naõ tens, foi vituperio
Chegar ate matar por culpa alhea:
E posto que das castas tens o Imperio,
E por fama geral assi se crea;
Ainda nella duvidosa corres
Se castas vives, se culpada morres.

SO-

PRINCIPIAÕ
AS
OBRAS.
DE
FRANCISCO GALVAÕ.

Eſtribeiro do Duque D. Theo-dozio. &c.

SONETOS.

Suppoſto que os Sonetos vem ſem ordem, e miſturados com outras Peças de Poezia, eu os puz em Collecçaõ dividida, e methodica.

A' Noſſo Senhor.

INda Redemptor meu, que em offender-te
Horas, dias, gaſtei, mezes, e annos,
Tanto que cego já em meus enganos
Naõ via quam grã perda era perder-te.
Eſta alma por quem quizeſte offerecer-te
Na Cruz, livra Senhor dos tres tyranos
Imigos ſeus, e dos eternos damnos,
E a ti para quem viva, a converte.
Aquelles brandos olhos que puzeſte
Em quem fé te quebrou que os ſeus fizeraõ
Chorar a ſua culpa amargamente.
Põe tu Senhor nos meus que em ti esperaõ
As lagrimas que dá, ſei que tu deſte,
Que chorem o mal paſſado, e o mal prezente.

SONETO

A' Paixaõ.

POrque a tamanhas penas se offerece
Pelo peccado alheio, e erro insano
O terno Deos, porque sugeito humano
Naõ pode com o castigo que merece?

Quem padecêra as penas que padesse,
Quem soffrêra deshonra, e tanto dano
Ninguem, se naõ sómente o Soberano,
Que reina, serve, manda, e obedece.

Foi a força do homem taõ pequena,
Que naõ pôde sofrer tanta aspereza
Pois naõ sustem a ley que Deos ordena.

Soffreo aquella immensa fortaleza
Por puro amor á nossa vil fraqueza
Pera o erro foi só, e naõ p'ra pena.

SO-

SONETO.

Ao Santissimo Sacramento.

O Bien, e graõ ventura dezeada!
O grandes priendas del amor divino!
O clara cumbre que del Cielo vino
Com infinito amor commonicada!
Manjar que dexa el alma consolada
Donde se vino a dar Dios uno e trino,
O verdadera guja del camino
Doce repozo d'alma fatigada.

Oh Pan de mil sabores excellente!
Hartura del que estaa de vos hambriento!
Dulce Maná de aquel q̃ solo vos ama:

Quando Senor sui vielo de acadente
Dareis seguridad al pensamiento
De siempre arder en amorosa llama.

SONETO.

A' nosso Senhor.

O Tu de puro amor Deos fonte pura!
Ó paternal bondade mais que humana,
O' Deus, luz eternal, e soberana
Deus meu, nova, e antiga formosura.
Naõ póde haver sem ti coiza segura,
Pois o seguro ser de ti só mana,
Como está fora de si, como se engana
Qiem fóra de tī bem algũ procura.

Sem ti caminha vago o pensameuto,
Sem ti pera mor mal, e toda gloria
Sem ti coberto estou de escuridade:
Mas em ti fixa está minha memoria,
Em ti repouza meu entendimento,
Em ti se satisfaz minha vontade.

SONETO.

Ao Menino Jesu.

COmo, ſe do Ceo és Senhor ſuperno,
Te vejo oje meu Deos pobre menino!
Como te offende o frio Rey divino,
Se tens dos Elementos o governo!

Como agora do ventre teu materno
Naces, ſe es do principio uno,e trino?
Como choras ſe cantaó de contino
Os Anjos a quem dàs prazer eterno?

Como ſe es Verbo tu do Padre immenſo
Naó me fallas Senhor? como ſe infante
Maravilhas ao mundo já fizeſte?

Como ſe es Deos te falta o ſacro inſenſo,
Se homem como to daó! ninguem ſe eſpante
Que homem tereno ſou, ſou Deos celleſte.

SONETO.

A' Jezu.

O Gosto, contentamento, e alegria,
Sentidos, conhecimento, e entender,
E meu sobejo amor, e bem querer
Ati se offerece, ó filho de Maria.

Se mais tivesse esta alma te daria,
Podes este pobre dom enriquecer,
Tu que deste à pobreza tanto ser,
Que sobre os coxos jaz sua valia.

Aceita, e terno bem, o que me deste,
E torna a receber o que compraste
Tornando a reformar o que fizeste:

Esta ovelha perdida que buscaste
Por estes valles fundos que deceste
Nos ombros a sobirás, onde a criaste

SO-

SONETO.

A nossa Senhora.

EM todo sois hermoza amiga mia
Por vos toda alma bive en gusto
y fiesta,
E os Cielos proguntan quien es ésta
La sarsa que en el fuego vivo ardia.

Aquella bientidissima Maria,
Que junto a la Cruz sola estava puesta
Sofriendo los calores de la ciesta
Por nos dexar a nós templado el dia.

O' lumbre de la noche mas escura,
O de la via de la mar seguro puerto
Base de la amistad que siempre dura:

O' vasso de aquel Maná s'umma
doçura,
O conçierto de nuestro desconcierto
O çedro de incorruption y de hermo-
sura.

SONETO.

A' Cruz.

O Glorioza Cruz, o victuriozo,
Tropheo, de mil despojos rodeado!
O sintil escondido, e ordenado
Para remedio taõ meravilhozo!

O' fonte viva de licor preciozo
Por ti nosso mal todo foi curado,
Em ti o Senhor que forte era chamado
Quis merecer o nome de piadozo.

Em ti se acabou o tempo de vingança,
Em ti misericordia assim florece,
Como despois de a ver a primavera.

Todo imigo ante ti desaparesse
Tu podeste fazer tanta mudança
Em quem nunqua deixou de ser quem era.

SO-

SONETO.

A Nossa Senhora.

PEra se enamorar do que formou
Te fez Deos, santa Virgem, (1) Virgem pura,
Vede que tal seria esta feitura,
Pois quem a fez pera si so a gardou?

No seu santo concepto te geiou
Primeiro que a primeira creatura,
Pera que unica fosse a compostura
Que de tam longo tempo se estudou.

Naõ sei se direi nisto quanto baste
Pera exprimir as santas calidades,
Que quis crear em ti quem tu creaste:

Es madre, filha, espoza, e alcançaste
Sua ser, tres taõ altas divindades
Foi porque a tres em sua soo agradaste.

(1) O original dis *femea*, pareceo aos sabios Aristaricos que se omitisse, e se suprisse com o Vocabulo Virgem equivalente.

SONETO.

A' Nossa Senhora.

O' Puriſſima fonte perenal!
O' Mãi chea de miſericordia!
Pera a paz eſcolhida, e p'ra concordia
Ante Deos, e a linhagem humanal.

O' vazo de ſubſtancia divinal,
Já creada ab initio ante primordia,
Cujo fruito desfez toda a diſcordia,
Que ſua fez no ceio virginal.

Vos ſoo foſte Senhora ſeparada
Da materia vulgar da humana gente,
Vos de ſua quinta eſſencia ſoo formada:

De outros elementos differente,
Vos ſoo ſois dos peccados avogada
E vòs madre de Deos omnipotente.

SONETO.

A' S. Hieronimo.

EM aſperas montanhas encerrado
Sofre de beſtas feras o bramido,
Por naõ ſer com aquelle doce ruido
De Sereas mundanas regalado.

Vê o chaõ c'os lagrimas regado
Con dura pedra o peito ſeu ferido,
Porque rebelde ao corpo, e já vencido
Foſſe da ſan razaõ encaminhando

.O'alto Deos que tanto te eſmeraſte,
Que o que em muitos homens repar
tiſte,
Só no grande Hieronimo encerraſte,

O' grande dôr que em duvida
pozeſte,
Se foi maior o exemplo que deixaſte,
Se foi a ſanta vida que fizeſte.

SONETO.

A' Santa Clara.

NO nome Clara, e clara mais na vida,
Que lhes mais clara que a aurora clara, e pura,
Pois tiras com teu lume a treva escura,
Que a mortal gente ja tinha opremida.

Formoza Clara, estrella que saida
Com luz clara a este valle de amargura,
Foste guia fiel, sabia, e segura
Da sacra turba a Deos offerecida.

Pois já que nessa clarifica vizaõ,
Gozando estás da vida illustre, e rara,
Com triunfo immortal, e alta victoria.

A clara com teu lume o cego, e vaõ
Caminhando com os mortaes, pois foste clara
No nome, no saber, na fama, e gloria.

SONETO.

A' nossa Senhora.

O' Clara luz formoza, e bem nascida
De nossa salvaçaõ certa esperança,
Porque já o mortal de novo alcança
A sua paz por Eva, e Adaõ perdida.

Pois tomaes Pai divino humana vida,
Com que de cansado o mundo já descança,
Por taõ alta merce, taõ alta herança
A gloria a vos se dê, a vos divida.

E destes campo os rusticos pastores
O vosso nome alçando aos Ceos serenos,
Espalhem sobre vos mimozas flores:

Pois eu hum pastor vil q̃ posso menos
Ensinarei cantar vosso lovores
Neste campo aos rosaes frescos, amenos.

Li-

Sicut Passer solitarius in tecto
Soneto.

QUal triste solitario no telhado
Fogirei toda a humana com-
panhia,
Até que me amanheça aquelle dia
Que em ti meu Deos me veja trans-
formado.

O' dia mais qne todos dezejado
Naõ me escondas tua luz, e alegria,
Se algum mal de minha alma te desvia
A vida acabarei neste cuidado!

O' cego, pobre, vaõ entendimento
Quando entenderás esta verdade
Pois q̃ a obra embaraça o teu intento:

Deixa vir adiante esta vontade,
Porque ella guiará teu entendimento
A regiaõ da summa claridade.

CAN-

CANTIGAS
A
NOSSO SENHOR.

O' xpo Rey da gloria
Levaime daqui,
Que ares desta terra
Naõ saõ pera mi.

VEome por erança
Viver desterrado,
Como a Perlado
Vos peço mudança,
A' bem, aventurança
Levai-me daqui,
Que ares desta terra
Naõ saõ para mi.

Saõ ares corruptos,
Terra doentia,
Grande calmaria
Malles todos juntos
Ando entre brutos
Levai-me daqui,
Que ares desta terra
Naõ saõ pera mi.

Quau-

Quanto mais vivendo,
Tanto mor perigo,
E quanto mais vivo
Mais me vou perdendo:
Senhor naõ me entendo
Levai-me daqui,
Que ares desta terra
Naõ saõ pera mi.

Tudo me faz mal
Por mais que me guarde,
Contra minha vontade,
Passo vida tal
Ao meu natural,
Levai-me daqui,
Que ares desta terra
Naõ saõ pera mi.

Vendo-me auzente
De vos minha gloria,
Naõ faso memoria
De quanto he prezente,
Vivo descontente
Levai-me daqui,
Que ares desta terra
Naõ saõ para mi.

An-

Ando taõ cansado
De me resistir,
Que venho a cahir,
E ter mal dobrado,
Peso ser mudado
Levai-me daqui;
Que ares desta terra
Naõ saõ pera mi.

Vida taõ cansada
Já agora aborreso,
De tudo me esqneço,
Porque tudo he nada
A' eterna morada
Levai-me daqui,
Que ares desta terra
Naõ saõ pera mi.

Minha compreiçaõ
Aqui se amofina,
A vos se inclina
De toda a feiçaõ,
Sempre serei saõ
Levai-me daqui
Que ares desta terra
Naõ saõ pera mi?

Se me naõ levaes,
Andarei enfermo
Vivendo neſte hermo
Antre animaes,
Tormentos mortaes
Terei ſempre aqui
Ares deſta terra
Naõ ſaõ pera mi.

Além do pecado,
Minha condiçaõ
Mizerias de Adaõ
Inimigo danado
Trazendo canſado,
Levai-me daqui,
Que ares deſta terra
Naõ ſaõ pera mi.

Lembre-vos Senhor
Que quizeſtes naſcer,
E na Cruz morrer
Por mim pecador,
Por voſſo amor
Leuai-me daqui,
Que ares deſta terra
Naõ ſaõ pera mi.

Fra-

Fraca natureza
Ligeira ao mal
Dado um natural
Inpotencia, tibeza,
Tudo isto me peza
Levai-me daqui,
Que ares desta terra
Naõ saõ pera mi.

Mil obrigaçóes
Tenho que comprir
Malles que fogir,
E mil tentaçóes,
Estas ocazióes
Me tem posto em si
Que ares desta terra
Naõ saõ pera mi.

Estando vós na terra
Tinha pasiencia,
E em vossa auzencia
Sinto maior guerra,
Muito mais me desterra
Irdevos daqui,
Que ares desta terra
Naõ saõ pera mi.

Com

Com grande alegria
Sobis á reinar,
Soo a povoar
Diverſa armonia,
Com voſco eſte dia
Levai-me daqui,
Que ares deſta terra
Naõ ſaõ para mim.

Sobis triunfante
Vendo-vos os voſſos
Onze Ceos mui groſſos
Paſſaes num inſtante,
Foſtes-vos diante,
Lembrai vos de mi,
Que ares deſta terra
Naõ ſaõ para mi.

Quem, Deos meu ſentira
O que ali ſe ſente,
Quem ſe achàra prezente,
Senhor que vos vira.
Com voſco ſubira
Naõ ficara aqui,
Que ares deſta terra
Naõ ſaõ pera mi.

Voſ-

Vossa humanidade
Foi hoje exalcada,
Està acentada
A dextra do Padre,
Grande dignidade,
Mas eu fico aqui,
Que ares desta terra
Naõ saõ pera mi.

Diz-me o coraçaõ
Que naõ more cá,
Que aonde a cabeça estaa
Os membros estaraõ.
E ja que eu vosso saõ
Levai-me daqui,
Que ares desta terra
Naõ saõ pera mi.

CAN-

CANTIGAS A NOSSO SENHOR.

Quem me ora dera
A Deos que dezejo,
Por ter quem naõ vejo

AQui neste dezerto,
Em degredo ando
Meus malles chorando,
Porque sempre erro,
Ando suspirando
Por bem que dezejo
A Deos que naõ vejo.

Ando esperando,
Batendo nos peitos
Por justos respeitos
Meus feitos penando.
Todo iya amando
O bem que dezejo
A Deos que naõ vejo.

Naõ

Naõ vadez perdidas,
O' lagrimas tristes
Buscando o que vistes
Passar com as vidas,
Mas antes sobidas
Ao que naõ vejo
Farteyme o dezejo?

Dali me trazeis
A Deos que se esconde,
E sabereis por onde,
Me lá levareis.
De Deus me dareis
Novas que dezejo,
Pois que o naõ vejo.

De mim lhe contai,
Que estive enganado,
Por culpas errado
Do primeiro pai,
Dele me alcançai
Por fugir do que vejo
Deos, que dezejo.

Da hi vos tornei
A quem fiqua penando,
E ſoo ſuſpirando
Por ſaber o que vai,
E a mim contai
De hum bem que dezejo,
O qual qua naõ vejo.

* * * * *

Da

De Paulo Virginal.

LA noche já eſtaba
Em medio de ſu curſo y grã luzero,
Del bien determinaba
Moſtrar-ſe por entero
Dulce Maria Virgèm por ti moero

La Virgen partia
Com el Eſpozo, caſto, i mui çincero
Com ſu boz que predia
El biento ligero
Dulce Maria Virgem por ti múero.

Em medio del camino,
Em ſu preſepe pobre de hum pagero
Pario a Dios divino
Hombre y manſo cordero
Dulce Maria Virgem por ti muero.

Ofrecille paſtores
Dones, com rigoziſo plazentero
E dezid com clamores
Eſte he Dios verdadero
Dulce Maria Virgen por ti muer.

I CAN-

CANTIGAS DE XPO
A
SAM JOAM.

Ja que virme, e deixarvos
Tanto me he forçado,
Sobre este meo peito
Dormi meu amado.

COm a alma chea
D'angustia, e dôr
C'o seus posto á cea
Estava o Senhor,
Dizendo com dôr
Todo traspassado,
Sobre este meu peito
Dormi meu amado

Naõ dis a alguem
De toda a companha,
Mais que ao que tem
Afeiçaõ estranha,
Com magoa tamanha,
E taõ magoado
Sobre este meu peito
Dormi meu amado.

E

E ali com elle
Se a vendo de ſorte,
Como quem aquelle
Que hia pera a morte,
Cada vez con forte,
E mais duplex dobrado
Sobre eſte meu peito
Dormi meu amado.

Chegai onde os Anjos,
Chegar naõ poderaõ,
Sabei o que Arcanjos
Saber naõ poderaõ,
Nem quantos vieraõ
Des de Adaõ formado
Sobre eſte meu peito
Dormi meu amado.

Recolhei as arcas
De mim mais ſecretas
Riſcai Patriarcas,
Excedei Profetas
Contemplai as ſetas
De que eſtou paſſado,
Sobre eſte meu peito
Dormi, meu amado.

Nas entranhas minhas
Metei vossa maõ,
E tanguei as linhas
De meu coraçaõ,
Que ellas vos diraõ,
De que vou penado,
Sobre este meu peito
Dormi meu amado.

As dores acerbas
De meu cru tormento
Tangei, e as verbas
Do meu testamento.
Como he meu intento
Deixar-vos morgado
Sobre este meu peito
Dormi meu amado.

Certeza damor
Auzente comsiguo,
He maior darnos dor
Que quando propinquo.
Do gume, e do vinco
Deste amor tocado,
Sobre este meu peito
Dormi meu amado.

Tomai a dormida
A' sombra do monte;
E bebei da fonte
Em ella escondida.
Da agoa da vida
Sê-de enebriado;
Sobre este meu peito
Dormi meu amado.

Como meu leal,
E fiel secretario
O abe-cedairo
Correi de meu mal,
Se foi nunqua tal
Nem tam magoado;
Sobre este meu peito
Dormi meu amado.

Imprimis herdeiro
Como virvos por linha,
Sereis da mãi minha
Filho companheiro,
Irmaõ meu inteiro
Per verba gerado;
Sobre este meu peito
Dormi meu amado.

Seu

Seu presbiteral
Capitaõ a latere
Ungido em carat're
Da mor divinal,
Nisto sem igual
Antre o Apostolado,
Sobre este meu peito
Dormi meu amado.

Na paixaõ constante,
Sem nunca deixarme,
Meu exaqueante
Até sepultarme.
Com de agoas banharme
Meu corpo sagrado,
Sobre este meu peito
Dormi meu amado.

Por amor, e afeiçaõ
Na fé nunqua á retro,
Em a resurreiçaõ
Corres citius Petro,
Do vencedor ceptro,
E amor ganhado
Sobre este meu peito
Dormi meu amado.

Se-

Sereis ſobre Apoſtolo,
Claro Evangeliſta
Com diviſa, e ròtolo
De Eſcrivaõ à viſta,
Dos Ceos Coroniſta
Sereis ſublimado,
Sobre eſte meu peito
Dormi meu amado.

ELE-

ELEGIA.

Domine ne in furore.

QUe será dum pecador taõ emperrado
Na malicia tanto tpo com eu,
Se for ainda com rigor julgado?
Abranda, piadozo Deos, o furor teu,
Que já penetraõ o meu duro peito
As setas dos teus olhos por bem meu.
Todo ante ti sou hum só defeito
Traçado de mil malles, e composto
Sem ter temor algum, algum respeito.
Amim mesmo confundo e dou desgosto
Enxugaõ-se os meus olhos com paixaõ
Tomando-te ati por pressuposto.
E assim que terribel guerra daõ
As lembranças de meus erros passados
Aos olhos, a alma, e ao coraçaõ.
Sejaõ pois, bom Jesu, já perdoados
Reformarmeei áquella inocencia
De que alongado estava por pecados.
Por-

Porque me trata mal a crua auzencia
Entregando-se a seus vicios corrupta
A carne bestial sem continencia.
Ah meu doce Jesu, quam pobre fruita
Tem esta planta tua produzido,
A qual devera só ser incorrupta.
Inclina pois, Deos meus, o teu ouvido
Benigno, pio, e misericordiozo
A meu humilde, e mizero gemido.
Que hum coraçaõ taõ triste, e desgostozo
Naõ pode alevantar mais o seu brado
Estando em peito frio, e sequiozo.
Suavissimo Jesu quaõ apartado
Anda meu espirito da doçura
Aonde exestio já taõ recreado.
Hai mizero de mim, ai noite escura,
Trocada assim a morte pela vida,
E posta a inocencia em prizaõ dura.
Que remedio terá, ou que sahida
Huma alma taõ sugeita e arancada
De tantos inimigos conbatida?

A

Ah doce Jesu meu, que roim pôzada
Para teu amorozo gazalhado
Vejo, Senhor, em mim aparelhada.
Porém tu que naõ dàs premio acanhado,
S'acazo algum merece o meu dezejo
Vem bom Deos, que por ti seras honrado
Mas que digo, se lovo o que naõ vejo.

SO-

TROVAS

De hum homem aborrecido do Mundo.

ANdando hum dia agaſtado
Triſte, e mui penſativo
Foi quaze dezatinado
Meterme la apartado
Num vale contemplativo.
Chorei então com mil ais
Os malles que cometia,
E ali diſſe à alegria
Que me não tornaſſe mais,
Porque nem ver a queria.
Ali me veyo á memoria
A ſumma felicidade,
Abrazouſeme a vontade
Com o amor da minha gloria
Com mui grande ſaudade,
E mandei ao penſamento,
Que todo em Deos ſe enlevaſſe,
E vi que o Contentamento
Que ſó no mundo era vento,
Se por Deos ſe não tomaſſe.

Vi do mundo as mudanças,
E vi que os que merecem
Vivem com menos bonanças,
E que as falsas esperanças
No melhor sempre falecem.
E vi o que até ali naõ vira,
Mil cousas que ver devera,
E que já me naõ conhecia
Naquella era em que eu era
A qual fugor pertendia
E indo assim transportado
Sem atentar por onde hia,
Senti-me muito cansado
Já lá mui longe apartado
Ao pe duma penedia.
Porque acabado o arvoredo
Lá debaxo donde andava
Estava hum grande rochedo
E ali estive quedo,
E attentei onde estava.
E vi aquelle alto oiteiro
Em estremo deleitozo
Ledo, fusco, e umbrozo,
E vinha delle hum ribeiro
Fazendo som saudozo.

No

No cume do qual eſtavaõ
Arvores já mui crecidas,
E em humas dellas andavaõ
Aves que todas cantavaõ
No canto mui embebidas.
O vento que ſe metia
Na grande concavidade,
Que naquella rocha havia
Já naõ ſei como rugia
Por me fazer ſaudade.
Os meus brados retiniaõ
Naquellas ſurdas montanhas,
E como echo faziaõ
Parece que reſpondiaõ,
A's minhas doçes eſtranhas.
Sobime entaõ no oiteiro,
E ali que com grandes brados
Do fundo da alma arrancados
Ao ſom daquelle ribeiro
Chorei meus grandes pecados.
Eſtando aſentado ali
Com o roſto ſobre a maõ,
Naõ ſei como adormeci,
E niſto por ſonho vi
A propria Tribulaçaõ.

Reſ-

Resplandeceo a claridade
Que o entendimento tem,
Cujo habito he xdade
E elle propoem a vontade
Fugindo o mal, seguindo o bem.
Assim que pois por teu bem
Padeces, disse, tamanho mal
Naõ digas mal de ninguem,
Pois esse mal que te vem,
Muito mais que bem te val.
Pera que se logo requer
O prazer com seu desconto,
Que se bem quizerdes ver,
Vereis que o falso prazer
Se acaba loguo num ponto.
Naõ pode perfeita estar
A figura que he quadrada,
Mas quem ao longe a olhar
Parecer-lhe-a singular
Que he perfeita, e acabada.
Bem assim pois deste geito
O bem do mundo que amais
Sendo falço, e contrafeito
Se vos parece perfeito
He porque de longe o olhaes.

O mundo com ſeus enganos,
Dis que ſeus bens ſaõ eternos,
E elles ſaõ huns meros damnos,
Pois todos os bens humanos
Vaõ parar aos Infernos.
Eſtando aſſim às eſcuras
Sem ſaber determinarme,
Via vir duas figuras,
Que vinhaõ a conſolarme
De minhas deſaventuras.
Huma dellas parecia
A Verdade no ſemblante,
E diſſe que prometia
Que ella ſe deſcobriria
Indo iſto adiante.
Por iſſo que naõ choraſſe
Minhas dores com tal dôr,
Mas que com Deos me abraçaſſe,
E que nelle confiaſſe
Com grandiſſimo fervor.
E niſto a outra falava
Palav ras de graõ prudencia,
E ſegundo ſe moſtrava
Ella era a Paciencia
Que tambem me conſolava.

E inda que parecia,
Que era tudo efcuridade,
Com tudo dellas fahia
Huma luz, e claridade,
E affim as conhecia.
Se naõ quando eu nifto vi
Eftando affim fonhando,
Hum homem que eftava ali
Chorando de quando em quando
Porém naõ o conheci:
Com tudo fufpeitei que era
O meu Defcontentamento,
E ali fallar lhe quizera
Se mo ella naõ efcondera
Logo no meo penfamento.
Nifto dezapareceraõ
Todas aquellas figuras,
E eu ficava as efcuras
Com que muito mais crefcia
Em minhas defaventuras.
E quando me affim achei
Taõ foo, e dezamparado
Fiquei de dôr trafpaffado
E nifto logo acordei,
Todo em lagrimas banhado.

E

E aſſim andando em fragoas,
Chorei minha perdiçaõ,
Soltei os olhos às agoas,
Em que o triſte coraçaõ
Eſtilava ſuas magoas.
A minha alma ao profundo
Levar conſigo procura,
Meus imigos, conturbaõ
Niſſo, mas farei ſegundo
Miſericordiam tuam.
Uzai, Senhor, piedade;
Aumentando voſſa fé,
Deixay ja ſeguridade,
E com voſſa claridade
A peccato munda me.
Por mi ſois crucificado
Da tyrana, e cruel gente,
Offendivos feamente,
E poriſo meu peccado
Eſt contra me ſemper.
Se conforme meu merecer
Minhas maldades julgardes,
Novas penas ei miſter,
Mas a iſto dai tal ſer
Ut vincas cum judicaris.

Ho ser eu atribulado,
Naõ o cauza culpa alhea,
Por vos vem determinado,
Porque em grave peccado
Concepit me mater mea.

A verdade sempre amaste;
Isto soo notorio fique,
E por ella te entregaste
A' morte, e o que occultaste
Manifestum ficisti mihi.

Em agoa perenal
Da fonte de vosso lado,
Permeti ser eu lavado
E do peccado universal,
Super nivem de albabor.

Ouvi meu Senhor o rogo
Desta alma atribulada,
Livrai-me do eterno fogo,
Porque alegres cantem logo
Omnia ossa humiliata.

Desime entaõ do outeiro,
Já na tarde do mesmo dia,
E pusme ao pe de hum pinheiro,
Onde se ali o ribeiro
Em duas partes fazia.

E deſpois que ali chorei
Algum tanto meu peccado,
Erguime dezatinado,
Entaõ dali caminhei,
Mas bem dezemcaminhado.
O' Pai de miſericordia,
Senhor dos bens eternaes,
O meu Deos, e Rei da gloria,
Fazei que a minha memoria
Nunqua vos perca já mais.
Naõ quero ſe naõ querervos;
Naõ quero ſe naõ amarvos,
Naõ quero mais que adorarvos;
Ganhar o mundo he perdervos,
E perdelo he ganharvos.
Eſta vida que he perdida,
E a outra de ganhar,
Dezejo de ver deſpedida,
Porque na outra que he vida
Poſſa de já de vos gozar.
O xpo Rey da verdade,
Bem ſei que ſou peccador,
Mas pela voſſa bondade,
Avei de mi piedade,
Pois ſois noſſo Redemptor.

TROVAS

Sobre o Psalmo miserere mei Deus.

EM q naufragio metido
De tantos peccados meus,
Porque naõ seja perdido,
Ainda que offendido,
Miserere mei Deus.

Taõ grande foi o meu mal,
Que os ossos com a pelle
Me deixou em estremo tal,
Que p'ra me poderdes olhar
Iniquitates meas delle.

E porque em afliçaõ
Aceito a vos me acheis,
Com vossa direita maõ
Entro no coraçaõ
Innova in visceribus meis.

Pois que o numero infinito
De vossa bondade he,
Concedei-me, Senhor, isto,
E o vosso santo esp'rito,
Deus ne auferas a me.

E com vosso saudar
Acrecentai minha fé,
P'ra me poder alegrar
Com o vosso principal
Spiritu confirme me.
Pôco, e pôco vossa glòria
Fazei que vaõ entendendo
Os maos, e assim rompendo
Dos peccados a memoria
Impiis ad te convertentur.
Livrai-me, meu Redemptor,
Daquelles que continuaõ
A' minha alma dar pavor,
E a minha lingoa com louvor
Exultabit justitiam tuam.
Abri, meu Senhor, os beiços,
Que vituperar vos costumaõ
Em minha boca com effeitos
Novos, e rompendo-se os peitos
Anuntiabit laudem tuam.

FIM

PRIN-

PRINCIPIAÕ AS OBRAS POETICAS, DE VARIOS ANONIMOS,

As quaes os sabios ajuizaraõ de quem sejaõ, pela elevaçaõ, e rellaçaõ dos differentes estilos.

ELEGIA

Do peccador considerando sua baixeza.

POstrado ante o divino acatamento,
Com temor em minha alma recolhido,
Começo entrar em meu conhecimento.

Da

Da vida em vaõ cuidada, e esquecido,
Quem sou cuidando em mi, e donde venho,
De minha graõ vileza confundido,
Vejo que nada sou, nada em mi tenho
De ser meu bem que passa o propriarme,
Pois com que couza boa me retenho?
Naõ posso inda c'o nada compararme,
Que muito mais me faz vil o peccado,
A quem me quiz juntar, e sogeitarme.
Assi que confundido, e envergonhado
Querendo ver quem sou por natureza
De nada, e barro vejo ser formado.
Ajunto a pouca dura, e graõ fraqueza
Deste edificio vil, fraco, e sugeito
O mal sem ter mudança, ter firmeza.
Mas ainda q̃ de barro, e limo feito
Viver procuro, e nelle faço assento;
Como de pedra, e cal firme, e perfeito.

Com

Com longa vida, e vaõ contentamento
Naõ ſendo vida, mas continua morte,
Que tudo tras ſi leva, e torna em vento,
Deixo eſſa baixa, humana, e comũ ſorte,
Porque parece ſer conveniente,
Cuidar em ſi o barro naõ ſer forte.
Mas vendo-ſe de vil obra excellente,
Conheça que de ſi nada merece,
E todo o bem de Deos lhe vir ſomente.
Outra vejo que muito m'eſtriſtece,
Inda que della graõ poder me aparte,
Cuja malicia muito m'envilhece.
Que eſte homem poſto que de barro em parte,
Inda ſe deſte bem gozar podera
Em verſe feito tal por taõ nova arte,
Se tanto com peccar naõ s'abatera
Em bem de graõ em graõ fora creſcendo
Já nunca de baixeza ſe correra,
Mas vẽdo a geraçaõ, donde decẽdo
O nome buſco, e ſer de meus Maiores
De tronco em tronco vindo diſcorrẽdo

O

O nome que he mais proprio, he
peccadores,
Com malles, e peccados abatidos,
Em que alçar se quciraõ a Senhores.
E se prezem de falsos Apellidos
Seu sangue, e falso nome alevantando
Por peccadores já saõ conhecidos.
Assi que peccadores naõ tirando,
Alguns com natureza depravada
Peccados a peccados ajuntando.
Peccados me geraraõ nú sem nada,
Peccador de peccador nacido,
Malicia com miseria acrecentada.
De que geito naõ digo concebido,
Que saõ vilezas taes, que nem cuidalas
O uso, por naõ ficar disso abatido.
Quizera confundilas, e nomeallas,
Se vira tirar disso algum proveito,
Ou se me fora licito contalas.
Naõ vem da natureza tal desfeito,
Mas do perverso, forte, e máo
sp'rito,
Que fez perder o justo, e bom direito.
Por-

Porque mudando eu mal nosso apelido,
Aquillo que de si puro, e bom era,
Malicia o torna mal, torpe, e maldito.

O' quem nunca pureza te perdera
Em quanta perfeiçaõ toda ficara,
A semente depois bom fruito dera!

Por qualquer via nunca s'extranhara,
A natureza, e quanto produzira
A pena, naõ sem culpa s'escutara.

Gerar, parir, crear, naõ se sentira
Cousa nacida maa, vil, imperfeita
De creatura humana se naõ vira.

Rezaõ com ter a carne a si sogeita,
Em paz de Deos vivera sometida
A alma limpa, pura, e mui perfeita.

Agora que se vee nua, e despida
Da condiçaõ, e sorte descontente
Naõ sabe jaa lograr-se entertecida,

De vella condenada diligente
Sogeita a mil miserias que aqui calo,
Naõ sei quem se naõ doa gravemente

A

A dôr do coraçaõ fizera abalo,
Mover-ſe o meu naõ baſta magoar-
me
Pera bem o ſentir, e meditalo
Baxeza a meu pezar quer ſogei-
tar-me,
Fraqueza o bem fazer quo recolher-
me,
Indinaçaõ, ſoberba, alevantarme.
Minha alma aſſi procura engradecer-
cer-me
Pondo-me em alto eſtado perigozo,
Como buſco ſubir naõ abaterme?
Aqui ſer grande, honrado, e mui
ditoſo
Saber, riquezas, manha, e formo-
ſura
Tudo me he muy doce, e deleitozo,
O Alma s'és divina, obra, e fei-
tura
Do Creador image, e ſemelhança
Entre todas às mais, nobre crea-
tura,
Capaz de gloria, e bem aven-
turança
Com ſangue, morte, e dores reſ-
gaſtada,
Eſpoſa por amor, graça, e privança,
Er-

Erdeira de ſeus bens, e dons dotada,
Que amor, graça, e prazer que tem conſigo
A carne que contigo eſtá ligada,
Se vês que tudo leva, e tras comſigo,
Naõ ſei porque naõ tens vergouha, e pejo
De tanto t'entregar ao inimigo.
E ſe com os teus bens folgas; deſejo
Naõ poſſo já, nem quero, em que podeſſe
Quando para mi olho, e tal me vejo.
Do modo que o Pavaõ, quando quizeſſe
Oulhando a grande roda alegraria,
E vendo os negros pes s'entriſteceſſe
E ſeu vaõ prazer, e gloria demudaſſe,
Querendo antes ficar ſem alegria
Que aſſi taõ falſamente gloriarſe,
Naõ digo que alegrar-me ſoo queria,
Mas digo que andar triſte he mais ſeguro,
Por naõ me deſviar da reta via,
Gen-

Gente, conversaçaõ, vitar procuro,
Porque possa eu só chorar meus
danos,
Mas naõ pode o coraçaõ já frio, e
duro,
De ver passado mal meus dias,
e annos
Naõ passo sem sentir pesar, e af-
fronta
Pois conheci taõ mal claros enganos.

De

ELEGIA.

Ao menino Jesu.

O' Bom Jezus, o minha graõ ſp'-
ança,
O da minha alma todo dezejada,
Seu deſcanſo, ſeu bem, ſua lem-
brança,
Quando ſerá contente, e deſcan-
ſada
Com ver voſſa divina formozura,
De que vive, Senhor, tanto apartada?
Em Vòs quieta eſtará, em Vòs ſe-
gura,
As lagrimas vos movaõ que der-
rama
Suſpirando por taõ bella figura.
A Vos Senhor ſoo quer, a Vos ſoo
ama,
De ſuas culpas já arrenpendida,
A Vos Senhor ſoo buſca, a Vos ſoo
chama.
Que hymnos, que doces Pſalmos,
que cantiga,
Que verſos, que palavras vos cantou
A formozura nova, e taõ antiga.

Di-

Dizeime com que festas celebrou
A minha Alma, Senhor, vossos amores,
Os quaes em lugar puro, e bom goardou,
Esquecida dos campos, e das flores,
Dos rios, e dos montes, e da gente
Terà sòo seu descanso em vossas dores,
Te nada a te vos ver seraa contente
Em Vos toda elevada em amor puro,
Porque nada sem vos haa que contẽte,
Meu, bom Jezus, sem Vós tudo he obscuro,
Tudo he couza van, e tudo he sonho,
Sem Vos, meu bõ Jezus, nada he seguro
Segurai-me, Senhor, pois me em vòs ponho.

O U-

OUTAVAS.

A' Borda do ſereno Tejo hum dia,
Laurenia as delicadas maos lavava,
Maos, com que os coraçőes Amor prendia,
Maos de que o Amor prezo ficava:
O rio em tanta gloria parecia
Dizer, quando na area murmurava,
Ditozas minhas agoas, que alcançaraő
Lavar as maos que as maos A'mor ataraő!

Outra.

POr entre o ſeu cabello creſpo, e louro,
Porque o Sol d'enveja s'encobria,
A gracioza murta, e verde louro,
Sylvana ou pe dum freixo entremetia,
O boſque que no fino, e ſutil ouro,
Onde s'enlaça amor ſuas folhas via,
Parecia dizer pela eſpeſſura
Já naő poſſo chegar a mor ventura.

De quando ElRey D. Sebastiaõ sonhou que huma das Parcas, cunome he Atropos, isto he morte, lhe falava o seguinte torcendo hum fio, depois que partio para Barberia, no Cabo de S. Vicente.

TOrna torna p'ra tras, Rei poderoso,
D' Illustre, e Real sangue derivado,
Deixa, deixa esse intento taõ famoso,
Se queres ser mais tempo venerado:
Olha que s'até aqui foste ditozo,
Agora neste cominho infortonado,
Asas cheo de morte t'estou [illegible]ndo
Na queste fio que venho assi torcen[illegible].

Manda as proas virar sem [illegible] demora,
Torna-te arecolher com tua Arma[illegible]
A guarda tempo, e sazaõ, e naõ ag[illegible]
Que tés contra ti a causa mal julgad[illegible]
Sabe que em hum momento, e breve hora
Tua gente has de ver toda asolada
Se chegas a combate, e tua vida
Taõ digna de estimar, aqui perdi[illegible]

Olh[illegible]

Olha que está o Ceo mui indinado
Contra ti, e toda a gente portugueza;
Torna remir com esmolas teu peccado
Que disto deves ter toda a certeza,
A buscar naõ vas morte acelerado
Naõ asoberbas assi a mor alteza,
Olha que estás em tempo, e liberdade
: poderes mudar tua vontade.

iõ de ElRey D. Sebastiaõ ao Martir S. Vicente,

.u, Padroeiro, meu santo, e cellesie,
ie com altas merces, sempre obrigado
ie fazes de contino, e merecesle
Entre os Martires santos ser contado,
Naõ dezampares a gente, onde quizeste,
Fosse teu santo corpo sepultado,
Guia-me nesta empreza veneranda
See meu intercessor nesta demanda.

Da-me prospero successo, e vencimento,
Da me ao Reyno tornar victoriozo,
Pois tendo teu favor, e teu alento
Naõ temerei o imigo mais forçozo,
E s'alcanço tornar a salvamento
Deste duro Combate, e perigozo,
Prometo que teu Templo frequentado
Seja, e c'o mil triunfos adornado.

Comprimentos que o Xarife teve com ElRey D. Sebastiaõ.

COm que dons pagarei, ó Rey subido,
Huma merce taõ heroica, e grandioza,
Com que immortal lovar a ti devido
Exaltarei esta vinda taõ famoza?
Em quanto o claro Ceo for revestido
De estrella refulgente, e luz fugosa,
Em quanto mesmo de mi tiver usança,
Sempre desta merce terei lembrança.

Sem-

Sempre certo terei em a memoria
A vontade, com que vens a defenderme,
E se os fados permitem dar victoria,
E em meu Reyno, e Estado ainda verme,
Prometo naõ m'esqueça por mór gloria
Nem por tudo o que possa suceder-me
De ti, de tua gente, e fidalguia
Com que me ajudar vens em este dia.

Resposta delRey.

NAõ quero, ó graõ Xarife, de negarte
Que nesta vinda me es mui obligado;
Mas tambẽ quero agora confessarte,
Que doutro mor lovor fui incitado,
Assi que naõ me vi por soo deixarte
Com tua antiga posse em teu Reynado,
Mas a nossa Santa fé mui convertido
Tu, e todo teu Reyno taõ sabido.

E

E eſta cauſa foi mais principal
Para te dizer verdade, e o intento
Com que pus o meu reſto, e cabe-
dal
Em aceitar eſta vinda a teu aſſento:
Por tanto, eſta intençaõ taõ imor-
tal
Fixo logo daqui no penſamento,
Porque mediante ella, aſſaz confio
De te pôr em teu Reino, e Senhorio.

De quomo Atropos tornou a falar ao Rey.

PORQUE deſpreſas aſſi taõ facil-
mente
Meus concelhos e razões ſem deſpe-
dida!
Porque naõ ques olhar que tens pre-
zente
Materia p'ra ſalvar a Real vida!
Mova-te, illuſtre Rey, aqueſta gente
Que a infame cativeiro eſtà rendi-
da,
E a morte mui cruel, pois duvi-
dozo
Teu eſprito te faz taõ valeroſo.

Naõ

Naõ queiras contra Deozes, Rey
ſobido,
Hum caminho ſeguir taõ arriſcado,
Pois que a nenhum mortal he premitido
Fugir do que elles tem detreminado,
Buſca mil ocaziões, e admitido
Meu concelho de ti ſeja prezado,
P'ra que naõ des batalha em nenhum
modo
Porque taõ de arraſar o campo todo.

Naõ ponhas confiança neſſa Armada,
Que trazes de tanta gente belicoza,
Porque quando a ſentença eſtá julgada
Naõ aproveita induſtria, e maõ forçoſa:
Olha que naõ trazes bem juſtificada
A cauſa deſta demanda perigoſa,
E ſe naõ mudas logo teu intento,
Veràs tudo aſolar em hum momento.

Resposta do Rey.

NAõ cuides,ó tentador,a medrontarme
Com medos , e ameaças taõ fingidas,
Porque deste santo zelo desviar-me
Naõ pódes , com que vou risquar as vidas ,
Naõ temo teus agoros nesta parte ,
Naõ temo tuas falas taõ sentidas ,
Que dum peito Real , e generozo ,
He naõ deixar seu intento de medrozo.

Aaquelle Senhor summo, que adorado
Dos Anjos , e Serafins he de contino ,
A este levo aqui por avogado
Em este Deos confro taõ benino
Que pois vou exalçar seu santo Estado ,
E sua santa fé , e nome dino ,
Que me ha de ajudar, e dàr victoria ria ,
Contra estes infieis de sua gloria.

Car-

Carta do Maluco a ElRey D. Sebastiaõ.

NAõ ſei, poderoſo Rey, que cauza urgente
Te move a intentar com ferro ouſado,
E hum cazo comprehender taõ indecente
Do que em tua ſanta Ley tens profeſſado,
Naõ ſei que odio te cega realmente,
E que intereſſe te tras taõ obsfuſcado,
Pois que vens a empreender, e travar guerra,
Com quẽ ſe eſtá quieto em ſua terra.

Vens expellir do Reyno, e proprio aſſento,
Aquem em elle eſtá por bom direito,
Para o dares a hum negro fraudolento
Que tudo o que te dis, he contrafeito:
Julga ora, illuſtre Rey, no penſamento,
Pois es em a juſtiça taõ perfeito,
Eſta cauſa, e verás mui claramente
Quanto excedo ao Xarife delinquente.

Seja entre nós juis ſoo tua Alteza,
E ordene noſſos feitos taõ trocados,
E ſe naõ eſtes papeis expoem em a meza
Da conciencia criſtã de teus letrados,
E ſe achares que ponho maa defeza,
Encolho meus artigos mal provados,
Prometo que ſiga em tudo teu mandado,
E deſiſta de meu Reyno, e meu Eſtado.

Aſſi que quem juſtiça, e dá razaõ,
Do que taõ falſo lhe poem hum ſeu amigo,
Parece naõ quer guerra, e diſſençaõ,
Nem ſe deve arriſcar a hum tal perigo:
Mas pois es de taõ alta condiçaõ,
Que o vês ſocorrer, e dar-lhe abrigo
Por te agradar a ti, lhe quero dar
Terras, e naõ cobice meu reynar.

Ri-

Riquezas lhe darei mui importantes
Com que possa seu Estado engrandecer,
Darlhei terras mui grossas, e possantes,
Onde possa mui prospero viver,
E se estas promessas taõ constantes
Te naõ poderem inda convencer,
Pede o que de meu Reyno mais t'agrada
E deixa-me esta Paz taõ dezejada.

Se queres Fortalezas bem muradas
Por todo o longo mar em grande excesso,
Dartas-ei, Rey poderoso, começadas
Porque inda mais te obrigue ao que te peço,
E se acazo dezejas pôr Armadas
Armas, favor, e ajuda t'offereço,
E tudo o que fôr por ti mais desejado
Em breve te será logo outorgado

Esse

Vee pois quantos agravos cometido
Esse espurio te ha forte, e nefando,
E a vingança, que tem taõ merecido
Posto que agora te vem lizongeando,
Por outra parte olha, Rey, alto e subido,
Que nunca t'offendi, des que reinando
Em meus Reynos estou, mas geralmente
Dezejo, e desegei Paz com tua gente.

E s'isto que te ponho aqui diante,
E minha certa amizade, e naõ fingida,
Naõ queres aceitar, mas ir avante,
C'o teu intento, e guerra naõ devida,
Sabe que apercebido, e mais constante
Estou para te dar paga m'erecida
Aquem me vier buscar por qualquer via,
E pretender derrogar minha ouzadia.

Nem

Nem atribuas Rey iſto a fraqueza ;
Nem a medo que tenha a' tua Armada,
Porque me naõ faltaõ armas, nem riqueza
Para fazer minha cauza aventajada,
Sabe que tenho poder, força, e deſtreza,
E gente em armas ſempre exercitada,
E ſobre tudo o favor que me foi dado,
Em dote do graõ Turco aſinalado.

Toma pois o concelho mais maduro,
E naõ t'aches depois taõ enleado,
Que s'adiante paſſas, te ſeguro
Naõ gozares, nem veres teu Reynado,
Porque em os altos Deozes, e Ceo puro,
Eſpero de te vencer c'o braço ouzado,
Pois a quem c'o a verdade ſe deffende
Coſtumaõ ſempre ajudar, e iſto entende.

De

De como o Rey vendo os seus exanimados se irou dizendo assi.

QUe graõ silencio he este, e que fraqueza
Estaes em vosso parecer mostrando,
Que vos moveo deixar a graõ firmeza
Com que até que me viestes exhortando,
Naõ haja quem desmanche minha empreza,
Nem deixe meu intento venerando,
Porque aquem eu sentir força mudada,
Os fios provará de minha espada.

E quem da minha gente que he princeza
De todas as Nações mui facilmente
A de a ver, quem lhe abata a realeza
De seu taõ ilustre nome, e eminente?
Onde, em que parte foi da redódeza
Se ha dito, e ouvido desta gente,
Que por medo, ou poder, avantajado
Deixassem algum feito naõ provado?

Des-

Deſterrai logo o medo que tomaſ-
tes,
Com eſta carta, e nova refalſada,
Cuidai na obrigaçaõ que profeſſaſ-
tes
Quando a ordem da guerra vos foi
dada,
Notai que de medo puro a obri-
gaſtes,
A ſe vir offrecer com paz firmada,
E ſe vos amoſtraes firme ao que
pede
Voſſa cauza a vereis quanto lhe ex-
cede.

Tomai de ſuas vozes argumen-
to,
Para que vejas quanto he affron-
tado,
E como a viſta tem, e o penſa-
mento
De pubrico terror todo aſombra-
do,
Pois ſe gente tivera, mais iſen-
to,
Seus partidos tomara confiado,
E naõ rogar viera, ou paz pedir
Se elle ſe eſtrevera a reſiſtir.

Nem

Nem haja entre vós pois quem contradiga
Meu propoſito firme, e animozo,
Cuidai que com trabalhos, e fadiga
Tereis fama immortal, e nome honrozo,
Olhai de voſſos pais a fama antiga,
E louvor que alcançaraõ taõ famozo
Em caſos de mais pezo, e mais perigo,
Se recear naõ quereis voſſo inimigo.

Fazei pôr logo em ordem toda a gente,
E marchemos adiante, ſem ruido,
Cometamos noſſo migo logo en'quente,
Antes que d'armas ſeja apercebido,
Mandai formar Eſquadrões mui derrepente,
E façaõ os atambores ſeu devido
Officio, e com preſſa o eſtenderte
Levar ſe deixe o vento a toda a parte.

De como A'tropos tôrnou outra ves ao Rey dizendo deste modo.

I.

POrque admitir naõ, ques Rey abstinado,
O aviso que te dou taõ importante,
Porque naõ me ques crer, Rey, destinado
A esta morte, que tens aqui diante?
Tres vezes com esta já te ei avizado
Com razões, e com gesto penetrante,
Sem te poder mudar, nem persuadir,
Nem em teu coraçaõ medo imprimir.

II.

A primeira te tomei mui esquecido
Sobre a noite, com sono mui proffundo,
A segunda meo esperto, e adormecido,
Fazendo mea jornada o Ceo rotundo,
Agora pola manha, e com sentido
Mui livre, e com juizo mui facundo,
A questa terceira ves te admoesto
Pera que credito dês a meu protesto,

M E'

III.

E pois duas a tras me desprezaste;
Agora olha por ti na derradeira,
Cuida bem quanto te vai, porque avizarte
Já nunca tornarei desta maneira:
Olha que tens por contrario o fero Marte,
E hum destino cruel á cabeceira
S'abatalha sahires neste dia,
Deste Môro afrontando a ousadia.

IV.

Naõ digas q̃ a ignorancia te causou
Do que havia de ser, teu disbarate,
Pois minha voz taõ sentida te avizou
Tres vezes antes de dares o combate,
Naõ culpes, Rey, algem que t'enganou,
Porque tu soo sentiràs o cruel Marte,
Se naõ buscas desvio, ou algum modo
De salvar c'o tua vida o Reyno todo.

F I M.

De

De como o Xarife falou ao Rey parecendo-lhe fazerem os imigos traiçaõ.

I.

A Astucia belicosa, ea agudeza
Do nosso imigo fero, e fraudulento,
Me forçaõ, inclito Rey, na questa empreza
Todos os modos tẽtar de salvamento,
Naõ tenho a bom sinal esta firmeza,
Nem hum tam confiado atrevimento,
Com que o imigo nos vem ameaçando,
Nosso grande poder já desprezando.

II.

Ser isto manha, ardil, ou vil traiçaõ,
Mui manifesto he em todo o peito,
Que deste taõ cauto Môro a condiçaõ
Conheco, e seu labor taõ contrafeito,
Cuido, e temo ganharem-nos por maõ,
E que nos leva vencidos de tal geito,
Que a troco deste engodo offerecido
Percamos nossas vidas sem sentido.

III.

Tornemos pois a tras, naõ cometamos
(Se de ti meus conselhos saõ admetidos)
Esta manga de Môros, naõ caiamos
Em sua lança, e enganos conhecidos;
Desprezemos o alcance, e naõ sigamos
Estes que a tudo vem offerecidos,
Manda teus Esquadrões deterse logo,
Se dá tua obstinaçaõ logar ao rogo.

IV.

Tomemos a colheita noutra parte,
Onde firmemos as costas sem receo,
Porq̃ quem a experiencia tẽ de Marte,
Tomar deve o seu concelho, e alheo:
Deixemo-lo arvorar seu Estendarte,
E o campo se mostrar já d'armas cheo,
Entaõ de seu poder bem informados,
Cometamos o campo mui ousados.

V.

Cuidemos mui trigozos finalmente
Deste tornar a tras taõ acertado,
Que naõ darmos batalha no presente
Se naõ cõ o sol da tarde mui prezado,
Mui grande terço he entaõ, Rey excellente,
Pera os pôr em a perto mui provado,
Porque te faço saber q̃ todo o Môro
Terà de tarde a batalha por agouro.

E.

VI.

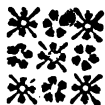
E esta temem sempre, e facilmente
As costas ao imigo daõ as vezes,
Posto que em forças seja differente
Quanto mais aos illustres Portugues,
E na de p'la manha com acidente
A si se offerecem aos revezes,
Da belicoza Morte, e seus furores,
Que mortos sairaõ, ou vencedores.

Exhortatio ad Lusitanos in ipso certaminis conflictu.

LYsiadæ Magni, gens bello insignis et armis,
Sollicitum pavido solvite corde metum.
Arma viri rapite, Arma manu, destringite ferrum
Impediant nitidæ cæssidis æra comas.
Belliger armato sonipes se pondere jactans
Spumantes rigido verset in ore lupos.
Lysiacam quicumque petunt sine jure Coronam,
Et cupiunt vestras depopulare domos,
Ense ruant, quam sit vestrum penetrabile ferrum
Sentiat, injusta qui movet arma manu.
Vos nec lucis amor, nec vitæ insana cupido

Sua

Suadeat indocore vertere terga
fugæ.
Pulcrum est pro patria, pro liber-
tate cruorem
Fundere, nec sævam pertimuisse
necem.

Ex-

Exclamaçaõ á morte de Donna Inez de Castro, quando o Sogro a veio matar, fielmente trasladada do seu Original antigo.

I.

QUal seráa o coraçaõ
Taõ cruel, sem piedade,
Que lhe naõ cauze paixaõ
Huma taõ graõ crueldade,
E a morte taõ sem razaõ?

II.

Triste de mi inocente,
Que por ter muito fervente
Lealdade, fé, e amor
Ao Principe meu Senhor,
Me matàraõ cruelmente.

III.

A minha desaventura,
Naõ contente de acabar-me,
Por me dár morte taõ crua,
Foi-me pôr em tanta altura
Pera d'alto derribar-me.

IV.

Que se me matára alguem
Antes de ter tanto bem,
Em taes chamas naõ ardera,

Pay,

Pay, filhos naõ conhecera,
Nem conhecera ningem.

V.

Efte formozo jardim,
Eftas rozas tanto bellas,
Eftas formozas donzellas,
Tudo fe fez pera mim.

VI.

Nunca me dezamparafte
Meu amor firme, leal,
Em vida m. acompanhafte,
E na morte me deixafte
Rainha de Portugal.

VII.

Naõ me perdi por alarve,
Mas pór gentil Cavalleiro,
Galante Principe, herdeiro
Defte Reyno, e do Algarve.

VIII.

Oh amor, que mal andafte
Em minha morte Real,
Naõ finto que me matafte,
Mas a magoa que deixafte
Ao Principe de Portugal.

Acabando de dizer eftas palavras com grande laftima, e paixaõ, fe meteo pera huma formoza Camera,

ra, na qual huma mui rica Camilha estava; e tanto que entrou lhe vì mudar a mui rubicunda frescura de seu rostro, e comesou de tremer, e mudar-se, como pessoa cortada de grande temor, e intrincecas dores, e junto della vî dous mininos taõ formozos, que assim na apparencia, como na perfeiçaõ, eriqueza de seus vestidos de Real progenie pareciaõ, e querendo olhar pera elles, a vî cahir na Camilha com grandes feridas, emortaes estocadas por meio de seus formozos peitos, sem ver quem lhas dava; e o muito sangue, que dellas corria tingia, naõ só seus ricos vestidos, e sua mui delgada, e alva camiza lavrada de oiro, e seda com novas invençoens, mas enchia a Camilha, aonde estava, e ho prano do ladrilho da Camera. E no mesmo instante vî chegar hum gentil Cavalleiro correndo em hum formozo Cavallo, e taõ afadiguado das espóras ho trazia, que em cheguando ás portas dos Paços, cahio morto em terra, e elle mui dezenvoltamente saltou

fó-

fóra da sela, e vinha vestido em vestiduras de monte, e na invençaõ dos quaes, bem mostrava que era Real monteiro, e vinha taõ afrontado, e soarento, que logo parecia seguir alguma perigoza a ventura, e com trigozo passo, e severa continencia, sem fazer couza alguma, entrou na Camera, onde aquella Senhora estava ferida, e chegando a ella, tomando-a em seus braços, se assentou com ella em huma Camilha, onde em mui breve espaço, foi tudo tinto em muito sangue, que de suas feridas corria. E tomando-lhe sua maõ direita já mui quebrada, que quaze sem sentido va, lhe comesou assi a dizer.

I.

Senhora, quem vos matou
Seja de forte ventura,
Pois tanta dôr, e tristura
A vós, e a mi cauzou?

II.

E pois naõ vim mais azinha
Tolher vosso triste fim
Recebo-vos, vida minha,

Por

Por Senhora, e por Rainha
Deſtes Reynos, e de mi.

III.

Eſtas feridas mortaes,
Que polo meu ſe cauzaraõ,
Naõ huma vida, e naõ mais,
Mas duas vidas mataraõ.

IV.

A voſſa acaba jáa,
Polo que naõ foi culpada,
E a minha que fica quaa,
Com ſaudade ſeraa
Pera ſempre magoada.

V.

Oh crueldade taõ forte,
E injuſtiça tamanha,
Vio-ſe nunca em Eſpanha
Taõ cruel, e triſte morte?
Contarſe-ha por meravilha
Minha alma taõ verdadeira,
Pois morreis deſta maneira
Eu ſerei a Torturilha,
Que lhe morre a companheira.

VI.

Hi Senhora deſcançada,
Pois que vós eu fico quaa,
Que voſſa morte ſeráa
(Se eu viver) bem vingada;

Po-

Poriſſo quero viver,
Que ſe poriſſo naõ fora,
Melhor me fora, Senhora,
Com voſco logo morrer.

VII.

Que couza he eſta a que vim,
Ou onde m'enſanguentei,
Senhora, eu vos matei,
E vós mataſteis a mim.
Sangue do meu coraçaõ
Ferido coraçaõ meu,
Quem aſſi por eſſe chaõ,
Vos eſpargeo ſem razaõ?
Eu lhe tirarei ho ſeu.

Com eſtas taõ fortes, e nujozas conjuraçoens do verdadeiro amor, os eſpiritos vitaes daquella Senhora, que quaze de todo eraõ fora de ſeus naturaes apozentos, tornaraõ a reviver; e ella ſentindo os Reaes braços do ſeu verdadeiro amigo, e Senhor, ainda que eſtava com mortal fadigua, abrio os olhos, e vendo a couza a que mor bem queria, diſſe com vós baixa, e mui canzada, *minha alma, lembrai-vos della*, e deu hum grande ſuſpiro,

que

que do intimo, e ſecreto de ſeu fe-
rido coraçaõ de amor ſahio, com
que acabou de eſpirar. E vendo ho
magoado Senhor, que era finada,
ficou muito mais triſte, e cortado,
e as lagrimas que do ſeu forçado
coraçaõ tee ali reteera, começaraõ
a abrir os canos de ſuas perenaes
fontes, que em toda ſua vida cor-
reraõ. E tomando os Meninos, que
junto da deſunta May eſtavaõ cho-
rando, por filhos hos nomeou com
grande firmeza, dizendo » Filhos mui
» amados, naſcidos da deſditoza
» May, lembre-vos, que jáa a ma-
» taaraõ por amor de mi, queren-
» do-me apartar della, mas agora
» pera todo ſempre, e pera quan-
» to viver vos prometo, que naõ
» façaõ eſquecer o ſeu nome, e poſ-
» to que naõ poſſaes herdar eſtes Rey-
» nos, por jáa terdes Infante voſ-
» ſo Irmaõ mais velho, tende eſpe-
» rança em Deos e em mi, que ſem-
» pre dircis, que ſois meus filhos,
» e voſſa May nomeareis ſempre
» por Rainha, porque eu lhe man-
» darei fazer ſua ſepultura junto da
» mi-

» minha, onde pera ſempre, co-
» mo Rainha, ſeráa honrada. E di-
zendo eſtas palavras laſtimozas com
muitas lagrimas, que por ſeu afron-
tado roſto corriaõ, ſe levantou em
pee, e paſſeando pola Camera, co-
meſou aſſi a dizer.

Amor, porque entendes,
Que aquelles que tu matas,
Quantas mais mortes lhe catas,
Tanto mais firmes os prendes!

Prendeſte dous coraçoens
Em hum nòo taõ firme, e forte,
Que com eſta triſte ſorte
Ficaõ noſſas affeiçoens
Muito mais vivas na morte.

E pois onde tu te acendes,
Tuas chamas tarde matas,
Olha bem que os que prendes
Se os ſoltas, mais os atas!

E acabando de dizer eſtas mui
laſtimadas, e ſentidas palavras, ou-
vi mui grande eſtrondo de gente,
aſſi de cavallo, como de pee,
que

que trazia ho mesmo caminho, por onde aquelle Senhor veio, e chegando as portas dos Paços, onde o seu cavalo jazia morto, e se apearaõ todos, e entrando todos rijo pera dentro, ouvi grande rumor, e gritos, assi de Donzellas, e mulheres da Caza, como delles, e eu estando assi suspenso, sem saber o que faria, nem ho lugar aonde estava, ouvi dizer, *velai*, e senti dar outra palmada nas ancas do meu Cavalo, ho qual com a mesma furia, e pressa com que fui, me tornou alevar, naõ sei por onde, senaõ quando me achei ás portas da minha pôzada, onde achei ho meu homem, pola vizinhança soube como havia tres dias que partira. E porque me pareceo bem contar esta vizaõ a Vossa Alteza, lha contei, porque saiba, que em seu Reyno tambem se achaõ aventuras, como nos tempos passados. Queira Deos apparecer-me com sua boa graça, com que melhor que nesta possa servir a Vossa Alteza.

Pes-

Pessa antiga de Poezia extrahida de hum pergaminho á Tristeza.

I.

DEs que no Mundo me sey,
E me sóbe entender,
Nunca ledo me achei,
Nem alegria logrei,
Nem sóbe que era prazer.
Sempre fuy afortunado
Com paixoens de mil maneiras,
Sempre malaventurado,
Nunca me sóbe coitado
Com canceiras.

II.

Fortuna, fortuna triste
Como me hes inimiga,
Quaõ mal comigo partiste;
Naõ ves que me destruiste,
Ainda me dás fadiga?
Deixa-me, rogote, estar
Enfadate já de mi,
Ou se me queres matar
Naõ queiras muito tardar
Da-me o fim.

N Oh

III.

Oh malles, que me seguis
Naõ achaes a quem seguir,
Dizei porque vos naõ his,
E de mi vos naõ partis,
Pois que eu quero partir?
Desta vida atribulada
Chea de tanto engano,
Triste, mal aventurada,
Que pola eu ter gastada
Tenho dano?

IV.

Naõ acho dòr que iguale
A minha muito maior,
Nem acho mal com que fale,
Que ao meu diga que cale,
Porque he inferior.
De todos que saõ passados,
E prezentes, e futuros
Meus malles saõ dezastrados,
E do bem dezesperados,
E mais duros.

V.

Naõ sei como possa viver
Com tanta tribulaçaõ,
Que me segue sem querer,
Que hum pôco possa ver
Alguma consolaçaõ?

Naõ

Naõ ſe póde iſto curar,
Nem eu diſſo curarei,
E ſe o quizer provar,
Sei que por muito mór pezar
Sentirei.

VI.

E pois meu mal naõ tem cura,
Nem menos comparaçaõ,
Farei vida de triſtura,
E ſempre em amargura
Eſtará meu coraçaõ.
Vivirei ſempre chorando
Razoando de canceiras,
E minhas magoas contando.
As quaes ſempre em meu bando
Saõ primeiras.

VII.

Se as almas, que no infernal
Fogo, eſtaõ por memoria,
Sóbeſſem parte do mal,
Que ſofro taõ dezigual,
O ſeu teriaõ por gloria.
E os outros que tem tormento
No fogo do Purgatorio,
Levàraõ contentamento,
Se lhe meu padecimento
For notorio.

VIII.

Se Jeremias sobèra
Como ho de Jerusalem,
Mayor pranto lhe fizera;
E delle mais se doera,
Porque elle mor dôr tem.
E a braveza do mar,
Vendo a minha agonia,
Naõ podèra já durar,
Porque vendo meu pezar;
Amansaria.

IX.

Digo podéra perder,
Sua tristeza olhando
A minha que naõ póde ser;
Que outra moor possa haver,
Inda que a andem buscando.
Medea podéra escapar
Do nojo, que Jezon lhe deu;
Se acertára de cuidar,
Que se podéra tirar
Com ho meu ho seu.

X.

Priamo, e Cresso, Senhores;
Que fostes mal afortunados,
Quereis perder as vossas dores;
Vede as minhas mayores,
E sarvos-haõ consolados.

O' Troya, que perdiçaõ,
Tu a lementas ainda,
Vê minha tribulaçaõ,
Com ella tua paixaõ
Será finda!

XI.

Roma, Cartago Cidades,
Que tivestes graõ poder,
As vossas est'rilidades,
Curar-se-aõ com as crueldades,
Que cauzaõ meu padecer.
E ha que naõ teve pár
Babilonia em grandeza,
Se se quizer consolar,
Olhe bem o meu pezar;
E tristeza.

XII.

Caza de Jerusalem,
Que agora es destruida,
Attende os meus malles bem,
E verás, que aos teus tem,
A ventagem conhecida.
O' Feniz, que hes queimada,
Sendo já de tantos annos,
Se queres ser consolada
De tua dór lastimada
Vé meus danos!

F I M.

Pessa antiga de Poezia de Gil Vicente em sua Sepultura

Teu graõ juizo esperando
Estou na questa morada,
Da vida triste cansada,
Descansando.

Gloza.

I.

OS annos, mezes, e dias,
Que neste Mundo vivi
Se foraõ des que nasci
Gastados em obras pias
Isso tivéra por mi.
Mas agora triste quando
O meu fim se foy chegando,
Naõ me deu outro lugar,
Se naõ este pera estar,
Teu graõ juizo esperando.

II.

E pois tu, alto Senhor,
Es de toda a piedade,
De mi nascido em maldade,
Teu indigno servidor
Se lembre tua bondade.
E naõ te alembre nada

De

De minha vida paſſada,
Chea de pecados vãos
Que ſuſtive, em cujas mãos
Eſtou naqueſta morada.

III.

Porque, ſe quizeres olhar
Aos meus deſmerecimentos,
No ha hi novos tormentos,
Com que poſſas deſcontar
Tantos maos contentamentos.
Tem minhas obras em nada,
Porque em fim aſſas penada
Fôi a vida que vivi
Até á hora que parti
Deſta vida taõ canſada.

IV.

Tu Deos, e juſto Juiz,
Pois me dèſte vida, e ſer,
Naõ me conſiſtas perder
Saõ de tua maõ matis
Per onde me has de valer,
Minhas culpas naõ olhando
Meus pecados perdoando,
Fazendo-me nova mercê
Com me dares onde eſtee
Deſcanſando

F I M.

Ou-

A huma Caveira.

Pois a isto hade vir
A mais subida ventura,
Busquemos loo o que dura.

Gloza.

I.

POis vontade te chegou
Deste meu Escrito ler,
Digo-te que has-de vir ter
Tarde, ou sedo onde estou,
Çudas em que andas cudando,
Olha a vida quanto dura,
Vive sempre imaginando,
Que me ves na sepultura
O graõ Juizo esperando.

II.

Conhece bem o que hes,
Naõ cures de te estimar,
Pois que tal t'has-de tornar,
Qual me tu agóra ves,
Teem a Virtude abraçada,
Que ella te póde valer,
Porque quando fôr chégada
Com razaõ possas dizer
Estou naquesta morada.

Naõ

III.

Naõ t'engane ter riqueza
Que o mundo tanto eſtimou,
Olha quanto Deos amou
A voluntaria pobreza.
Se a tens entezourada,
Sabe-te della ſervir,
Que naõ t'aproveita nada,
Porque ſempre has de partir,
Deſta vida taõ canſada.

IV.

Oje es, e aſſi fuy eu,
Anda ſempre apercebido
Homem de mulher naſcido,
Que breve tempo he o teu
Naõ ves que t'eſtaõ contando
As obras boas, e más,
Se t'eſtaõ ſentenciando,
Porque em vicios eſtáas
Tanto tempo deſcanſando?

V.

Traze eſcrito na memoria
O quanto Deos t'eſtimou,
E como te naõ creou,
Se naõ pera a ſua gloria.
Em quanto tens aparelho
Pera a poderes ganhar,
Naõ eſpères que em velho

Te-

Te poderás emendar,
Isto te dou por concelho.

Mote

Pois tudo taõ pôco dura;
Como o passado prazer,
Tanto me daa teer ventura,
Como deixala de teer.

Gloza.

I.

A Cabe-se com a vida
Juntamente o mal, e o bem;
E o que melhor dita teem
Teem mais penada partida.
E pois he couza sabida,
Que tudo fim ha de aver,
Tanto me daa teer ventura,
Como deixala de teer.

II.

Por sorte, ou por ventura
Quem tivesse soffrimento,
Teria contentamento
Porque bem, nem mal naõ dura.
Porque a maior certeza
Do Mundo, he a mudança

No

No prazer, e na triſteza,
Se deve teer eſperança,
Eſta he manha da ventura
Desfazer o fundamento
Bem, e mal tudo he vento,
Em vida taõ mal ſegura.

III.

S' a Fortuna alguem contenta
Com bem, ou mal que ordena
Falo, porque depois ſenta
Na mudança mayor pena.
Falo mal pera jazer,
Falo bem pera o tirar,
Conſente muitos ganhar
Pera juntos os perder.

F I M.

OITAVAS ANTIGAS.

Sobre o despojo de Arzila dia de S. Bartholomeu. Estes versos eraõ chamados dos nossos Antigos de Arte mayor, muitos dos quaes tras Mena nas suas Trezentas.

I.

QUem a meu pranto dará compa-
nhia,
Que fes a meus olhos de lagri-
mas fontes,
Pera de novo chorar polos montes,
Que a filha de Jove mil annos carpia:
Arzila mui chea de Cavalaria,
Que a Móros, e Africa fez taõ crua
guerra,
Soo jas agoora desfeita per terra
Deixada per medo a quem a temia.

II.

Babilonia, Thebas, Troya, Car-
tago,
Agora de todo sereis consoladas,
Vos dos imigos jazeis desoladas,
Arzila de amigos recebe o estrágo:
N'algum dia triste, mofino, aziágo;
For-

Fortuna, inveja foy mal ordenar,
Que Mouros tornassem Mafoma chamar,
Onde chamavaõ Christaos Saõ-Tiago.

III.

Oh quanto ditozos, e bem afortunados
Foraõ aquelles, a quem a ventura,
No campo de Arzila lhes deu Sepultura,
Antes q̃ vissem seus cãpos deixados?
Morreraõ por Patria, por pram de seus fados
Mas vós os que vivos d'Arzila partistes
Em a ultima hora dos olhos a vistes
Deveis pera sempre ser magoados.

IV.

E tu Jeremias q̃ mais querelozo
No monte Sion chorando estiveras,
S' o fado de Arzila entom o sobéras;
Fora maior teu pranto chorozo:
Tu lamentavas o estrágo forçozo,
Que em Jerusalem se fes per castigo,
Arzila sem culpa entregue os imigo,
Tiveras por cazo mui mais lamentozo,

Vos

V.

Vos outros Soldados ſoccorro, e
repairo,
Que Arzila perdendo máo ſoldo ga-
nhaſtes,
Dizei-me ſe viſtes per terras ꝗ andaſtes
D'alguma outra terra taõ ſeſtro fa-
dairo?
S'algum antre vos cruel, ou Caſſairo
S'eſteve ſem dôr a ver tal perdimẽto,
Em tudo veria ſinaes de lamento,
Em tudo maa ſombra, e triſte doairo.

VI.

As aves veria com bem triſte canto,
Os monſtros marinhos ſaltando nas
agoas,
Com huyvos os Caens moſtrar ſuas
magoas,
A gente mui triſte com dôr, e que-
brato:
As feras nos montes com hum grande
eſpanto,
No Ceo ſe moſtravaõ ſinaes de triſteza,
Na terra o que ledo creou natureza,
Seria triſtonho coberto de pranto.

VII.

Eſtaõ os caminhos de Arzila cho-
rando

Por-

Porque naõ vem jáa ſeus Cavaleiros,
Que d'armas luzidas, cavallos ligei-
ros,
Sahiaõ por elles correr pelejando:
Os prados aonde s'hiaõ paſtando
Domeſticos gado, fermoza boiada,
Nelles naõ paſce já beſta domada,
Brutos montezes os ficaõ logrando.

VIII.

Jazem os Templos per terra cahi-
dos,
Sem Sacerdotes, e ſem Sacrificios,
Naõ lhe valeraõ divinos Officios,
Que nelles jáa foraõ a Deos off'reci-
dos:
Os oſſos, que jazem ali ſepelidos,
Se Mouros fizerem da Igreja Meſ-
quita,
Pera obſervancia da ſeita maldita
Faraõ inſepultos andar divididos.

IX.

O' mortos, que foſtes a ferro gaſ-
tados,
Quẽ nunca cuidou que tal triſte morte
Aainda vos era guardada per ſorte,
Tornardes de Môros a ſer moleſta-
dos:
Oh humana mizeria em todos os eſta-
dos,
Já

Já mais naõ vereis eſtado ſeguro;
Na vida naõ póde fugir mal futuro
Morrendo naõ fogem de malles paſ-
ſados.

X.

Rey D. Affonſo de ſanta memoria
O dia, em que a Moros Arzila to-
maſtes,
Bem he de crer, que naõ eſperaſtes,
Que nunca ceſſaſe em tempo tal glo-
ria:
S'alguns dos feitos vos leem a hiſto-
ria
Detenhaõ os olhos na lenda d'Arzila,
Paſſem no paſſo de ver eſta Villa,
Por naõ ver a perda da voſſa victoria.

XI.

Conde de Borba, lôvor dos Conti-
nhos,
Tambem ſe vos crêa, que nunca ti-
veſtes,
D'Arzila tal voz, nem vivo podeſtes
De tal dezampáro ter advinhos:
Os bichos tem cóvas, as aves tem ni-
nhos,
A gente d'Arzila esbulhada pereça
Sem ter aonde vá, nem incline ca-
beça,

Per

Per terras extranhas andando mesquinhos.

XII.

Qual homem seria de peito taõ duro,
Que olhos tivesse enchutos olhando,
A gente corrida andar embarcando,
Volvendo-se a ver dezerto seu muro?
Na fuga Troyana naõ vio Palinuro,
Mais mizeravel partida de povo,
Nem os que viraõ perder Catel novo
Poderaõ ver dia mais triste, e escuro.

XIII.

As Moças d'Arzila se foraõ chorozas,
Deixaraõ dezertas as suas janellas,
A'onde os mancebos as viaõ a ellas
Em dias alegres, loçans, e formozas:
Fermozos jardins, e Cazas custozas,
Ficaraõ-lhe campos de muita semēte
Cheos de rios, e fontes sombrozas.

XIV.

Oh campos d'Arzila, herdades mui claras,
Trazidas a tpo de tanto desterro,
Custastes o sangue de mortos á ferro
Deixando mulheres viuvas amaras:
As terras sem vos se tornem avaras,

O Ceo q̃ vos cobre de ferro se torne,
O rvalho, nem chuva por vos se entorne,
Nem haja primicias de vossas seáras.

XV.

Dizei Portuguezes, que o Imperio Romano,
Que forte adversario vos torna medrozos,
Vẽcestes em Africa Reys poderozos,
Temestes agora hum velho Tyrano!
Lovavaõ a guerra do Reyno Africano
Todas as gentes que o Ceo senhorea,
Por esta deixada, oh couza taõ fêa!
Teraõ em oprobrio qualquer Luzitano.

XVI

Mulei Mafamede foy Rey mui direito,
De mais Cavaleiros mui quisto de todos,
Estes logares tentou por mil modos
Tornar a seu Reyno por força, ou por geito:
Sempre os tivemos a mal de seu peito,
E vezes algumas os teve cercados,
Se foi de sobre elles com Móros mingoados,

Já

Jà mais ſeus dezejos ouveraõ effeito.

XVII.

Deixados agora per noſſa vontade,
Ati deſpertamos, Xarife, que dormes,
E os Mouros divizos te damos conformes
Creraõ que t'ajuda alguma vaidade:
Naõ confiamos na ſumma bondade
De Deos, em que cremos, e tudo governa,
Nem nos ajudamos da aſtucia moderna
Nem das ventagens que tem a Chriſtandade.

XVIII.

Livrado Iſrrael do graõ Cativeiro
De Deos naõ fiando por crerẽ eſpias,
Temeraõ vilmente entrar pelas vias,
Per onde lhe era ſeu Deos companheiro:
Matou os q̃ foraõ culpados primeiro,
Os outros eſtando de Caza taõ perto
Trouxo-os reſtrãdo per todo e dezerto
Annos quarenta com dôr, e marteiro.

XIX.

E nós ſe perdemos de Deos eſperança,
O meſmo eſperamos, que a elles lhes vêo,

E per derradeiro em fim lhe convéo
Tomarem a terra por a ponta da lan-
lança :
Mas temos nós outros taõ poca confi-
ança,
Naõ tendo imigos que sejaõ valentes
Na nossa preguiça os faz delinquentes
Teremos vontade, teremos possança.

XX.

Naõ ha nenhum Reyno que tenha
conquista,
Com tanta justiça de todos lovada
Taõ cubiçoza, e tanto forçada,
Qual tem Portugal diante da vista :
Nem d'outra Provincia que seja bem-
quista
De toda a Naçaõ, como Luzitania,
Sem outro contrario, se naõ Mauri-
tania,
Que reyna por falta de quem lhe re-
zista.

XXI.

Cidadé de Tangere, filha d'Anteo,
Mais nobre antiga das q̃ Africa tinha
Por veres pellada a barba vizinha,
A tua de molho teras com recéo :
Nunca tu vanhas a ter Rey alheo,
Nem vás na ruina dos outros lugares,
Nem

Nem influencia esquerda de mares,
Assi te persigua per curso taõ feo.

XXII.

Ó povo de Tãgere, se tiveras aflicto
De teu hospede velho, antigo vizinho
Humano te sinta, amigo, e benigno,
Olho que podes tambem vir a Epipto,
Mas Deos, em quẽ cabe poder infinito
Tempère, e sustenha, te mande seu
Anjo,
E sempre te guarde de máo dezarrãjo,
E cubra teus filhos de seu bom esp'-
rito.

*XXIII.

E polo Baraxa por armas perten-
do,
O prezo Caudilho de Cepta livraste,
Sempre os vizinhos na guerra aju-
daste,
E só mil vitorias a vista vencendo,
Assi o ganhado que vamos perdendo,
De ti he restante com ganho dobrado,
E o Orbe Africano por ti sujugado,
Chegue ás estrellas teu nome cres-
cendo.

XXIV.

Alcacer Ceguer, razaõ he que cho-
res

Com

Com estes lugares comtigo fadados,
A seres em breve a Móros tornados,
Como Cabanas de vagos pastores!
Aqui naõ vos conto os vossos lovores,
Que muzica em nojo seria importuna,
Fes seu officio comvosco a fortuna,
E fez outras vezes com Reys, e senhores.

FIM.

Ou-

Outra peſſa de Poezia da meſma Idade que a antecedente, feita a D. Duarte de Menezes, por mandar deitar fora de Tangere ſeu Autor.

I.

MUi magnifico, e illuſtre Senhor,
ElRey naõ permite na Ordenaçaõ,
Nem quer o Direito, nem manda razaõ,
Fazer de mim Reo, ſem queixa d'Autor:
Iſto naõ digo por ſer morador
Na ſua Cidade, que naõ o dezejo,
Pois della naſci, e della me vejo
Sahir com degredo, ſem ſer malfeitor.

II.

Bem ſei, e bem creo, que naõ he oculto
A Voſſa Senhoria, e a todo eſte povo
Error cometido de velho, e de novo
Defeito, e de fama pintado, e de vulto:
Que alguns dos que fazem lá acima tumulto,

Mol-

Mostrando que a serve com vizitaçaõ
'Tadalas novas da Villa lhe daõ,
E al na memoria naõ levaõ esculto.

III.

Eu per injusto a quem me condeno,
Mas elle bem sabe que nesta Cidade
Passaraõ feitos de tal calidade,
A' sombra dos quaes o meu he peque-
no:
Acho-me s'o em ser o que peno,
A culpa dos outros em mi se renove;
E contra huma folha que o vento re-
move (vento.
Procede, e procegue hum pôco de

4.

E pola ventura que os acuzadores,
Porq̃ destas couzas lhes taõ informado,
Se lhe metessem os dedos no lado,
Quiçaes lhe achariaõ outros peores:
Que nunca praguejaõ d'alheos errores
Se naõ quem de cóte sabemos q̃ erra,
Porém assi mesmos fazem q̃ a guerra,
Pois se descudaõ das manhas melho-

V. (res.

Mas estes abasta achar-se prezentes
Dos quaes vemos tarde mui pôcos cul-
pados,
Polo contrario nenhuns desculpados
D'aquel-

D'aquelles que acuzaõ se acha o abzentes :
Modèra a justiça cos pôcos potentes
A luy naõ se faça de teas d'aranha,
Que bicho de força mui pócos apanha,
Que nunca maltrata se naõ fracas gentes.

VI.

Naõ sou eu taõ velho, nem taõ costumado
A ser deshonesto, que aqui me criei,
Donde se sabe, que nunca toquei
Em vicio nenhum, que fosse tachando:
Agora pequi, e sam castigado,
Perante os que ficaõ sem castigar,
Podéra comigo por ordem uzar,
Que me castiga sem ir agravado.

VII.

Por hir-me da patria, e da creaçaõ
Com tal vituperio, me cauza tristeza,
Assas pôco obra em mi natureza;
Pois naõ me relleva de tal privaçaõ:
Mas cá esta terra tem este condaõ
Que nella naõ medraõ se naõ forasteiros,
Nem por melhores, nem mais Cavalleiros

Se

Se naõ polo uzo da governaçaõ.

VIII.

Naõ s'eſtranhava no tpo paſſado
Polos Capitães diverſos que vinhaõ,
E porque o Pomar por proprio tinhaõ,
Póco lhes dava deixalo danado:
Mas Voſſa Senhoria, que foi eſperado
Por nós com o dezejo q̃ foi o Meſias,
E que he natural, e por todalas vias
Aos naturaes he mais obrigado.

IX.

Eſtes nos tpos contrairos que vem
Nunca faleccem, nem fazem mudança
Com toda a fortuna melhor que bo-
nança
Com muita firmeza a terra ſuſtem:
Em quanto aos extranhos aqui lhes
vai bem,
Aguardaõ, mas vindo qualquer opreſ-
ſaõ
Por ſima dos muros ſe botaõ, e vaõ,
E logo ſaõ poſtos da banda d'além.

X.

Vejo aqui vir qualquer foraſteiro
Com pelle de tras, como de Guinee,
E logo, ſe aſenta nos bancos da See,
E dà mil apupos naquelle terreiro:
Aqui caza logo, e compra lindeiro,
Ella

Ella deixa filhos com outra mulher
Cafala de papo, e faz o que quer,
E tudo lhe fofrem por fer eftrangeiro.

XI.

Nunca as vitorias, que em Africa ouveraõ
Os taes Capitaens contra os infieis,
Foraõ havidos por homens noveis,
Se naõ por aquelles q̃ nella nafceraõ:
E como os nafcidos aqui feneceraõ,
Logo foi tudo de mal em peor,
Naõ vi Capitaõ já mais vencedor
Com homẽ de fora, depois que vieraõ.

XII.

Ifto naõ cauza maior valentia,
E a todos as dá a divina Potencia,
Mas obra coftume com experiencia
Daquillo que nafce, e vem cada dia:
Obra nas beftas tambem defta via,
Que os Cavallos do campo de Orique
Naõ s'alvoroçaõ ouvindo repique,
Como os daqui fazem com artelharia.

XIII.

Por tãto he jufto, Senhor generozo;
Que algum natural em pena correffe
Com maõ amorofa o tal corregeffe,
E pofto que pobre, naõ foffe queixozo:
Que quãto he Senhor, he mais podedoro,

Nun-

Nunca aos fracos lh' he dado correr,
Pois pera emenda lhe abaſta ſaber,
Que dos ſeus erros eſtá deſgoſtozo.

XIV.

E deve olhar, q̃ ſempre ſe aquece
Pecarẽ os homẽs por taes ignorancias.
Mas quem os acuza lhes põe circunſ-
cias,
Com que o pecado mais fêo parece:
E bem certo he que a muitos eſquece,
Quando condenaõ os feitos alheos,
Os que elles fazem enormes, e fèos,
Que nunca tinhozo nenhũ ſe conhece.

XV.

Muitos acuzaõ os alheos pecados
Com lingoa delôza, e labios imigos,
Mais per haverem levar-me em pe-
rigos,
Que por deixarẽ meus malles curados;
Porém os ſenhores que ſaõ incrinados
A donde governaõ ſaber o q̃ paſſa,
Caſtiguem os mais por juſta Devaſſa,
E naõ por võtade da queſtes danados.

XVI.

Em novas de vicios ſaõ muito meti-
dos,
E nos da virtude ſaõ perigos, e malles
Chamaõ os Móros a eſtes *animales*,
Por

Por ſerem no alheo taõ intrometidos:
Pois dos Alarves ſaõ avorrecidos,
Que em tudo carecem de boa razaõ,
Os ſervos de Chriſto naõ ſei porq̃ daõ
A mixiriqueiros tamanhos ovidos.

XVII.

Per homens honrados de bom naſcimento
Os erros do povo ſe devem ſaber,
E o q̃ tiver mando ſobre elles prover,
Per onde naõ venhaõ em nós crecimento?
Com piedozo, e bom regimento,
Fazendo juſtiça, a todos igual,
Pois vemos por bẽ a qualquer animal
Tornarẽ-no manſo de mui peſſonhẽto.

XVIII.

A minha tençaõ, Senhor, foi movida
Fazer eſtes verſos de pôco primor,
Por hir agravado, e ſer ſabedor,
Que lá me culpáraõ alèm da medida:
Naõ peſſo por iſſo m'eſcuze a partida,
Que neſta Cidade por meu póco ter,
Aſſi como aſſi naõ poſſo viver,
E cumpre-me fora buſcar minha vida.

XIX.

Bem que quizera per outra maneira
Fazer a mudança, ſem hir abatido,

Oh

Oh quem nesta terra naõ fora nascido,
Por naõ receber tamanha canceira:
Todos meteraõ peor que a barreira,
Sem eu já mais a ninguem offender,
Pois onde nasci naõ posso viver,
Quiçaes viverei com gente estrãgeira.

XX.

Deos q̃ o batismo tomou no Jordaõ,
A Vossa Senhoria conceda tal graça,
Que os Móros destrua, e tambẽ lhes
faça,
De Tangere guerra sem exforço vaõ.
E s'a elles Jove com ser soberano,
Por minha maldade lhe nega victoria,
Eu hido te atorgue sobre elles cõ glo-
ria,
Qual nunca outorgou ao Duque Affri-
cano.

FIM.

SO-

SONETO.

Feito polo Senhor Infante D. Pedro, filho do Senhor Rey D. Joaõ pri-primeiro outros dizem que he do Senhor Rey D. Affonço quarto, mas prova-se que foi do antecedente, porque o Lubera morreo no anno de 1403.

BOm Vaſco de Lubera, e de graõ ſem
De pram que vos avades bem contado
O feito de Amadís o namorado,
Sem que dar ende por contar irèm.
E tanto vos aprôve, e a tambem,
Que vos ſeredes ſempre ende loado,
E antre os homẽs hos por homẽtado,
Que vos eraõ adiante, e q̃ era bem.

Mais porq̃ vos fizeſte a formoza
Brioranja amar endoado hu nom
Eſto cõbade, e cõtra ſa amarom vontade:
Cá eu hey graõ dó da a ver queixoza
Por ſá graõ formozura, e ſá bondade.
E hor porq̃ alſim amor nõ lho pagaraõ

F I M.

Ode

Ode de Pópe vertida em lingoagem, feita á felicidade da Vida.

I.

DItozo o que em paternas, pôcas geiras
Seos dezejos encerra, e feus cuidados,
E refpira contente o ár nativo
Em terra fua!

II.

S'os gados lhes daõ leite, pão feus campos,
Seus rebanhos veftido polo Eftio,
Acha nas proprias arvores, a fombra,
D'Inverno o lume!

III.

Corrẽ-lhe em hũ deleite abençoado
Suavemente as horas, dias, annos,
Com faude no corpo, paz no efprito
Vella tranquilo.

IV.

A fono folto dorme, o eftudo, e comodo
Parece unidos, licito recreio,
E com meditaçaõ mais faboroza
Goza o retiro.

Dei-

V.

Deixem-me assim viver desconhe-
cido,
Deixem-me assim morrer, sem ser cho-
rado
Do Mundo homiziado, e sem que a
campa,
Diga aonde jazo.

FIM.

Ode de Metastasio trasladada em lingoagem, feita á Liberdade.

Ode.

I.

BEm hajaõ teus enganos
O' Nize, em fim respiro
No doce meu retiro,
Favor que o Ceo me fez.

II.

Tenho de todo livre
O Imperio da vontade,
Naõ sonho liberdade,
Naõ sonho desta ves.

III.

Cessou o ardor primeiro,
E agora socegado
Pera fingir-me irado
Naõ acho em mim paixaõ.

IV.

Naõ mudo mais de cores,
S'ouço teu nome auzente,
Nem mais s'estou prezente
Me bate o coraçaõ.

S'acór-

V.

S' acórdo, o pensamento
Já hoje em ti naõ ponho,
Já cada ves que sonho
Naõ te costumo ver.

VI.

Auzente dos teus olhos,
Na idea naõ te pinto,
Perto de ti naõ sinto
Nem pena, nem prazer.

VI.

Lembra-me o teu semblante,
Delle naõ faço conta,
Lembra-me a minha afronta,
E naõ me posso irar.

VIII.

Confuzo á tua vista
Naõ fico á cada instante,
Com esse teu novo amante
Posso de ti falar.

IX.

Mostra-me agrádo, ou ira,
Mas vê que he neste estado
Perdido o teu agrado,
Perdido o teu rigor.

X.

Naõ fazem os teus olhos
Em mim o antigo esseito,

Naõ achas o meu peito
Diſpoſto em teu favor.

XI.

Se vive alegre, ou triſte;
Com goſto, ou pena ſua
Já naõ he a culpa tua,
Já naõ he teu favor.

XII.

Tambem ſem ti me agràda
O pràdo, a fonte pura,
Com tigo a brenha eſcura,
Tambem me cauza horror.

XIII.

Olha s'eu ſou cincero,
Ainda te acho bella,
Mas já naõ te acho aquella,
Que he ſem comparaçaõ.

XIV.

E falote verdade,
No lindo roſto, e peito
Já te acho algum deffeito,
Que naõ te achava entaõ.

XV.

Quando quebrei teus laços
(Olha a franqueza minha)
Julgei que me convinha
De pènas acabar.

XVI.

Mas pera ter deícanço,
Pera emendar teus erros,
E pera fugir dos ferros
Tudo ſe deve obrar.

XVII.

O leve paſſarinho,
Que nas manhãs ſerenas
Deixa nos viſgo as pennas,
E foge da prizaõ:

XVIII.

Depois que as penas todas
Renova, em breve eſpaço
Brinca ao redor do laço
Em outra ocaziaõ.

XIX.

Naõ julgues apagado
Em mim o encendio antigo,
Porque a miudo o digo,
Porque naõ ſei calar.

XX.

He natural inſtinto,
E nas tormentas duras
Suaviza as deſventuras
O goſto de as contar.

XXI.

De ſorte, que o Guerreiro,
Se acazo ſae com vida,

Moſ-

Mostra a unica ferida;
E conta o que passou.

XXII.

De sorte que o Captivo,
Que esteve em grilhoens prezo,
Mostra contente o pezo
Dos ferros que arrastrou.

XXIII.

Soposto que em ti falle,
Naõ sei se hes viva, ou mórta,
Falo, mas naõ m'emporta
Se tu me cres, ou naõ.

XXIV.

Falo, mas naõ pregunto
Se aprovas o que digo;
Nem se ao falar comigo
Terás perturbaçaõ.

XXV.

Perdes por inconstante
O amor mais verdadeiro,
Naõ sei de nós primeiro
Quem se hade consolar.

XXVI.

Eu sei, que hum firme Amante,
Naõ se acha atodo a houra,
Huma alma enganadora
He facil d'encontrar.

F I M.

Ode

Ode terceira do livro primeiro de Q. Horacio Flaco vertida em lingoagem portugez.

Ode.

DEixa a querida Chipre, e de Glicera
Vem habitar a caza mageſtoza,
Tu q̃ governas ſobre Gnido, e Paphos,
Deoza formoza!
Ella t'invòca, e em ſacrificio attẽde,
Como tornando vai groſſos os ares
O leve fumo do queimado incenſo
Em teus Altares.
Ninfas, Mercurio, Amor, e as Graças nuas,
Voem ſobre os teus paſſos delicados,
E a gentil Hebe ſó por ti cercada
De mil agrados.

FIM.

Ode

Ode primeira do livro primeiro do mesmo Q. Horacio Flaco.

Ode

RAmo illustre dos Reys, claro Mecenas,
Amparo, e gloria minha,
Quantos ha que festejaõ na carreira
Colher o pó do Olimpico,
E o ter salvado a mèta das ferventes
Rodas, cós nobres vitros,
Fas que da terra aos Deos se levantem
Os Senhores do Mundo.
Naõ dobrareis o animo daquelles,
Que a sublimes Empregos
A turba dos Quirites inconstantes
Porfia a levantar,
Ainda que ostentasseis c'os thezosos
Do rico Rey de Pergamo;
A que timido Nauta o mar Mirtozo
Cortasse em Cyprio lenho,
Nem daquelle, que aváro, e cubiçozo
Esconde nos Celleiros,
Quanto varreo das Africanas eiras,
Ou do outro, que ledo
Os campos paternaes có ferro abre;
O Mercador que teme

O

O furiozo Africo lutando
Com as Icarias ondas
O ocio brãdo, os patrios cãpos lova;
Mas logo os leves Vazos
Destroçados conserta, mal soffrido
De viver em pobreza.
Do Masico licor as generozas
Taças, que mais engeita
O que bebendo emprega muita parte
Do dia,. recostado
No verde medronheiro, ou sacro Ori-
ente
Da sonorosa linfa.
A muitos os alegra o som da tuba
C'os pifanos mesclado,
As deshumanas, e cruentas guerras
Polas Mays detestadas.
Da meiga Espoza naõ lembrado fica
Ao relento da noite
O Caçador à lerta, se por acazo
Foi persentida a Corça
Dos Sabujos fieis, ou tem rompido
As retrocidas Redes
O Marcio Javali. As verdes heras
(Premio das dotas frentes)
Com os celleftes Deozes me misturaõ
O santo, e fresco bosque,
E as Coreas dos Satyros, e Nynfas
Me

Me retiraõ do vulgo.
S'Euterpe, se Polimia naõ s'afrontaõ
D'afinarem comigo
A doce Frauta, a Cithara de Lesbos
E se tu, Mecenas,
Entre os Poetas Lyricos me contas,
Magestozo, e sublime,
Verei minha cabeça levantar-se
A's brilhantes estrellas.

FIM.

Ode

Ode quinta do livro terceiro do mesmo Q. Horacio Flaco.

Ode

O' Augusto de Eneas descendente,
Pai da Patria querido,
Do Mundo o mór portento,
Ha muito tempo já que estàs auzente,
Tendo tu prometido
Ao santo juramento
Do incorrupto Senado
No Orbe taõ respeitado,
Breve vinda a Italia belicoza,
Que está de ti saudoza.
Vem Principe famozo, e esclarecido
A' Patria restituindo
A sua luz perdida,
Porque tanto que teu rosto querido
Appareceu luzindo,
Tudo ser novo, e vida,
Vai logo recebendo,
E o sol resplandecendo.
Rayos mais cristalinos reverbera;
Como na Primavéra.
Como huma May da vida cuidadoza
Do seu filho querido,
O qual he retardado.

Por

Por huma tempeſtade furioza
Do mar infurecido,
Longe do Lar amado,
Naõ ceſſa ſuſpirando,
De o eſtar ſempre beijando.
Obſervando ſe vê na praia amada
A Nàõ ſuſpirada:
Aſſim a Patria anda procurando
De ſaudades ferida
A Cezar adorado,
Seguro o manſo gado anda paſtando
Pola relva florida
Ceres, e Bacho amado
De dons a terra enchendo
Eſtaõ ſatisfazendo
Aos dezejos do Lavrador queixozo
De peſſuir ambiciozo.
Polo manſo Netuno navegando
Diſcorrem veloſmente
As incurvadas Naos
De Noto as tẽpeſtadas naõ receando,
Seguro vive a gente,
Livre de animos maos,
A fé naõ he culpada,
Nem com eſtupros manchada.
A caſta Caza com caſtigo duro
Se pune o mal impuro.
O exemplo, e leys eſtaõ aquebrantãdo
Da

Da neffanda maldade
A canſar ao caro eſpozo amado
Eſtá com caſto amor.
Quem neſta ſanta idade
Temerá os furores
Dos Parthos traidores ?
Quem o Scyta furiozo ?
E quem o Alemaõ forte , e bellicozo ?
Quem o Eſpanhol ſoberbo, e inſolēte ,
Vivo Cezar eſtando ?
Cada hum no ſeu outeiro
O dia todo paſſa alegremente
E a certa vide atando ,
Vai ao frondente Ulmeiro ,
Ou c'o duro machado
Corta o tronco eſcavado ,
Ou a panha das arvores frondozas
As fruitas ſaborozas.
Do Campo pera a Caza vem contente
Dos filhinhos rodeado ,
E da Eſpoza adorada
Ahi hes , entre os manjarer altamēte,
Como Deos invocando ,
E com a Taça voltada
O vinho derramando ,
Vai entaõ meſturando.
Teu nome taõ illuſtre , e eſclarecido
Com o do Lar querido.

O:

O' xalá qu' o' bom Cezar ſublimado
Eſtejas dominando
Nua paz dilatada
Eſte Imperio no Mundo reſpeitado!
Iſto eſtamos rogando,
Quando a Aurora rozada
Se vê reſplandecendo,
Iſto vamos dizendo,
Quando s'eſconde Phebo criſtalino
No tanque Neptunino.

F I M.

Ode

Ode do mesmo vulgarmente chamada ad Sodales.

Ode

EM quanto afanha' os ventos furibundos
O encarquilhado Inverno, e das masmorras,
Em que Eulo os enfrea sopeados
As portas lhe franquea;
Em quanto a roca voz da trevoada
Atroa, a bala, e o retrocido rayo
Os Palacios ufanos, rudes Choças
Escála, poem por terra;
Em quanto as nuas arvores lançadas
Dos furacoens de pedra asoladora,
E os calvos serros daõ magoado assumpto
Aos olhos, ás vontades;
Em quanto a Primavera naõ pentea
Cos Zefiros suaves, as madeixas
Dos verdes, dos umbrozos arvoredos
Nas espadoas dos montes;
Festeja-mos, Amigos, o potente
O rubicundo Bacho, às gentis Graças
Co dourado vermelho suco ledos
A' porfia brindemos!

O vinho os ruins cuidados afugenta;
Afugenta as triſtezas denegridas,
As faces a vermelha, aviva os olhos,
Dá força, da prazeres.
Hoje demos ao Genio horas feſtivas,
Horas, que arrojo leva o tempo leve
Com a fôce cegando, ſem que ceſſe
De dar á Empulheta.
Hoje q̃ em ſonho vi na madrugada
De Bacho a temulento Pedagogo
Encoſtado em dois Faunos acenar-me,
Que lhe ſeguiſſe os paſſos
Levôme a ver os campos vẽturozos
Dos que afogaõ no vinho as amarguras,
As Ambiçôes, as Iras, as Vinganças,
Os Suſtos côr de cera.
Apontôme pendente das Videiras,
Mil formas de rizonhos paſſatempos
Cupidinhos a atàr macías Damas
Cós famintos Amantes.
D'além s'ouviaõ choros namorados,
Arde o Campo em dezejos, ardem almas,
Eſtimuladas já do farpaõ duro,
Em fragoa d'amor puro.

He-

Heroes em Cama de Hera trepadiça
Jaziaõ alheados por Elissos,
Outros co roxo corpo s'abalançaõ
A girar grandes Mundos.
Esta gloria te espera ati, e ao Pindo
Altos Heroes, doutros Heroes nascidos,
Disse, e cansado encosta a ardente Taça
Cos rorantes bigodes.

FIM.

Ode terceira do livr. 1.º que principia Sic te Diva...

Ode

ASsim de Chypre a Deoza poderoza,
E de Helena os Irmaos, Astros luzentes,
E o pay dos ventos, tenhas por Piloto,
Que os demais prende, menos o Esnorueste,
Te pesso ó Naő, que em ti depositado
Nos deves a Vergilio, que o entregues
Incolume, aos fins Athenienses,
E essa ametade guardes de minha alma.
Tinha em tes dobrado o peito o roble, e o broze,
Quem cometeo primeiro ao mar sanhudo
Fragil Baixel, sem recear Sudueстes
Arrojados brigando cos Nordestes,
Tristes Hyadas, nem raivozo Nóto
Mayor

Mayor Sob'rano que elle naõ tem
Adria,
Que as ondas lhe afanhe, ou amacie.
Qual genero de morte temeu aquelle,
Qu' os nadadores Monstros cos enxutos
Olhos vio, vio o mar inchado, e
mais os
Infames Cachopos Acroceraunios,
Retalhou Deos prudente em vaõ a
terra
C'o Oceano dissociavel, se jà, agora
As impias Náos transpoem váos naõ
tocados
À gente humana ouzada a arrostrar
tudo
Polos defezos medos atropella.
Ouzada trouxe a Prole de Japéto
Com fraude iniqua ás gentes fogo, e
logo
C'o fogo subtrahio á Caza etherea,
Fez pender sobre as terras a magreza,
E nova alla de febres, e a tardia
Necessidade de morrer, que andava
Tardia atè entaõ, forçou o passo.
Dedalo exprimentou o ar vazio

Com azas inconcezas aos humanos;
Forçou o infando Achiles o Acheronte,
Nada aos mortaes se achou dificultozo,
O mesmo Ceo por locos escalamos,
Nem á Jove deixamos pôr de parte
Co nosso error, os iracundos rayos.

FIM.

Ode 3. de livr. primeiro Sic te Diva

Ode

ASsim de Chipre a Deoza poderoza,
Assim de Helena os dois Irmaos no Olympo
Claras estrellas, e o graõ Rey dos ventos
Solto monte o Jaspiis,
Que sópra de Calabria;
Pois que de ti se confiou Vergilio,
Te levem Naõ, e rogote que o ponhas
Sobre as Aticas praias livre, e salvo,
Que guardes a querida
Ametade de minha alma.
De duro anzinho, ou tresdobrado ferro
Tinha por certo o peito seu forjado
Aquelle que sem susto ouzou primeiro
O mal seguro Pinho
Fiar das bravas ondas.
Que naõ temeo, nẽ Africo impetuozo
Cos Aquiloens lutando, nem as tristes
Hyadas, nem a Noto dezabrido,
Que mais que todos d'Adria
Os mares senhorea.
A que morte houve medo, o que com secos
Olhos,

Olhos, chegou a ver Moustros natáres
E as ondas do alto pego embraveci-
do,
E dos Hecroceraunos
Os infames cachopos.
De balde Deos com summa providen-
cia,
Cós limites do mar, que nos separaõ
As terras apartou, se vaõ cortando
As impias Naos as ondas
Que tocar naõ deveraõ.
Tudo audas comete, e por maldades
Que veda a ley, precipitada corre.
Huma geraçaõ com fraude iniqua
Trouxe aos mortaes fogo
Ouzado Prometeo.
Já desde entaõ de lividas Doenças
Naõ vista Turma s'espalhou na ter-
ra,
E a Morte d'antes vagaroza, e len-
ta,
Contra a mizera gente
Correo acelerada.
Com azas nunca ao homem concedi-
das
O ár vazio Dedalo tentou,
E até ao centro do proffundo Aver-
no

Por

Por meyo d'Acheronte
Rompeo Hercules forte.
Nada aos lôcos mortaes, nada he dificil;
O mesmo Ceo insanos cometemos,
Nem com novas maldades consentimos
Que Jupiter deponha
Os iracundos rayos.

FIM.

Ode 14 do liv. 2. Heu fugaces

Ode.

O Tempo voa, ó Posthumo, que os annos
Da curta idade nossa fugitiva
Escapando nos vaõ, sem que os detenha
A constante virtude.
Nunca farás, por mais que justo sejas,
Que venhaõ tarde os rugas, e a velhice,
Que sobre ti já pende, e se demóre
A naõ domada morte.
Cànsaste em vaõ, por mais que em Sacrificio
Barbaro sangue de trezentos Toiros
Ao Deos Plutaõ, q̃ nunca s'enternece
Derramas cada dia.
Terrivel Deos, q̃ Geriaõ desforme
De tresdobrado corpo Mõstro horrendo,
E o desgraçado Tycio lhes tem prezos
Além do triste Rio.
Rio fatal, que todos surcaremos
Quantos cá sobre a terra respiramos,
Ou já sejamos Principes potentes,
Ou

Ou pobres lavradores.
Em vaõ fugimos d'arriſcar a vida
Na ſanguinoza guerra, em vaõ teme-
mos
Surcar no fragil lenho as rôcas ondas
Do Adriatico már.
Debalde acautelados procuramos
Abrigarnos do Auſtro, que no Outono
Das negras azas ſobre nós ſacóde
Mortiferas Doenças.
Pois que havemos hir ver Cocito
eſcuro,
Que vai dormẽtes agoas arraſtando',
Hiremos ver de Bello as impias Netas
Na barbera fadiga.
E a Sizipho infeliz polo alto monte
Nos já canſados hombros carregando
Com incanſavel lida, o inorme pezo
Do voluvel rochedo.
Triſte hum dia virá, em que tu
deixes
Pera nunca a ver mais, a Patria ter-
ra,
O ſoberbo Palacio, a cara Eſpoza
Metade de tua alma.
De todas eſſas Plantas, que culti-
vas,
De q̃ hasde ſer ſenhor por pôcos dias
Su-

Somente iraõ com tigo á ſepultura
Os lugares Cypreſtes.
Olicor de Cãpania que meſquinho
Debaixo de cem chaves afferrolhas
Mais digno do que tu, prodigo her-
deiro
Rizonho beberá.
O vinho de que nunca ſe coroàraõ
As Pontificias, ſumptuozas Mezas,
Derramará com maõ deſperdiçada
No rico pavimento.

F I M.

Ode quinta do liv. segundo Beatus ille! outra versaõ.

Ode

FEliz unicamente
O que no campo izento de cuidados,
Bem como a antiga gente
Cultiva com seus Bois modicos prados
Que herdou do Pay amante
Vivendo das Uzuras ingnorante!
Feliz, pois se naõ teme
Ouvindo o rôco som do fero Marte,
E quando o mar mais freme
Doces Canções ao vẽto entaõ repete
Fugindo os sumptuozos,
Palacios, dos soberbos poderózos!
Assim nos mais crescidos
Chopos, enrosca a vida saboroza;
Ou de longe os mugidos
Escuta da Manada vicioza,
Ou os ramos inuteis
Corta, pera enxertar outros mais uteis,
Ou das sabias Abelhas
O doce mel contente está crestando,
Ou das debeis Ovelhas
O puro, branco vello tosquando
As Anforas enchendo,

E

E os rusticos seus habitos tecendo
Quando o Outono a cabeça
Alça, de bellos pomos coroada,
Fazendo que appareça
Entre as ramas a fruta sazonada,
Colhe o fruto à Pereira,
E o rubicundo caxo da Parreira,
Com taes dons convidado
O' Priope serás, Padre Silvano,
Que tens a teu cuidado
Os valados livrar de todo o dano,
Vós ambos tereis partes
Nos frutos q̃ guardastes das mais artes
Os cantos inocentes
Das tristes avezinhas das Ribeiras
As placidas correntes,
E a sombra das copádas Azinheiras,
Tudo o está deleitando,
E pola ardente sesta adormentando.
The quando as tenras seves,
Sufòca o duro Invérno rigorozo
Com chuveiros, e neves,
Ou com seus Caens o Javali cerdozo
A cólla, ou nos raminhos
Oculta o laço aos leves passarinhos.
Quem entre taõ quietos
Cuidados, pensará nos vaos amores?
Seus feminis affectos

Pro-

Procuraõ Cortezaõs, fogem Paſtores,
Quem cuida no que deve
A cuidar n'outra côza naõ s'atreve.
S'apudica Conſorte
Imitar as famozas, que tratavaõ
Seus bens da meſma ſorte,
E ſeu corpo ao trabalho naõ pôpavaõ,
Mais que o ruſtico Eſpozo,
Que homẽ ſe póde achar mais vẽturo-
Chegando fatigado, (zo!
No ſeco lenho o fogo acha acendido,
Acha o leite coalhado,
E o gado no redil já recolhido,
Acha do novo vinho,
E toda a pobre Caza em doce aninho.
Por certo eu naõ queria
Antes comer da Oſtra eſpecioza,
Nem da doce iguaria
Da Lamprea, ou Galinha ſaboroza,
Do que as ſimplices hervas
De que os ruſticos fazem as conſervas.
As Malvas ſaudaveis,
As folhas da labaça, o Cordeirinho
Morto nas decantaveis
Feſtas, do bom Deos Termo, Cabriti-
Que nos dentes balava (nho,
Do famelico lobo, que o rôbava.
Que mór goſto, ou ventura,

Que

Que eſtar cevādo os olhos na Manada;
Que vem des da eſpeſſura
Satisfeita, buſcando a Caza amada;
E os Bois, que o duro arado
Trazem no frouxo cólo fatigado!
Os rudes Pegueiros,
Pola impinada Serra ver deſcendo,
Des dos altos outeiros
Huns com outros no canto cõtendẽdo,
Inculcando a abundancia
Dos Amos, neſta alegre conſonancia
Iſto contava hum dia
Alfeo, que ſó tratava das Uzuras
Ser ruſtico queria,
E como tal, tratar de Agriculturas;
Mas logo arependido
Voltava a ſeus contratos o ſentido.

F I M.

TAVOADA

Das Obras de Pedro da Costa Perestrello.

Satiras.

Ecloga.

Oitavas.

Sonetos.

Mò-

R. T A-

TAVOADA;

Das poezias de Francisco Galvaõ.

SONETOS.

Can-

Cantigas.

Elegia

Trovas.

TAVOADA

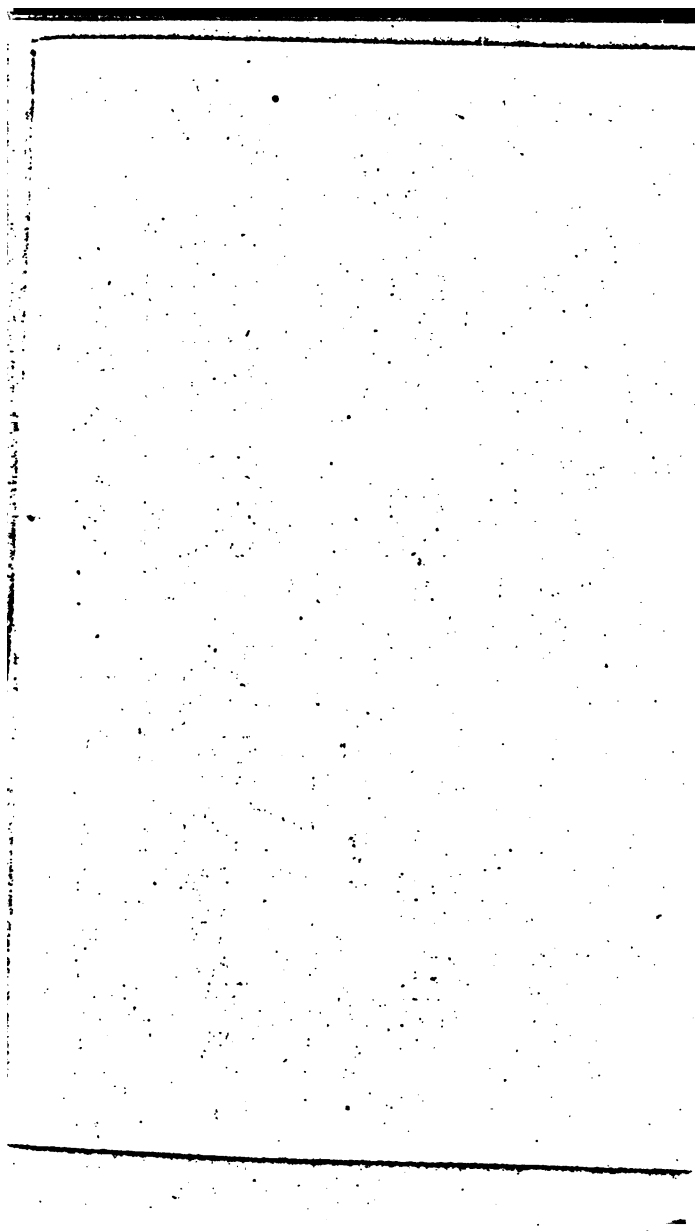
Que contem as poezias dos Anonimos

ELEGIA.

Naõ

Ode-

Foi taixado este Livro, em papel a quatro centos, e oitenta réis. Meza 28. de Novembro de 1791.

Com tres Rúbricas.

OBRAS INEDITAS
DE AIRES TELLES DE MENEZES;
D A
ILLUSTRE CAZA DE UNHAÕ;
E AYO DO SENHOR,
REI D. JOAÕ II.
D E
ESTEVAÕ RODRIGUES DE
CASTRO;
E de outros Anonimos dos mais esclarecidos
Seculos da Literatura Portugueza.

*Dadas á luz fielmente trasladadas dos
seus antigos Originaes,*

DEDICADAS
A O
MUITO ALTO E PODEROZO SENHOR
D. JOAÕ
PRINCIPE DO BRASIL
&c. &c. &c.

TOMO II.

P O R
ANTONIO LOURENÇO
ÇAMINHA,
Professor Regio de Rhetorica, e Poetica. &c.

LISBOA
Na Offic. de Filippe Jozé de França, e Liz;
Anno M.DCC.LXXXXII.
*Com Licença da Real Meza da Commiçaõ Geral
sobre o Exame, e Censura dos Livros.*

Que exemplos a futuros Escriptores,
Para espertar engenhos curiozos,
Para porem as couzas em memoria,
Que merecerem ter eterna gloria.

Camões Luziadas Cant. 7. 8. 82.

PRIVILEGIO.

DONA MARIA POR Graça de Deos Rainha de Portugal, e dos Algarves dá quém, e da lém mar, em Africa Senhora de Guiné &c. Faço saber que Antonio Lourenço Caminha Professor Regio de Rhetorica, e Poetica me reprezentou; que elle dezejando enrequecer o Públîco com alguns Monumentos dos nossos bons Antigos, deu principio a este projecto, fazendo huma Collecçaõ das obras ineditas dos nossos illustres Poetas dos mais esclarecidos Seculos da literatura portugueza, principiando por Pedro da Costa Perestrello, coevo de Luiz de Camões, e Francisco Galvaõ, e tendo outros muitos para á referida Collecçaõ, elle suplicante temendo que algumas pessoas utilizando-se do grande trabalho que tem tido com a dita Collecçaõ, pertendaõ fazer imprimir das mencionadas algumas obras, me pedio fosse servida conceder-lhe hum

Privilegio privativo para ajuntar ao primeiro Tomo da sobredita Colecçaõ; que se acha impresso, bem como se concedêra á Viuva de Pedro Antonio Correa Garçaõ. E visto o seu Requerimento, e informaçaõ que se ouve do Corregedor do Civel da Corte Luiz Ribeiro Godinho, resposta do Procurador da Coroa, e o que me foi reprezentado em consulta da minha Real Meza da Cõmissaõ Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros: Hei por bem fazer mercê ao supplicante de que por tempo de dez annos ninguem possa imprimir, nem reimprimir nestes Reynos, ou introduzir de fóra delles a obra de que se trata, ainda com o pretexto de nóvas correcções, ou addições, debaixo das penas de cem mil reis pela primeira vez, e da perda de todos os Exemplares que lhe forem achados, e de duzentos mil reis pela segunda vez, sendo ametade da condenaçaõ, e do vallor dos livros, para quem os denunciar, e a outra ametade para o Hospital Real de S. Jozé. E esta Provizaõ se cumprirá inteiramente, co-

mo

mo nella se contém ; e valerá, posto que o seu effeito haja de durar mais de hum anno, sem embargo da Ordenação do livro segundo, titulo quarenta em contrario. E pagou de novos Direitos quinhentos, e quarenta reis, que se carregáraõ ao Thezoureiro delles a folhas duzentas e cessenta, e quatro do livro treze da sua Receita, e se registou o conhecimento em fórma no livro quarenta, e oito do Registo geral a folhas cento, e cessenta, e sete. A Rainha Nossa Senhora o mandou por seu especial mandado pelos Deputados da Real Meza da Commissaõ Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros abaixo assignados. Jozé Thomaz de Aquino Barradas o fez em Lisboa aos dezanove de Outubro de mil, e setecentos, e noventa, e hum.

Feliz Jozé Arndu o fez escrever.

Fr. Luiz de Santa Clara Póvoa
Reg. a f. 8.

Por consulta da Real Mesa da Cõmissaõ Geral de 17. Setembro de 1791.

Jo-

Jozé Ricalde Pereira de Castro.

Pag. 540. réis e aos Officiaes 528. réis Lisboa 25. de Outubro de 1791.

Jeronymo Jozé Correa de Moura.

Regiſtada na Chancelaria Mór da Corte, e Reino no liv. de Offic. e Mercês, a f. 328. Lisboa 27. de Outubro de 1791.

Manoel Antonio Pereira da Silva.

PRO-

PROLOGO.

SAhem finalmente á luz as Obras Ineditas de Aires Telles de Menezes da Illustre Caza de Unhaõ, e Ayo do Senhor Rey D. Joaõ II. As de Estevaõ Rodrigues de Castro, e de outros Anonimos dos mais esclarecidos Seculos da Literura Portugueza, cujas Obras vem a formar o Segundo Toma da Colleçaõ que prometido têmos ao pùblico, traçado pela melhor ordem, e methodo que em nós está.

A justa aceitaçaõ que os Sabios da Naçaõ fizeraõ das Obras de Prestrello, e Galvaõ, acompanhada dos grandes dezejos de vermos em nossos dias renascer huma boa parte dos preciozos monumentos dos nossos bons antigos, de que temos feito hum grande Monopolio, nos move o declarar-mos á Naçaõ o futuro apparecimento que pas-

passaremos a fazer de algumas Obras ineditas do nosso Princepe dos Poetas de Espanha Luiz de Camões, e de Antonio de Abréu, maravilhozamente descubertas em huma das Cidades da Contracosta de Azia; e as de hum sabio Anonimo coevo do Senhor Rey D. Sebastiaõ, e Embaixador naquelles tempos, cujo nome trabalhamos por descubrir, pois nada mais declara o frontespicio se naõ o seguinte. *Este Livro he de Dona Maria Henriques que compoz seu pay em Marrocos*, cuja pósse devemos á grande liberalidade, e patriotismo do Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Marquez de Alegrete, nome taõ respeitado pelas suas grandes letras, como pelos extraordinarios dezejos de as ver restabelecidas nos seus dias: o qual Senhor liberalmente nos confiou a sua Biblioteca, e Cartorio (preciozos thezoiros desta idade,) em os quaes admirei infinitas preciozidades, todas juntas pela sabia, e judicioza escolha de seus Antepassados.

Ora sendo Aires Telles de Menezes assás conhecido nas Historias do seu tempo, e ainda pelo que delle diz

Bar-

Burboza na Biblioteca Luzitana ; podemos dizer das ſuas Obras o meſmo que Mr. Sabanon, Illuſtre Academico da Academia Real das Inſcripções, e Bellas letras, e da Academia de Lyaõ, dizia de Pyndaro, a ſaber, que muitos eraõ os que o citavaõ, porém poucos os que o tiveſſem lido.

Eu naõ conheço hum ſó Sabio da Naçaõ, ainda dado à liçaõ dos bons poetas, que delle tenha noticia, ſendo poucos os que tem viſto as de Eſtevaõ Roiz de Caſtro, talvez por ter impreſſo ſuas Obras fóra do Reino: talvez pela ſua pequenhés, e o tempo as ter conſumido, como de ordinario faz a todas as couzas preciozas: e por eſta razaõ grandes literatos aſſentaraõ ſe devera encorporar no Catalogo das Obras ineditas por conreſponder ſua raridade conſideravel ao eſtado de ſer conſiderada como inedita nos noſſos tempos. Eu nunca já mais pôde encontrar ſe naõ hum unico exemplar da obra de quẽ tratamos, e foi na ſumptuoza Biblioteça do Illuſtriſſimo Senhor Jozé Pe-

dro

dro Hasse Belém digníssimo Prelado da Santa Bazilica Patriarcal, bem conhecido pelo profundo zelo do augmento da nossa Literaturá, donde extrahimos a Copia que agora damos ao préllo, e encorporamos á nossa Collecçaõ.

As bellezas q̃ em ambos estes grandes homẽs se encontraõ, saõ quazi infinitas, já as consideremos como naturaes produçoẽs da quellas felizes idades, quando o gosto, e o discernimento reinava nos sabios, já por se descobrir nellas aquella simples dezafetaçaõ tantas vezes admirada nos bons Gregos, e Latinos, (fontes aonde entaõ só bebiaõ os nossos antigos) falo daquelle modo de falar taõ recomendado por todos os bons Rhetoricos, a que os Gregos chamáraõ *Asflea*, o qual Quintiliano compára ao simples, e natural atavio, e enfeite das Donzellas, taõ diverso em tudo da affetaçaõ inchada de muitos Escriptores.

Todas estas razoẽs, de sua natureza nervozas, e ponderaveis, nos fazem esperar o beneplacito da Naçaõ

çaõ illuminada, paga, e galardaõ mais preciozo que o oiro, e que o diamante.

FIM.

DIS-

DISCURSO PRELIMINAR

Do Editor, e Recopilador destas Obras.

PLatað, o divino Platað, a quem a antiga Grecia chamou Principe dos Philosofos, cheio de júbilo, e contentamento naõ sabia dar graças aos Deozes por que nascera nos tempos de Socrates, e bebera delle as preciosas agoas de huma feliz educaçaõ.

E por que cauza á vista de hum taõ preciozo quadro, naõ teremos rázo para exclamar com internas gratulações, por termos vivído no Illustre Reinado do Senhor Rei D. Jozé, e no da nossa Augustissima Soberana: Reinados, em que as Artes, e as Sciencias tomando como hum novo explendor, e magestade, fizeraõ lembrar os antigos tempos da illustre Athenas, e da famoza Roma; pois sendo fertilizados, e enrequecidos, naõ só com a pureza da lingoagem dos nossos bons antigos, como com

a sim-

a simplicidade dos seus pensamentos; passamos a ser envejados das Nações mais cultas de toda a Europa? Materia esta que assás se contesta, naõ só com as labias, e eloquentes Leis, vulgarmente chamadas Jozefinas, como com infinitas Obras, que nos nossos tempos tem sahido ao Público, que tanto enobreceraõ a Naçaõ.

Foi o seculo decimo sexto em Portugal, como a idade aurea entre os Romanos. Foi por estes venturozos tempos que appareceo no mundo a divina eloquencia de Cicero, de Hortencio, e de outros muitos Oradores, os quaes enchendo de assombro, e espanto o Orbe literario, alcançaraõ com os seus Escriptos hum nome eterno. O mesmo aconteceo á encantadora Poezia de Virgilio, Horacio, e Ouvidio, sendo laureados com as amenas flores do Parnazo.

Correo isto iguaes parelhas em Portugal, por que se espalharmos a vista pelos Reinados do Senhor Rei D. Diniz, e dos que se seguiraõ, encontraremos infindas provas desta verdade. Todos sabem, e conhecem a ma-

a mageſtade dos Teives; dos Rezendes, dos Paivas, dos Andrades; Todos a de Camoẽs, Ferreira, Bernardes, e outros muitos. O que Quintiliano diz (a) dos que ſe daõ á liçaõ dos Poetas, iſto he, das grandes ventagẽs que alcançaráõ ſobre os outros homẽs, enrequecendo-ſe, naõ ſó de mil penſamentos ſublimes, e da lingoagem dos affectos, de tudo ſe ferteliza o que ſe entrega á liçaõ dos noſſos ſabios Portuguezes, por quanto nada ha de ſublime, e mageſtozo em todo o genero de Literatura, que nelles naõ ſe encontre, o que bem faremos ver á Naçaõ na traça de huma Rhetorica que eſcrevemos ſobre os fundamentos dos bons antigos, apoiada, e confirmada com exemplos tirados das preciozas fontes naõ ſó dos noſſos bons Oradores, e Hiſ to-

(a) Plurimum dicit Oratori conferre Theopharſtus lectiorem poectorum, mulfique ejus judicium ſequuntur, neque id immerito. Namque abhiis, & in rebus ſpiritus, & in verbis & ſublimitas, & in affectibus motus omnis, & in perſonis decor petitur Quint. liv. x. cap. 1. n.

toriadores, como dos Poetas, e Asceticos.

He verdade que algumas vezes encontramos em os nossos antigos algumas falhas que á primeira vista naõ aprazem; porém devemos saber que ha na antiguidade huma certa belleza rustica, e como desprezadora da Arte, que só os que tem huma grande idéa da Eloquencia percebem, belleza esta que o grande Louzan admira nas Obras de Homero, comparando-as aos grandes, e formidaveis penhascos socavados, e carcomidos pelas mãos da antiguidade. As barcas do nosso Gil Vicente, muitas das Poezias dos nossos Monarcas, e Fidalgos Portuguezes que encontramos no Cancioneiro de Reezende confirmaõ o que vamos escrevendo. Naõ ha alli brincos de engenho, expressões pompozas, nem pensamentos torneados; porém sim huma fraze núa, e despida de toda a affectaçaõ: em huma palavra fala a natureza, e esconde-se a Arte.

Já no tempo de Dionizio Halicarnazo graçava este erro. Haviaõ homẽs que tinhaõ em mor estimaçaõ os dis-

discursos de Isocrates, que os de Demostenes, sendo o primeiro hum Orador affectado que fez consistir a belleza da sua eloquencia no polído das palavras, e na armonia dos seus periodos, e o outro pelo contrario, desprezando tudo o que he florido, e brilhante, e cuidou sómente em mover, inflamar, e arrebatar os animos mais emperrados; traspassado dos grandes interesses da Patria, elle deixa as flores da Arte, e passando a traçar hum discurso, como fechado em si, e cheio de pezo, e magestade, tudo quanto profere he nobre, valente, e efficaz. (a)
Eis-aqui o cuidado dos nossos portuguezes antigos. Elles tinhaõ bebido nestas fontes. Ouveraõ infindos Sabios que se davaõ á liçaõ dos Gregos, e Latinos, e que delles recolheraõ o que hoje admiramos nos seus escritos.

E quem póde duvidar que esta belleza rustica de que temos falado, foi prezada da mesma antiguidade? * Quem

(a) Vid. Longino Trat. do sublime.

Quem duvida que a Poezia de Enio; e a de outros muitos Poetas antigos, unicamente por contar a sua belleza rustica hum quazi inmemoriavel número de annos, foi prezada, e estimada, desprezando-se por esta cauza, já a lição delicada de Virgilio, já a de Terencio, e Horacio?

Ora se estes tempos olharaõ quazi com hum respeito cego para as obras destes grandes homẽs, unicamente pela sua ancianidade, e linguagem, que justo naõ será o apreço que devemos tributar aos nossos bons Poetas, que tanto enobreceraõ o Pindo, e o Parnaso?

He assás difficil o que acabamos de dizer, e segundo requerem Cicero, e Quintiliano, quazi impossivel a traça de hum homem verdadeiramente eloquente, e de bom gosto. Vejá-se o que o primeiro diz no seu Orador, e o segundo *no Cap. de facultate dicendi ex tempore*: a pezar de tudo isto, raros saõ os que se naõ julgaõ assás instruidos nesta materia; porém a pedra de toque por onde os Sabios os distinguem he pela Critica elco-

colha que fazem dos Escriptores. Achaõ-se a cada passo maiores elogiadores, e sequazes de Jacinto Freire, do Autor da vida do Conde das Galvêas, e do Irmaõ Pedro de Bastos, que da liçaõ de Fr. Luiz de Souza, de Barros, de Lucena, de Heitor Pinto, e de outros. E donde provém este máo gosto? donde este afinco, senaõ da cauza allegada? Finalmente de naõ possuirem huma perfeita idéa da Eloquencia adquerida pela frequente liçaõ dos bons Gregos, e Latinos, e dos nossos antigos Poetas, e Oradores?

He verdade que Jacinto Freire tem couzas Magistraes que encantaõ, e surprehendem os Sabios. Ha nelle prozopopeas taõ vivas, e taõ energicas, que nos servem de modello nas Aulas públicas de Eloquencia; figuras taõ bem semeadas que transportaõ; porém a pezar de tudo isto, naõ querem alguns Sabios de bom gosto, e censo, que entre em parallelo com o grande Souza, e outros. Tanto custaõ as naturaes bellezas.

No numero dos homẽs de gos-

to, e de pureza natural de elocuçaõ; está sem duvida Aires Telles de Menezes. Elle viveo no illustre Reinado do Senhor Rei D. Joaõ II. de quem foi Ayo, e servidor, seculo em que viveo o grande Fr. Bernardo de Alcobaça, asomador, e recopilador de quanto as Escrituras santas tem de béllo, e excellente, na traduçaõ que escreveo em Lingoagem da Vida de Christo. (a) Epoca feliz da Literatura portugueza, como bem se deixa ver nas Obras dos Reezendes, e de outros.

Tinha sido Aires Telles de Menezes nutrido, e alimentado com o preciozo leite dos bons Estudos (que tanto entaõ se cultivavaõ em todo o Reino), e esta he a cauza porque nos seus escriptos semeou tantas bellezas, que se as fora-mos analyzar, seriamos fastidiozos, e dema-

zia-

(a) Esta Obra he assás rara, em todo o nosso Reino se contaõ quatro exemplares segundo as Memorias literarias da Academ. Portug. nós a pezar disto temos lido huma grande parte della na Biblioteca Franciscana, aonde existe.

ziados; porque além da locuçaõ natural de que se servio sempre, as metaforas, as figuras, tanto de pensamentos, como de palavras, saõ sem dúvida, as mais bem semeadas que se podiaõ dezejar, de sorte que deixaõ ver ao Leitor, que se fora enrequecido dos Magistraes Tratados, que des dos seus dias até a os nossos tempos se traçaraõ, seria nada inferior aos melhores Poetas que respeitamos na República das Letras: a pezár de tudo isto, saõ assás pateticas, e luctuozas as duas Elegias consagradas, huma á morte do Senhor Rei D. Joaõ II. de quem fôra prezadissimo servidor, e Ayo, em a qual parece a fogarse empranto;e outra que fez pela triste occaziaõ da dezastradissima morte do Senhor D. Affonso de saudoza memoria, pizado, e atropelado nos arêaes do Tejo.

A ternissima pintura, que Virgilio nos faz no livro 9. da sua Eneada da Mai de Eurialo, rompendo pelos condensados esquadroẽs, a penas ouve a triste noticia da morte do seu amado filho Eurialo; as ternissimas vozes em que rompe vendo a cabeça do

seu

cessiveis montanhas da Arrabida.

Basta de Aires Telles. Em Estevaõ Roiz de Castro, e nos Anonimos que se seguem, a pezar de haverem algumas pessas de mais diminuto merecimento, tambem havemos confessar existirem outras de huma justa estima. A Ecloga que principia. *Nas ribeiras do Tejo a huma arêa*, imitaçaõ da segunda de Virgilio que principia *Formosum Pastor Coridon ardebat Alexim*: tem sido lida, e admirada por bons Mestres de Poezia; o mesmo devemos dizer das suas Cançoẽs, e Odes.

Saõ os Anonimos que se seguem do perfixo tempo que prometemos aò pùblico; pois se excedemos esta promessa no primeiro volume desta Colecçaõ (o que naõ deixou de agradar a muitos que ainda naõ tinhaõ visto Horacio em lingoagem portugueza tambem vertido, e tratado) desculpenos o respeito devido a huma grande personagem desta Corte, que assim dezejou se ajuntassem aos Anonimos as referidas pessas de Poezia.

VI-

VIDA DESTE AUTOR;

Apanhada da Bibliotheca Luzitana

DE

DIOGO BARBOZA MACHADO

Tom. 1. p. 82.

AIres Telles de Menezes, filho II. de Fernaõ Telles de Menezes IV. Senhor de Unhaõ, Commendador de Ourique em a Ordem de S. Thiago, Mordomo Mór da Rainha D. Leanor mulher de ElRei D. Joaõ o II., e de D. Maria de Vilhena filha de Martim Affonsso de Mello Alcaide Mór de Olivença, Guarda Mór dos Reis D. Duarte, e D. Affonso V. foi ornado de admiraveis dotes, que se illustravaõ com o explendor do seu nascimento, sendo taõ perito na Poezia, como destro na luta, muito uzada naquella idade pelas pessoas da sua Jerarchia, para cujo exercicio o dotou a natureza de forças extraordinarias. Acompanhou a ElRei D.

D. Joaõ II., quando para remedio da enfermidade, que padecia, foi buscar as Caldas do Algarve, e em Monchique se divertio este Principe vendo lutar a Aires Telles, sahindo gloriozamente vencedor de todos os Contendores. Com grande affecto, e naõ menor sentimento assistio em Alvor á morte daquelle Monarcha no anno de 1495. Dezenganados das glorias mundanas, se recolheo á Religiaõ do Patriarcha Serafico, aonde açabou piamente a vida. Fazem memoria do seu nome *Resende* Chronica do Senhor Rei D. Joaõ o II. cap. 208., e. 218. D. Luiz Salazar, e Cast. Hist. Geneal. da casa de Sylv. Part, 2. liv, 9. cap. 1. pag. 328,

Algumas das suas Poezias imprimio no seu Cancioneiro Garcia de Resende, impresso em Lisboa por Herman de Campos. 1516. fol., e estaõ a fol. 80. ỷ. 149. ỷ. 145. 150, 152. 154. 176. ỷ. 177. 178. ỷ. 179. ỷ. 181, ỷ. 198. e 199.

Re-

Recolhido ao Claustro, he bem verosimil, que accezo no fogo de huma celeste devoçaõ, escrevera as poezias de que Barboza naõ teve noticia, bem como das que imprimimos de Prestrello, pois apenas de toda esta Colleçaõ, vio a Satira em Hespanhol, que este Sabio Portuguez escrevera á Corte de Madrid, a qual principia: *O Madrid escuro Infierno.*

In-

INDEX ALFABETICO.

Dos Senhores Subscriptores, que naõ se ajuntou ao primeiro Tomo por evitar prolixidade, e que hiráõ sahindo em razoaveis porçoens pelos Tomos desta Colleçaõ.

A

D. ANtonio do Populo Manoel de Souza, e Menezes Conde de *Villa flor*.
Antonio de Abréu Pereira, e Menezes.
Antonio Francisco de Couto.
D. Antaõ de Almada.
Antonio Pereira Tavares Leitaõ.
Antonio Leite Pereira de Mello Virgolino.
Antonio de Saldanha.
Alexandre Barboza de Albuquerque.
Antonio Joaquim de Moraes.
Antonio Rodrigues Caldas.

An-

A B C

Angelo Diogo Guarjade.
D. Abade Geral de Bellém.
D. Antonio Luiz de Menezes Marquez de *Tancos.*

B

Fr. BErnardo da Esperança.
Bernardo Clamouce.
Bromeus *Illius.*
Benedito Cosmeli.
D. Bernardo Pinto Ribeiro Seixas *Bispo de Miranda.*
Belinge &c.

C

D. Carlos Belison *Arcebispo de Tianna Nuncio Apostolico.*
O Conde Chalon &c.
D. Caetano de Noronha.
Caetano Victori.
Chevalier Luiz Lebzeltern *Embaixador de Alemanha* &c.
Dona Catherina de Souza Cezar, e Lencastro.
D. Casimiro Vasques da Cunha.
Cypriano Jozé de Carvalho.

DO-

DOmingos Xavier de Andrade.
Daniel Gil de Mester, *filho*.
Diogo Filippe, &c.
Diogo Jozé de Moraes.
Diogo de Castro e Lemos.
Domingos Wendeli.
Domingos de Albuquerque Coelho de Carvalho.

E

EStevaõ Telles da Silva *Monsenhor*.
Fr. Eugenio de Santa Clara.
Fr. Eleziario Lobo de Avila.

F

FRancisco Pires de Carvalho e Albuquerque, *Deputado da Real Junta da Commissaõ*.
Felix Jozé da Costa.
Francisco da Silva de Queiroz e Vasconcellos.
D. Fernando Maria, *Conde do Redondo*.
Francisco Franco Pereira.
Francisco da Silva *Conde de Aveiras*.

Fran-

Francisco Jozé Larroche
Fernando Antonio de Souza Telles.
Francisco Xavier de Basto.
Francisco de Assis.
Flor da Murta.
Francisco Joaquim de Torres Oliveira, e Lima.
Francisco Jozé de Oliveira.
Franisco de Laege.
Florencio Jozé Xavier Nogueira.
Francisco Jozé de Almeida.
Fernando Leite de Souza.
D. Francisco de Alincourtt
Francisco Antonio Soares *D. Prior da Luz.*
D. Francisco Rafael de Castro *Reitor da Universidade de Coimbra.*

G

GAspar Feliciano de Moraes.
Gil Thomaz Bucleus.
Gaspar Kcochman.
Gerard Sant.

Gil

Gil Stephens.
Gabriel Bodiment.
Guilherme Gone.
Guilherme Tonkim.
Gustavo Affonso Hercules Charmon.
O Geral dos Bernardos.

H

Henrique Roberto.
Henrique Jozè de Mendanha Benavides Cirne.

I

D. Jozé de Mendonça *Cardial Patriarca.*
D. Joaõ Carlos de Bragança e Souza *Duque de Alafoens.*
D. Joaõ de Almeida, e Noronha.
Jancer *Inquizidor.*
Jeronimo Castilho.
D. Jozé de Portugal da Gama Conde *de Lumiar.*
Jozé de Almeida Vasconcellos de Sores de Carvalho da Maya Soares de Albergaria *Baraõ de Mossamedes.*

D.

D. José Francisco de Noronha.
D. José Assis Mascarenhas, *Conde de Obidos.*
José de Vasconcellos, e Sousa *Conde de Pombeiro.*
D. João José Alberto de Noronha, *Conde de S. Lourenço.*
José Francisco da Costa, *Visconde de Mesquitella.*
D. José de Menezes.
Fr. Joaquim de Santo Agostinho.
Fr. Joaquim de Santa Clara.
Fr. João Teixeira.
Fr. José Maine, *Deputado da Real Junta da Commissão Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.*
José Gonsalves Pav.
João da Silva Moreira Paizinho.
José Joaquim Lobo Passanha.
Joaquim José Caetano Pereira, e Sousa.
Jozé Alexandre de Sousa Gorgel de Amaral.
Ignacio José Xavier da Roxa Cabral.
D. Ignacio Maria de Ataíde, e Cunha.

Jozé Soares de Andrade.
Joaõ Chrisostomo de Faria, e Souza.
Joaquim Guilherme da Costa Posser.
Fr. Joaquim de S. Jozé.
Jozé Felix Venancio Coutinho.
D. Francisco da Costa.
Jozé Joaquim de Matos Ferreira, e Lucena.
Jozé Francisco de Oliveira.
Jozé Filippe de Souza Pinto.
Jozé de Souza Castello Branco.
Jozé Mathias de Oliveira Rego.
Jozé de Moraes d'Antas Machado.
Jorge Luiz Teixeira.
Jozé Antonio Rapozo.
Ignacio Sanches de Brito.
Ignacio Francisco Silveira da Matta.
D. Joaõ da Costa de Carvalho Patalim *Conde de Soure*.
Joaõ Gabriel Lobo da Silva.
Jorge de Souza Manoel de Menezes.

L

D. Lourenço de Almada.
Leaõ Jozé de Souza.
Luiz Machado Teixeira.
Luiz Lacense.

Luiz

Luiz Antonio de Oliveira Mendes.
Luiz Candido Cordeiro Pinheiro Furtado.
Lourenço Justiniano de Moraes Calado.

M

Manoel Jozé Guedes de Miranda *Senhor de Murça.*
D. Miguel Caetano Alveres Pereira de Mello Duque de Cadaval.
Miguel Carlos da Cunha *Conde de S. Vicente.*
Miguel Franzine
Manoel de Torres Teixugo.
D. Marcelino da Encarnação.
D. Marcos de Noronha *Conde dos Arcos.*
Manoel Thomaz da Fonseica.
Manoel de Figueredo.
Miguel Ignacio de Lemos.
Manoel da Mota Ferraz.
Manoel Jozé Saturnino.
O P. Manoel do Nascimento Justiniano.
Mauricio Jozé Alvares de Sá.

Manoel Marques de Azevedo.
D. Manoel de Andrade Moreira.
Manoel José Sarmento.
Mathias de Oliveira Rego.
O Senhor Muller, *Deputado da Real Junta da Cõmissaõ.*
Fr. Manoel de Santa Rita.
Fr. Miguel de Azevedo.
Manoel Nicoláo Esteves Negraõ.

N

D. NUno Alvares Pereira de Mello.
Nuno Aleixo de Sousa, *Conde de S. Tiago.*
Nicoláo Colnoli.
Nuno da Silva *Conde de Aveiras.*
Nuno Jozé Fulgencio de Mendonça, e Moura *Conde de Val dos Reis.*

P

D. PEdro de Alencastre Castello Branco de Sá, e Menezes, *Marquez de Abrantes.*

D.

D. Prior de Guimarães.
Pedro de Alcantara Pereira Rolim.
Patricio Rodrigues Campos.
Pedro Caetano Pinto de Moraes Sarmento.
O Prior Mór de Avis.
Fr. Placido de Andrade.
Fr. Patricio da Silva.
Fr. Pedro de S. José.
Fr. Patricio de Mattos.
Paschoal José de Mello, *Deputado da Real Junta da Cõmissaõ.*

R

RAfael Ignacio Pimenta.
Roberto Nunes da Costa.
O Reitor do Mosteiro dos Religiosos de S. Paulo.
Fr. Rafael de Lorena.

S

O P. SAmuel Corbchlelo.
Sebastiaõ José Leitegeb.
Sebastiaõ Alizeri.

T

Fr. Theodoro de Carvalho.
Thomé Barboza de Figueredo Almeida Cardozo.
Thomás Telles Thomazini.
Thomé Jozé de Souza Conde do Redondo.
Theotonio Jozé.

U

Vicente Joaquim Rodrigues Pontes.
Venancio Manoel de Campos.
Fr. Vicente Salgado.
D. Valco da Camera.

FIM.

ODE

ODE

Cantico Benedicite.

TOdas as obras do Senhor Eterno
Lhe dai gloria, e louvor,
De coração interno,
Conhecendo-o por nosso Creador:
Sobre tudo o exalçando,
Em quanto o mundo, e tempo for durando.

Começai, vós primeiro altas, e puras
Substancias, ao louvar
Das grandes formozuras
De que na creação vos quiz dotar,
E sem escuros vêos
Como os creou o louvem os altos Ceos.

E as águas que a pár do Firmamento,
Sobelos Ceos estão,
Lhe dem louvores cento,
Que transparentes sobre o cristal são,
E louveo a sua virtude
Da lingoagem humanal certa saude.

E o claro sol com o formoso dia;
E na sua noite a Lua,
E estrellas, com que ardia
Trabalhem por lhe darem gloria algũa;
Mostrando-se formosos
Como os creou perfeitos luminozos.

Derrame a chuva, e orvalho mil louvores
Em lugar d'aguas claras,
Com tanto mais fervores
Quanto seráõ mais maravilhas raras,
E todo o santo esp'rito
De Deos, clame, Senhor, sejais bemdito!

Pera o louvar a calma, e a quentura
Do fogo mais ardente
Inflamme a estreita, e dura
Sezaõ do frio, e louveo o Astro quente
Que delle he coroado
D'espigas mil, com fruitos mil honrado.

Derretaõ-se os orvalhos, e a geada
Corraõ em murmurio brando,
A cujo som gastada
Do caramello a pedra, vaõ louvando
A Deos, a chame o frio,
E todos façaõ de louvor hum rio.

Apoz

Apoz os quaes a neve ; ou dura , ou solta
Traga liquido canto ,
E o dia quando volta ;
Esclarece tudo quanto ,
E todos juntos teçaõ
A Deos, doces louvores que lh'off reçaõ.
E as claras luzes , que nos lumiaes ,
As trevas , e o escuro ,
E vós que castigais ,
O's furiozos raios , o impuro ;
Nuvens de toda a sorte ,
Lovai a Deos claro , espantoso , e forte.
E sobre as aguas appareça a terra ,
E louve-o no alto monte ,
No campo , valle , e serra
E nas riquezas , qu'em seu ceyo conte ;
Nas pedras preciosas
Sempre exalce as suas obras gloriosas.
E venhaõ rindo os montes , e os outeiros
De flores , e boninas ,
Com alegres sombreiros ,
E tudo que produz as cousas dinas ;
Que fez a eterna maõ
Com mil louvores celebrando o vaõ.

Louvem-no as fontes, que correndo sahem
Co cavado rochedo,
E vaõ por onde cahem
Lavando ora hum, ora outro graõ penedo,
E o vasto mar, e os rios,
Que tornaõ donde vem nunca vazios,
Louvem-no os peixes todos, e os marinhos
Monstros, que em companhia
Os liquidos caminhos
Colhendo vaõ, as aves, cuja via
De Deos está mais perto,
Que lhes dá sem celleiros comer certo.
No campo o louvem bestas, e os gados
Pacificos, e mansos,
Mais os homens creados
Pera sempre gozar altos descanços,
Os quaes tendo perdidos
Lhes saõ com tanto amor restituidos.
Por quanto louve a companhia santa
Dos bons, e dos elleitos
Tal piedade, e tanta
Como a som que visita os nossos peitos,
E exalceo sobre tudo
O eloquente, o ignorante, o mudo.

E de

E de ſantos conceitos toda a ordem
Sacerdotal companhia
Hymnos, que aſſi concordem,
Ou coraçaõ que Deos a ira deponha,
E os ſervos ſeus ouvindo,
Os vá de dons, de graças mil veſtindo.
E os juſtos eſpiritos, e as almas
O louvem já ſeguros,
Na maõ levando as Palmas
Das victorias do mundo, e com os puros
Mui humildes, mui ſantos,
O alcem mais c' os mais humildes Cantos
Entre eſtes Anania, e Miſael
E Azaria com zelo
Deſprezando o cruel
Ardente fogo, a quem nem hum ſo pello
Voſſo ouzou queimar,
Começai ſobre todos a exalçar.
Louvemos o infinito, eterno Padre,
O Filho, ó Santo Eſprito,
E logo a Santa Madre,
Qu' hum delles nos gerou, como era eſcrito
Polos altos Profetas,
Que o ſouberaõ por Deos, naõ por Planetas.

Mas

Mas quem podesse dar taõ grande salto
Do Firmamento a cima,
Que erguelos no mais alto
Lugar, bastasse com humana rima
Fazendo da sua gloria
Pera encantar as almas, santa historia.

ELE-

ELEGIA.

Ao finamento do Principe D. Affonso filho do Senhor Rei D. Joaõ II. que desgraçadamente pereceo em Santarem.

QUe prantos, ou que choros dar podemos
As' frias cinzas dum esprito nobre,
Que pera sempre á pouco ali perdemos?
Quem ha hi que o leal peito seu naõ dobre,
Embora seja d'animo emperrado,
De coraçaõ d'azeiro, ou duro cobre?
Como podeste estar, Tejo Sagrado,
No centro do teu leito sumptuoso,
Na tua tremenda Urna reclinado,
Naquelle escuro dia, e taõ trevoso,
Qu' o inhumano, e fanulento fado
Contra nós se mostrou taõ despiedoso?
No dia, em que perdeo o Luso estado
Toda a sua esperança, e a vio cahir,
Bem como a fruto, ainda em flor cortado.

Quem

Quem vio o venerando Pai sahir
Dos sumptuozos Paços que habitava;
Depois que a nóva lá ouzou subir.
O caro filho vendo que adorava
Lutando com a morte, que naõ fira
O terno peito seu que, a dór agrava?
D' Eurialo a Mãi chora, e delira;
Apenas ouve a fama descontente,
Qu' o seu amado filho ali lh' expira.
Ao Ceo naõ alça as palmas diligente,
Pór se queixar do fado que está vendo
(Cruel açoite da humanal gente.)
Por entre infindas hostes vai correndo
Das armas, e perigos esquecida
A terra, e o Ceo de queixas mil enchendo.
E em pascendo a vista enternecida
Na cabeça do filho em sangue envolta
Deste geito falou quazi sem vida.
„ E, podéste, cruel, fazeres volta
„ Desta vida mortal, e só deixarme
„ Entre pezares mil afflita, e morta?
„ Porque antes de partir aqui falarme
„ Naõ quizeste, ó filho, e com tristura
„ Os ultimos abraços vires darme?
„ Podera entaõ guiarte á sepultura,
„ Lavarte as crueis chagas desditoza,
„ E os olhos teus cerrar nesta hora dura,

Assim

Assim ficou do Pai a alma choroza
Depois que vio o filho seu querido
Com a Parca lutando riguroza
No rosto seu o beija enternecido,
E deitando-lhe a benção, volta o trilho
Dizendo em tristura absorvido.
,, Ahi vos fica o Principe meu filho.
E proseguir naõ poude mais a vante
Do que por certo aqui me maravilho.
Com desmedidos passos de Gigante
A, incauta Mãi levou e a Princeza
Esta nova fatal, a Fama errante.
Correndo o alvergue buscaõ com tristeza
Esquecidos de todo o Real fausto,
E ali culpaõ da morte a cruel fereza.
Oh dia pera sempre triste, e infausto
(Dizia a gente toda envolta em pranto)
Oh dia nunca de pezar exausto.
Alguns ferem as faces com espanto,
Outros depenaõ barbas, e cabellos;
Tanto foi sua dôr, seu pezar tanto!
As donzellas os rostros tanto bellos,
Com suas proprias unhas ensanguentaõ
Instigadas da dôr, e seus disvellos.
As lagrimas nos olhos arrebentaõ
A grandes, e pequenos, tudo chora,
E com ellas os rios acrescentaõ.

Des

Des do Ocazo triste, até a Aurora
Tudo de dôr se cobre, tudo sente
Deste mal os effeitos sem melhura.
Assim veio a finar para Lusa gente,
Hum precioso bem que tanto amava;
Num leve instante desgraçadamente.
E quando entaõ mil vivas escutava,
Assim na Corte, como na floresta
Onde ás vezes na Cassa s'adestrava.
Padecendo o rigor da sorte infesta
Finar veo seus dias preciosos
Pizado, e esmagado d'huma besta.
E sendo até ali em sumptuosos
Paços entre regalos, e riquezas,
Antre alcatifas ricas, e brocados:
A finar veo entre mil baixezas
Dum pescador na caza triste, e pobre
Sem pompa, sem ornato, entre vilezas.
Pezada campa já seu rosto cobre
Seu rostro, aonde os Graças habitavaõ
E ledas possuiaõ casa nobre.
As mãos que infindas gentes lhe bei-
javaõ
A gracioza boca, tanto bella
Donde ledas palavras s'escutavaõ.
Sua alma pura, candida, e singela,
Qu'a todos atrahia a toda a hora,
No Ceo quiz o Eterno recolhella.

O

O que faremos pois Lusos agora
De tantos bens privados? que faremos
Envòltos antre o mal que o *Reino*
chora?
Pera o Ceo cristalinò as máos al-
çemos
E ao nosso mál fazendo rezistencia
Humildes, e acatados respeitemos
As insondaveis leis da providencia.

ELEGIA

A' morte do Senhor Rei D. João II. que se finou em Alvor no Alguaarve.

CHoremos, Musa; ao som da
Arpa
Do luso povo a orfãndade triste,
Effeitos tudo da horrivel Parca!
Es' cazo algua ora já m'abriste

Os thezouros do Pindo, hoje me presta
Esse sublime don, que em ti existe.
Ajudame a cantar c'huma voz mésta,
A perda do Monarca taõ jucundo,
Do lugubre Cypreste m'orna a tésta !
Retumbe minha voz no fim do Mũdo,
E saiba a gente toda que morreo
O segundo Joane, sem segundo.
Aquelle Rei que á Reis exemplo deo
Com suas sabias leis que seràõ gloria
Em todo o tempo, do bom sizo seu.
Revolvendo os Annaes da nossa historia,
Sua prudente vida alli veraõ
Chea defeitos de immortal memoria ;
„ E surprendidos sendo exclamaraõ
„ O' immortal Joaõ, por que taõ cedo
„ Dar-nos quizeste taõ inf'liz cajaõ ?
„ Quando será que teu aspeito ledo,
„ Sahir possa das nossas fantazias
„ Aonde escripto jas, como em rochedo !
„ Embora correraõ infindos dias,
„ E tudo talhará o tempo iroso,
„ Por varios geitos, e dif'rentes vias :
„ Porém o nosso choro dolorozo,
„ Sempre nos ha de humedecer o peito,
„ Co' alembrança dum Pai taõ amorozo.

Quem

„ Quem ha hi que naõ lêsse em seu aspeito
„ Hum saber divinal, hum fogo puro,
„ Mandado a elle do celleste teito?
„ Quem foi do Reino impenetravel muro
„ Contra o poder insano dos imigos,
„ O luso Imperio tendo taõ seguro?
„ Quem soube triunfar de tantos p'rigos
„ Qu' o fado seu lh, urdia rigorozo;
„ Assim dos tempos d' hoje, com o antigos?
„ Quem o caracter Regio, e Magestozo
„ Como elle sustẽtar soube em seus dias,
„ Inda no tempo dias mais calamitozo?
„ Ou quem as sanhas de Mavorte impias
„ Melhor soube do mar, quando em tropel
„ Sahir queriaõ das Regioens sombrias?
„ Quem desipou as trevas de Lusbel
„ Na Affricana terra, e em outras partes
„ Triunfando de seu animo rebel?

„ Quem, mais qu' elle prezou as bellas Artes;
„ E as famosas manhas, quem os feitos
„ Dos guerreiros vassalos, e boas partes?
„ Quem como elle veria os lussos peitos
„ De lagrimas banhados pola morte
„ Do caro silho, sem os seus ver desfeitos?
„ Vencendose a si mesmo, e a seu transporte
„ Exemplo raro deu á todo o Mundo;
„ D' huma alma sem igual, dum peito forte,
„ Depois q̃ o Reino seu tornou fecundo
„ De tudo quanto póde vigilante
„ Escogitar seu animo profundo;
Da lugubre doença, e macilante
Contrastado se vio em tanta gloria;
Mas na lagela o peito seu costante.
Prosegue em fazer feitos de memoria,
E proseguio fazendo-os, inda quando
Era ao finar da vida tranzitoria.
Mas já com ledo aspeito, terno e brando
Por dictames da sabia Medecina
O Reino do Algarve vai buscando.

iAll

Alli he onde o Ceo lhe detremina,
Alivio algum buſcar á ſeu mal forte
No ameno da vêa critalina.
Mas nada vencer pôde a ſua ſorte,
Por que o Ceo neſta inſtancia ſó queria
Bebeſſe o trago da infalivel morte.
Quem podera pintar a vozaria,
Qu' em torno do alvergue ſeu ſ' alſou;
Apenas regirou a nova impia?
Quem do Reino o pezar que lhe, cauzou
A perda deſte Rei? dezeios vós
Ninfas do Tejo ſeu, que tanto amou
Pungidas de pezares, e de dós!

COPLAS

Juizo final.

PErigrinava o ſentido,
Por hir topar o deſcanſo,
E veo a ter remanſo
Em o Mundo deſtruido,

Mil

Mil augustias, mil tremores
Sómentee vio, e mal forte,
E vio que talava a morte
Abarqueiros, e Senhores.

Fendendo infindas vidas
Imovel aos cabedaes,
Mil verdades escondidas
Mostrando vai aos mortaes.

Com denodado aspeito,
E horrenda catadura,
Pubrica a sorte futura,
Por esta arte, e deste geito:

Agora vereis insanos
O que eraõ horas, privanças;
Onde firmes esperanças
Firmaveis á tantos annos:
A eternal affliçaõ,
O termino terminado
He só a que ha nesta sesaõ;
Em que o mortal he finado.

O'dia caliginoso;
E d'espantoso terror
Que tanto enches de pavor;
O humano desditoso!

Aquel-

Aquella difinitiva,
Afpera voz por jufta boca,
Ouvida com magoa pouca
Será de tua alma efquiva.

Daráõ final os elementos
Do Mundo hir afinarfe,
Desvairados movimentos
Faráõ montanhas virarfe.

Do mar o centro proffundo,
Seraa entaõ revolvido
E o pólo denegrido,
Porá em efpanto ao Mundo.

Verás a perplexidade,
Em que anda o mortal gemendo,
E em mil chammas ardendo
O precito condenado.

Avaria revoluçaõ
Dos confundidos Eftados;
Tanto entaõ memorados,
Quanto dinos de irrizaõ.

Veràs ao Nazareno
Em terrivel Tribunal,
Com fciencia divinal
Julgando o barro terreno.

A

A dextra maõ tem alçada
Com ſuprema mageſtade
Moſtrando apoſterade ,
Que entaõ lhe fora outorgada.

Que ab eterno do Eterno ,
Lhe foi logo concedida ,
Bem qual em ſua guarida ,
Apoſſue o Sempiterno.

Verás a ſacra Montanha
De Nardo , Cypreſte , e Palmas ,
Onde Deos por noſſas almas
Edificou Cabana.

Sugeita ao fim terribel
Do dia caliginoſo
Tornada em pó ludolozo
Com poder irremiſivel.

A' maõ dextra ali verás
Todo o Eſtado celleſte ,
E o Paraiſo eterno preſte
Eſperar o juſto em paz.

Verás os Padres antigos ,
Do Ceo pizando a trilha ,
E as cinco meravilha
Do Tabor teſtes perſiguos.

Ve-

Verás os doze Cometas
Do insigne Apostolado,
Deixando manifestado
Tudo ao Mundo, e ás mêtas.

E nas orlas do Cancel,
Onde estará o Juiz
Tremola o matiz
Da Bandeira de Israel.

Todos os grandes tormentos;
Que serviráõ na paixaõ
Postos á dextra maõ,
Vereis em seus apozentos.

Já bebendo o trago crù
Vai o malaventurado
Ao Inferno condemnado
De tudo izento, e nú.

O corpo perde a figura,
E a alma desterrada
Envolta em pena alternada
Geme em eternal clausura.

Alli lhe he, tudo' negado;
Ali naõ vê clemencia;
Com activa vehemencia
O fogo lhe he aumentado.

Ali aperda do damno,
Lhe faz a pena censivel,
E o quanto Deos terribel
Castiga o delicto insano.

E pois s' isto he assim, mortal,
Por q̃ naõ cuidas em ti
Sahi, minha alma, sahi
Deste carcere humanal.

SENTIMENTO

A' lamentosa morte do Duque de Viseu acaecida por tredor do Regno.

I.

MIsera condiçaõ
He a de todo aquel
Que com animo danado
Ao seu Rei he rebel!

II.

Posto entaõ em tristura
A despeito do seu sino
Vem a finar seus dias,
Qual desvairado sem tino.

III.

III.

Aſſi aqueceo aqueſte
Humano deſventurado,
Que polo ferro Real
Vio o peito traſpaſſado.

IV.

O ſoberbo pavimento
Do ſangue ſeu eſpargido;
Sendo depois ſoterrado
Co' meſmo proprio veſtido.

V.

Oh noite de confuſaõ;
Noite p'ra todos triſte
Tu viſte acaecer tal caſaõ,
Bem como em Troya jaa viſte.

VI.

A's mãos do valente Pirro
Morre Priamo exangue,
E cá em Setuvel triſte,
O Duque morre em ſeu ſangue.

VII.

Finou-se a sua vida
(Culpa de máos concelheiros)
Culpa tambem por certo
De seus erros postimeiros.

Teve começo em Santarem a segunda traiçaõ do desventurado Duque de Viseu, por dar orelhas a desvairadas, e afincadas persuaçoens de concelheiros máos, que lho a isto guiavaõ, dizendo-lhe que seriaRey logo que a seu senhor maatasse, pois era seu primo com hirmaõ, e hirmaõ da Rainha sua mulher, e filho do Infante D. Fernando seu tio, devendo-o antes acatar, e reverenciar, fazendo-lhe esquecer a piedade, e misericordia que para com ello usára, mais como pay, que como seu Rey que era, a que elle devera poer em sua memoria. E assi deste geito esquecido de Deos, e da obediencia devida a seu Rey, e senhor tratou de matar seu Rey, ou com ferro, ou empeçonhentando-o, privando por esta traça a seu filho da lidima pos-

posse de seus Regnos, a quem taõ justamente pertenciaõ, o que assi naõ aqueceo por ordenança occulta de Deos, a quem naõ apraz máos intentos: e por isso exclama a Musa, dizendo desta arte.

I.

Oh caso grande, e estranho
Quem poderá, guarda sob'rana,
Livrar-se do mal occulto,
Traçado á gente humana.

II.

S'o braço teu potente
Naõ lhe servir de meo,
S'em toda a desventura
Naõ lhe servires d'esteo!

III.

Occultos saõ os juizos
De quem os Imperios rege,
Suas Sortes, e contrastes
Como lhe apraz, ellege.

IV.

IV.

Assi se vio aquecer
Naqueste fadò sanguinho
Ao Duque de Viseu
Misero, e mesquinho.

Soube ElRei a futura conjuraçaõ avisado de muitos, e fieis vassallos, que o aguardavaõ, e entrando hum dia o Duque, por ser chamado, em sua guarda-ropa, sem mais delongas El-Rey o matou as punhaladas, sendo pera esso presentes, e escolheitos D. Pedro de Essa, Alcaide Moor de Móra, e Diogo de Azambuja, e Lopo Mendes do Rio.

I.

Oh caso raro, e naõ visto
Em parte do Mundo todo;
Oh de valor raro exemplo,
Oh de regnar novo modo!

II.

Só tu Joane segundo
Nos legres que vierem
De todos serás louvado
Qu'os teus altos feitos lerem.

III.

III.

Assi a soberba finda;
Assi perece o rebel,
Do throno cahio p'ra sempre
O infelice Lusbel.

Deste geito finou seus malogrados dias o infelice Duque de Viseu, e assi diz a Chronica, que estivera moorto occultamente sem se ouvir rumor, nem cousa alguma, ata que ElRei mandou cerrar as portas da Villa, e poer nellas grandes guardas, e mandar muita gente por foora da Villa guardar os caminhos, e mandar em Setuvel pregoar grandes, e temerosos pregões, e fazer muitas, e grandes diligencias pera se haverem os outros todos da conjuraçaõ, que foi huma nooite de muito grande terror, e espanto, e sobretudo de muito grande tristura; porque assi a todo o Portugal tocava a desventura daquelles que nisso eraõ culpados, por serem pessoas taõ principaes.

I.

I.

Eis aqui em que parar
Veo a sorte infelice,
Deste misero. Sinom,
Desta errada sandice.

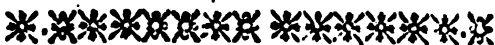
II.

Infindos saõ os exemplos
Antre Gregos, e Latinos,
Porque a seu Rey dar quizeraõ
Injusta morte, ferinos.

F I M.

Foi o corpo do Duque assi mesmo como estaava, levado á Igreja principal da Villa em hum cadafalso acobertado todo de pannos de doo, e jouue no meo da Igreja descoberto á vista de todo o povo até a tarde que o soterraraõ. E de sua morte, diz Garcia de Reezende, foi logo feito hum Auto, em que ElRey verbalmente dixe as causas, e razões que tivera pera matar o Duque que lo-

go foraõ escriptos, e per elles lo-
go perguntadas por testemunhas do
dito D. Vasco e Diogo Tinoco
que com seus ditos aprovaraõ, e
justificaraõ a morte do Duque de Viseu.

F I M.

CANÇAÕ

A morte de Dido Rainha de Cartago

I

A Bella Eliza encendida
No fogo d' amor insano,
Dentro das proprias veas
Sente fogeira impia
Que a morrer polo Troyano
A obrigaõ, Parcas feas!

II.

Do incedio o ardor grave,
Como naõ póde calando
Afflicta assi deste geito
Com vós doente, e suave
Começa de dezatando
Estes pesares do peito.

III.

III.

Que hoſpede he eſte; ó Deſtino !
Que a robarme vem o peito,
E tambem minha alma pura ?
Seu falar doçe, e divino,
Suas Acçoens, e ſeus feitos,
Oſtentaõ fé, e cordura.

IV.

Seu formoſo geſto, e âmeno,
A ſua graça, e pujança
Na terra náõ ha igual
Naõ he de mortal terreno,
Es, aſſim he, tem aliança
Com Nume celleſtial.

V.

Attenta, Irman minha; e vee;
Que d' Amor ſaõ conquiſtada
Em crua, e fera peleja,
Corromperei pois afee ?
No Inferno ſepultada
Primeiro, ah ſim eu ſeja.

VI.

Hospedálo bem podera
Nestas Cameras estranhas ,
Mas tudo , sem que mesquinha
Sem que triste o naõ fizera
Senhor de minhas entranhas ,
E tambem desta alma minha.

VII.

S' hum amor fixo , e seguro ,
Dentro n'alma naõ tivera
Casto , cincero , e lhano ,
Ana minha , eu te juro ,
Que o amor me rendera
Deste inspavido Toiano.

VIII.

O grande amor , que veneno
Das almas foi , e ruina ,
Mais e mais a Irman lhe atea ,
O ceio lh' acende ameno ,
E desta sorte a déstina
Averter sanguinea vea.

XI.

IX.

O' formoza, e doce Eliza;
De meos olhos lume, e vida,
Clara, e brilhante estrella,
Que antre todas se diviza,
Mais que Cinthia esclarecida
Mais amena, pura, e bella!

X.

Cazar moça, Rainha, e rica,
E comprir taõ justo meo
De ter singular erdeiro,
A tua honra justifica,
Sem offender a Sicheo
O possuidor primeiro.

XI.

Segurar teu Reyno, e Estado
Lograres a juventude
E a tua formozura
Com Heroe taõ afamado,
Alça mais tua virtude
E tua grande ventura.

XII.

Tempéra amor, Irman minha,
Com os remedios mais ſaos,
Porque he muito bem, certo,
Que quem com amor porfia,
Fica em fim de ſuas maos,
Sem honra, da morte perto.

XIII.

Nenhuma ſatisfaçaõ
A Sicheo puderás dar
Melhor por certo, do que eſta,
Que fugír da ocaziaõ,
Com que poder terminar
Os lonces da ſorte meſta.

XIV.

Em fogo Eneas ardia,
Como Dido ſe queimava,
E bem ſopeſto que iguaes
Niſto Amor os fazia,
Os galardões lh' offertava
Em tudo bem deziguaes.

XV.

Naõ temes o estampido,
Nem o Ceo ardendo ves,
Porém sim a escura Cóva
Onde t' a calhes, ó Dido,
Onde Eneas d'amor fez
Falsa, e doloza prova.

XVI.

* Attenta os Deozes tiranc
De inveja que crueldade
Cometeraõ, e fizeraõ
A' mais inclita Beldade,
Ao mais alto amor, que humanos
Já mais ditozos tiveraõ.

XVII.

A Eneas obrigando
Devaõ excessos d'amor
O fogo na alma encendido
As entranhas vai queimando
Com amorozo furor
A' bella Rainha Dido.

XVIII.

XVIII.

Volta, cruel, onde vas,
Leva comtigo a Dido,
Pois por ti abandonei
Quanto a fortuna tras,
Quanto tenho de ſubido,
Por ti tudo, deixarei.

XIX.

Surdo ás minhas queixas,
As vellas ao vento déſte,
Por certo que de Troiano,
Quando cruel me deixas
O nome naõ mereceſte,
Porém ſim de deshumano.

XX.

O' cruel, falſo homecida
Os Horizontes, paſſaſte,
Mizera, que farei?
Em pezares ſubmergida
A vida, que deſprezaſte
D' huma vez terminei.

XXI.

A Eneas Dido entregou
Sua alma, vida, e pôzada
Oh inhumano feito!
Olhai com que lhe pagou,
Dido com sua espada
Transpassa o casto peito.

FIM.

ODE
A
NOSSA SENHORA.

Nec Salamon ingloria sua.

VIrgem, lirio formozo, que nos valles
Deste mundo, melhor vestida, e ornada
Foste, que Salamaõ na sua gloria,
Porq̃ em terra aos a em ti de ser fórmada
Santa cadeira, em que os humanos malles
A sapiencia eterna co' a victoria
Viesse a restaurar, cuja memoria
Nos deixou em si escripta,
Pera que a alma contrita
Ante ella o cellebrar da santa historia,
S'acendesse d'amor alta esperança
D'hir ver sempre o seu Deos
Qu 'em sotis veos ver cada dia alcança.
Virgem santa, e fortissima entre as filhas
Dos homens, qu' a serpente te castigar
Qu' o sexo fiminel fez cruel guerra
Pera sempre pizaste a fea, e imiga

Ca.

Cabeça, obrando as santas maravilhas
Que poderaõ juntar-se o Ceo á terra,
Desta alma fraca assi longe a desterra
Que mais naõ possa, ou ouse
Combatelo, e repòze
Co espirito em ti, na qual só Deos encerra.
Quanto bem fez a sua poderoza maõ
Tirando áquelle a posse
Que de ti parte, unido á eterna unçaõ.
Virgem, do eterno Deos Santa Cidade,
Jezusalem cellelte inda vivendo
Na carne, em que elle por viva, eterna,
Em cujo meo o assento seu fazendo,
Ellegeo encerrar sua Divindade,
Como estancia da gloria alta, e superna.
O povo teu em caridade interna
Fé firme, alta Esperança,
Prudencia, e temperança
Fortaleza. e justiça, as quaes governa
A proffunda humildade, e tudo manda
Olhando a Deos, e assi,
Qu' aluz vê ali com que sobre os Ceos anda.
Virgem fonte cellada antes do mundo,
Onde Deos meteo a graça, qu'inda avia
De dar na terra em o tempo dezejado,
Em que dar vida immortal ao homem queria,

No

A qual encheo de santo esprito o fũdo;
E seu filho outra vez per ti gerado
'I 'abrio, e tirou a graça, que em seu lado
Morou dos Sacramentos,
Levame os pensamentos
Com ella, e o coraçaõ, delle encantado,
Porq̃ em Deos só imagine, a Deos dezeje,
Ao mundo, á carne morra
De mi me corra atras d'olhar me peje
Virgem, que como branca, e fertil verga
De fumo esperitozo, e rico cheiro
Ao's Ceos subindo vas deste dezerto
Sem vento máo despois ora, e primeiro
Tua alma penetrar q̃ em vida encherga
Dos Ceos, donde ora vez o vulgo incerto,
Qu' em ti só vai buscar caminho certo,
Que pera Deos a guie,
E do que o naõ desvie
Ao imigo máo lume mostre este aborto
Virgem santa, e a má escura
Nevoa da vista tira
Qu' ati se vá buscar a luz segura.
Virgem, puro, divino, e santo leito
Naõ do Rey Salamaõ, em q̃ s'ostenta,
Recamado de mil festões gliozos,
Mas do alto Rey dos Ceos que em ti s'acenta,
Em

Em ti repóza, e dorme no teu peito,
Cercado dos seus coros gloriozos,
D'infindos Anjos fortes, e formozos,
Qu' sempre vigiando,
Santos Hymnos cantando.
Estaõ d'olhar teu ventre dezejosos,
Onde a sua gloria vem, que por seu meo
A saude a nòs tras,
E santa paz promete inda em seu seio.
Virgem doce esperança promettida
Polos Profetas, qu' o alto Rey pariste,
E que sobre os teus braços já trouxeste
Esta alma mundanal, corrida, e triste
Banhada de mil lagrimas recolhe,
E prendea em amor, como a predeste,
E dos raros milagres que fizeste
Hum pequeno em mi obra
E esta alma de todo me recobra
Das mãos do imigo máo que tu venceste,
Que sem ti delle mal pode livrar-se,
Porém com tua ajuda
De ti estiada, ati vai entregase.
Virguem, em cuja santa boca hum favo
Da graça divinal sob'rozo, e puro
Te sobreveio do celleste Muro
Que Deos em ti lançou, do Ceo puro
Da gloria onde abitava,
Que se por ti, Senhora, a boca lavo,
Cor-

Correrá ſempre deſta a teu lavor
Qu' em teu mal adoçado,e em teu fervor
Dentro n'alma cozido,
Santo, e puro ſentido
Santo ſom moverá, ſanto furor;
E aſſi mo deſſes já como o dezejo;
Porém em quanto tarda
Forçada he q̃ arda, e viva em ſó dezejo.
Virgem formaza, attende, e olha o contrito
Coraçaõ que te pede
A graça, com que vede,
Com q̃ deffende a entrada ao imũdo eſprito,
E limpa, e pura ati ſua vos recante,
E cheyos d'altas flores
Santos louvores teos contino cante.

F I M.

SEX-

SEXTINA ALEGORICA.

De Andre da Fonceca.

APôs as sombras vans, q̃ tras a noite
Per precipicios mil ãdei graõ tẽpo
Cego, e perdido, e per me faltar lume
Fugia ao bem, e corria sempre á morte
Fazendo honra trocar por fumo a vida
Qu'escurecer de todo, perdera a alma.
Em tanto dezatino entrou minha alma,
Qu'avorrecia a luz, amava a noite,
E cuidava eu que fosse buscar vida
(Perdendo a liberdade, e mais o tempo)
Per entre mil perigos hir á morte
Deixando de seguir a luz do lume.
Sem me querer valer dũ, d'outro lume
Troxe sempre taõ preza, e cativa a alma,
Que nem fugir podera hũa hora á morte,
E com ver perto vir correndo a noite,
Cuidei que me naõ faltaria tempo
Pera emendar, inda que tarde, a vida.
Trabalho em vaõ fora ordenar a vida

D'

D'outtem guiado, que do ſanto lume,
Da graça, que naõ falha em algũ tẽpo
Della hum raio veja eu entrar nell'alma
Pera que logo fuja aquella noite,
Cujo eſcuro me tem taõ perto á morte.
Entaõ deixada a ſõbra, e fumo á morte
Que nuvens punhaõ entre mi, e a vida,
Cobrido com as fantaſtas da van noite
Da graça acezo ſendo maior lume,
A achada luz conſervará minha alma,
Chorando ſempre o mal vivido tempo.
Qu'eide ver, inda eſpero taõ bom tẽpo,
Que d'amarga antes torne doce a morte
Em q̃ de todo ami morrendo, eſta alma
Poſſa ir da carne, e mundo ſolta à vida
Gozar alegre a luz do eterno lume,
Onde ſeu ſol naõ dá lugar á noite.
Livre da eſcura noite em breve tempo
Taõ chea a alma d'amor tenha eu do lume,
Qu' abrazado co a morte ir paſſa á vida

[F I M.]

CAN-

CANÇAÕ.

A' S. Francisco.

OH, nos Ceos tanto tempo, oh glorioza
Alma, que cá da nossa humanidade
Vestida andaste, e nunca carregada;
Do teu Senhor impetra claridade,
E fogo, que mui clara, e fervoroza
A Rima faça, em teu louvor cantada!
De pouco eras no corpo inda lançada,
Quando antes d'entender perfeitamente
Culpa, ou merecimento,
Já hum tenro, e amorozo sentimento
De compassiva dôr de toda a gente
Posta em pobreza angustia, dôr, tormẽto
T'acompanhava, qu' era hum bom sinal
Do que mui brevemente
Das almas sempre ouveste espritual.
De que entaõ já mui antes da virtude,
Qu' em ti ouve á de Christo semelhãte,
Mostra o nascer em semelhante liança
Per que sem ti de tal lugar levante,
Per seu amor graõ zelo da saude

 Das

Das almas; por quem morre; espar-
ze, e lança
O sangue seu divino, e alta esperança
Resurgindo, lhes dá de resurgirem
Com elle á eterna gloria;
Tendo pois este senhor de ti memoria,
Perque cõ mundo, e enganos seus naõ
criem,
De si sempre te deu delles victoria,
E limpo a seu serviço te guardou,
E porque te naõ liem,
O mal tardando, a tempo te chamou.
E dos muitos bõs seus com q̃ os amigos
Injustamente mandou mil á prizaõ,
E como pois com ella a paciencia
Com a qual ledo tomes, e os que estaõ
Comtigo ali confortes, e os perigos
Lhes alives co serviço, e obediencia,
E já daquella santa experiencia
Pera futuros cazos aprendesses,
Quando do santo gado
Com teu exemplo a Deos multiplicado
O rebanho, ou servisses, ou regesses,
Do qual ministro sempre, e servo achado
Quizeste ser á imitaçaõ do Mestre,
Que cá quiz que tivesses
As divisas do velo seu terrestre.
E porque mais quieto te pagasse
Dos

Dos dezejos do mnndo a irman doença
Ministro seu de socegada pena,
Manda que faça hum tempo em ti de-
tença:
E co temor que poem te levantasse
Pera nova esperança á vida nova,
Porque est a concebendo-à outra te mova
Despois de teres visto o falso engano
Das honras, dos deleites,
E das riquezas, que taõ ledo engeites,
A desprezar todo o prazer mundano;
Tanto que ao mundo, e a ti morrer
aceites,
Como despois fizeste, com tal zelo,
Que de vivo, e humano
Sinal naõ fica a alma, ao corpo pello.
Sobre tua alma entaõ Divino lume
Doce ardor, azas santas manda á graça
Serva dos olhos seus, que sempre vista,
E novas maravilhas em ti faça,
Começando a tecer da vida o ordume
Com que hum tempo á verdade abrindo
a vista,
A' gente humana as almas lhe conquista
Porque as pizadas santas já escondidas;
Polos que naõ souberaõ
Nellas pôr bem seus pes em vaõ quizeraõ
Novamente mostrasses, e seguidas

Em ti de muitos, dcs que antes eraõ.
Tomassem santa imagem, e alli chammando
As erradas, perdidas
Almas, a Deos por ellas vás guiando.
E logo co a saude, e resplandor
Da graça, e amor de Deos da creatura
Claro sinal, do lume que trazias
Sobre o proximo, envias tua vestidura
Co' olhos d'alma postos no Senhor
Nos Ceos estando em terra ambos cobrias,
E assim com esta largueza a Deos prendias.
Qu' a te dar della, as graças do Ceo desce
Com mil armas formosas
Ornadas das divisas gloriosas
D'arvore q̃ da terra thé ao Ceo cresce;
E para ti, e as tuas valerosas
Esquadras te promete s' a bandeira
De que o melhor esquece
Dos Ceos trabalhas pôr na honra primeira;
Mas tu que com hulmide animo a taõ grande,
A taõ divina honra te julgaste indino
A gloria temporal a attribuiste,
E

E graças dando ao seu querer benino,
Qu' com promessas taes servirte mande
Desta insinia, e de cá as armas vestiste,
E a empreza temporal logo seguiste
Da terreal Hyerusalem, querendo
Buscar Senhor na terra,
Qu' honra te possa dar na santa guerra
A larga maõ de Deos naõ conhecendo
Qu' os simples chama, e humildes, em qu' encerra
Pera ensinar ao mundo a sapiencia,
Qu' está dos Ceos chovendo
Mandando os bons reger a alma innocencia.

Olhando isto o Senhor mais, mais se enchia
Do esp'rito simples, d' humildade tanta,
E com sua propria voz do Ceo t' ensina
Francisco, a qu' eu prometo, ó obra santa,
E obra espiritual, santa safira
As reliquias que tens da arte vil, indina
Lembrança cá do mundo, e na divina
Empreza, em que recobras a celleste
Hyerusalem, me segue
Q' nella eu t' honrarei, e por ti entregue
Será o graõ povo, e exercito, q̃ neste

Tem-

Tempo perdido; tu farás que empregue
Seguindo-te o valor na alta empreza,
De que tal merecesse
Bandeira alçar de caridade acceza.
Entaõ tornas em ti, todo t'entregas
A' disposiçaõ sua, e entre tanto
N'alma o trazes, nos Ceos co' ella o visitas
Cómete o zelo da sua honra; e o prãto
Com que choras sua morte, faz q̃ regas
Rosto, olhos, e peito, e a terra d' infindas
Lagrimas, castigando em ti as malditas
Culpas, com graõ rigor da gente humana,
Que o commum pay offende
Suspiros esparzindo, que só entende
A sciencia daquelle, do qual mana.
(Qu' a taes merces seu seio alarga, e estende)
Taõ grande esprito em ti, quanto convinha
A quem o qu' em nós damna
Té entaõ o inimigo máo reparar convinha
Cançaõ, que a Conversaõ santa celebras
Do

Do semelhante ao filho de Deos vivo
No vazo, em que a nós veio,
Pede-lhe, que te faça abrir o seio
Da graça, q̃'esperando a tanto vivo
Porq̃ dellas guiado, e della cheio
A milagrosa vida, e obras cante
Delle, que a homem cativo
Como se livre ensina, e aos Ceos levante.

***

CAN-

CANÇAÕ

A Lisboa per accasiaõ da Peste.

I.

DE pungentes estimulos ferido
O Regedor dos Ceos, e humilde terra!
Sobre ti manda, desastrada Lysia,
Effeitos de sua ira.

II.

A peste armada a destruir teu povo
'Ao seu leve aceno voa logo,
Estraga, fere, mata sanguinoza
Despiedada, e crua.

III.

Despenhada no abysmo da ruina
Fugir pertendes aos açcezos rayos,
Qual horrida fantasma, porém logo
Desfalecida cahes.

IV.

O açoite do Ceo lamenta, ó Lysia;
Mas ainda muito mais os teus errores
Que provocar fizeraõ contra ti
Contagiaõ mortal.

V.

Dos Ceos a pagar cuida a justa sanha
Da penitencia com as vastas aguas,
Já que rebel, e surda te mostraste
A seus mudos avisos.

VI.

Entaõ verás ornada a nobre frente,
Como nos priscos tempos que passaraõ
De esclarecidos louros, final certo
De teus almos triunfos.

CAN-

CANÇAÕ

A' Ascençaõ de N. Senhora.

Já do Ceo s'ouve aquelle doce accento,
Que tudo serenando,
O mar bravo amansando,
A terra enche de espanto, e d' alegria,
O Padre Eterno a Esposa entaõ chamando,
Suspendese o tormento
No Tartareo assento.
A' vista de seu amado já sentia
Diz entaõ deste dia,
(Pois he passado o fero)
Inverno, darte quero,
Morada eterna, entr' as eternas flores
Dos meus santos amores
Dos meus abraços, com os quaes te espero.
Oh minha doce amiga, oh desejada,
Na qual ha tanto tempo fiz morada.
Vem, porque as chuvas já todas passáraõ,

Mi-

Minha Pomba formosa
E sahe, ó graciosa,
Dos buracos da pedra, e da caverna;
Vem, minha amada, leda, e naõ medrosa,
Per que se te tornaraõ
Quantos já te cercaraõ
Tormentos, em bonança, e paz eterna;
Que na estancia superna,
Guardada cá te tenho,
E a receber te venho;
E polos Anjos meus mando buscarte,
Que cá dezejaõ alçarte,
Maravilhados já porque sostenho
Dentro n'alma hum dezejou paciente,
Que te chama esperando obediente.

E nisto, ó Virgem santa, a qu' os ouvidos
Estas vozes feriraõ,
Dos altos Ceos se viraõ,
Os Angelicos Coros que traziaõ
Ao primeiro aceno que sentiaõ
Do graõ Mutor munidos
D'alta gloria vestidos
Hum Carro, a qu'orredor resplandeciaõ
Mil raios, que cingiaõ,
Qu' o Rey da claridade
A tal solemnidade

Da

Da alegre vinda aparelhar mandou;
Estes aprezentou
A' santa Espoza, porque a saudade
Pagando entaõ da sua longa auzencia
Se fosse a unir de todo á terna Essencia.
E das riquezas della em o sacro, e puro
Carro foi fabricado
Do seu alto, e inflamado
Amor, e Caridade hum raro Erario,
Mais que carbunclo lúcido, e abrazado,
E a Fé, que como muro
Mui forte, e mui seguro
Sempre a cercou regía o Soberano
Carro, a que hum verde panno
Abriraõ da Esperança,
Que nunca fez mudança,
E da santa Humildade azas fizeraõ,
Que nas rodas pozeraõ,
Pera hir ao alto da bemaventurança;
E como das virtudes nada falte
De todas lhes fizeraõ rico ésmalte.
Subida, e assentada ali a santa Alma,
Com cantares suaves
Das angelicas aves,
Que tanta gloria, e bem della esperavaõ
Livre do mundo, e seus cuidados graves
E do frio, e da calma
Na maõ levando a Palma
De

De mil victorias, que lhe ali cantavaõ,
Polos ares voavaõ,
Tambem levando o veo,
Capaz mais que o alto Ceo
Pois trouxe em terra Deos do Paraizo,
Pera tornar em rizo
O choro em que cahio quando jazeo
O Pay primeiro humano
A quem venceo o serpentino engano.
Por onde quer q̃ passaõ toda a terra,
De flores, s'enche, e verdura,
Corre a agua mais pura
Da graça, que por toda a parte chove,
O ar se faz sereno, e a Clara, e Pura
Toda a nuvem desterra
A bella Alva parte, gira, e erra
Polo seguir, porém em vaõ se move,
A lua se comove,
E enchendo a sua Esfera
De luz, qual naõ tivera
Quando mais liberal o Sol lh'a empresta
Por ver huma tal festa
O Sol com maior luz, tal luz espera,
E de seus novos raios encendido
Torna mais fermoso o dia, e esclarecido
Mas a Virgem gloriosa já subindo
Sobre aquelles lumiozos
Planetas dezejozos
De

De seguir sua luz formoza, e clara;
Senaõ quando s'ouviraõ huns amorozos
Cantos do Ceo, ferindo
O ar, qu' estaõ luzindo,
Entaõ melhor co a claridade rara
Dos raios de sua cara,
„ Dizer, bem vinda seja
„ A Espoza, a quem dezeja. (ços,
„ O Padre Eterno hõrar, e os seus abra-
„ E cos espaços
„ D'amargura pagou com gloria veja
„ Gloria, que passe tudo a outra gloria
„ Devida bem á sua alta victoria.
„ E c'os cantos sonoros
„ Ardentes Serafins
„ Thronos, Dominaçoens, e Potestades.
Dos Ceos vir recebela nos confins
Cos altos Principados
Das Virtudes cercados
Vestindo pera entaõ mais claridades,
Mostrando-lhe as vontades
No cantar de seus Hymnos,
Que tem cada huns, que dinos
Os haja de morar lá no seu choro
Assentando ali o louro,
No qual gozando mil abraços divinos,
E porque grande gloria, e luz lhe fique
Da

Da muita, que o alto Deos lhe comonique.

Com elles vinhaõ os Patriarcas fantos
E os Profetas antigos,
E alguns dos feus amigos,
Os quaes cá fobre a terra a converfáraõ,
E já livres do mundo, e feus perigos
De miferias, de prantos
Com gloriofos mantos,
Que fem o meo feu nunca alcançáraõ.
A a receber chegáraõ
Pedindo-lhe tambem,
Que queira haver por bem
C'os Confeffores feus, Virgens, prudentes,
Ou Martyres ferventes
Fiquem antre elles, q̃ por filha a tem;
Mas Ella com humildes, brandos modos
Refponde, e deixa fatisfeitos a todos.

E quanto a Exquadra fanta vai crefcendo,
Tanto a fubida crefce,
Thé que já apparece
A luz effencial do Padre Eterno,
Qu' a todos de mais luz vefte, e guarnece,
Moftrar entaõ querendo,

A

(A nova Espoza vendo)
Nesta largueza o seu prazer interno;
Prazer taõ suave, e terno
Que nelle habitava entaõ:
Já chega, já lhe daõ
A maõ, o Pai, o Filho, o Santo Sprito
E alli vem aquelle Espirito
Taõ semelhante a si, que olhando estaõ
Em quanto lh'armaõ throno posto ao
lado
Do Salvador, que d'Ella foi gerado.
E o Padre Eterno, antes que nelle a
assente,
Beijando a santa face,
Qu' hum tal deleite pasce;
„ E coroando-a, diz: ó filha minha;
„ Por quem taõ grande gloria me re-
nasce,
„ Des que o Filho obediente
„ Em ti a humana gente
„ Me foi remir, que já perdida tinha,
„ E da qual me convinha
„ Reparar as cadeiras
„ Que no Ceo primeiras
„ Ficáraõ, dos roins Anjos vazias.
„ A' que perpetuos dias
„ Reina nos Ceos, graças concede in-
teiras,
Isto

Isto dito; a mandou pôr no Real
Throno, por mãos do Coro Angelical.
Cançaõ, se o que presumes
Com meus olhos subiras,
A ver do que suspiras,
Por bem fallar, poderas haver parte
Engenho, espirito, e arte,
Pera dizer huin pouco do que viras,
E naõ ficares triste, e envergonhada,
D'em taõ rica materia dizer nada.

***

ODE
A S. NICOLÁO.

I.

CReado do Senhor na tenra idade
Foste, ó Nicoláo, com abstinencia
Dura, cruel penitencia
Em teus lividos membros
Obrando sem piedade,
Por guarda, e deffençaõ da santidade.

II.

Na santa humiliaçaõ te soterraste,
E tambem no desprezo deste Mundo
Naõ tendo outro segundo
Que a poz a tua trilha
Fosse, no amor de Deos, a quem amaste,
E a sua santa Lei fiel guardaste.

III.

E por isso por Deos foste trazido
A dar sinal no seu devoto povo,
E com exemplo novo
De prudencia, e justiça
Por tua sem igual baixa humildade
Occupar a sublime Potestade.

IV.

Foste por teu ardente, e puro amor
Escolhido por saõ, e virtuoso,
Foste polo Pod'roso
Illustrado, e pulido,
Pera ungido seres, e Pastor
Do seu rebanho santo zelador.

V.

Pois se do Ceo tiveste, ó Nicoláo,
Tantas graças, e tantas mil venturas,
Sê de nossas tristuras
Firme azylo, aonde
Possamos escapar cá neste mundo
Pégo de magoas, e de horror profundo.

IV.

Serve homem como ſoiço,
E anda ſempre em pendença
Por aver dez mil de tença
Em pago de ſeu ſerviço,
Por galardaõ, e mantença.

V.

Em fim ſe a Padraõ
Inda corre eſta tranqueira;
Que quaſi tudo na maõ
Fica a eſte bom Chriſtaõ,
Que aqui anda de Oliveira.

ODE

ODE

A SANTA MARGARIDA.

I.

COm que belleza, amor, carmes
prendeste
(Em quanto pizas a escura terra)
O mesmo Author, e Redēptor da vida
Que tudo rege?

II.

Elle t'enche d'exforço alto, e sublime
Com q̃ o tyranno máo logo contrastas,
E igualmente a horrida Serpente
Funesta, e triste.

III.

Co' a formosura d'alma alta, e cellestes,
E co' fervente zelo de o servir.
Odio mortal conservas, Margarida,
A mortal veste!

IV.

Voa, ditozo espirito, aos doces laços
Do eterno Espozo teu ledo, a formoso
A gozar doutros ares, doutros climas
Livres do inverno.

V.

V.

Alli rutila outro mais claro Phebo;
Outro mais puro Polo, e o claro tempo
O Carro seu naõ move apresurado
Em segres mil.

VI.

Nu'alto Throno empunha o Deos eterno,
Hũa cadea doiro immensuravel,
Da qual pendendo estaõ Reinos, Imperios
O Mundo todo.

VII.

Delle pois, Santa Virgem, nos alcança
Bom vento de servir neste terrivel,
E espantoso mar, que arando vamos
Sem fixo rumo.

O D E

A Nemecio, e Lucila Santos.

I.

DE purpura se veste a si, e á filha
Da carne, que offerece pera Espoza,
E Deos por meravilha
O leva venturoso,
Aonde o saõ reposo
Vive, e a paz ditoza.

II.

Ella he quem pizar sôbe a nobre trilha
Dos passos de sua morte lamentoza,
Por isso o inferno trilha
Matando ao pavorozo
Monstro despiedozo,
E tudo poem por terra valeroza.

III.

Senhores hoje d'immortal ventura
Dous mantos de mil raios recamados
Lhes fazem compostura,
E tendo ao Ceo erguidos
Os coraçōes rendidos
Odas, e Hymnos cantaõ sublimados.

IV.

Odas, e Hymnos cantaõ ao Deos vivo
Qu' governa as medonhas tempeſtades,
Por iſſo a terra, e Ceo,
Que elle de nada ergueo
Lhe rende ſubmiſſaõ, e com motivo
Pois he quem manda infindas Poteſta-
des.

V.

Mas nós que nada ſomos; te rogamos
Sejaes firmes, e fortes avogados,
Porque ſejamos lédos,
E nús de horriveis medos
Poſſamos ſer alçados
Onde queremos que vaõ noſſos recla-
mos.

ODE

ODE

A S. Atanazio.

I.

COluna alta da fé do eterno Esposo,
Qu' resistindo sempre contra o vento,
Qu' derribar pertende a alma Igreja,
Qual rocha existes.

II.

Tu fostes quem desfez a alta procella,
Qu' o denodado Abysmo machinava,
Impavido pizando a cerviz dura
Ao Rey Tartareo.

III.

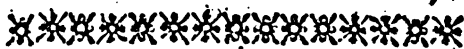
Tu do Sol da Justiça alumiado
Com zelo, e amor subindo ao eterno
assento,
Tomaste o raio fulgurante, e acezo
Com que venceste.

IV.

E trazendo da fé o claro lume
Infindos segres tornas luminosos
Aos cegos povos que t' ouvir anhellaõ
Ensinas, e instrues.

V.

Por isso o ledo Esposo á sua dextra,
Hum eternal assento te destina
A' vista da Vizaõ pura, e celleste
Do Pay dos Entes.

CAN.

CANÇAÕ

A S. Pedro.

I.

DE furor, Saulo, ardias, quando oravas,
A espada de dois fios empunhando
Que polo saõ, e podre vai fendendo
Com igualdade.

II.

Quanto o cruel imigo fulminava,
Por perseguir de Christo o saõ rebanho,
Tanto mais o teu zelo s'accendia
Em ser deffezo.

III.

Ao terceiro Ceo quaze t'alçavas;
Onde a alma se t'encheo de claridade
E convertido em vazo de elleiçaõ
Logo ficaste.

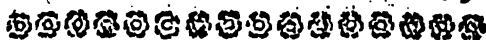
IV.

O rára, e só de Deos omnipotencia!
O' segredos da eterna, alta bondade!
Quem poderá sondar os teus juizos
Assas proffundos!

V.

V.

Colhe, Cançaõ as oredeas ao discurso,
E a quem te ler descobre, que hei
grão medo
De traçar edeficios sumptuozos
sem cabedaes.

CAN-

CANÇAÕ II.

I.

DO novo Tẽplo á Consagraçaõ sãta
Cantemos, Muza, neste ledo dia,
Que pera o sacrificio alto, e subido
Entaõ s'erguia.

II.

Alçava-se pera ser o justo preço
Da humana redençaõ, q̃ o Mũdo espãta,
Já desce da alta gloria o Pay dos Entes,
Já os Decretos s'abrem.

III.

Por hum Rei q̃ domina infindas gentes
Qual outro Salomaõ, ardendo em zelo
O sublime thezoiro soterrado
Ao Mundo mostrá.

IV.

Da velha ley ali jámais s'ouviaõ,
Mais q̃ os versos q̃ a nova Igreja canta,
Mas em lugar dos Animaes, das Aves
Mores portentos s'alçaõ.

V.

V.

O corpo; e sãgue do bom Deos q̃ espira,
Bem como escravo vil á ley sugeito
Na Crus alçado nossas manchas lava
Em amor acezo.

VI.

E á vista ainda, ó mortal insano;
De taõ altas finezas praticadas
Inda alçarás rebel aos ledos Astros
A frente altiva?

VII.

Inda vociferando desmedido
Prasmaras do Eterno os seus designios,
E com humilde, e abatido voo
Qual Aguia te verás?

VIII.

Dizasizados, mizeros humanos,
As vellas recolhei do vaõ discurso
Se naõ quereis, quaes Icaros cahirdes
Em mór abysmo?

ODE

ODE

Aos Santos Vital, e Agruila, Martires.

I.

Vital, servo fiel,
Que sendo obrado, e feito
Celleste Cidadaõ,
De celleste humildade
Cheo, e d'alto amor,
No Reyno do Ceo posto
Assento nobre pedes
Ante o divino aspeicto.

II.

E tendo no almo peito
O rostro seu escrito,
O Mundo sempre achaste
Como hermo desterro,
Aonde os dias breves
Voando vaõ ligeiros
Nas cans deixando o rastro?
Desditoso, e triste.

III.

Oh quem a que tu viste
Filosofia rara,
Trilhar feliz pudera
Longe do vulgo incerto!
De que valem privanças
Cargos, Empregos nobres;
S'a morte tudo acaba
E infeliz soterra?

IV.

Ditósos vos que a terra
Pizastes, naõ querendo
O oiro que em seu ceio
Oculto ao mortal nasce!
E o Ceo vendo constante
Somente sendo herdeiros
Dos altos bens de Deos,
Ditosos acabastes.

V.

O Agruila que alçastes,
Venturoso morrendo
Tal servo, servo naõ
Mas companheiro
Co'qual subir pudeste
Da terra ao Ceo rotundo;
E venturoso, e ledo
Alli tomar pouzada!

VI.

VI.

Da virtude increada
Alcança-nos piedoso,
Enchentes mil de graças
Que da culpa nos lavem,
A fim que terminemos
Nossa mortal jornada
Bem como dezejamos
Em vida santa, e justa.

HYMNO TROVADO

A Noſſa Senhora, o qual começa

Monſtra te eſſe Matrem.

I.

MOſtra-te, Virgem ſer Madre
Humildemente rogando;
Ao Divino, Eterno Padre,
A ſua graça implorando.
Oſtenta-te, Mãy mandando
A tua filha, que ordenou
Honrar os Padres que honrou
Carreira longa lhe dando.

II.

Moſtrate, Virgem Maria,
O ſer May ouzadamente,
Mandando ao filho obdiente,
Roga, inſiſte, e profia,
Moſtrate, doce alegria
Ser de nós interceſſora
E verás, ó bella aurora,
O fruto de ſeres pia.

III.

Pois a nós gentes malvadas
Deo licença, e liberdade,
E a importonidade
Ser atrevidas, e ouzadas.
Faze supplicas ouzadas
De terna May, e verás
Que em pedir mais gastarás,
Que em as graças ser dadas.

IV.

Toma aquella doce Ave
Da boca de Gabriel
Ecce ancilla, e com el
Verbo humilde, e suave.
Abrirás com esta chave
As portas da clemencia;
Medita tua potencia,
Qu' em vela naõ será grave.

V.

Pois aquella porfiada
Solicita Cananea;
Inda que infiel, e rea,
Já mais se vio desdenhada:
Mas de lhe ser outorgada
A importuna petiçaõ,
A fé, e a devaçaõ,
Do senhor foi mui lovada.

VI.

Rainha glorificada,
Fonte de virgindade:
Coroa de humildade
Tanto mais ferâs ouzada;
Quanto mais avantajada
Fores defta creatura
Sendo Templo neffa altura
Da Mageftade encreada.

VII.

Quem differ que defdenhada
He a tua Oraçaõ,
Sem fizo, e defcripfaõ
A luz lhe ferá negada.
Tu hes a fonte fagrada;
Donde mil graças manaõ,
Sem ti os malles danaõ
Virgem pura, e imaculada.

VIII.

Lembrate, Virgem precioza;
Que pola humildade, o Padre
Te ellegeo digna Madre
Do feu filho glorioza.
Esforçate, Santa Roza,
Naõ te canfes de pedir
Porque os Thezoiros abrir
Podes do Ceo venturoza.

IX.

IX.

Bernardo servo devoto;
E teu servo singular
Em ti confiado, e a fôto
Nos anima a te rogar.
Ati nos manda invocar,
Em nossas tribulações
E manda nas tentações
O teu auxilio buscar.

X.

Em a hora perigoza;
Em qualquer triste accidente
Olhar sempre puramente
A Rainha gloriosa.
De tua bòca a quella proza
Naõ s'aparte, *Ave Maria*
Sê prazer, e alegria
Ao coraçaõ que t'espoza.

XI.

Seguro navegarás
Procel'ozos Occeanos,
Izento de mortaes danos,
E puros Astros verás.
Porto seguro acharás
Em sahindo deste Mundo;
E do monstro sitibundo
Pera sempre triunfarás.

ODE

ODE

A Maria Santissima.

I.

DIvina luz, a cuja santa sombra
S'eclipsa das estrellas a luz pura,
Trazendo em seu fulgor almo, e divino
A' terra bens celestes!

II.

Virgem incomprehencivel, em quem o sol
Que tudo vivifica, e aviventa
Doce morada fez, pera q̃ o mundo
Do negro Caos sahisse.

III.

Da-me, ó Virgem, luz, mas naõ do sol,
A quem pequena nuvem cobre, e cerca,
A poz a qual a vista leda, e pura
Possa empregar ditozo.

IV.

IV.

E qu'alma em o seu mal dormẽte sonhe
Leixar do Abysmo a espanteza suave,
E obras de caridade, e de vida obre
Em todo o tempo, e estado.

V.

Porq̃ na fatal hora, e postemeira,
Bebendo o trago da terrivel morte,
Possa livre da terra alçarse aos Ceos
Dos justos san guarida.

SO-

ELEGIA

A' morte do Principe D. Affonso.

I.

Ajudaime a cantar
Nynfas do claro Tejo
Aquelle pranto sobejo
Que devemos derramar.

II.

Ninguem no Mundo até agora
A morte roubou cruel,
Que fosse mais sabio quel,
Nem mais virtuozo, e inteiro.

III.

Nas bellas Artes, e manhas
Venaia a todos por certo
Na Corte, e no dezerto
Asombro era de todos.

IV.

A guentil filha de Nizo
DelRey de Creta adorada;
Nunca foi taõ adornada,
Nem taõ formozo Narcizo.

V.

V.

Abri, abri voſſos olhos
Gentilicos Eſcritores,
E vereis que eſte dos mores
Foi hum dos Varões prudentes.

VI.

Mas tendo tantas mil partes,
E taõ ſubidas riquezas
Villas, e Fortallezas
Tudo preſte o deſdenhou.

VII.

Quaes ſeraõ os corações,
O fome d'oiro raivoza
Que neſta vida enganoza
Ainda ſera atormentes?

VIII.

Ninguem no Mundo ſe vio
Maior, nem mais proſperado,
E hoje exiſte tornado
Em ſolto pó terreal.

IX.

Vòs pois mortaes que correis
A poz os deleites vaos,
Segui os concelhos ſaos
Que aqui vos eſtou dando.

X.

Guardaivos de mal viver
Porque os Caens na noite escura
Naõ soem com mordedura,
Ferir, sem Deos vos punir.

XI.

Naõ receeis, nem temaes
Ao Eclipse da Lua
Porque a Orbita sua
Esta ha de em fim concluir.

CO-

COPLAS.

PRimeiro o rodante Ceo
Se tornará manſo e quieto
Será piedozo Alecto
No ſeu eſcuro alvargue.

II.

Cezar à fortunado
Deixará de combater,
E obrigaraõ a deſdizer
A Primiades armado.

III.

Tulio emmudecerá,
E Tarſis ſendo virtuozo,
Sardonapálo animozo,
Salomaõ, inerte, e rude.

IV.

Tornaſelha Etiopia,
Humida, fria, e nevoza,
Ardente a Citia, e fogoza
Com eſpanto dos mortaes.

V.

Tudo em fim mudará
Sua fixa natureza
Porém a minha triſteza
Ha de vencer a morte.

SO-

SONETO PROHEMIAL.

Ao Leitor

EMbora trace a Muza campezim
Sonoros versos ao som da faia,
Cujo muzico som a curva praia
Do Tejo escute, como delle dina.

Outros provando a vea cristalina,
Que do Parnazo lambe a verde raiz
Gostozo a Muza veja que s'espraia
Até hir a tocar margem divina.

Qu'eu qual Cysne groceiro, e penugêro
Do ninho paternal estando fora,
Venturosos espritos só decanto:

E alçando os olhos meus ao doce affêto,
A onde está o bem q̃ nos melhora
A elle envio sonorozo canto.

SO-

SONETO.

A incerteza da vida.

SE na cezaõ melhor nos fere a Morte
E' faltar pode a todo o tempo a vida,
Porque ha de inda ser esta appetecida
Chea d'enganos, e de pranto forte?

Porque naõ amaremos seu transporte
Quando a terra deixamos denegrida,
Se facil tanto he sua subida
Aquem segue do Ceo o fixo Norte?

Mizera condiçaõ, e dezastrada,
Que devendo prezar o summo bem,
Sómente estima a que naõ valle nada!

Deixese pois o oiro a quem o tem,
E a Regiaõ se busque sublimada
Donde aos mortaes o celleste oiro vem.

SONETO

A Andre de Fonceca.

FOnceca meu, qu'as ondas; deste mundo
Afoito cortas com seguro vento,
Sem que temas o Austro turbolento,
Que despontar se vê no Ceo rotundo.

Alça os olhos a Deos deste profundo,
E abatido valle lodolento,
E veràs qu'inda mais que o pensamento
O gosto foge, e o prazer jucundo.

Meditando pois bem na variedade
Da mesma terra, que inconstante pizas,
Teus olhos alça á longa eternidade:

E desprezando os bens q̃ immortalizas,
A Deos pede perdaõ com humildade
Dos Idolos que adoras, e enthronizas.

SONETO

Resposta.

NAõ fui, nem sou taõ cego Adaõ; que o Mundo
Corresse afoito com contrario vento;
Pois sei o quanto he vario, e turbolento
O giro que faz seu Globo rotundo.

Deixãdo vou o Caos negro, e proffundo
Onde o mortal s'apega lodolento,
Alçando só a Deos o pensamento
Com ledo rosto, e coraçaõ jucundo.

Visto tenho do mundo a variedade,
E por isso a terra, que hoje pizas
Me naõ faz esquecer da eternidade:

Conheço, ó Mundo, quanto imortalizas
Teus fallos bens, mas eu com humildade
As costas volvo aos Id'los q̃ entronizas.

SONETO

A Vizitaçaõ de Santa Izabel.

FElice a esteril, e de quem nasceo
Já velha, do alto Deos, o Precursor,
Mas mais felice a Virgem, q̃ o Sonhor
Deos homem, do mais alto concebeo!

Cada huma estes milagres conheceo,
E os Misterios sentio d'alto valor;
Izabel ornou a Virgem de lovor,
Maria a Deos a gloria converteo.

Quando a foi vizitar chea de gloria,
Logo o sinal deu da Redençaõ,
Eterno feito de immortal memoria:

Quem podéra, senhor, com espirito chaõ,
Se hir já desta vida tranzitoria
Vestido das Virtudes da paixaõ!

SONETO

A S. Judas.

ALma mui ſanta, a quem a alma verdade
Antre as doze primeiras eſcolheo;
E tendo o nome do impio que a vendeo,
De rara fama a encheſte a claridade!

Porque a razaõ q̃ tens com a humildade
Com que o filho do Eterno a nós deſceo
Mais alto nella olhando t'acendeo,
Em ſanto amor da ſua Divindade.

Cheo de gloria, de prazer, e graça
Apregoando vas ſeu doce nome
Qu' a terra toda de mil dons traſpaſſa:

O infernal imigo ſe conſome
As redes do Ceo vendo em que s'enlaça,
E os que o zelo da honra de Deos côme.

SONETO

A' Madalena.

POlo espelho da verdade Eterna olhando
As nodoas da sua alma, a Madalena,
Dentro sentio tanta vergonha, e pena,
Que desta cá do Mundo naõ curando:

Só contriçaõ, só lagrimas tomando,
Sinaes da nova vida a que se ordena,
Do corpo os Sacramentos logo a pena,
E corre a buscar Christo suspirando.

Dous vazos leva d'agoa, e hum d'unguento,
Rica toalha mais que o metal loiro,
E de servir a Deos hum graõ contento:

Achao, e seus brancos pez (do Ceo thezouro)
Lavando leda com sublime intento,
Aberto achou da Graça o feliz Thezoiro.

SO-

SONETO

A conversaõ de Pontiano.

TEmeraõ tanto do cruel Tyranno
Os sacerdotes máos, e enganadores,
Destinados em seus crueis errores
Ao esprito, ao rostro, ao ardor de Pontiano;

Que vendo rasga o vêo do longo engano
Dos Idolos, que adora por Senhores,
E move a tanta fé com seus clamores
O coraçaõ do graõ Monarca humano;

Que todo o engenho, que ha na terra, e inferno,
Chamando em sua ajuda, obraraõ tanto
Que vivo o enterraõ com rancor do Averno:

Onde a vontade prompta, o ardor santo
A paciencia humilde, e amor interno,
Na gloria o cubre dum purpureo manto.

SO-

SONETO.

Aos Santos Inocentos.

EIs as candidas Almas, Virgens puras
Do sangue do alto Rey todas celadas
Do Rey, de quem seguiraõ as pizadas
Izentas já das trevas más, e escuras.

Vestidas de cellestes formozuras,
Por serem por seu amor sacrificadas,
E nunca antre as mulheres maculadas,
Sobem do Coro Angelico ás alturas.

Ali se riem do medo do Tyrano
Cantando ao eterno Deos santos lovores
Tanto elle os seus anima, e a perfeiçoa!

E livres já de todo a falso engano
A pascer de seus mimos, e favores,
Cada hum com azas d'inocencia voa.

SO-

SONETO.

Aos Santos Gervasio, e Protasio.

NAõ só herdeiros dos baixos bẽs da (terra;
Porém inda da fé, e da piedade,
Sendo dos Pays graõ zelo, e claridade
Tudo, claros Heroes, em vós s'encerra!

Vós sois de quem a fama espalha, e erra,
Que nos Ceos nos cõprastc a claridade,
E ardor de defender a alma verdade,
Por cujo amor morreis em cruel guerra.

Que premio quereis pois mais excellẽte
Do que perdendo as vidas com victoria,
De novo renascer eternamente?

Canonizados ser na santa historia,
E ver de Deos o rosto refulgente
Absorvidos em celleste gloria?

SONETO.

Ao solenissimo dia de todos os Santos.

D'Aquelles a cada hum, dos quaes devia
De longos annos graõ solemnidade,
Ornada a Igreja com sua santidade,
Celebra sua memoria num só dia.

Ligados em amor, e companhia
Hymnos te cantaõ lá na eternidade,
E o sangue que os remio com potestade
No Ceo as frentes lh'orna d'alegria.

Ali passando vem milhares d'annos,
Qual dia d'hontem, que veloz passou
Em eterno prazer absorvidos:

E livres já dos mundanaes enganos,
Com que a culpa os mortaes tanto afeou
Do mal terreno vivem esquecidos.

SONETO.

A S. Francisco.

ALma divina, que assi amaste a Cruz,
A Cruz, aonde o eterno Deos alçado
A propria vida deu polo pecado,
Qu' alcansaste do Ceo o lume, e a luz.

Absorvido todo em o bom Jesus,
E nas profundas chagas inflamado,
Tu o fazes descer todo chagado
C'os proprios mẽbros dos tormẽtos nùs.

Em qual dos Ceos estavas, quando os cravos
No consternado esprito te pregava.
Quando as chagas tocando a Ti desceo?

Livra-nos pois, Francisco, de q̃ escravos
Do pecado sejamós, e nos lava
Dos ferrestes crueis que Adaó nos deo.

SONETO.

A S. Martinho.

ENvolto em baixo, e desprezivel manto,
Assi ao pobre, e nú sempre vestiste,
Qu' os Ceos hir merecestе, onde subiste
Até vestir dos dons do zelo santo.

Tu foste quem a Deos respeiteu tanto,
E com taõ grande amor sempre serviste,
Qu' dentro em tua Igreja ledo viste
Ao Ceo de graças levantar-se hũ canto.

E estando já pera soltal a alma
Do fraco corpo, e vẽdo a Deos, e a gloria
Lhe'offreces, se convem, servir seu povo:

Mas elle, q̃ o serviço, o amor, e a palma
Darte lh'apraz, e o triunfo da victoria,
Em teu logar ellege hum Pastor novo.

SO-

SONETO.

A Aprezentação de Nossa Senhora.

LEvada de tres annos foste ao Tẽplo
Material, nos Ceos lavrada pedra
Aprezentarte a ser da angular pedra
Quando elle o ordena, efficacia, e vivo
Templo.

Ainda mais capaz, q̃ os Ceos, e o Tẽplo
Bem como ao oiro afina a rica pedra
Assim de graça chea, foste a pedra,
Do edeficio novo, e espritual Templo.

De nossos corações abranda a pedra
A' santa inspiração, porq̃ a Deos Tẽplo
De cada hũ faça, o altar de limpa pedra:

E faça arder no altar, e arder no Tẽplo
Encenso d'orações nascer da pedra
Agua, que lave, e regue o altar, e o
Templo.

SONETO.

A' Exaltaçaõ da Santa Cruz.

REnasce hoje em cada anno à alta memoria
Da Arvore, sobre todas exalçada,
De quãto tem o Mũdo, e o Ceo ornada
Q' o fruito deu da vida, e escada á gloria.

Hoje retórna o dia, onde a victoria,
Por bẽ dos Anjos, e homẽs foi ganhada
Da morte, com a morte celebrada
Da santa redençaõ a santa historia.

Trazida por hum Rey foi qu' a imitaçaõ
Do salvador, descalço e humilde apranta;
Ali, ardendo em alta devaçaõ:

Prantemos nós tambem esta Cruz santa
Qu' o sangue entorne, em nosso coraçaõ
Pois lava, e a graça dá, q̃ aos Ceos levanta.

SO-

SONETO ALEGORICO.

S'O espirito, como espero, a limpa, e espalma
Sua barca, e assi torna o candor;
Em que o criou o universal Author;
E o vento da sua graça naõ lh'acalma:

Por antre o vivo ardor, q̃ queima, e encalma,
Bem qual do Sol a deffendida flor,
Cantando irei a Deos gloria, e lovar,
Aos Ceos alçando huma, e outra palma.

A carne pizo, o mundo, e o máo esprito,
E como vencedor do imigo eterno,
Os olhos alço, onde ergo o pensamento.

Forcejo por meu nome ver escrito,
No volume dos bons com prazer terno
Ao Ceo apraza meu feliz intento!

SONETO

A Jesu Christo.

O Poderoso Deos, q̃ á eterna morte
Os máos Anjos lançou em sanha acezo,
E q̃ na Cruz morrer quiz com desprezo,
Cauzãdo ás mesmas penhas mágoa forte

Provas dum alto amor no seu transporte
Ao mortal deixou dum grande preço,
Porém o Imigo porq̃ o naõ veja illezo
A' transgreçaõ o impelle, e errado norte.

Mas q̃ immenso he, senhor o teu poder,
O mesmo Inferno podes penetrar
E Asmodeu cruel nelle prender!

Podes de nada Mundos mil formar
E os Ceos de mais estrellas guarnecer,
Mas naõ o humano mais felicitar.

SONETO

Ao Profeta Elias.

ZElozo, ſanto, ardẽte, e alto Profeta,
Em quem do ſenhor tanto a honra ardia,
Que por naõ ver qu' Iſrael a Baal ſervia
Lhe pedes mande de tua vida a mẽta!

Antre fogos envolto, qual cometa
Acezo, do alto Ceo tomaſte a via,
Por Deos levado, o qual te guarda, e
guia
Amór ſerviço em parte alta, e ſecreta.

Ali dele mil vozes vizitado
Creſcendo mais, e mais no amor, e fogo,
Por elle morrer queres de bom grado:

Benino eſcuta o meu terno rogo,
E faze que elle ſeja aprezentado
Ao alto Deos, que lado ſerei lago?

SONETO

A S. Thomas de Aquino.

ANgelica Alma, que o Espirito Sãto
D'um cherubim deu lume, por q̃ possa
Da heregia a nevoa varia, e grossa
Lançar da sua Igreja com espanto.

Dos dons do Ceo nascẽdo ornado tanto,
Que nem no corpo só padeceu móça,
E em quanto andou nesta fraqueza nossa
Honra, gloria, e luz foi do negro mãto.

Do Ceo, onde oras estás, e cõ vos muda
A todo o bom esprito hes lume, e guia
Claro Thomás, soccorre a santa Igraja:

E na vizaõ de Deos trino, e uno estuda
E da Hydra extirpar-lhe ensina a via
Q' ergueo cõtra ella ó Rey da negra inveja.

SONETO.

A S. Roque.

COm divino final da Cruz nasceste
No santo corpo impresso, porq̃ havias
De pôr nella a alma nos maduros dias,
Pera os quaes muito á tẽpo amanheceste.

Roque divino, qu' em tal zelo ardeste
D'imitar, e de honrar a quem seguias,
Que como elle, entre os teus q̃ guarecias
Pola saude, e vida a morte investe.

Raro Santo, a quem sobre a infernal
praga
Da peste, Deos concede inteiro mando
Porq̃ no corpo, e n'alma a Cruz vestiste:

Com a qual o Demonio sugigando,
No peito lh'abres a antiga chaga,
E triste o envias ao Reino triste.

SONETO

Ao Retrato da Piedade falando com a Alma.

CEga Ama, ao bem volve, ao Retrato santo,
E os olhos firma no Divino obgeito;
O qual cheo d'amor teu duro peito
Dezeja ledo vizitar á tanto?

Da chaga de seu lado, com espanto
De luz verás hum raio hir direito
Ao teu coraçaõ, com doce affeito,
A desfazer da noite o escuro manto.

Os olhos alça, e o coraçaõ contrito,
E cozido co a terra te conhece,
Indino de perdaõ por teu delicto:

Teu çujo coraçaõ a mi me offrece,
Porque triunfante o faça do Cocisto,
E limpo do pecado a andar comece.

SONETO

A Fr. Luis de Montoja defunto.

A Simplicissima Alma q̃ aqui deixa
A cinza, e ossos santos q̃ a cercàraõ,
Dos filhos ouça o som, q̃ se crearaõ
Aos peitos seus, alçar choroza queixa.

Delle em torno cada hum com dôr se
queixa
Clamando a Deos, qu' orfaos, e nùs fi-
caraõ,
Pedindo o leite, o qual quanto mamáraõ
Tantos dons já cada hum de graça en-
feixa.

Lá mesmo, donde estás cheo de gloria
Benino attende nossas tristes mageas,
Q' daqui t'enviamos sem vangloria:

Da graça nos alcança as puras agoas;
A fim q̃ deste Mundo com victoria
Sahir passamos, e eternas fragoas!

SONETO.

A S. Francisco.

Divino servo, que neste derradeiro
Trago fatal da vida ao Ceo rendido,
Das honras, e dos bens sẽpre esquecido,
Passaste a ser do Eterno pregoeiro!

Tu vistes o seu lado verdadeiro
De tantos dons do Ceo enrequecido.
Porque o caminho mostres já perdido,
Em ꝗ elle pos seus santos pez primeiro.

Ensina-nos com virtudes, e exemplo,
Maravilhas do eterno Deos obrando,
Alevantar ao Ceo da terra o espirito:

E a renovar-lhe santo, e vivo Templo,
O corpo com mil lagrimas lavando,
E a pôr n'alma o coraçaõ contrito.

SO-

SONETO.

Esta metreficação, apezar de parecer ingrata pola repitição dos consoantes, advirta o leitor, que a sua belleza, e difficuldade está na variedade dos pensamentos: A Jezus Christo.

S'Eu podera, Senhor, nesta rude Arpa,
Qual o Profeta Hebreo, traçar meu cãto
Lovores mil ao Ceo alçára em canto,
Sómente proprio desta rude Arpa!

Assim que possa pois tanger minhá Arpa
D'inclinado peito á voz naõ pesso e o cãto,
Mas simples som de Pomba, e hum mudo canto,
Q' dentro me fira a alma, e a rude Arpa.

Porque s'assim dos Ceos for o meu canto
Tornarei minha lyra em cellelte Arpa,
E minha humilde voz em doce canto:

Podendo prantear na santa Arpa
Os erros meus com amargozo canto;
E ter graça, e perdaõ nesta nova Arpa.

SO-

SONETO.

Ao gloriozo S. Miguel.

GRaõ capitaõ dos Ceos, q̃ alta victo-(ria
Do máo Dragaõ pera o ſenhor ganhaſte,
Quando da luz dos raios ſeus t'armaſte
Contra o Monſtro cruel, por ſua gloria.

Logo na guerra alcanças a memoria
Primeira dos Thopheos, q̃ levantaſte,
Taes, q̃ a Deos pubricalos obrigaſte
Em Profecias naõ, em humana hiſtoria;

E eternizando hum taõ divino feito
C'o as palavras q̃ dicta o ſanto eſprito,
Moſtrar quer ſeu valor ao humano peito:

Tal luz, e ardor m'alcãça ao cego eſpri-(to,
Que poſſa, o grande Santo, alto conceito
Em teu lovor traçar no meu eſcrito.

SO-

SONETO ALEGORICO.

A doloroza paixaõ de Christo Senhor Nosso.

AQuelle Eterno Sol, q̃ á longa noite
Da humana gente, trouxe o claro dia,
E com sua morte deu ao almo dia
Gloria immortal, e luz á antiga noite

Que bem como cordeiro em santa noite
Na Cruz foi posto pera luz do dia,
Deixando por memoria deste dia
Do Sol o dia convertido em noite.

E logo por nos dár exforço ao dia
Terceiro, n'alva d'huma clara noite,
Da eterna luz na carne veste o dia:

Penetrando a triste, e eterna noite
Os santos tira, e leva ao eterno dia;
Onde nos leva livres já da noite.

ARENGA, OU RELAÇAÕ

Fiel das festas que se fizeraõ na Cidade de Evora, no prazo do casamento do Principe D. Affonso, filho do Senhor Rei D. Joaõ II. fielmente apanhada do seu antigo Original.

I.

EU canto ás futuras gentes,
(Qu' entaõ ouverem ser nadas)
M'ravilhas altas, ingentes,
Talvez naõ acreditadas.

II.

Da Magestade os effectos
Do bom Joane segundo,
Cujas manhas Reis seletos
Anhellaraõ ter no Mundo.

III.

Elle foi sabio, e guerreiro,
Meestre de governança,
Nos grandes feitos parceiro;
Na guerra Maarte em jujança.

IV.

IV.

Querendo fazer patente
Quanto prezou seu filho;
Taes couzas fez, que'inda a gente
Naõ vio na terra tal trilho.

V.

Ao longo do Norte, e Sul
De forte madeiramento,
Ocupa ingente paul
Com nobre, e rico apozento.

VI.

De Troia a soberba móle,
(Que dano foi dos Troianos)
Por certo que naõ engole
Mais enxames, mais humanos.

VII.

Ricas tapacerias
De cores varias, e infindas;
Formaõ bellas symetrias
Todas alegres, e lindas?

VIII.

Portaõ soberbo s'alçava,
A poz ingentes est'rados,
Aonde a vista enxergava
Mil heroes asinalados.

IX.

Arcos aparatozos
Ornados de Tangedores,
Que com ſons armoniozos
Tocavaõ mil atambores.

X.

Trombetas tambem baſtardas;
Deſvairados inſtrumentos
Com vozes preſtes, e tardas
Os ares ferem, os ventos.

XI.

Ingente copeira alçada,
A poz diſto logo eſtava,
D'infinda prata onerada,
Como ninguem recontava.

XII.

E logo noutros eſtrados
Eſtavaõ grandes Senhores
D'altas raças derivados
De alonguados redores.

XIII.

Todos bem ataviados
De ricas ſedas, e pannos
Qu' os nobres luſos paſmados
Deixavaõ, e os eſtranos.

XIV.

XIV.

Logo diſto a poz ſe viaõ
Mezas com mil primores
E em torno dellas ſerviaõ
Mil famozos ſervidores.

XV.

Per graos Peloens pendurados
Ingentes lumes ſcintilaõ,
E mil gaitas acordadas
Nos altos tetos ſibilaõ.

XVI.

Confuza copia de Mouros,
E tambem de Mouras vieraõ
(Longe de ritos, e agouros)
Que varias danças teceraõ.

XVII.

Vieraõ luſos brigozos
Com ſuas Damas lançans;
Que com ſeus bailes famozos,
Fizeraõ paſmar mil cans.

XVIII.

Torneos, juſtas tambem
Nas Praças ſe concertaraõ,
Onde da quem, e da lem
Gráos duelos ſe travàraõ.

XIX.

Com grande invençaõ, e cizo
D'Avis antre as altas portas
Eſtava hum Paraizo,
Qu' as gentes deixa abſortas.

XX.

Todallias ordens do Ceo
Eſtavaõ nelle ordenadas,
E por ſinal de trofeo
As bandeiras recamadas.

XXI.

Aqui as Fadas eſtavaõ
(Segundo lhe cobe em ſorte)
Qu' a Princeza fadavaõ
Cada qual de ſua ſorte.

XXII.

Entrou depois na Cidade
A graõ Prole Realenga;
E nella com novidade
Dita lhe foi ſàbia arenga.

XXXIII.

Depois ledos Tangedores
A' vinda da Princeza
Fizeraõ fortes ruinores
Eſpanto da natureza.

XXIV.

Barcas, e Loas fizeraõ
E outras Reprefentações,
Qu' a todos graõ prazer deraõ
Conforme fuas tenções.

XXV.

Depois fob paleo alçado
(Por principaes regedores)
De grandes franjoens orlado
Se viraõ Reys, e fenhores.

XXVI

As ruas s'acobertaraõ
De ricos panos, e fedas,
Qu' os rayos do Sol vedaraõ
E as faziaõ mais ledas.

XXVII.

Polas portas, e janelas
Eftava infindo ouro,
Eftavaõ as damas bellas
Por antre ramos de louro;

XXVIII.

Da meza logo ao começo
Dourada carroça veo,
(Coufa de grande preço)
Com roçagante arreo.

XXIX.

XXIX.

Possantes dois bois assados
Por ella vinhaõ tirando,
Cos cornos, maos, pés doirados
Ser vivos reprezentando.

XXX.

Moço loçan diante
Com aguilhada na maõ,
E com passo elegante
Pizava da Sala o chaõ:

XXXI.

O qual com sizo, e prestrèza
Guiando foi a carroça
Tè onde estava a Princeza,
A qual de tudo s'apossa

XXXII.

Depois da sala sahindo,
Ao povo entregue a deixa,
O qual quebrando, e partindo
Come, espedaça, e enfeixa.

XXXIII.

Ingente avondança d'Aves,
Inteiros Pavões vieraõ,
Inda co as penas graves
Que ledice, e prazer deraõ.

XXXIV.

XXXIV.

De Guinee veo hum graõ Rei
Com tres gigantes membrudos,
De velos graõ medo, hei,
Tanto eraõ carrancudos.

XXXV.

A gente deixa absorta
A graõ companhia que tras,
Onde Morisca retorta
Vinha com alto Torcas.

XXXVI.

Muitos Negros bailadores
De manilhas d'ouro ornados,
E tambem gráos Tangedores
Com seus cascaveis dourados.

XXXVII.

No centro hum grande castello
De chapiteos, e Bandeiras
Estava, formozo, e bello
Feito de varias madeiras.

XXXVIII.

Em torno depois se viaõ.
Trinta tendas Marciaes,
Que ricas tellas teciaõ
Pavezes, Elmos Reaes.

XXXIX.

Depois dos banquetes findos
Galantes Momos ouveraõ
E Antremezes infindos,
Qu' a todos bem aprogueraõ.

XXXX.

Tea na praça s'alçou
Toldada de finos panos,
Qu' o rico mortal ornou
Com soberbos Pelicanos.

XXXXI.

Viaõ-se tremolando
Reaes bandeiras bordadas,
A todos prazer mandando,
Com as Armas recamadas.

XXXXII.

Baxeis de varia invençaõ,
Bombardas mil despedindo,
Com grande, e sobeibo afaõ
Galhardetes desferindo.

XXXXIII.

ElRey tambem por grandeza
A festa coroa, e arrea,
E cheo de ardideza
Entra de tarde na Tea.

XXXXIV.

XXXXIV.

E quando Febo deixou
A nossa ametade escura,
No Castello s'alvergou
Cheo de gloria, e ventura.

XXXXV.

Cingido de Mantedores
Ao povo seu se amostra,
De seus bellicos ardores
A todos que o vem, faz mostra.

XXXXVI.

Delle logo a poz sahiraõ
Infindos Aventoreiros,
Que o Mundo todo admiraõ
Com Arnezes, e letreiros.

XXXXVII.

Tambem alguns justadores,
De varias partes trazidos
Em soberbos corredores,
Entraõ no campo atrevidos.

XXXXVIII.

Todos estes que justaraõ
Colares d'ouro tiveraõ,
Segundo valor mostraraõ
E seu nome enobreceraõ.

XXXXIX.

'A fora destes tambem
Quantos aqui vieraõ,
Assi d'aquem, e dalem,
Infindos Dons receberaõ.

L.

Porém porque postimeiras
Contas, vos dê das Festas;
Aqui tendes as Cimeiras,
As suas letras saõ estas.

LI.

Estes liam de maneira,
Que já mais pode quebrar
Quem co elles navegar.

LII.

No es menor mi pensamiento;
Mas ha quebrado tristura
Las alas de mi ventura.

LIII.

Acordaos de mis passiones
Animas descansareis
De quantas penas teneis.

LIV.

A questa guarda sus armas
Mas a mi que amor enciende
Nunca dellas me disiende.

LV.

LV.

Guardas tu, mas no tam cierto
Como yo sempre guarde
La fé del bien que cobre.

LVI.

Quien me tocare na questa
Yo le rompere la testa.

LVII.

Es tam dulce mi prision,
Que deve para matarme
No prenderme, mas soltarme.

LVIII.

Quanto mas oye alegria
Quien no alcança ventura,
Tanto mas siente tristura.

LIX.

Mas quiero morir tras el
Sus peligros esperando,
Que la muerte recelando.

LX.

Aventureiros
El consejo que he tomado
Deste muy antiguo dios,
Es dexar a mi por vós.

LXI.

Sobre todos resplandece
Mi dolor,
Porque es el que es mayor.

LXII.

Si esta gracia y hermosura
Puede darla
De vos tiene de tomarla.

LXIII.

Ante la luz de su lumbre
De vuestra gran claridade
Es la desta escuridade.

LXIV.

No ay saber, ni descricion
Al que os mira
Porque viendo os sele tira.

LXV.

La victoria que de aqueste
He recebido
Es ver me de vos vencido.

LXVI.

Aqueste suele dar vida
Al que mas servir le halla,
Y vos al vuestro quitarla.

LXVII.

En el mar de mi desseo
Viendo su lumbre segui
A ella, e deixe a mi

LXVIII.

La vida pierde dormiendo
El que muerde este animal,
E yo callando mi mal.

LXIX.

Este suena mi servicio
Ser com vos
Tan cierto como com dios.

LXX.

Quando sanan de un dolor
Los que como oy padecen
Siete dele recrecen.

LXXI.

Ha discubierto mi vida
Desde aqui
Gran descanso para mi.

LXXII.

Estas soeltan las prisiones,
De que muchos han salido,
Y a mi han mas prendido.

LXXIII.

Cien mil dellas desfoje
Mas fue mi ventura tal,
Que siempre quedo en el mal.

LXXIV.

Van buscando mis servicios
El galardon que cayo
Donde nunca parecio.

LXXV.

Si a mi gran querer y fee
Galardon tiene defeza
Tudo lo peza.

LXXVI.

Es tam baxa mi ventura,
Y tan alto el edeficio,
Que no basta mi servicio.

LXXVII.

Com sus fuerças, e mi fee
Todos my males dobre.

LXXVIII.

Vuestra vida desbarata
Mas do queste roba y mata.

LXXIX.

Las minguadas son mis bienes,
Y por ser mi dicha tal
Las llenas son de mi mal.

LXXX.

Neste remedio de vida
Tengo la mia perdida.

LXXXI.

Nam te espantes do que faça,
Sigue-me bem, e verás,
E eu te matarei a caça,
E tu a depenerás.

LXXXII.

En el comienço de aquestos
Comence
Y en ellos acabe.

LXXXIII.

LXXXIII.

No puede ſer compaſſada:
La fe que os tengo dada.

LXXXIV.

Es deſcanſo de mi mal
Ser em aqueſta celada
Toda mi vida gaſtada.

LXXX V.

Que venga toda fortuna
Já mas ſueltan ves ninguna:

LXXXVI

Porém já he ingente erro,
Camanha arenga ſeguir,
Naõ abaſta voz de ferro
Aquem avante quer ir.

RE-

REPREZENTAÇAO.

Ao Naſcimento de Chriſto Senhor Noſſo.

Paſtores Florindo, e Placencio,

Os quaes cantaõ alternadamente algumas cantigas, Oitavas, e Chançonetas.

I.

DA obra do Naſcimento;
Querer homem fundar obra
Com pobre húmano talento,
He dar as vellas ao vento,
No mar, que tudo ſoçobra,

II.

Mas o intento devoto
Do advento diviniſſimo;
Faz que o talento pobriſſimo
Decanto de proprio moto
O Miſterio Sacratiſſimo.

III.

O penſamento enlevado
Neſta merce taõ eſtranha,
Como he ver Deos humanado
Deſte eſpanto acompanhado
De deſculpa s'acompanha.

Se

IV.

Se entendimentos celleſtes
Das angelicas creaturas,
Ficaõ tanto ás eſcuras:
Que diraõ logo as terreſtes
Tanto indinas, tanto impuras?

V.

O que tomou, e o que deu
Com taõ baixo eſtilo, e groſſo
Nem no ſei dizer, nem poſſo,
Quiz do noſſo fazer ſeu,
Pera do ſeu fazer noſſo.

VI.

Noſſo amor fez a Deõs guerra
Por fazer pàz com ſeu réo,
Aſſi d'amor ſe venceo,
Que quiz fazer do Ceo terra
Por fazer da terra Ceo.

VII.

De mi pobre ſe veſtio;
Porque delle me veſtiſſe,
Porque eu por elle ſobiſſe;
Por mi deſceo, e cumprio;
Porque eu por elle cumpriſſe.

Naõ

VIII.

Naõ vos eſqueçaes, memoria,
De quem he Deos, dequem eu;
Que pera que eu tenha gloria
Vencerſe deixa a victoria
O meu toma, e dame o ſeu.

IX.

O' Orfeo celleſtial,
Com a cithara que tochaes
Da humanidade livraes,
Do apozento infernal
Euridice, que tanto amaes!

X.

Com voſſo canto as montanhas
Dos ſoberbos, abateis,
Humildes valles ergueis,
Com voſſa vóz as entranhas;
E as almas encendeis.

XI.

Vieſte pera que eu foſſe,
Perdeſtes, porque eu ganhaſſe;
Amaſtes, porque eu amaſſe,
E tomaſtes de mi poſſe,
Porque eu de vos a tomaſſe.

O

XII.

O *graõ* abiſmo de amor;
O Miſterio profundiſſimo,
Que ſendo Deos, e Senhor,
Vos abaixaes creador,
Por alçar a mi baixiſſimo!

XIII.

S' o voſſo ſaber divino
Pois que ſó pode, ſó fale
Do Miſterio tanto dino,
Pois todo o outro he indino;
O meu mais indino cale.

XIV.

Mas naõ calarei pedirvos
Senhor pera o que vem
A tençaõ, pois que contem
A grande obra de remirvos
De mal tanto a tanto bem.

XV.

E que as almas prepareis,
Pois vo las vem preparar,
E pois hoje reviveis
Outro fruito naõ proveis
Que vos venha a remargar.

En.

XVI.

Entraraõ t-mpos dourados;
Caminhos dezempedidos
Os Ceos d'homens povoados,
Os mais perdidos, ganhados,
Os pobres enrequecidos.

XVII.

Entrará divina dança,
E feraõ as guias della
Amor, fee, efperança
Fará fazer o fom della
Ao Ceo da terra mudança

XVIII.

Vereis voffa natureza
Entrar em Carro d'amor
Cercado de refplandor,
Vereis nella a mór grandeza
Feitura, junto, e feitor:

XIX.

Vereis feita de contratos
Celleftiaes, e terreftes
De nunca viftos baratos;
Pois a troco duns fapatos
Vos deraõ os bens celeftes.

Por-

XX.

Por vos naõ tirar o goſto,
Naõ vos quero prevenir
Mais de tudo o que hade vir,
Eſcondervos quero o roſtro
Pera a obra o deſcubrir.

Can-

Cantaõ os dois Pastores, e tangem alternadamente.

QUè clara y amena noche y q̃ silẽcio
Que estrellas encendidas rutilãtes,
Que claros horizontes, mi Placencio,
Parece que amor la hizo pera amantes,
Pera algum sucesso bueno y aparecio!
O es favor del cielo a caminantes
No se lo que alla va que a qua me siento
De regozijo lleno i de contento.

Placencio.

Mas claros son, Floredo, sus lumbrales,
Que todo resplandor del claro dia,
Pues nasce Dios en ella alos mortales
Daquella sacra Aurora, que es Maria:
Tomo en ella Dios nuestros pannales
Su Magestad dexando y Monarchia,
O' felice nuestro tiempo y nuestro estado
De nuestros Padres ha tanto deseado!

Floredo.

O' valasme el Senor si no m'enganas
Di si burlas, estás loco, o si es verdad,
O si só, Placencio mio, tus patranas
Ansi tenga tu ganado sanidad!
Ivencas tu pastora com tus mannas,

Y en la lucha a los pastores se bailar;
Que me digas, Ermano, se lo oiste
A algun Zagal de cuento, o si lo viste.

Placencio.

O soñoliento Zagal, el mas astrozo
Tan ciego a la luz, quan surdo al cielo,
Nõ oiste aquel canto saboroso,
Alegraos. Pastores, que en el suelo
Teneis a Dios nascido poderozo!
La paz delos humanos su consuelo
Los Angeles te juro lo cantaron
Y en Bethlem mis ojos lo miraron.

Floredo.

Si viene como Dios mui gran potente,
Si trae di, Placencio, el pastor brio,
O si viene a bivir, como la gente
Sujeto a dolor, e calor, y frio?
Que esto fuera no hazello cuerdamente
Trocar por nuestro nada el poderio,
Pues pudiera no penar si no quisiera
Y salvarnos sin venir tan bien pudiera.

Placencio.

Porque vieses, Pastor, quan namorado
Es de ti siendo hechura, el azedor,
Quiso haserse el Criador de ti criado
Y siervo de su siervo el grão Senor;
Porque fuesses tu Senor, se hizo esclavo,
Y siendo gloria, penó por tu amor,

Por-

Porqne tu con amor le refpondieſſes
Quiſo lo que hiſo y que lo vieſſes.

Floredo.

An ſi veas Maioral tu hiſo Blas,
Y paſtore ſu armento en gran ventura;
Que te declares, Paſtor, comigo mas
Es poſſible el criador ſer criatura?
Hazerſe ſiervo el Senor es por demas,
Penar la miſma gloria es coſa dura
Que tan baxo por alçarme hiſieſſe,
Y que una Moça virgem lo parieſſe?

Placencio.

Quiſo por eſtimarte no eſtimarſe,
Y trocar por mal terreno el bien celleſte
Por hazerte divino, humanarſe
Y meter por ganarte todo el reſte:
Y quiſo por veſtirte deſpojarſe
A qual Dios que verás ſin una veſte,
Vene a ver, Zagal, y buen teſtigo
Tu miſmo lo ſerás de lo que digo.

Floredo.

Tieneme, Paſtor, tan admirado
Lo que de un Nino Dios te he oido,
Que eſtoi fuera de ſentido y olvidado
De mi, del ganado y del Exido:
Si viene a ſer Paſtor, Placencio amado,
Que dará mui mejor nueſtro partido,
Mas no ſe a tan grañ Dios como cõvẽga,

Que

Que con tan baxo officio se entretenga.

Placencio.

Calla ya ; que hablando divaneas
El bien de nuestro bien consiste en crello
Alcançallo hombre humano no lo creas
Vamos, Floredo mio, luego a velo:
Y en viendole, verás quanto deseas
Pues tudo pára en vello y conocello
Verás como calando te responde
Como un Dios escondido no se esconde.

Chegaõ-se ao Prezepe, e sen cantar se Offerece Placencio.

Otra vez, Senor, vengo a offerecer-
vos
Los deseos, Nino hermoso y immortal
De serviros con gran fee y de quereros
Que es todo lo que puede mi caudal:
De mas desto traigo a conoseros
Este hasta veres incredolo Zagal,
Y estas cucharas mas que a Polidoro
Gane a derribar mejor un toro.

Diz a Nossa Senhora.

A vos la mas hermosa y feliciſſima
De todas las Zagalas de la vida
Tezor era del Cielo diviniſſima
Por mas pobre en la tiera conocida:
De mi Cabanita que es pobriſſima
Con voluntad os doi enrequecida
Y eſte buen peleyo de Cabrito
En que pongais el ſacro gargonito.

Offereceſe Floredo.

O' alta Deidade, nueſtro conſuelo!
O' vida y libertad nueſtro thezouro!
O' Nino humanado, Dios del Cielo
Pues no tengo que daros plata o oro,
Lo que puede un Garçon tan puebre-
zuelo
Os doi, que es amor con que os adoro,
De mas deſto un Cordero mui hermoſo
Que luchando gané con Nemerozo.

A Noſſa Senhora.

O' de gracias cen mil vezes llena
Nueſtra lucida eſtrella ſacra Aurora

A

Al trino Dios y uno mas amena,
Pues os hizo del verbo Madre aora!
Tengo, ó sacra Virgem, mui gran pena
De no tener que daros mi Senora,
Si no este pannizuelo de Barbante,
En que enbolvaes, Senora, el sacro Infante.

Chanſonetas.

Ganado Clemente
Dexa y el Exido,
Ve a ver nascido,
Dios omnipotente.
Vele a ver, verás
Cosas nunca vistas,
Antes del escritas
Cumplidas verás
Dios Omnipotente
Ninno empobrecido
Por amor nacido
De taõ pobre gente.
Verás Dios humano,
Y pobre divino
Alto y suberano
Quan humilde vino
Un amor subido
El mas eminente.

Que a si he vencido
Un ditos potente.
Nuestro pastorado
Y con Reys compite
Pues fue al combite
Com ellos llamado
Ellos de Oriente
A vello an venido;
Nos de nuestro Exido
Llaneo Dios potenre.
Quiem he donde, es a quiem
Este que nasce en Bethlen?

Voltas.

Quiem he que assi desprezou
O mundano apparato,
Que as palhas lhe foraõ fato
De teas se entapiçou,
De animaes se acompanhou
Nas ruinas de Bethlem
Quem he, donde, e a que vem?
Quem he que em seu nascimento,
Cantaõ Anjos seus lovores
Na terra Reys, e Pastores
Lhe daõ reconhecimento,
Fazem-lhe offerecimento,
Qual a Deos, e homem convem,

Quem

Quem he, donde, e a que vem?
He quem foi, he, e ferá,
Quem fez, e deu fer a tudo,
He quem meu engenho rudo
Mal quem he explicará.
He quem deu tudo, e dará,
E affi mefmo deu tambem
Efte que nafce em Bethlem.
He hum vencedor vencido,
Que amor dos homens venceo;
He hum Deos, que homem nafceo,
Porque eu foffe em Deos nafcido;
Por ganharnos taõ perdido,
Que a perder a vida vem
Efte que nafce em Bethlem.

Oitavas ao Invictario cantadas á viola.

Com efte pobre engenho, e debil peito
Que direi de vos, Deos, abreviado,
Que direi deffe amor de tal effeito,
Que em palhas vos poz nú Deos fu-
blimado?
O' vivo refplandor, defta alma abgeito,
Eterna gloria, e fim de meu cuidado,
Lovar-vos co alma quero, e ficar mudo
Pois poco digo, ou nada de vos tudo.

En-

Enlevem-se as potencias, e os sentidos
Neste abismo d'amor, Jezu benino,
Contemplem mui alegres, e absorvidos
Em vos taõ alto Deos, pobre menino:
Espantem-se em verse redemidos
Por meo taõ estranho, e taõ divino,
Nunca cessem de lovarvos, pois mortal
Vos fizestes, por fazeres me immortal?

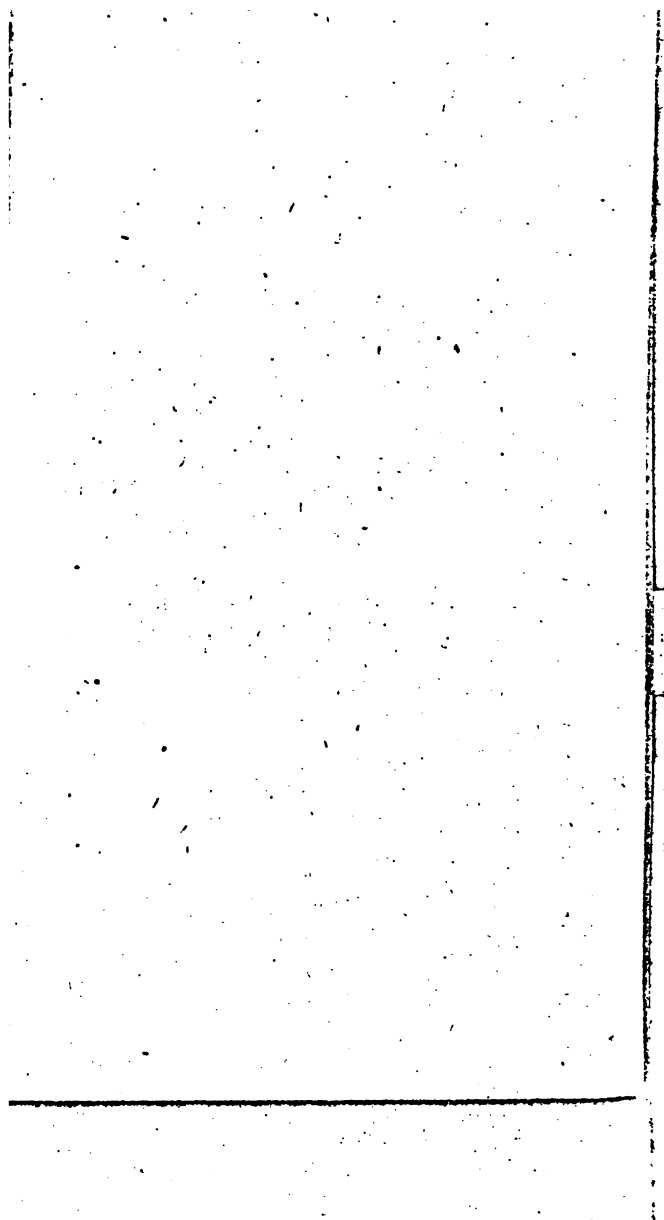
Riquissimo Senhor, quem vos fez pobre?
Se vestistes terra, e Ceo, quẽ vos despio?
O' encuberto Deos, quẽ vos descobre
Sem começo, e sem fim, quẽ vos pario?
Quem do humano nosso assi nos cobre?
Quẽ do vosso assi divino vos cobrio?
Quem, quẽ se naõ amor que vos fez eu
Porque eu me fizesse vós, q̃ me isto deu.

F I M.

CO-

COMEÇO
DAS
OBRAS,
ESCRITAS EM LINGUAGEM

por

ESTEVAO RODRIGUES
DE CASTRO.

SONETO I.

PAſſei livre occiozo hũa larga idade;
Sem gloria, ou ſaber della, e ſem proveito
Deſta vida, antes morte, ſatisfeito
Em baixos exercicios da vontade.

Viome amor, e movido á piedade;
Tocando com ſua maõ meu frio peito;
O mato ardeo, que nelle eſtava feito
Polos annos da imiga liberdade.

Maravilha era ver brotar cuidados,
Quaze flores naſcidas d'inprovizo,
Que amor criou, e pizaõ disfavores:

Aſſi os adoro depois de pizados,
E como vivo junto ao Paraizo
Suſtentome do cheiro deſtas flores.

SONETO II.

VOando imagens pinta o penſamēto
Onde de Apeles o pincel naõ chega,
E paſſando adiante inda s'emprega
Em pintar Anjos d'alto entendimento.

Tudo iſto imaginado he ſombra, e vento
A par do voſſo ſer, e a quem o nega
Direi, que o rayo deſſa luz o cega
Pera naõ ter de vos conhecimento.

Se tudo polo nome ſe conhece,
Que nome podia ter tanta belleza
Sendo eſtranho pois he peregrina?

Mas polo ter commum naõ deſmerece,
Que tanta graça, tanta gentileza
Chameſſe o que quizer, mas he divina.

SO-

SONETO III.

ONdados fios d'ouro, onde enlazado
Em doces nós está meu pensamento,
Que quando vos mais solta o leve véo
Mais prezo fico então num vaõ cuidado.

Amor duns bellos olhos sempre armado
Me combate com as forças do torméto,
Provando de minha alma o sofrimento
Que á lus justa da Paz trago obrigado.

Assi que em vosso gesto mais q̃ humano
Amo a paz justamente, e o perigo,
Que em amar hũ,e outro naõ m'engano:

Muitas vezes dizendo estou comigo,
Qe pois he justa a cauza de meu dano
Iusta he a guerra, *Justa a Paz* q̃ sigo

SO-

SONETO IV.

AUzente, penſativo, e ſolitario;
Como ſe vos tivera ali prezente,
Dou, e tomo as razões ouzadamente;
Firme em amor, em penſamẽtos vario

Quando venho ante vos com temerario
Fervor renovo n'alma juntamente
Quantos cuidados tive eſtando auzente,
Que tudo em tal aperto he neceſſario.

Huns aos outros s'empedem na ſahida
E querem cometer, e naõ s'abalaõ,
Eu vou pera falar, e fico mudo:

Porém meus olhos, minha côr perdida;
Meu paſmo, meu ſilencio, por mi falaõ,
E naõ dizendo nada, digo tudo.

SONETO V.

TOdas as forças cõtra a morte prov.
Meu efprito, pois vê que desfalece,
Qual flama q̃ no fim mais refplandece;
Qual Fenis q̃ em fi propria fe renova.

E defpois de cobrar huma força nova
Varios cuidados ama, e aborrece,
Qual Aguia, que feus filhos reconhece;
E huũs aceita por bons, outros reprova.

Tem fobre minha fé fua conta feita,
S'eu deixar meu primeiro penfamento,
Voffas mudanças naõ me faõ defculpa:

Efta firmeza poco m'aproveita,
Que o q̃ alcançei fem ter merecimento,
Venho aperder agora fem ter culpa.

SONETO VI.

QUando me quiz ſalvar dei num perigo,
Julgando por verdade o que era engano,
Provei, cõ moſtras de remedio, hũ dano,
E deſpois de provado ainda o ſigo.

Fujo dum mal que por força hade ſer comigo,
Que quãdo he mais piedozo he mor tyranno,
Neſtes enleyos acho hũ dezengano,
Com que me faço bem, e me perſigo.

E como de veneno me mantenho,
Canſſaſe a inveja, porq̃ amor naõ cança,
Por quẽ ao que naõ quero me offereço:

Publico nelles que em ſecreto tenho,
Creſcem dezejos, falta a eſperança,
Es'inda ha mais extremos mais padeſço.

SONETO VII.

ILlustre planta, cuja verde rama
Bateo furtuna com furiozo vento,
Sem derrubar já mais o nobre intento;
Que pera feitos immortaes te chama.

Dahi nas azas da ligeira fama
Irá teu nome ao mais sublime assento
Do Ceo, que agora preciozo unguento
D'altas virtudes sobre ti derrama.

As grandes serras d'aspera dureza,
Que agora a teu querer se poem diante
Convertidas verás em verdes prados:

Naõ deu seus dous em vaõ a natureza,
Thezouros saõ que hum animo constãte
A' eternidade deixa consagrados.

SONETO VI.

QUando me quiz ſalvar dei num perigo,
Julgando por verdade o que era engano,
Provei, cõ moſtras de remedio, hũ dano,
E deſpois de provado ainda o ſigo.

Fujo dum mal que por força hade ſer comigo,
Que quãdo he mais piedozo he mor tyranno,
Neſtes enleyos acho hũ dezengano,
Com que me faço bem, e me perſigo.

E como de veneno me mantenho,
Canſſaſe a inveja, porq̃ amor naõ cança,
Por quẽ ao que naõ quero me offereço:

Publico nelles que em ſecreto tenho,
Creſcem dezejos, falta a eſperança,
Es'inda ha mais extremos mais padeſço.

SO-

SONETO VII.

ILlustre planta, cuja verde rama
Bateo fortuna com furiozo vento,
Sem derrubar já mais o nobre intento,
Que pera feitos immortaes te chama.

Dahi nas azas da ligeira fama
Irá teu nome ao mais sublime assento
Do Ceo, que agora preciozo unguento
D'altas virtudes sobre ti derrama.

As grandes serras d'aspera dureza,
Que agora a teu querer se poem diante
Convertidas verás em verdes prados:

Naõ deu seus dous em vaõ a natureza,
Thezouros saõ que hum animo constãte
A' eternidade deixa consagrados.

SONETO VIII.

ENtre flamas d'Amor fostes criados
Discursos d'alma em largos tẽpos feitos,
E com doces palavras mais perfeitos,
Por huma bella maõ communicados.

Nem com tudo ficastes preservados
De pena, a que sem culpa saõ sugeitos
Vestigios que ficaráõ de conceitos,
Duma em outra memoria trasladados.

Tornado em cinza, e pó tudo numa hora
Nova Troya cahio, alto edeficio,
Que hum fogo levantou, n'outro fenece:

Das cinzas como Fenix se melhora
Huma fé, que se abraza em sacrificio,
E he unica, e renasce, e permanece.

SO-

SONETO IX.

QUantas vidas robaste numa só vida,
Morte imiga cruel, como arranquaste
A bella joya de seu rico engaste
A nós agora, ao Ceo despois devida?

Como vivirei eu se dividida
Da melhor parte minha me deixaste?
O' grande pena, nunca o tempo gaste
A rigoroza dôr desta partida.

E tu, que a mortal vida aborrecendo
Gozas d'outra immortal, alma ditoza,
Soccorre a quem por ti vive em tristeza:

Assim disse Baliza humedecendo
De puro orvalho huma, e outra roza;
Chorou Amor, e rio-se a Natureza.

SONETO X.

DO corpo eſtava já quaze forçada
Aquella alma gentil ao Ceo devida,
Rompendo a nobre tea de ſua vida,
Por tornar cedo á patria dezejada.

Ainda em flor ſem ter raiz lançada
Na terra della tanto aborrecida,
S'arrancou de boamente, e eſta partida
Fez á morte ſuave ſua jornada.

Alma pura, que ao mundo te moſtraſte
Solta de ſeus grilhoens q̃ outros enlaçaõ
E agora gozas lá dias melhores:

Dos teus q̃ quà ſem ti triſtes deixaſte
Te mova alta piedade, em quãto paſſaõ
Eſtas horas que a dôr lhe faz maiores.

SONETO XI.

Quaõ cedo te roubou a morte dura
Animo illuſtre a grãdes coiſas dado,
Deixando o frio corpo aſſi lançado
Em eſtranha, mas nobre ſepultura!

Deſta vida de qua, que pouco dura
Todo de ſangue imigo já banhado,
Por maõ de teu valor foſte levado,
Aos campos da imortal vida ſegura.

O eſprito goza da ditoza idade,
E o corpo naõ cabendo cá na terra,
A's aves que o levaſſem s'entregou:

Deixaſte a todos magoa, e ſaudade,
Buſcaſte morte honroza em dura guerra,
Deu-te o Tejo, e o Ganges te levou.

SONETO XIV.

D. F. C. L.

QUe devo ao campo, ou monte
que florece,
Se pera todos essas flores cria?
Que devo em me dar agoa a fonte fria,
Se pera o mesmo de suas fraldas desce?

O Sol, que pera todos amanhece
Poco lhe devo, que me faça dia,
Se pera todos sahe chea, ou vazia;
Que devo á lua quando mingua, ou
crelce?

Ingrata Lisis campo emformozura;
Em graça fonte, Monte em mór alteza;
Sol em belleza, e em mudanças lua:

Naõ façais taõ commua essa luz pura,
Essa graça, essa flor, essa belleza,
Que fujo por commum, sigo por tua.

SO-

SONETO XV.

O Eſprito que honras vans que o
mundo vende
Julga por couza vil, e campo eſtreito;
Neſte lugar pequeno, mais perfeito
He maravilha ver como s'entende.

Da qui a terra, e o mar, e o Ceo comprende,
E ſem temer amigo contrafeito,
Das rochas ſecretarias de ſeu peito
Alta firmeza, e ſofrimento aprende.

De dificil, e aſpera a ſubida
Pera ſignificar outros rigores
Com que a virtude vai parar na gloria;

Na porta tem a rama entretecida
Do louro, premio já de vencedores,
E agora moſtrador d'outra victoria.

SONETO XVI.

POr mais que hum grave pensamento opprime;
Outro com novas azas me levanta,
Ao doce mover d' hua, e outra planta;
Que por couza immortal convem que estime.

Forças o coraçaõ em si reprime
Força mais poderoza lha quebranta;
Tanta brandura em magestade tanta,
Nelle, e na terra o leve passo imprime.

Do resplendor divino hua apparencia,
Que se nos mostra cá tambem divina
Com suave modo volve a toda a parte:

Honestidade, e graça, obediencia
Lhe daõ, e a alma que a seus pés s' inclina,
Como em lugar de gloria naõ se parte.

SONETO XVII.

MAnda amor á memoria q̃ renove
Da Deoza em fórma humana altos louvores,
Quando os passos do Ceo competidores,
Sobre o curso mortal na terra move.

Suavidade, e alegria chove,
Em dança as Graças vaõ lançãdo flores;
E ordenaõ, q̃ cercando-a mil Amores
Cada hum em quem a vir mil setas prove.

Quem chega a vella, e acceita a doce pena,
Em suas proprias fridas se recrea,
Desconhecendo a dôr cheio de gloria:

A companhia gentil, que o ar serena
Victurioza vai, e onde passea
Pégadas deixa de immortal memoria.

SONETO XVIII.

D'Estado immortal rica s'afigura
Aquella que do Ceo traz a diviza,
Ou se afigura, ou he, mal o diviza
Vista mortal, que aili naõ se assegura.

Com seu andar desfez a nevoa escura,
E os passos com que o chaõ ditoso piza;
Vai-lhos compondo a graça, e nos aviza
Que saõ rastos da eterna formozura.

Assim movendo o Anjo sua esfera
Virtudes manda que ella naõ mandára
(Posto que bella) quieta, e occioza:

Assi Eneas a mãi naõ conhecera,
Se na arte do passeio naõ mostrára
Ser das Deozas a Deosa mais formosa.

SONETO XIX.

D. B. R.

NAõ era mortal couza o seu passeio
Espirava mais que humana magestade,
Prazer, graças, amor, felicidade,
D'altas riquezas hum thezouro cheio.

Qual sahe a Aurora do rozado ceyo
Com justo passo abrindo a claridade;
Modestia altiva, honesta gravidade,
Que o Ceo nos reprezenta, donde veyo;

O celleste rigor, que dentro anima
Trasluz no concertado movimento,
Que até na menor parte conresponde;

Por taes pizadas sobe, e muito assima
Noutras Graças se perde o pensamento;
E só me leva amor naõ sei por onde.

SONETO XX.

CLaros olhos q̃ ao Ceo q̃ ſe moſtrou
Mais que nunca ſereno a côr robaſtes,
Quando deſpois mais bella lha moſtraſtes
Todo d'amor, e inveja ſe matou.

Com mil olhos d'eſtrellas vos olhou;
Com mil raios dos voſſos o abrazaſtes;
E, ſó do reſplendor que lá lançaſtes
Todas as eſcondeo, e envergonhou.

Agora a côr azul querem as eſtrellas,
D'azul o prado em Maio ſe quer pôr,
Deixando flores roxas, e amarellas.

De tudo o voſſo azul he vencedor,
Que do Ceo tem belleza as couzas bellas,
E elle he bello porque he da voſſa côr.

SONETO XXI.

QUando com furia, e impeto embravece
O fero mar dos ventos combatido,
Mais medonho que nunca, e mais temido
De côr azul nas ondas apparece.

Quando o Sol, q̃ no mundo resplandece
No mais alto da Esfera está subido,
Entre nuvens azuis todo escondido
Com falta de sua luz nos escurece.

Ambas as couzas fujo, e a claridade
Duns olhos busco, e azues os acho, e creyo
Que ambas as couzas nelles se comprendem.

Nelles acho mais fea a tempestade,
Nelles o azul das nuvens he mais feio
Tanto huns olhos azuis aos meus offendem!

SONETO XXII.

De Fernaõ Rodrigues Lobo.

CLaros olhos azuis, olhos formo-
zos,
Que o lume destes meus escurecestes,
Olhos q̃ o mesmo amor d'amor vencestes
Com vivos raios sempre victuriozos.

Olhos serenos, olhos venturozos,
Que ser luz de tal gesto merecestes,
Ditozos em render quanto rendestes,
E em nunca ser rendidos mais ditozos.

Que morra eu por vos ver, e que vos
traga
Nas mininas dos meus perpetuamente,
Couza q̃ he justamente amor ordena:

Mas que de vós naõ tenha mais que a
pena,
Com que amor tanta fé taõ mal me
paga,
Nem o diz a razaõ, nem o consente.

SO-

SONETO XXIII.

Do mesmo.

AMor, que em ſombras vans do penſamento
Paga o zelo leal de meu cuidado,
Em todá a condiçaõ, em todo o eſtado
Tributario me fez de ſeu tormento.

Eu ſirvo, e canſo, e o merecimento
De quanto tenho a Amor ſacrificado,
Nas mãos da engratidaõ deſpedaçado
Por preza vai do eterno eſquecimento.

Mas por muito que em fim creſca o perigo,
A que perpetuamente me condena
Amor, que amor naõ he, mas enemigo;

Hum ſó deſcanço tenho em minha penã,
Que a gloria de querer, q̃ á tanto ſigo,
Naõ póde ſer c'os males mais pequena.

SONETO XXIV.

FUjo ás promessas vãs do fementido
Labaõ, que tantas vezes m' enganava,
Que do Saul, por quem a vida dava
Me vejo atormentado, e perseguido.

Recorro a ti, Senhor, que ao esquecido
Profeta, quando mais se t' apartava,
No bravo mar, na tempestade brava,
Tinhas alto remedio apercebido.

Nas aguas do Diluvio me alagára
Se da Arca da esperança que a demencia
Tua me deo, naõ vi ao Ceo aberto:

Bateo na pedra de meu peito a vara
De tua justiça, e abrio de penitencia
Fontes, nesta alma feita já dezerto.

SO-

SONETO XXV.

He tempo, que arranqueis fóra do peito
O esteril joyo, a avea desditoza,
Que nessa tenra idade está vissoza,
E seu fruito he vergonha, e máo conceito.

Pagai ao Deos das bodas seu direito;
Vedes com seu receo a nova espoza,
Do regaço da may toda choroza
Vem povoar o nunca uzado leyto.

Vervoseis pai de filhos dezejados;
Sahirá de vossa planta hum novo enxerto,
Que á vida gosto dê, pezo aós cuidados;

Vereis vossos enganos de mais perto,
Rirás dos que em Amor vaõ enlevados
Passando a noite fria ao ar aberto.

SONETO XXVI.

De Francisco de Sá de Miranda.

ESte Retrato somente he sinal
O longe do que sois, por dezamparo
Destes olhos de qua', que he hum tanto
claro
Naõ o pode soffrer vista mortal.

Quem tirou nunqua o Sol por natural?
Ou vio, se nuvens naõ fazem reparo,
Ao lonje em noite escura acezo hũ faro,
Agora se naõ vê, ora vê mal?

Pera huns taes olhos, que ninguem es-
pera
De face a face, graõ remedio fora
Acertar o pintor vervos dormindo:

Inda com tudo naõ sei se podera,
Que a graça em vós naõ dorme a ne-
nhua ora
Fallando que fará, que fará rindo?

SO-

SONETO.

DUm mar immenſo chega amor ao-
fundo;
Rompe as ondas que a culpa levantára,
Tras o novo Moizes mais alta vára,
Alto artificio de ſaber profundo.

O graõ cazo de Adaõ; o Adaõ ſegundo
Vem reparar, e ſó tanto repára
Eſte Noé, que a reparar baſtára
A arruinada fabrica do Mundo.

A' voz mortal o Ceo he obdiente
Dum Joſué menino, e ſenhor ſendo
D'eſcravo, outro Joſeph toma figura:

E naõ ſó num momento traz prezente
Quanto varias idades foraõ vendo,
Mas num corpo o Creador, e a crea-
tura.

SONETO.

Habita n'alma Deos, se nella habita,
Como em sagrado templo a charidade;
Sem ella, qual sem Deos, a liberdade
D'alma em officio inutil s'exercita.

Virtude, q̃ a virtude informa, e incita
Ao summo bem, nem soffre que a vontade
Ande em campo menor q̃ a ternidade,
Ou queira menos gloria que infinita.

Generoza Princeza, em quem receyo;
Em quem pena naõ ha, q̃ lhe he devida
Da ardente Hierarchia a melhor palma:

He espirito divino, he suave meyo,
Que ajunta hua alma a Deos, e lhe dá vida,
Antes he o mesmo Deos, que he vida d'alma.

SONETO.

PAthos Ilha ditoza, teus rochedos
Dignos de recolher no duro ſeyo
O divino Eſcritor, por cujo meyo
Participaſte altiſſimos ſegredos.

Bem moſtraraõ dureza de penedos,
Pois quando deſterrado ant'elles veyo,
Tendo de compaixaõ o mũdo cheyo;
Sem ſe abrir de piedade eſtavaõ quedos.

Mas parecẽ q̃ aſſim foy neceſſario
(Pois quem paſſava a pena naõ ſentia)
Naõ ſentir outrem dôr por quem naõ
ſente:

E Joaõ deſpois do dia do Calvario;
Por ſentir muito a dôr daquelle dia
Deixava de ſentir a dôr prezente.

SONETO.

MAdalena tornada á melhor vida
Arde, naõ vê por quem, e se sospira,
Sem saber quē do peito os ais lhe tira,
Apoz elles se vai toda rendida.

Arde, e num tempo, o espirito que a
convida
A compaixaõ de sy, a incita a ira,
Contra sy mesma, e quando os olhos
vira,
Como se nunca amara, ama, e du-
vida.

Athe que hum Sol mais puro, e mais
formozas
Flammas, do peito as neves lhes desfa-
çaõ
Em lagrimas que fóra aos olhos passem,

Lagrimas mais que nunca poderozas
Allagai gostos vãos que nunca nassaõ,
E regai estes bons que agora nascem

MA-

MADRIGAL.

Estava a minha estrella
Sem arte, ornada só de sua belleza;
Junto doutra por arte ornada, e bella.
Mas he a natureza
Tanto mais poderoza,
Por mais que seus effeitos a arte fassa;
Que s'a outra parece gracioza,
A minha fica sendo a mesma graça.

ESTANSAS.

I.

Tempo he que meus suspiros taõ mal cridos
De novo se derramem ao vento em vaõ,
Por ventura seraõ melhor ouvidos,
Pois já naõ pedem amor, mas compaixaõ.
Moveraõ os montes altos sem sentidos,
Moveraõ as feras nuas de razaõ,
E a fera que me morde o peito, em tanto
Vive em meu fogo, e cresce c'o meu pranto.

II.

II.

Em quanto os olhos meus num mar s'a-
lagaõ,
O fogo cada vez ser mor prezume,
Nem as lagrimas mais o fogo apagaõ,
Nem o fogo estas lagrimas consume.
Das lagrimas espero que inda as tragaõ
A apagar de grande ira o vivo lume,
E do fogo immortal tambem confio,
Que ha de ver abrazar hum peito frio.

III.

Enganos d'alma, que num triste estado
Inda sabeis formar doces lembranças,
Naõ perturbeis a paz de meu cuidado
Com vossos sobresaltos de esperanças:
Já agora naõ me espero ver mudado,
Por mais que exprimentei, e vi mudan-
ças
Este bem tem meu mal, que pode ser
Possuillo sem medo de o perder.

IV.

IV.

Tem já em me seguir tanta firmeza;
Ley contra as leys do vaõ contentaměto;
Que se m'esquece hua ora esta tristeza
Reprendo-me de meu esquecimento.
Mudei costumes, mudei a natureza,
Fis-me lugar taõ proprio de tormento,
Que nelle minha paz assim consiste,
Como se fosse gloria viver triste.

ESTANSAS.

I.

SEgura fé com esperança incerta;
Remedio fraco, forte sofrimento,
Serrada porta ao bem, ao mal aberta,
Unir-se hua alma mais no apartamento:
Perigo que se vê, dôr encuberta,
Gloria breve em passar, largo torměto,
N'ua auzencia cruel doce memoria,
De mim tecem já mais ouvida historia.

II.

II.

Quem ouvio nunca, q̃ antes de sabido
Hum cuidado amorozo tanto cresca,
Que por mais que em secreto está escondido,
Antre elle outro qualquer dezaparece?
Eis que se mostra, e quaze conhecido
Espera que co' tempo mais mereça,
Naõ soffre isto fortuna, e com inveja,
D'altos principios triste fim dezeja.

III.

Em vaõ quer encontrar minha firmeza;
Naõ sabe os muros, de que vai guardada,
Que a cadea que tem minha alma preza
Naõ pode por auzencia ser quebrada.
Em grandes perfeiçoẽs da natureza
Tal perfeiçaõ d'amor está fundada,
Que quando desta terra vir partir-me
As azas quebrará por ficar firme.

IV.

IV.

A falta de meu Sol d'um claro dia
Fará noite a hum esprito descontente,
Mas o fogo amorozo que accendia
Como o Sol por cristal seu rayo ardente,
Nunca se apagará que antes se cria
Melhor entre lembranças dum auzente;
Pois eu por natureza, ou por costume,
Guardarei nestas cinzas vivo lume.

V.

Hum retrato Senhora n'alma enfrea
Do vil esquecimento a força ingrata,
Que vossa imagem, vossa bella idéa
Os poderes do tempo disbarata.
O pensamento nella se recrea,
Nella das leys d'auzencia se dezata.
Nobre Guerreira, em campo o pensamento
Poem contra auzencia, tempo, e esquecimento.

VI.

Fortuna naõ fará por mais que faſſa;
Que ao longe naõ influaõ duas eſtrel-
 las,
Onde Amor reyna, e as almas ameaça
Se ſe quebrar a fé jurada nellas.
As de mais perfeições, que ſempre a
 graça
Pera as compor, e honrar, anda a traz
 ellas,
Deixaõ-me entre rubis, perolas, e oiro,
Qual coraçaõ d'avaro em ſeu thezoiro.

VII.

Parto-me, e com Amor honra contende
Dentro em minha alma ſó d'intentos ri-
 ca,
Manda-me honra partir, Amor me pren-
 de,
Vai-ſe a parte menor, a mayor fica.
Que Amor o coraçaõ, onde ſe eſtende,
Ante voſſos altares ſacrifica,
Parte-ſe o corpo, e tomaõ-no em fiança,
Pera o tornar o tempo, e a eſperança.

VIII.

VIII.

Breve tempo ha de ser, que meu dezejo
Azas lhe emprestará, e a claridade
De vossa vista, com que a vida rejo,
Lá será guia em toda a tempestade.
Já me vejo em naufragios, e já vejo
Sahir a nado salva huma verdade,
Que em voto offerecida vos prezenta
Os vestidos molhados da tormenta.

CANÇAÕ.

I.

JA' vi mais claros estes Horizontes;
Agora m'entristecem
Faltos de luz que busco suspirando.
Meus suspiros no Ecco destes montes,
Quando mos traz, parecem,
Q' engeitados se tornaõ, donde os mãdo.
E se de quando em quando
Naõ formara a memoria
Imagens de hua gloria,
Que pouco ante meus olhos se deteve,
Breve fora meu mal com vida breve.

II.

II.

Entre tanto que dura esta lembrança
Cuido que uza piedade
Sustentando-me a vida em doce engano,
Mas mandar-me viver sem esperança,
He com mayor verdade
Matar-me devagar, como tyranno.
No derradeiro dano
Se acaba a triste sorte,
E he remedio a morte
Se a vida he pena, porém he fraqueza
Dar-lhe o sim sem o dar a hua alta em-
preza.

III:

Vivo, Senhora pera minha pena;
O mais he covardia,
He morrer por fugir de mór perigo,
Se culpa contra vós naõ me condena,
Grande culpa seria
Matar a quem vos ama, que castigo
Dera a vosso enemigo?
Mas se d'amar-vos muyto
Se colhe amargo fruito,
Baste que viva amando derramado;
Viviréi satisfeyto, e castigado.

IV.

IV.

De q̃ me queixo ſe m'eſtaes prezente?
S'auzente, a quem me queixo?
E ſe vos quero bem, q̃ outro bem que-
ro?
S' he bem, como me traz taõ deſconten,
te?
Se mal, porque o naõ deixo?
E ſe vos tenho em mim q̃ mais eſpero?
Quando he mais brando, he fero
O remedio que provo
Pera tormento novo,
Que pola luz d'eſcravo fugitivo,
Quero fugir, e fico mais cativo.

V.

Cançaõ, neſtes rochedos fique eſcrita
Minha fé, que os imita,
Sem perder d'eſperança
Que ſe pendera, ouvera em mim mu-
dança.

ODE.

I.

DE cuidado em cuidado,
Seguindo Amor, de quem sempre me
queixo,
Mil vezes enganado,
Mil caminhos cometo, e todos deixo;
Que por mais que cometa,
Toda a estrada d'Amor acho inquieta

II.

Nas partes aonde provo
Aquietar-me, eu onde os olhos lanço,
Nasce hum cuidado novo
Imigo de meu bem, e meu descanço;
Com quem d'estremo a estremo
Dezejando, e temendo, e ario, e tre-
mo.

III.

No monte, e na Cidade,
Todo o trato igualmente m'he contrario,
Que minha saudade
Tudo me reprezenta solitario,
Se naõ quando se cria
Meu pensamento em vossa companhia.

IV.

Naõ ha flor, erva, ou planta;
Por onde quer q̃ passo, onde naõ veja
Aquella imagem santa,
Em quem s' o espirito contẽplar dezeja.
Da terra se dezata,
E ao Ceo, em nuvens altas s'arrebata.

V.

Com prazer infinito,
Como a seu centro, a vossos olhos corre:
E o corpo, de que he espirito,
Soccorre logo, e quando lhe soccorre,
Posto que o tempo he breve,
Parece que mil annos se detéve.

VI.

Despois vendo-o comigo;
Tornado já nesta morada triste,
Viro-me a elle, e digo,
Onde tornaste, e onde te partiste?
E elle com voz escaça,
A gloria d'Amor he gloria que passa.

VII.

Inconstante apparece,
Agora nua, agora noutra fórma,
Vede-lo que parece
Vir triunfando, vedes se transforma,
De si proprio esquecido,
Cheo de morte a vista, e o sentido.

VIII.

Vem de vitorias cheio;
Quando acha em voz lembrança, o pensamento,
Mas s'encontra hum receyo,
Q' vos finge nas mãos do esquecimento;
Cuida que vos offende,
Já se retira atraz, já s'arrepende.

IX.

IX.

Oh quanta dôr! oh quanto
Accidente mortal vejo em meu peito!
Quando frio d'espanto,
Quãdo ardendo em dezejos, tudo effeito
D'hũa luz, que prezente
Suster naõ posso, e naõ na soffro auzen-
te.

X.

Fugindo hum; e outro dano,
Comvosco ponho o pensamento á falla,
Ah triste, que m'engano,
Q' o pensamento aos olhos nunca igoala
Mas porque em meu desterro,
Naõ canse de viver, vivo deste erro.

XI.

Este erro he a justa paga
D'Amor, despois de largas esperanças;
E por nunca estar vaga
Minha memoria de vossas lembranças
Quer num bem que naõ vejo;
Que onde os olhos naõ vaõ vá o dezejo.

XII.

O' Cidade ditosa ;
O' Mãi de tantos Reis, e Emperado-
res,
Por quem o Mundo goza
Scetros invictos, braços vencedores,
A cuja origem devem
Quanto d'illustre, e grande obrar s'a-
trevem.

XIII.

Se mais crescer podera
Tua gloria, q̃ no Mundo o Septro er-
gueo,
Oh quanto mais crescera,
Quando em ti minha estrella appareceo
Mas naõ augmenta hum rio,
Do graõ Padre Occeano o Senhorio.

XIV.

XIV.

Nem criaõ as minas ouro
Que tuas altas riquezas acrescente;
Torna-me meu thesouro,
Onde meu coraçaõ viveo contente,
A mim só me covinha
Pois nelle tenho a melhor parte minha.

XV.

Tudo quanto está dentro
Neste graõ Mundo perfeiçaõ procura;
Busca a terra seu centro,
O fogo sua esfera, e em mór altura
Vai tomar minha estrella,
Sua perfeiçaõ em ti, eu a minha nella.

XVI.

Della soberbo venho
Ensinar a esperança a andar taõ alta,
Nella a vida sustenho,
Que nesta ausencia poco, e poco falta:
E de seu rayo hum lume
Lá me restaura, quanto cá consume.

BA-

BALATAS.

D. B. R.

I.

Violante a rede foraõ teus cabellos;
O arco, a sobrancelha, a vista, a setta,
E quem ferio com ella os olhos bellos.
Eu sou ferido, e prezo, e taõ quieta
Tenho a alma em tanto mal, que bem espero
Quem m sarar, que nem fugir cometa.
De ti (posto que disso desespero)
Hum só suspiro, hum brando effeito quero.

I.

Violante sejas tu, imiga minha,
Mas naõ de piedade, ou mais piedosa,
Ou ser menos formosa te convinha,
Naõ vira entaõ crueza rigorosa,
Turbar-me a suave paz por cruel uso,
Indigno d'huma vista taõ formosa,
Que quando a vejo, e a ti, ao Ceo aceno,
E a mim, que vendo taes olhos us-

III.

Violanre bem sei eu que me ameaça
Nos teus olhos Amor, mas o desejo
Naõ soffre naõ os ver, naõ sei que faça,
Em quanto com contrarios taes pelejo.
Huns olhos que consagro á eterna fama,
Minha alma leva Amor, e eu naõ a vejo
Queixo-me d'alma, que taõ poco me
ama,
Que nos teus olhos estando os meus naõ
chama.

MOTE.

De Jorge Fernandes o fradinho da Rainha.

Em vaõ levantei os olhos:
Pois que nunca pude ver
Nem as ſombras do prazer.

Voltas do meſmo.

JA' os abri a deſora,
E lhes moſtrei tal viſaõ,
Que lhes diſſe o coraçaõ
Vereis o prazer agora.
Mas pera elles melhor fora
Em toda a vida naõ ver,
Que buſcar alli prazer.

Quantas vezes caſtigados
Mos deixou eſta ouſadia,
Por querer ver alegria
Entre taõ triſtes cuidados!
Aporfiaõ magoados;
Que já tomariaõ ver
Só as ſombras do prazer.

MO-

MOTE;

e Voltas do mesmo.

Fostes meu bem; mas já agora;
Nem meu, que doutrem vos vejo:
Nem bem, que vos naõ desejo.

VOLTAS.

Perdido o gosto que havia
No Amor, perdi o amor:
Por naõ serdes minha dor,
Pois naõ sois minha alegria:
Bem doutrem meu mal seria;
Que o que doutrem em fruto vejo
Ficára meu no desejo.

Meu pudereis inda ser
Segundo em vós vi mudanças,
Mas quiz perder esperanças
Por naõ guardar que perder.
Já naõ posso menos ter,
Que nem vos quero, nem vejo;
Nem espero, nem desejo.

Meu bem cortado na flor;
Que fostes, ou parecestes,
Mas em quanto vós quizestes;
Bem em quanto quiz Amor.
Naõ me dais gloria, nem dor,
Gloria naõ, que vos naõ vejo,
Nem dor, que vos naõ desejo.

ECEO.

ECLOGA I.

GALATEA.

ERGASTO só.

NAs ribeiras do Téjo, a huma arêa
De rochas coroada, cada dia
Vinha Ergasto chamar por Galatea.

Naõ tinha que esperar, mas naõ queria
Perder sua esperança, e dos penedos,
Que o Tejo gasta aprende, e aporfia.

Depois de discorrer por seus segredos
Huma vez começou, e em tanto teve
O rio socegado, os ventos quedos.

Que fica por provar? ou que mais deve
Fazer, quem por salvar dum risco a vida
Muito commette, a muito mais s'atreve?

Ro-

Roguei, chorei, e a fera embravecida
Taõ firme em odio tem posta a vontade,
Quanto d'amor mudada, e arrependida.

Por ventura mostrou qualquer saudade
Depois de minha ausencia? por ventura
Teve de minhas lagrimas piedade?

Segue pois fera, segue aquella dura
Condiçaõ q̃ t'ensina, que esperança
Tenho de teu castigo bem segura.

Prove suas mesmas leis tua esquivan-
ça,
E o Ceo que a meu pezar te vê mudada,
Ordene sobre ti cruel vingança.

Já póde ser que tendo experimentada
A seta de que tantas vezes usas,
Dês a furia passada por passada.

Receberás melhor minhas escusas,
E ouvindo-me queixar, dirás comigo,
Que sem razaõ minhas razões accuses.

Que

Que fallo, ou onde eſtou? a que perigo
Me põe eſta cruel? ſe eu vivo nella
Perá mim peſſo logo eſte caſtigo?

Vive, paſtora, alegre, e huma eſtrella
Benigna, influa em ti tantos favores,
Que ſejas taõ ditoſa, como és bella.

Ouças ſempre ſoar em teus louvores
Eſta noſſa ribeira, e largamente
Te dem as plantas fructo, o prado flo-
res.

Comigo corra tudo differente,
Naõ me refreſque a viraçaõ no Eſtio;
Nem nos frios do inverno o Sol m'a-
quente.

Quero aqui num lugar ermo, e ſom-
brio,
Como noturno paſſaro ficar-me
De meus olhos fazendo hum largo rio.

Paſtores, que viraõ por conſolar-me
Vendo que ſeu trabalho em vaõ me
cança,
Por remedio melhor teraõ deixar-me.

Ga-

Galatea cruel tambem descança
Na tempestade o vento furioso,
Tua furia sómente naõ s'amança.

O Nosso campo quem to fez odioso?
Que tu quando por elle passeavas
A todo o tempo o achavas gracioso.

Naõ lhe negues a graça que lhe davas;
Que o gado já sem ella o naõ conhece,
E nascem tojos, onde flor criavas.

Vem Galatea ver quando amanhece,
As aves saudar a fresca Aurora,
Tanto a ausencia do Sol lhes aborrece.

Verás o Tejo que indinado outr' hora
Sobre esta area sae lançando escuma,
E escasamente as ondas move agora.

E tu cruel naõ queres que prezuma
Inda algum hora ver teu peito brando;
Se naõ que sem remedio me consuma.

Os passaros polo ar de quando em quando
Pareõ a meu cantar, mas em ouvindo
Teu nome, voaõ logo, e o vaõ cantando.

Estaõ estes salgueiros repetindo;
Co som de murmurar da verde rama;
Os versos q̃ em seu trôco estive abrindo.

Tu Galatea surda a quem te chama;
Ingrata a quem te serve, em pago deste
Desprezo a quem t'adora, odio a quem t'ama.

E tanto em cruel ira t'acendeste,
Que pera me deixar tambem deixarte
O surraõ, que a teus hombros já trouxeste.

Porque o mandei fazer o desprezaste;
Porém nunca vejas, que d'outrem seja,
Basta que a teu pescoço o penduraste.

Naõ falta outra pastora que o deseja;
Foi feito para ti, ninguem o traga,
Quem quer que o desejar morra d'inveja

Quan-

Quando o vejo comigo, huma mortal chaga
Renovo com lembranças saudosas,
Que o decurso do tempo naõ apaga.

Tambem guardadas tenho aquellas rosas,
Que t'offreci, que m'engeitaste logo,
Parece que inda estaõ de ti queixosas.

Secou-as tua ausencia, e aquelle fogo,
Que acendes em meu peito com fugir-me,
E com mais dura estar quanto eu mais rogo.

Como poderei eu de ti partir-me?
Se tua imagem dentro em mim faz guerra,
Sem nunca mais deixar de perseguir-me.

Buscarei com meu gado estranha terra,
Habitarei onde outro Sol mais arde,
Ou onde a neve tem cuberta a serra.

Mas

Mas manda Amor dentro n'alma guarde
Esta dôr, porque a traga na memoria
Quando amanhece, e quando se faz tarde.

Quem me dissera estando em minha gloria,
Que avia inda de ver taõ desprezados
Estes despojos da passada historia.

Doces despojos por meu mal guardados
Alegres noutro tempo, agora tristes,
Que no ceio d'amor fostes criados.

Quando a minha Pastora irada vistes
Dar-vos o mal, que juntos padecemos,
Como partir-vos della consentistes?

Fizereis-lhe por mim grandes extremos,
E quando eu pena alguma merecera,
Por vós dissereis, nós que merecemos?

Solitario sem vós melhor vivera;
E as discordias crueis ꝙ esta alma minha
Quando vos vejo tem, naõ nas tivera.

O Ah

Ah cruel Galatea taõ asinha
S'esquece amor, que tanto fundamento;
Tantas raizes em teu peito tinha.

Aquelle taõ continuo pensamento;
Aquelles sonhos sempre em meu proveito,
Tudo lançaste furiosa ao vento?

Aquelle monte de firmezas feito;
Que me val já comtigo, ou que me presta,
Se tudo em nuvens vans, vejo desfeito?

Tanto segredo alegre, tanta festa,
Tanta conversaçaõ, sem prejuizo,
Em que passaste já comigo a sesta.

As historias, as praticas de rizo;
As dissimulações por poder verte,
Aquellas sombarias taõ de cizo,

Podem deixar agora de mover-te?
Ou com fingido esquecimento queres
Aprender pouco a pouco a esquecer-
te.

S' isto pertendes, nunca tal esperes;
Que minha fé voando, como esprito,
Lá t' ha de perseguir como estiveres.

Inda agora m' ensaio, e m' exercito,
Pera seguir, pera soffrer durezas;
Que este meu soffrimento he infinito.

Chovaõ sobre mim furias, e asperezas,
Que as fachas, que nesta alma estaõ ardendo,
Fogo que naõ s' apaga as tem accezas.

Ah rustico Pastor; que andas fazendo,
Tu buscas Galatea, ella s'esconde;
E estas tuas razões que estás dizendo
Ouve-tas muito bem, mas naõ responde.

F I M.

ECLOGA II.

D. B. R.

Ergasto, Delio, Laureno.

AGora em quanto o Tejo nos rodea
Neste penedo, aonde brandamente
Se quebra murmurando a doce vêa.

Espera Delio té que o Occidente
D'azul deixe a ribeira matizada
O Sol levando o dia a outra gente.

Entre tanto daqui verás pintada;
De mil seixos a area, e pura prata
Ficar de mansos sopros encrespada.

Verás como do monte se dezata
'A vagaroza fonte por penedos,
Que pouco a pouco cava, e disbarata.

E como move os frescos arvoredos
O vento, que de flores pinta o prado,
E como s'estaõ rindo os campos ledos.

Ditozo, o que do Ceo foi taõ amado;
Que no campo alcançou passar a vida
Livre da pena, livre do cuidado?

O roixinol na hera, que vestida
De verdes sombras faz sombra a este rio
Lhe canta o doce verso sem medida.

Agora ao pé do alemo sombrio,
Vê como dois carneiros s'offerecem,
Os cornos inclinando ao dezafio.

Como ao vencedor todos obdecem;
Folgando de o ver fóra do p'rigo,
O outro com face esquiva o aborrecem.

Ditozo aquelle que com ferro antigo,
Lavra os campos dos pais, e se contenta
Nos seus molhos attando o loiro trigo?

Este a furia do mar naõ exp'rimenta;
Naõ corre por achar a pedra rica,
Estranha praia, que outro sol o quenta.

Onde, quando a esperança o certifica,
Que s'adquire mais oiro, e mais riqueza
Ouro, esperança, e vida, a muitos fica.

Es-

Este vive quieto na pobreza,
Por isto ficarei que a anteponha
A quanto o mundo ama, e quanto preza.

Comẽdo em mesa vil naõ se vergonha,
Bebe antes pelas maos da fonte pura,
Que por rubis lavrados a peçonha.

O tempo d'ouro quasi inda aqui dura;
Aqui conversa ainda c'os humanos
A justiça fugindo á idade dura.

Quem olhasse taõ claros desenganos;
E quanto mal dos vicios s'aparelha,
No campo gastaria bem os annos.

Que nossa vida aos dias s'asemelha;
Que quando já no mar o Sol se banha,
Se costuma a tingir da côr vermelha.

Assi, se olhamos bem, sẽpre se ganha;
Na velhice, de mal gastada vida,
Vergonha, confusaõ, e magoa extranha.

De-

Delio.

A gloria, Ergasto meu; q̃ posuida
Nunca sôbe de nos ser tida em preço,
Só despois que se tarde he conhecida.

E desta vida os bens, q̃ eu naõ mereço;
Quando os perco, e o mal d'outro me
espera
Com grande magoa d'alma já o conheço;

O se em minha sorte me viera,
Por favor, e destino das estrellas,
Que entre pastores, eu pastor vivera?

Muitas vezes t'ouvira as chamas bellas
Dos olhos da tua Alcida, e as louras traças
Cantar a uzo delles, prezo delles.

Muitas vezes ao som das agoas mãsas
Agerio, que por Nize em amor arde,
Seu fogo, sua fé, della esquivanças.

Buscai, Pastor, ovelhas q̃ vos guarde
Que o Ceo naõ quer, que eu mais vos
guarde, e conte,
E despois vos recolha sobre a tarde

Naõ

Naõ vos verei ſaltar junto da fonte
Cabras minhas, ditoſo meu cuidado;
Nem da rócha pender, pacer no monte.

Ergaſto.

Conſente Delio hum pôco, q̃ cantado
Em triſte verſo ſeja o penſamento,
Que aſſi me deixa triſte, e magoado.

Delio.

Naõ, q̃ ſe dobra já meu ſentimento;
Mas ſe queres Ergaſto, que m'eſqueça
Partida, que lembrando dá tormento.

Canta aquelle ſoneto, que começa
Quantas vezes do fuzo s'eſquecia,
Que digas hũ dos teus naõ ſei ſe o peça.

Ergaſto.

Se com m'ouvir a dôr ſe t'alivia
Eu o direi, mas vez lá vem Laureno;
Que cada hora a cantar me dezafia.

Can-

Cantando venceo já Tytiro, e Almeno
Eu inda que sei certo ser vencido,
Apostar a cantar com elle ordeno.

Laureno.

Pois vemos tempo já offerecido,
Celebremos Amor, e formozura,
Em quãto á sombra o gado está acolhido.

Ergasto.

Tu que tens a victoria por segura;
Naõ cantarás sem preço; porque saia
Mais ledo, quem o cantar com mais brã-
dura.

Laureno.

Eu hum copo porei de linda faia;
Divina obra d'Alceo, que celebrado
Será seu nome sempre nesta praia.

A vide, de que em roda he coroado
Os roxos cachos cobre, e primor teve
Por no meio a Syringa, e taõ cansado:

Pa-

Parece que a beijala o Deos s'atreve,
E que ainda dos beijos mal sofrido,
Inclinando-se foge o tronco leve.

Ergasto.

Outro copo porei d'hera cingido;
No qual Orfeo das aves esquecidas
E dos suspensos bosques he seguido.

Nem cuido que da faia saõ sahidas
Muitas obras de taõ subtil maneira,
Obra he tambẽ d'Alceo das mais polidas.

Esta das que me deu, foi a primeira,
Que meu mal, com que Alcida mal s'abranda,
Ha pouco que contei nesta ribeira.

Ouyome o velho Alceo da outra bãda,
E n taõ mo deu, dizendo-me este seja
O premio, mosso, da tua Muza brãda.

Lau.

Laureno.

Delio o noſſo canto ouſa; e veja,
Qual canta de nós dois mais docemẽte.

Ergaſto.

Si, que tal cauſa tal juiz dezeja.

Delio.

Se ame fazer juiz cada hum conſente
Ergaſto ao doce canto dê comeſſo,
Tu reſponde Laureno juntamente,
E fico quo nenhum perca ſeu preço.

Ergaſto.

Alcida que na côr o leite puro;
E a rozada manhã deixas vencida;
Culpa he dos olhos teus, nelles to juro;
Eſte amor, de que eſtás taõ offendida.
Caſtigaos com me veres, q' eu te juro
Que a vingança ſerá delles ſentida,
Nem temas tu dos mêus alegres ſerem,
Vendo taes olhos triſtes por me verem.

Lau-

Laureno.

Violante minha, cuja côr iguala;
Mas antes vence os cravos, vence a neve
Desta dôr, que até aqui minha alma cala
Teu amoroso riso a culpa teve.

Se só por viver della, e por amala;
Julgas que algum castigo se me deve,
Até ver sempre rindo me condena,
Porque crecendo amor, mais creça a pena

Ergasto.

Com a Mai, q̃ masans colhẽdo andava
Inda pequena minha Alcida vinha,
Eu os ramos da terra já tocava,
Já facil pera amar o peito tinha,

Naõ sei que fogo, e neve se passava
D'aquelles olhos seus nesta alma minha;
Que me deixaraõ posto em tal estremo,
Qu' inda cuidando nelles arso, e tremo

Laur.

Laureno.

No bosque Violante vi hum dia,
Doce principio destas doces dores,
A frol cahía nella, e parecia
Dizer cahindo, aqui reinaõ amores.

Humilde em tanta gloria ella se ria
Coberta já das amorozas flores,
Eu que vencido fui dum erro cego,
A aquelle honesto riso esta alma entrego.

Ergasto

Pastores deste bosque, que buscais,
Anoitecendo, o fogo por costume,
Chegai a mim, que eu fico se chegais;
Que destes meus suspiros leveis lume.

Acezos sahem d'alma os doces ais;
No ardor, q̃ pôco a póco me consume,
Nem suspiros q̃ em fogo envoltos deito
Encenderaõ já mais hum duro peito.

Laureno.

Paſtores de que a ſombra he dezejada
A fonte, por fugir do ardor do Eſtio,
Vinde que a alma em agoa deſtilada,
Por meus olhos ſe ſolta em largo rio:

Tal que a ſede d'amor nunca apagada
Fartalla já de lagrimas confio,
Mas com tanto chorar, ah crueldade!
Neſſes olhos naõ poſſo achar piedade.

Ergaſto.

Se quãdo Alcida minha eſta alma viſſe
Nos ſeus olhos d'amor taõ maltratada,
Se quando a grave dor fora ſahiſſe
Entre ſuſpiros mil rota, e quebrada.

Se quer com brandos olhos ſe merece,
Ficando com vergonha mais corada,
Ditoſo fora vendoa juntamente
Inda mais bella, e deſte amor contente.

Laureno.

Se á vista de Violante derramadas
Lagrimas onde amor me desfaz nellas;
Tal força lhe fizesse, que orvalhadas,
D'amor lhe visse ambas as estrellas.

E as rozas entre a neve semeadas
Com piedozo orvalho inda mais bellas;
Ditozo me fizera a hora ditoza
Em q̃ a visse mais bella, e mais piedoza.

Ergasto.

Claros olhos, q̃ ao Ceo fazeis enveja;
Que brãdos vos mostrais já vos naõ pesso
Mas que poder-vos ver paga me seja,
Se por tamanho amor tanto mereço:

Armados d'esquivança entaõ vos veja,
Cheos dum naõ sei que, com que perezo
Que doce me será tal esquivança,
Doce a morte, q̃ em taes olhos s'alcança.

Làur.

Laureno.

Naõ peſſo eu já por mais q̃ me desfaça
'A dôr, que á tua viſta me condena,
Que a teus formozos olhos magoa faça
Mas pagame com rir de minha pena.

Que pois te verei rir co aquella graça,
Que abre as flores no cãpo, e o ar ſerena,
Doce me deve ſer ſe me naõ engano
Teu rizo inda que ſeja de meu dano.

Delio.

Paſtores, que alcanſar podeſte tanto
Com voſſa branda Muza, q̃ já neſta
Idade, renovais o antigo canto;

,, Para voſſo lovor q̃ verſo preſta?
,, Que era digna haverá! q̃ loiro digno?
,, Q̃ a cada hũ em premio cinja a teſta?

Em parte paga amor, ſe de conrino
Por dentro a cada hum gaſta os eſp'ritos.
Pois com divino canto o faz divino.

Que veremos por annos infinitos;
Com flores roxas, e brancas, e amarellas
Vossos nomes por este prado escritos.

Cantando Amor, cantando as Ninfas bellas,
Nenhum de vós venceo, nem foi vẽcido;
Ambos d'amor vencidos sois por ellas.

Até o peito no mar tem já metido
O Sol, naõ tardará, que o manto frio
Naõ seja sobre as terras estendido.

Vamonos q̃ he jà tarde, e do sombrio
Valle, recolheremos nosso gado,
A manhã nos achemos neste Rio.

Ergasto.

O meu copo, Laureno, q̃ alcansado
Foi em premio do canto que alternei,
Em premio de cantar te será dado;

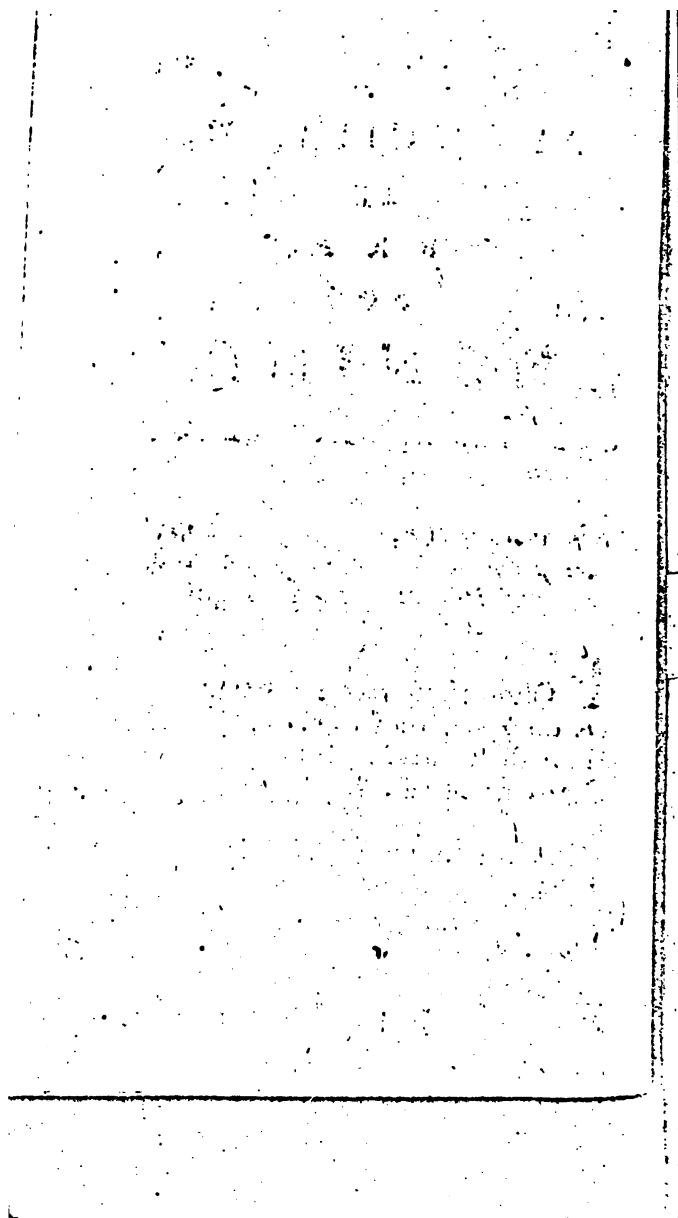
Po

Laureno.

Mas eu o meu, Ergasto; te darei,
Naõ ser vencido, a mim premio me seja,
Que pois vencido aqui eu naõ fiquei,
Vencido de teus dons ninguem me veja.

Em quanto ao son do rio ao pé da faia
Com doce flauta tento a Musa leve,
Favorecei, senhor, aquem s'ensaia
Para o verso, a vos alto se deve.

Naõ queirais que a louvarvos inda saia
Meu engenho, que a tanto naõ s'atreve,
E se por naõ poder, vos naõ levanto,
Levantai, pois podeis meu baixo canto

FIM.

PRINCIPIAÕ, AS OBRAS; DOS

ANONIMOS.

Remance antigo que depois da lamentavel perda do Senhor Rei Dom Sebastiaõ se cantou em Portugal.

I.

Postos estaõ frente a frente
Os dous valerosos campos,
Hum delles he de Maluco
Outro de Sebastiaõ o Luzitano.

II.

Moço animozo, e valente;
Rebusto, detreminado
De pôca experiencia,
E naõ bem aconcelhado
Luzitano.

III.

Quando os Mouros sem conto,
Sua hoste vaõ cercando,
Que pera qualquer dos seus
Cabem mais de vinte tantos:

IV.

Ardendo em fogo seu peito
Arde por lhe pôr a maõ,
Pensa que todos saõ nada,
E manda peleijar o Luzitano.

V.

Brama que invistaõ os Mouros
E o Exercito contrairo
Já se naõ chegando perto
A elles, diz Saõ-Tiago o Luzitano,

VI.

Despara a artelharia,
A nossa mal disparando,
Chovem ballas, chovem mortes
Setas, mosquetaria.

VII.

Empunhaõ picas os Mouros;
Já fogem rotos rodando
Os ventureiros victoria
Com grande aplauzo pregoaõ.

VIII.

VIII.

Que mataraõ o Maluco,
E o ha levado o Diabo,
Porque junto á sua liteira
O passaraõ dum balazio.

IX.

Entre tanta artelharia,
Bandeiras mil se ganharaõ
Com taõ pujante victoria
Que semelhou a milagre.

X.

Porém por peccados nossos
O gozamos poco espaço,
Que a soccorrer a retaguarda
A dianteira, ha parado.

XI.

Que já polos lados todos
He vanguarda nosso campo,
E com o sangue dos mortos
Está feito hum graõ lado.

XII.

Todo o anda o bom Rei;
Dando mortes mui galhardo;
De sangue a espada tinta,
Lança rota, e sem cavallo.

XIII.

Que o seu passado o peito;
Já naõ póde dár hum passo,
A Jorge d'Alboquerque pede
Lhe dê seu ruço esforçado.

XIV.

Da-lho de boa mente,
E o Rei cavalga dum salto
Veo o Rei como jaz
De espaldas quase expirando:

XV.

Porém lhe diz que se salve;
Pois roto he todo em pedaços;
E o Rei, se vai aos Mouros,
Aos Mouros Sebastiaõ o Luzitano.

XVI.

Busca a morte com dár mortes,
Busca mortes Luzitano,
Dizendo agora he a hora
Q' un bel morir tuta la vita.
Honora. (a)

OI.

(a) Palavras que este infeliz Monarca trazia dantes na boca, e costumava dizer muitas vezes.

OITAVAS.

Em Lingoagem antiga, do tempo da perda, de Espanha extrahidos de hum antigo Manuscripto.

I.

O Rouço da Cava imprio de tal sanha
A Juliani, e Horpas a saa grei daninhos
Que emsembra co os netos de Agar fornezinhos
Hua atimaraõ prasmada façanha.
Camuça, e Zariph com basta companha
Di jusu da siiva do Miramolino
Co falso infançom, e prestes malino
De Cepta adduxeraõ ao solar de Espanha.

II.

E porque era força. Adarve, e foçado
Da Betica Almina, e o seu castaval
O Conde per encha, e por comunal
Em terra os e ecreos poyaraõ a saa grado
E Gibraltar maguer que adarvado
E no compridouro pera saa defensaõ
Polo suzo dito sem algo de asaõ
Presio foi alles entrado, e filhado.

III.

E os ende filhados leaes a verdade
Os hostes sedentos do sangue de oniudos
Meterað a cutelo apres de rendudos
Sem esgardarem a seixo, nem idade
E tendo atimade a tal crueldade
O templo, e orada de Deos profanarað
Voltãdo em Mesquita hu logo adorarað
Saa besta masoma a medes maldade.

IV.

O gazu, e assalto que os da aleivosia
Tramarom pos voltos de algo sayoens
Co os dous Almirantes da hoste mãdoens
Quedarom com farta soberba, e folia,
E Algezira que o medes temia
Por ter a maleza cruenta sabudo
Mandou mandadeiro como era teudo
Ao roucom do Rey que em Toledo sia.

VI.

VILANCETE.

Enviado de Marrocos pera Portugual no tempo antigo da luctuoza perda do Senhor Rei D. Sebastiaõ, fielmente copiado de hum Mſſ., que ſe conſerva na Biblioteca do Senhor Marquez de Penalva.

I.

Corraõ deſtas minhas fontes
Caudaes rios, pois me vejo
Taõ perto dos Horizontes
Taõ longe do meu dezejo.

II.

Os auzentes de ſeu bem
Às horas contaõ por annos,
Vede onze annos de meus danos;
Que milhares de annos tem!

III.

Voai deſta alma, ſuſpiros;
Acendei os Elementos!
Acabem d'amor os tiros
D'acabar-me por momentos;

IV.

IV.

Sejaõ taes minhas correntes
Que o amor passem, e os estreitos;
E signifiquem ás gentes,
Que tal me tem seus effeitos.

V.

Passem por valles, e montes
Cheguem ao patrio Tejo,
E veja a causa que vejo
Ser causa de minhas fontes.

VI.

Vejo co pensamento
O que meus olhos naõ vem;
Vede que mal, e que bem,
Vede que gosto, e tormento?

VII.

Vejo ao bem d'alma objeito;
De que meus olhos carecem,
Oh qual mal se compadecem
Dous contrarios num sugeito?

VIII.

Assi que o bem do pensamento
Nos olhos descanço tem,
Porque elle vê, elles naõ vem
Vede que gosto, e tormento?

IX.

Meu mal assi me condena,
'A viver em dôr auzente,
Que nem pena me consente;
Que dê pauza a minha pena.

X.

Té quando, ó alma minha,
Te verei d'Africa alem?
Porque voaõ, e vem
Effeitos da dor mesquinha!

XI.

Mas assi ventura ordena
'As magoas desta alma auzente
Saiba a Africana gente
De minha Tragedia a scena?

XII.

Ledo remedio de auzentes;
E divinal artificio,
'Ati devo o beneficio,
Que fazes longes, prezentes!

XIII.

Tem contrastes polos ares
Dessas tres mil pola terra,
Tudo lhe faz crua guerra
'As gentes, ventos, e mares.

XIV.

O que de fóra se vê
Descobridor do de dentro,
Posto que faz tanta fé,
Diz o mesmo de seu centro.

Sua

Suplicas a Deos feitas por hum Portuguez no desterro de Berberia.

I.

Pois hir fugindo naõ sei
Dos que tanto me sopezaõ,
Com Deos me confortarei
Fugindo dos que me lezaõ,
Da terra ao Ceo voarei.

II.

Sumo, Eterno Padre nosso;
Que no Ceo, e em tudo estaes;
Vede, em que pégo, e poço
Consumindo carne em osso
Me tem os meus naturaes?

III.

Sê vosso Nome lovado,
E feita vossa vontade
Fora de tudo creado
Como quereis que robado;
Naõ fóra da liberdade?

IV.

Porque o pam de cada dia
Em suas casas lograssem,
Os terei de Barberia
Naõ cuidei que obra taõ pia
Co a mais cruel me pagassem.

V.

V.

Pois naõ vive homem, dizeis;
Somente do pam terreste,
Pessovos, que os abundeis,
E a mi com elle farteis
Hoje do vosso cellefte.

VI.

E pois tanto vos contenta
Perdoar, que perdoaes,
Por hum cento, e cem mil mais
Senhor, perdo-o aos oitenta
Pera q́ a mi vos o façaes!

VII.

Da tentaçaõ me guardai;
E camanha ingratidaõ,
Que me tem nesta afliçaõ,
De todo o me livrai
Polo bem de vossa maõ.

VIII.

Porque entre taes Deos me salve
Perigos de Barberia,
Continuarei cada dia
Co a boca, e co a alma *Ave*
Che de graça Maria.

Pe-

IX.

Pera os homens libertar,
Sois *ab initio* escolhida,
Mal vos querem imitar
Os que curaõ captivar,
Quem os livrou toda à vida:

X.

Por vosso meo, Senhora
Quiz o Senhor ser com vosco,
E porque da vida Authora
Vos fizesse, em que elle móra
Vos aviza, que *he com vosco*.

XI.

Pois pera serdes comigo
Vos deu tal occasiaõ,
Se deo vós, porque o perigo
D'oitenta, nem do imigo
Por certo me venceraõ.

XII.

A graõ bondade infinita,
Por converter em prazeres
Nossos grandes desprazeres
Vós creou a Vós bendita
Entre todas as mulheres.

XIII.

Convertei meu mal em bem;
Meu desterro, em liberdade
D'alma, que mais me convem;
Feliz o mortal que tem
De vos ver a Felecidade?

XIV.

Costumamos chamar sempre
Santo, ao graõ, que fundamento
Foi, ó Virgem excellente,
Bem dito o fruito, e bento
Seja o de vosso ventre!

XV.

De Libia aos imigos mil
Creçalhe o Oleo cada hora;
Chovalhe em Março, e Abril;
Que eu só quero o graõ fruir
De vosso fruito, Senhora?

XVI.

O' Santa Mai de Jesu;
Eu vos peço quanto posso,
Que despindo carne, e osso
Este meu esprito nú.
Onhaes ante o filho vosso?

Dos

XVII.

Dos que me querem perder
Me livre vossa bondade,
E dos que me daõ a beber
Fel, sem esp'rança de ter
Minha vida, liberdade.

XVIII.

Deste valle, donde estou,
Cheo de pranto enludado,
D'Eva filho desterrado
A Vos clamo, e brados dou;
Pera ser remediado.

XIX.

Os vossos olhos sagrados
Cheos de mizericordia,
Ponde em mi, e em meus cuidados;
Porque tenha dos peccados,
E dos imigos, victoria.

XX.

Se vossa vista me allenta;
Com nenhuma corro risco,
Nem que me me olhem mal oitenta;
Nem inda que a peçonhenta
Me veja, do Bazilisco.

XXI.

Da questa Libia infiel,
Donde me tem em degredo;
O' caso mais que cruel
E dos que tem nome fiel
Me livrai, Senhora cedo.

XXII.

Aquelle fruito divino
Em vós por vós encerrado
Jesu suave, e benino,
Me mostrai no Ceo, e o Trino
Ser, das almas dezejado.

XXIII.

Virgem doce, e piedoza
Clemente, com cem mil mais
A tributos cellestiaes,
De vossa maõ poderoza
Vos pesso, que me tenhaes?

XXIV.

Porque seja meu destino
Felicissima, fazei,
Que vos love de contino;
E contra o imigo malino
De virtude me provei!

Pos

XXV.

Por estas preces me veja;
Que Jesu, e Gabriel
Compozeraõ, e Izabel;
E a Santa Madre Igreja;
Livre já deste Babel.

XXVI.

Porque, Senhora, em Siaõ
Vos, e eu, esta cantemos
Com suave devoçaõ
E no fim desta afficçaõ
Taõ barbera, nos alegremos.

QUITILHAS.

De hum Fidalgo portuguez captivo em Barberia, depois da infeliz perda do Senhor Rei D. Sebastiaõ.

I.

FIz torres de penſamentos,
Quiz las fundar em ventura,
Fizeraõ meus vaos intentos
Sobre taõ vaos fundamentos
A obra pôco ſegura.

II.

Dezejo aſſi guiado
Levado da confiança,
Gaſtei o tempo, e gaſtado,
Sem ver o bem eſperado
Foi-ſe gaſtando a eſperança.

III.

Vi o Ceo claro, e ſereno,
Deſterrei logo os temores,
Vi jardim freſco, e ameno,
Mas naõ vi dentro o veneno,
Que encobriaõ fruito, e flores.

Be-

IV.

Bebi ſuas doces agoas ;
Sem ver que vinhaõ por canos
Fabricados em meus danos ,
Como antendi minhas magoas ,
Fui entendendo os enganos.

V.

Avizada experiencia ,
Sempre dá fruitos de avizo ;
Porém contra a influencia
Fazem pôca reziſtencia
A experiencia , e juizo.

VI.

Mas depois que a alma alcançou
A' ſua cuſta , os enganos ,
Em que viveo tantos annos ,
Do bem nada me ficou ,
Do mal ficaraõ-me os danos.

VII.

Tantos dias de tormenta ;
Sem ver hum ſó de bonança
So cobraraõ a eſperança ,
E com força violenta
Fez naufragio a confiança.

Ve-

VIII.

Vede, que cruel Destino,
De fortuna, e esquivança,
Que influxo, e fado indino,
Que o mal n'alma està contino,
E o bem sò na lembrança.

Sua

Peſſa de Poeſia deſta idade de Author incognito, aſſim intitulada.

GROSA.

Buſcad vengo mi ganado.

I.

COntra o fado, e ſeu Deſtino,
Contra celéſte influencia,
Querer fazer reziſtencia,
He formado dezatino,
He falta de graõ prudencia.

II.

De Paſtor, que ſempre hei ſido;
(Já que a ſórte me ha mudado)
Agora ſou de Cupido,
Rogote, ó gado querido,
Que buſques o verde prado!

III.

O meu cajado, e çuraõ
Tornaraõ-ſe penſamentos
Que turbaõ o coraçaõ,
As penhas mil ſilvas daõ
Effeito de meus tormentos.

IV.

A sanha do cruel gado,
Contra mim moveo Amor
Cruel, infame, e traidor,
Deixando-me aniquilado
Coberto de magoa, e dôr.

V.

Amor soa em meus ouvidos;
Amor rege meus cuidados,
Amor vive em meus sentidos,
E os meus gosto queridos
Por Amor saõ desprezados.

VI.

Amor em lingoa, e entranhas;
E das Potencias Senhor
Que naõ seja mais Pastor
Me ordena com leis estranhas
D'ovelhas, e naõ d'amor.

CAN-

CANÇAO.

Recitada, nos asperos dezertos de Libia por hum desventurado portuguez.

I.

INterdita esperança, van vontade,
Insano pensamento, mal sobejo,
Proffunda dôr, estranha crueldade,
Lagrimas repetidas, vaõ dezejo,
Reposo dai á vida, e liberdade,
Porque outro algũ remedio naõ lhe vejo:
Eu por vós contra mim mesmo pelejo,
Contra mim, que sou mal de mór perigo
S'esta auzencia me levar, e graõ tormẽto
Os despojos lhe dai do peito amigo,
Naõ cumpra em tudo Atropos seu intẽto
Trabalho quanto posso, poq̃ o gosto
De ver-me consumir lhe dê de rosto.

II.

II.

O breve, e falſo engano; ó ſono leve;
Q' gloria, e pena dás num ſó momẽto,
Desfazes meu prazer, qual Sol á neve,
Entregas-me a eſperança toda ao vento.
O goſto que me dás, de mais naõ ſerve,
Se naõ d'exeſperar o meu tormento
O' fantoſtico bem ſem fundamento
Seu bem ſonhado teve nos ſeus braços;
Naõ quero eſta illuzaõ de meus enganos
Nem q̃ preſiſtaõ tanto os goſtos falſos,
Porém que dure o ſono mais ameno
Pois acordado vê, que morro, e peno!

III.

Feliciſſima ventura me ajuntou
'A hum bem neſta vida dezejado,
Inquieto Deſtino me apartou
A cerbo, peregrino, e eſtranho fado;
Pera a alma, honra, e gloria mo dotou
Pera viver com elle atormentado
O' auzecia, ò tormento, ó graõ cuidado
E dum bem apartado taõ unido,
Alternar ſe quer goſto com deſgoſto,
Mas quando chego a velo ſou partido,
Aſſim d'annos mal gozo huma hora em goſto
O' dezejada Aconia, quando, quando;
Verei contigo eſta alma deſcançando!

IV.

IV. (espirito;

Em quanto aos mẽbros meus reger o
Esta alma o amor vosso regerá
Em todo o estado bum, ou maõ conflito
Mas que digo? inda aqui naõ parará
Com a sua alma faiscá infinito
E engastado nella ficará.
Da terra o triste manto cubrirá
Triunfo o mortal corpo recebendo
Aquella parca iniqua, e trocelenta,
Mas naõ emdeçará no que vivendo
Que a alma immortal della se izenta
Minha fé t'asegura tanta gloria
E que fiques eterna em minha historia.

V.

Quando os malles de bens saõ ocasiaõ,
E polo bem commum só se padecem,
Quando tanto remedio a tanto saõ
(Ainda q̃ com dôr) se compadecem,
Mostrou isto esse auzente coraçaõ,
De q̃ os trabalhos meus se favorecem
E por vós os descanços bem merecem
Em mil sucessos, Aonia, nos mostrastes
O animo, o primor, o christaõ peito
Invencivel valor, oh quanto obraste,
E como em temporal do Ceo desfeito
Eterna te fizeste, olha quaõ monta
Em toda a pertẽçaõ com Deos ter conta

Pro-

VI.

Procedei sêpre assim, chamai aos sete
Que procedem de quê os dous procede,
Servos saõ deffensivos mui seguros
O Arnez, o Escudo, o Capacete
A força, e exforço que a tudo excede,
Soportar vos faraõ os golpes duros
Dos animos ingratos taõ impuros:
Contra a sede, e cubiça venenoza
Tiranica invençaõ, sem mais respeito;
Inaudita crueza, e monstruoza,
Invencivel vós tornaraõ o peito,
Desta arte se consegue a imortal gloria;
E se vence da carne a vil escória.

VILANCETE.

A' immaculada Conceiçaõ da Virgem Senhora.

I.

QUal he a luz que amanhece
Sobre o Monte Siaõ!
He a Efpoza de Titaõ,
Que o mundo todo enclarece?

II.

Naõ he lampada Phebea;
Nem de Cinthia claridade,
He huma luz de huma Dea.
Que Deos fez fem igualdade.

III.

Efta he a luz que amanhece
Sobre o monte de Siaõ,
E que o valle de Hebraõ
Que eftava obfcuro, efclarece.

IV.

A Heroina, que aquelle
Que a creou, tem creado,
Sem algum principio nado
Filha fua, e Madre delle.

V.

He a que hoje amanhece
Pera geral redençaõ
Clara, Efpoza de Titaõ,
Que o mundo todo efclarece.

VI

He em quem, quem tudo he
Huma fò vos percebendo *Fiat*.
Efpaço naõ fe detendo
Verbum caro factum eft.

VII.

Sarça que em fogo florece;
Feliz fem comparaçaõ
Efpoza do graõ Titaõ
Que o Mundo todo efclarece.

OITAVAS.

Traçadas no desterro de Barberia.

I.

VAõ trabalhos a vida enfraquecêdo;
Vaõ pezares os espiritos gastando,
Os sentidos co sentir se vaõ perdendo
As potencias decansadas, entrevando:
Vaise tudo sumindo, e desfazendo,
Quanto se vai o fado dilatando,
Carne, espritos, potencias, e sentidos;
Attenda o sacro Ceo nossos gemidos?

II.

Sohiaõ dar alivio os pensamentos,
Sóhiaõ entreter as asperanças,
Sóhiaõ mil constrastes, e tormentos
Arrastrar a poz si grandes bonanças:
Sóhiaõ alternar os Elementos,
Sóhiaõ fazer tempos mil mudanças
Do homem, sohia o homem conduerse
Só pera mi o homem, e tudo se elvaece.

III.

Deſtruir póde o tempo os edificios,
Arrancar da raiz ſeus aliceſes:
Montar nos enocentes ſacrificios
Poderaõ os alheos entereſſes:
Acender inhumanos maleficios
O fogo poderaõ nas ſecas meſſes,
Tudo podendo em fim naõ poderaõ
Obviar de Deos a fórte maõ.

IV.

Pera todos os danos os mortaes
Tem a promta mezinha apercebida,
Mas aquelles que vê taõ deſiguaes
Soçobraõ, quebraõ, rõpe a Não da vida
Eſtes monſtros infieis, ſaõ monſtros taes
Que de todo ma tiveraõ conſumida
S'aquella maõ divina, e poderoza
Naõ fora na deſteza milagroza.

F I M.

TAVOADA:

Pessas de Poesia envoltas neste tomo, segundo a ordem Alfabetica.

A

Sonetos

E

F

G

L

N

O

Odas.

Canções.

Do

Re-

TAVOADA.

Das obras de Estevaõ Roberto de Castro segundo a ordem Alfabetica.

Sonetos.

Es-

F Oi taixado este Livro em papel a quatrocentos, e oitenta reis. Meza 8 de Julho de 1793.

Com tres Rubricas.

Pa-

Pa-

Q.

T.

Madrigual.

Ode.

Mote.

Eclogas.

TABOADA:

dos Anonimos.

Grosa.